

Culturalmente, a existência da relação homem/vegetal é de suma importância para o elemento negro, seja ele da África ou do Brasil. Pode-se deduzir que a chegada de levas de escravos ao continente americano conduziu-os, obrigatoriamente, a um confronto com a flora aqui existente; havia necessidade de encontrar elementos vegetais que, de alguma forma, reproduzissem as espécies da floresta original.

O Brasil, possuidor de uma extensa e diversificada flora, com zonas de vegetação bastante diferenciadas, colocou o escravo diante de um universo misterioso que era necessário dominar para que ele pudesse sobreviver física e culturalmente. A adaptação ao novo habitat e às novas condições sociais deram lugar a substituições indispensáveis das plantas que não foram aqui encontradas. A procura e a identificação de espécies vegetais objetivavam a manutenção de aspecto primordial de sua cosmovisão e, portanto, da sobrevivência de uma identidade enquanto negro e africano.

Nas comunidades-terreiro, reduto deste conhecimento ancestral, é comum ouvir-se "Kosi ewé... kosi òrisà", "sem folha não há orixá". Também é comum a utilização das plantas tanto na liturgia das casas-de-santo como em seus conteúdos ligados à preservação da saúde. São destes importantes aspectos que falam os autores deste livro.

José Flavio Pessoa de Barros
Eduardo Napoleão

B
BERTRAND BRASIL

ISBN 85-286-0744-5

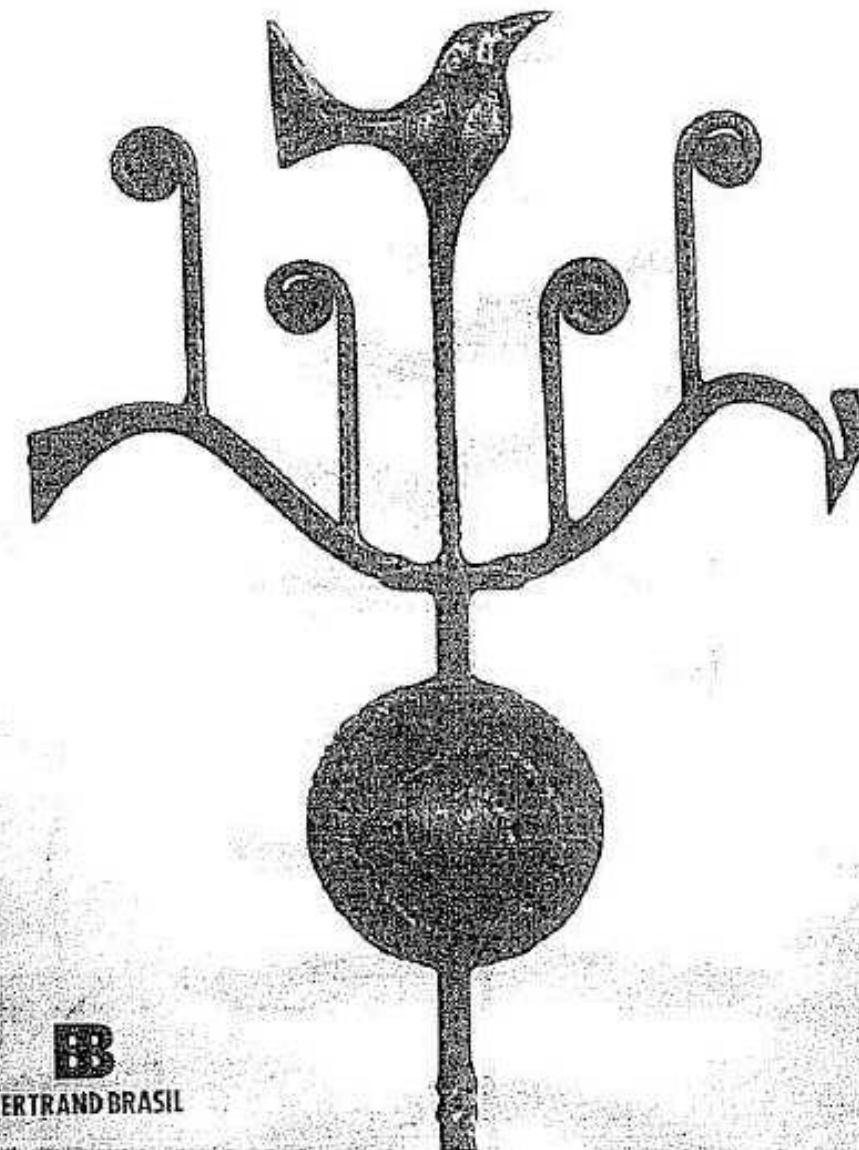


9 788528 607444

José Flavio Pessoa de Barros
Eduardo Napoleão

EWÉ ÒRISÀ

Uso Litúrgico e Terapêutico dos Vegetais
nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô

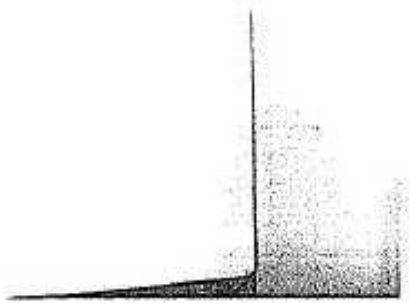


B

B
BERTRAND BRASIL



4



JOSÉ FLAVIO PESSOA DE BARROS
&
EDUARDO NAPOLEÃO

EWÉ ÒRÌŞÀ

*Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de
candomblé jêje-nagô*



2ª EDIÇÃO

B
BERTRAND BRASIL

Copyright © 1998, José Flavio Pessoa de Barros e Eduardo Napoleão

Capa: Leonardo Carvalho
Editoração: DFL

2003

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B278c Barros, José Flavio Pessoa de
Ewé orisá: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de
candomblé jêje-nagô / José Flavio Pessoa de Barros & Eduardo
Napoleão. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª ed., 2003.

Inclui glossário e bibliografia
ISBN 85-286-0744-5

1. Candomblé — Cerimônias e práticas. 2. Ervas — Aspectos
religiosos. 3. Ervas — Uso terapêutico. I. Napoleão, Eduardo. II. Título.

99-1593

CDD — 299.67
CDU — 299.63

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 — 1º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0XX21) 2585-2070 — Fax: (0XX21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios,
sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Dedicado a:

Nitinha — *Osi Ìyálórisá do Ile Iyá Naso*, Casa Branca do Engenho Velho
Maria Stella — *Ìyálórisá do Ile Àşę Opó Afônjá* de São Gonçalo do Retiro
Antonieta Alves — *Ìyálórisá do Ile de Òşalúfôn* de Sete Riachos
Deuzuita e Creuza — *Ìyá Agbá do Ìyá Omi Àşę Ìyámase* do Alto do Gantois
Regina Sowser (de *Bangboşę*) — *Ìyálórisá do Ile Àşę* de Santa Cruz da Serra

e

a todos os *Bàbá* e *Ìyá* que tão generosa e gentilmente toleraram nossas
intermináveis perguntas e questionamentos...

e

In memoriam de:

Pierre Fatumbi Verger, *Ojé Rindé*, feiticeiro, babalaô, escritor... do Alto do
Corrupio.
Humberto Gonçalves Alves de Jesus, *Ode Leji* — Odessi de Amaralina, pai-de-
santo, feiticeiro e o mais querido "arruaceiro" entre Salvador e Rio de Janeiro...
Ivo Bertasins, *Ìyá Tundé*, babalorixá e amigo que tanto se dedicou
ao culto dos orixás

"*Àşęşę mo juba*
Ode Arolé lo bí wá"

(Origem das origens, lhe apresento meu humilde respeito. Oxossi nos
trouxe ao mundo.)

Sumário



1. Dedicatórias { 5
2. Rápido Esclarecimento sobre o Idioma Iorubá { 9
3. Introdução { 11
4. Os Terreiros { 15
5. Fitoterapia: Estratégia e Resistência Cultural { 19
6. A Classificação Jêje-Nagô dos Vegetais { 23
7. *Àgbò* — A Mais Importante Mistura de Vegetais { 29
8. *Sasányìn* — Culto e Cânticos Sagrados { 33
9. Monografias dos Vegetais com Denominações Jêje-Nagôs { 49
10. Monografias dos Vegetais sem Denominações Jêje-Nagôs { 337
11. Índice de Vegetais com Denominações Jêje-Nagôs { 435
 12. Índice de Nomes Populares { 473
 13. Índice de Nomes Científicos { 489
 14. Glossário { 503
 15. Bibliografia { 509

Rápido Esclarecimento sobre o Idioma Iorubá



O iorubá é um idioma que já era falado na Nigéria e em algumas regiões próximas ao Golfo do Benin quando os colonizadores ingleses e franceses aportaram no continente africano. É uma língua tonal que leva em consideração não somente o som, mas também o tom de cada palavra. Foi escrita pela primeira vez, no século XIX, por missionários, pois até então os habitantes daquela região não possuíam uma língua escrita. Seu vocabulário é constituído de 25 letras, a seguir:

a, b, d, e, e, f, g, gb, h, i, j, k, l, m, n, o, o, p, r, s, s, t, u, w, y.

Os sons são pronunciados:

a = a

b, d, f, l, m, n, s, t = pronunciadas como em português

e = ê, como em medo

e = e, como em teto

g = tem sempre um som gutural (ga), nunca é pronunciado como em gesso e giz

gb = pronunciado g e b simultaneamente

h = aspirado

i = i

j = dj

k = substitui a letra c antes de a/o/u, e substitui o qu antes de e/i

o = ô, como em poça

o = o, como em cobra

p = pronunciado como kp em início de palavras

r = tem a pronúncia de r entre vogais

s = ch, como em chapéu

u = u

w = u

y = i

Introdução



Fruto de longos anos de observações e pesquisas, este trabalho contou com a ajuda de diversos informantes e pesquisadores, sem os quais esta obra ficaria incompleta, e que, como os autores, são cónscios da importância dos vegetais como fonte provedora de vida em nosso planeta. Deixamos aqui o nosso apreço a todos e, em especial, à dra. Elsie Franklin Guimarães, Botânica e Pesquisadora em Ciências Exatas e da Natureza e aos demais botânicos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que tão carinhosamente contribuíram na classificação de espécimes vegetais.

Seguindo critérios metodológicos, este trabalho teve como base uma vasta pesquisa de campo iniciada nos anos 70, bem como bibliográfica ligada às áreas de botânica, etnobotânica e antropologia. Em botânica, merecem destaque os trabalhos de Kissmann, Lorenzi, Pott e Pott, Longhi e Ficalho. Na área antropológica, as obras de Barros, Cabrera e Verger foram de grande importância no estudo dos vegetais e sua classificação dentro do sistema religioso afro-brasileiro.

Nos dias atuais em que a maioria dos países pratica o chamado "capitalismo selvagem", induzindo o homem à destruição de grandes áreas de florestas e à depredação da natureza, as religiões afro-brasileiras despontam como cultos de grande importância ecológica. Em sua essência está embutida a preservação do meio ambiente; pois o homem negro sempre acreditou que destruir florestas equivale a destruir os deuses que nelas habitam. Esta inserção do mundo vegetal nos cultos afros tem sido tema de várias obras; todavia, a nossa proposta é levar, tanto ao leitor leigo quanto ao acadêmico, um trabalho que venha preencher o vazio que existe com relação ao conhecimento das plantas litúrgico-medicinais e sua utilização nos candomblés brasileiros, principalmente aqueles denominados jêje-nagô.

Em todas as culturas, antigas ou modernas, o vegetal é, inquestionavelmente, de suma importância na manutenção da vida humana. Sem dúvida, o homem, desde tempos primitivos, sempre dependeu da natureza para sobreviver, e utili-

zava, principalmente, a flora como parte de sua alimentação, para combater doenças, ou em seus rituais para prover o bem-estar social.

Dentro da cosmovisão dos grupos de origem jêje-nagô o conhecimento dos vegetais é fator preponderante nas relações destes com o mundo que os cerca. É através desse relacionamento que o homem chega a uma forma de conhecer, organizar, classificar e experimentar, integrando o mundo natural ao social dentro de uma lógica particular.

Para os grupos étnicos, oriundos do sudeste africano, que vivenciavam na origem uma convivência harmônica com a natureza, os vegetais influíram em todos os níveis existenciais. Das florestas, tiravam não só a subsistência, mas também o suporte espiritual através de sua divinização. Essa relação homem/vegetal foi sedimentada através do conhecimento empírico secular, onde o homem, plenamente familiarizado com a flora, nela buscava soluções para os mais diversos problemas surgidos no âmbito de suas comunidades.

O advento da escravatura e a transmigração de etnias africanas, imposta pelos colonizadores do Novo Mundo, vieram imputar um corte anacrônico no *modus vivendi* dos grupos jêjes (ewe) e nagôs (iorubá), objeto de nossa pesquisa. Lançando-os "a um confronto com a flora aqui existente, havia necessidade de encontrar elementos vegetais que, de alguma forma, reproduzissem as espécies da floresta original" (Barros 1993:33).

Com um clima tropical semelhante ao do continente de origem, os jêje-nagôs encontraram no nordeste brasileiro, mais especificamente no Estado da Bahia, vastas extensões de florestas nativas, o que lhes facilitou uma boa adaptação ao meio, em virtude da afinidade que possuíam com a natureza.

Embora desde o século XVI os portugueses, com fins comerciais, tenham introduzido na África algumas plantas nativas das Américas, que contribuíram também na alimentação daqueles povos, a grande maioria das espécies vegetais que os jêje-nagôs aqui encontraram era desconhecida. Esse novo cenário era o desafio para a sobrevivência do grupo e a manutenção da identidade étnica. Barros (1993:33) enfatiza que: "A procura e identificação de espécies vegetais objetivaram a manutenção de aspecto primordial de sua cosmovisão e, portanto, da sobrevivência de uma identidade enquanto negro e africano". Desse modo, uma grande variedade de vegetais nativos brasileiros foi incorporada em substituição aos africanos. Para outras espécies não havia similares, o que tornou necessária a criação de mecanismos de intercâmbio entre os dois continentes. Vários espécimes foram transportados pelos navios negreiros que traziam cargas clandestinas, muitas de interesse dos portugueses que introduziram no Brasil espécies nativas africanas ou originárias da Ásia, há muito aclimatadas na África. Dentre estas destacam-se como asiáticas a jaqueira (*Artocarpus integrifolia* L.), a

mangueira (*Mangifera indica* L.) e o tamarineiro (*Tamarindus indica* L.), e nativas na África algumas variedades de inhame (*Dioscorea* sp.), o quiabo (*Hibiscus esculentus* L.), a melancia (*Citrullus vulgaris* Schrad.), a mamona (*Ricinus communis* L.), o dendezeiro (*Elaeis guineensis* L.), a pimenta-da-costa (*Xylopia aethiopica* A. Rich.) e o obi (*Cola acuminata* Schott. & Endl.). Cruz (1982:472), referindo-se ao obi, também conhecido como noz-de-cola, diz que: "Entre os habitantes de certas regiões da África esses cocos se usam como moeda corrente, são trocados por pós de ouro, representam a melhor garantia de um juramento feito ou de um compromisso assumido, e são considerados presentes importantes que honram e dignificam quem os recebe. É um poderoso alimento de poupança, que durante longo tempo substituiu a alimentação comum. Os africanos com apenas alguns gramas de nozes-de-cola reduzidas a pó empreendem longas e penosas viagens e fazem trabalhos pesados sem se cansarem nem sentir fome." Também Ficalho (1947:102) cita "... que, sob a sua influência, se pode resistir durante um período considerável ao cansaço e à privação de alimento." Conhecedores das propriedades deste vegetal, alguns escravocratas tiveram interesse na sua importação, fato que facilitou o cultivo no Brasil não só desta, mas de diversas outras espécies. A introdução de algumas plantas no Novo Mundo, bem como as nativas, tinha para o colonizador um sentido econômico, pois barateava o custo com a manutenção dos escravos e os mantinham alimentados para enfrentar os árduos trabalhos braçais que lhes eram impostos. Porém, para os jêje-nagôs, alguns vegetais não eram somente usados em dietas alimentares, mas, de um modo mais amplo, proporcionavam, "através de sua utilização nos ritos de iniciação, por exemplo, a construção de sua identidade e a manutenção de uma cosmovisão, que os diferenciavam do grupo dominante, o que, a longo prazo, deu ensejo à constituição de comunidades próprias" (Barros 1993:39).

Utilizadas em rituais, espécies como órógbó (*Garcinia kola* Heckel), àridan (*Tetrapleura tetraptera* Taub.), akoko (*Newboldia laevis* Seem.), obi (*Cola acuminata* Schott & Endl.) e pimenta-da-costa (*Aframomum melegueta* [Roscoe] K. Schum) aqui chegavam também, trazidas pelos próprios escravos ou por jêje-nagôs libertos que se dedicaram a esse tipo de intercâmbio comercial entre os dois continentes.

O mesmo interesse que os portugueses tiveram em trazer plantas da África para o Brasil também os levou simultaneamente ao movimento inverso, pois naquele continente foram introduzidos vegetais nativos na América, tais como o fumo (*Nicotiana tabacum* L.), a batata (*Ipomoea batatas* L.), o milho (*Zea mays* L.), a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), a goiaba (*Psidium guajava* L.), o urucum (*Bixa orellana* L.) e diversas outras espécies. Contribuíram, ainda, nessas exportações, os negros libertos que, na segunda metade do século XIX, retor-

naram à terra de origem, para onde levaram, entre outras, a erva-guiné (*Petiveria alliacea* L.), muito utilizada pelos escravos como abortiva ou "remédio para amansar senhor", hoje disseminada por diversas regiões tropicais.

Simultaneamente ao intercâmbio processado entre os dois continentes, estabeleceu-se o uso de vegetais comuns às Américas e à África; como exemplo, temos ainda a erva-tostão (*Boerhavia hirsuta* Wild.), o capim-de-burro (*Cynodon dactylon*) (L. Pers.), e diversos outros climatizados nos dois continentes.

O intercâmbio ocorrido entre os iorubás na Nigéria e os jêje-nagôs da Bahia também se estendeu a outras regiões para onde contingentes de escravos destas etnias foram levados e fixaram seu sistema religioso, como foi o caso de Cuba, que hoje conta com um grande número de vegetais utilizados simultaneamente em liturgias, tanto na África, quanto no Brasil.

A participação dos negros no processo histórico brasileiro foi de extrema relevância. Além do já conhecido, tiveram a dupla tarefa de transplantar um sistema de classificação de vegetais africanos e de assimilar a flora nacional dentro de uma visão empírica secular, que ampliou ainda mais seus conhecimentos do mundo natural, contribuindo, também, no uso fitoterápico das espécies na medicina popular brasileira.

Os Terreiros



A Bahia foi o estado brasileiro que, provavelmente, teve maior afluência dos grupos étnicos jêje-nagôs. Vários autores que se dedicaram aos estudos da escravidão neste Estado detectaram quatro ciclos de entradas de negros — os da Guiné (séc. XVI), os de Angola (séc. XVII), os da Costa da Mina e Golfo do Benin (séc. XVIII e início do XIX), e o período de tráfico clandestino (1816 a 1850). "Os chamados Jêje e Nagô teriam vindo (...) no período compreendido entre 1770 e 1850..." (Barros 1993:12). Os jêjes eram povos oriundos da região do antigo Daomé, atual Golfo do Benin. Os Nagôs eram constituídos por diversos grupos étnicos — Egba, Egbado, Ijesa, Sábê, Ijebu, Òyô e, principalmente, os Ketu — originários das regiões onde atualmente estão situados a Nigéria e, também, o Golfo do Benin. "Da mesma forma que a palavra *Yorubá* na Nigéria, ou a palavra *Lucumí* em Cuba, o termo *Nagô* no Brasil acabou por ser aplicado coletivamente a todos esses grupos vinculados por uma língua comum — com variantes dialetais" (Santos 1975:29).

No século XIX, em decorrência das guerras entre grupos africanos, o reino de Ketu, situado no Benin e, posteriormente, o de Òyô, na atual Nigéria, foram dizimados. Capturados como escravos, grande contingente de negros jêje-nagôs foi trazido para a Bahia, já numa época em que o tráfico era ilegal. "Assim, o século XIX viu transportar, implantar e reformular no Brasil os elementos de um complexo cultural africano que se expressa atualmente através de associações bem organizadas, *egbé*, onde se mantêm e se renovam a adoração das entidades sobrenaturais, os *orixã*, e a dos ancestrais ilustres, os *égun*" (Santos 1975:32).

Ao final deste último ciclo, o *Ile Iyá Násó*, considerado a primeira casa de candomblé "da nação Ketu", já se encontrava instalado definitivamente na avenida Vasco da Gama, no bairro do Engenho Velho de Brotas. Originalmente ele foi fundado junto à igreja da Barroquinha, na região urbana de Salvador, com o nome de "*Iyá Omi Àṣẹ Airá Intile*". Algumas pessoas afirmam que esta tradicional casa existe há mais de 200 anos, porém seu assentamento definitivo na Vasco

da Gama ocorreu, segundo alguns estudiosos, por volta de 1830. Suas fundadoras, supostamente, teriam sido três africanas portadoras de cargos de sacerdotisas no culto dos orixás, conhecidas pelos nomes *Ìyá Nàsô*, *Ìyá Detá* e *Ìyá Àkàlà*. Há quem conteste esta tese, afirmando que "*Ìyá Nàsô Oyó Àkàlà Mágbo Olódumare*" (Mãe Nassô de Oyó, venerável pássaro Akalá de Olodumare) era um título portado por apenas uma mulher. Todavia, o complexo religioso jêje-nagô no Brasil, tratando-se de uma junção de cultos praticados por grupos distintos na África, implica a idéia de união de elementos de várias etnias, o que deixa claro que *Ìyá Nàsô* liderou um grupo na fundação deste primeiro "terreiro".

Desta casa originaram-se outras duas de igual tradição, o *Ìyá Omi Àşę İyámase*, no Alto do Gantois, cuja fundadora foi Maria Júlia da Conceição Nazaré e o *Ile Àşę Ópó Àfônjá*, no bairro de São Gonçalo do Retiro, fundado por Eugênia Ana dos Santos, *Obá Bıyı*. Barros (1993:14) diz "que estas dispersões ocorreram ao tempo de sucessões na direção da Casa, no início deste século: a primeira, com o falecimento de Mãe Marcelina: duas de suas filhas de santo disputavam o cargo de *İyálórisá*, tendo ficado com o título Maria Júlia de Figueiredo. A vencida, Maria Júlia da Conceição, afastou-se e arrendou um terreno no Rio Vermelho... A segunda dispersão ocorreu na época do falecimento de Mãe Ursulina, quando Aninha (Eugênia Anna dos Santos) afastou-se juntamente com Tio Joaquim e outros e fundou o (...) *Àşę Ópó Àfônjá*, em 1910, em São Gonçalo do Retiro". Os membros destas comunidades costumam dizer que a Casa Branca é a cabeça e que o *Ópó Àfônjá* e o Gantois são os braços da religião jêje-nagô no Brasil.

Nesta época, também, outras comunidades religiosas de origem africana e até ameríndias estavam em processo de expansão no Estado da Bahia. Várias casas de "nações" jêje, angola, congo, caboclo e até muçurumim (hoje extinta) ficaram famosas no cenário baiano. Todavia, essas religiões eram vistas pelos leigos como "coisas demoníacas", o que as tornou alvo de perseguição por parte da sociedade "branca" que, através da força policial, perseguia vários grupos religiosos negros, apreendendo objetos sagrados e fechando vários terreiros. Os centros urbanos tornaram-se lugares não indicados às práticas religiosas afro-brasileiras, o que motivou a transferência das "casas-de-santo" para lugares mais distantes. "A repressão policial, sem dúvida, fez com que as Casas de Candomblé fossem empurradas para locais afastados ou periféricos, nos quais o tocar dos atabaques e o ruído dos cânticos e das práticas religiosas não ofendessem e nem incomodassem os sensíveis ouvidos e olhos da elite social baiana da época" (Barros & Teixeira 1994:105). Esse afastamento do meio urbano, bem como os sincretismos feitos com os santos católicos, aliados à forte estrutura social dos jêje-nagôs, contribuíram para a perpetuação e a expansão de seus cultos na Bahia e em outros Estados, para onde se deslocaram grupos de ex-escravos, no decorrer da segunda metade do século XIX.

No Rio de Janeiro, um grande contingente de negros baianos instalou-se nas imediações da praça Onze, local onde ocorriam as grandes manifestações carnavalescas com desfile de Grandes Sociedades, Ranchos e Blocos, e em bairros próximos da área portuária em busca de trabalho. Nestes logradouros, onde existiam grandes aglomerações de casarões antigos que abrigavam uma população de baixa renda, foram instalados blocos "afro" — afoxé — e os primeiros terreiros de candomblé, que posteriormente sofreram o processo de deslocamento, como ocorreu em Salvador. A Central do Brasil tornou-se o ponto de encontro de baianos e pessoas ligadas ao candomblé e aos afoxés.

Segundo Rocha (1994:33), "em 1886, Mãe Aninha, de Xangô, veio ao Rio com Bamboxê e Obá Saniá, com os quais fundou uma casa no bairro da Saúde. Retorna à Bahia, onde funda, em 1910, a Roça do Retiro. Em 1925, volta à cidade, onde, no Santo Cristo, inicia sua primeira filha de santo do Rio, Conceição de Omoju. Com seu falecimento em 1938, sua sucessora, Agripina de Souza — de Xangô — transfere o axé para Coelho da Rocha". Outras casas-de-santo foram abertas. Vários terreiros ficaram famosos, como o de João Alabá, na rua Barão de São Félix, Cipriano Abedé, na rua do Propósito, Benzinho de Bangbosé, na Marquês de Sapucaí, e o de "Tia Ciata, cujo prestígio facilitava a concessão de permissão policial para a realização de cerimônias religiosas (...) No entanto, o relacionamento que ela mantinha com as importantes figuras políticas da antiga capital do Brasil não impediu o deslocamento de seu grupo e de outros Candomblés (...) para locais então periféricos, como Madureira, Coelho da Rocha e outras localidades da Baixada Fluminense" (Barros & Teixeira 1994:105).

Nos dias atuais, no centro e nos bairros da zona norte ou zona sul do Rio de Janeiro, não existe praticamente mais nenhum terreiro, salvo, provavelmente, algum de pouca expressão localizado em área de favela; todavia, "as grandes casas" são encontradas, principalmente, em bairros mais distantes do centro ou em regiões da Baixada Fluminense e Zona Oeste, onde o desenvolvimento urbano é processado de modo mais lento.

Se por um lado o deslocamento dos terreiros, do centro urbano para a periferia das cidades, trouxe problemas ao "povo-de-santo", pois, de certo modo, não só dificultou a aquisição de bens necessários e a locomoção dos adeptos aos terreiros, como também provocou um isolamento dos grupos que passaram a se reunir com menor frequência ou apenas em dias de festas, por outro lado, os reaproximou mais efetivamente da natureza tão essencial aos rituais. Os terreiros, antes localizados em casas de vilas ou mesmo em ruas, passaram a dispor de um "espaço-mato" mais evidente, onde são encontradas as árvores consideradas sagradas, e tornou possível achar nas florestas maior variedade de espécies vegetais, de grande importância no culto aos orixás.

Fitoterapia: Estratégia e Resistência Cultural



Historicamente, são feitas menções na literatura acadêmica e ficcional a especialistas de origem africana dedicados à recuperação e manutenção da saúde.

Silva (1981:57), referindo-se ao Rio de Janeiro do século XIX, menciona que “em cada bairro da cidade existe um cirurgião africano, cujo consultório, bem conhecido, é instalado simplesmente à entrada de uma venda. Generoso consolador da humanidade negra, dá suas consultas de graça, mas como os remédios recomendados contêm sempre algum preparado complicado, fornece os medicamentos e cobra por eles”.

Nossa pesquisa sobre o uso litúrgico e terapêutico dos vegetais em casas de candomblé de origem jêje-nagô apontou para a importância fundamental das plantas enquanto elementos imprescindíveis às práticas religiosas afro-brasileiras, ao mesmo tempo que evidenciou-se uma medicina alternativa destinada a promover o bem-estar físico e social dos participantes dos terreiros.

Tal importância dos vegetais no culto dos orixás, voduns e inquices implica em cuidados especiais. As “folhas” ou “ervas”, como são chamadas as plantas utilizadas no candomblé, devem ser coletadas através de um ritual complexo, sem o que perdem sua razão de ser, seu *àṣṣ* (poder). Não devem ser cultivadas, mas sim encontradas dispersas na natureza — aqui entendendo-se natureza como “espaço-mato” localizado nos terreiros ou em outras áreas não cultivadas. Essa valorização das espécies vegetais foi percebida por todos os estudiosos das religiões negras, que são unânimes em afirmar a importância e o “segredo” das ervas no âmbito desses diferentes contextos. Vários autores fazem menção ao destaque do babalossaim, sacerdote do culto de Ossaim, na hierarquia dos terreiros, bem como advertiam — nas décadas de 40 e 50 — que estes sacerdotes estavam se extinguindo, devido tanto às dificuldades do processo iniciático quanto aos apelos e restrições do meio urbano.

O conhecimento e utilização das espécies vegetais, atribuições específicas dos *bàbàlosányin* ou *olosányin*, foram sendo paulatinamente apropriados pelos

chefes de terreiros, devido à inserção desse tipo de sacerdote nos quadros hierárquicos das casas-de-santo. Ficando este especialista sob a autoridade de "mães" e "pais-de-santo", foi o seu saber captado e, conseqüentemente, promovido um gradual afastamento. "O processo de transmissão do saber sofreu o impacto das mudanças nas relações de poder no interior das comunidades; no entanto, não diminuiu a importância do conhecimento e do emprego dos vegetais. As categorias básicas para as utilizações diversificadas foram mantidas, principalmente, através da denominação das espécies e dos textos falados e cantados em *yorubá*, nos quais a palavra funciona como detonadora do *àṣẹ* latente das espécies e propicia a colocação dos vegetais dentro de uma perspectiva classificatória própria e coerente com um sistema de classificação abrangente, peculiar a este complexo cultural" (Barros 1993:124).

Outro motivo do quase desaparecimento dessa figura (hoje sabe-se que existem apenas três ou quatro entre Salvador e Rio de Janeiro) deveu-se ao apelo da sociedade abrangente que ampliava seu raio de ação através da venda de serviços em maior escala. O comércio de ervas a diversos terreiros e às carnadas menos favorecidas da população, que recorrem às feiras e mercados dentro de uma perspectiva de medicina caseira ou popular, proporcionava-lhes inserção no mercado de trabalho urbano. Além desses aspectos, a desvinculação das casas-de-santo dava-lhes uma "liberdade", longe do jugo da hierarquia imposta pelos terreiros.

A transmissão de conhecimento sobre as plantas é passada de geração a geração, seguindo o mesmo princípio utilizado nos terreiros, o da oralidade. De pai para filho, de tio para sobrinho, sempre tentando salvaguardar e valorizar uma "liberdade". Um informante afirmou: "não pertencem nem quero pertencer a casa-de-santo, é uma escravidão...", porém, conhece as espécies vegetais pela denominação em *iorubá* e receita fórmulas mágico-terapêuticas tal como seu avô, iniciado em um dos terreiros de *candomblé* mais tradicionais de Salvador. Seu relacionamento com a clientela de pais e mães-de-santo é dos melhores e dos mais respeitosos, mantendo a postura de seu pai que, também, não foi filiado a nenhuma comunidade religiosa.

Portanto, se as condições atuais tornam os erveiros e mateiros impermeáveis aos apelos de uma vinculação a uma determinada comunidade religiosa, ficando de alguma forma inseridos no modelo econômico vigente, isso, no entanto, não significa que tenham desaparecido as categorias imanentes a uma visão de mundo peculiar. Pelo contrário, a transformação da figura do *bàbálosányin* permite, também, a reprodução, manutenção e reinterpretação de um saber antes circunscrito ao espaço dos terreiros. Embora tenha ocorrido uma redefinição de papéis, esta não alterou significativamente o quadro das representações dos grupos de *candomblé* nem a relevância da relação homem/vegetal.

A articulação terreiro/mercado é responsável pela penetração de conhecimento outrora marcadamente negro e religioso no painel das práticas medicinais populares mais amplas. Esse saber, aliado a outras medicinas alternativas, pode ser percebido como uma forma de luta frente à hegemonia de uma medicina elitizada e oficial.

Em resumo, pode-se considerar que essa fitoterapia, ainda parte integrante da vida cotidiana dos terreiros, foi um dos aspectos relevantes da resistência cultural do negro no período escravocrata (ervas que produziavam envenenamentos, abortos, feitiços...) e é hoje uma estratégia de parcela significativa da população que se reconhece, direta ou indiretamente, portadora de um legado cultural negro-brasileiro.

A Classificação Jêje-Nagô dos Vegetais



Do mesmo modo como no oráculo de Ifá, os signos geomânticos (*Odù*) são organizados dentro de um sistema classificatório; no culto a Ossaim, os vegetais, também, estão inseridos nesse sistema.

A relação folha/orixá se evidencia com a existência de quatro compartimentos estruturados a partir de uma concepção de categorias lógicas e ordenadas segundo a visão de mundo dos jêje-nagôs. Sendo os orixás representações vivas das forças que regem a natureza, as folhas a eles atribuídas, no contexto litúrgico, associam-se, conseqüentemente, a esses elementos. Barros (1993:60), estudando essas classificações, verificou que: "Os vegetais estão dispostos em quatro compartimentos-base diretamente relacionados aos quatro elementos: as *ewé aféféfé* — folhas de ar (vento); as *ewé inón* — folhas de fogo; as *ewé omi* — folhas de água; e as *ewé ilé* ou *ewé ighó* — folhas da terra ou da floresta." Nestes quatro compartimentos-base, concentra-se o panteão jêje-nagô. Sendo assim, cada orixá possui uma característica própria que é transmitida ao filho-de-santo, o que possibilita identificar, através do arquétipo humano, os pais míticos, pois cada "... indivíduo será 'descendente' de um *òrisà* que considerará seu 'pai' — Baba mi — ou sua 'mãe' — *Ìyá mi* —, de cuja matéria simbólica — água, terra, árvore, fogo etc. — ele será um pedaço" (Santos 1976:103).

Genericamente, vamos encontrar Exu e Xangô participando do compartimento Fogo; Ogum, Oxossi, Ossaim e Obaluaiê ligados ao elemento Terra; Iemanjá, Oxum, Obá, Nanã e Yewá associadas às águas, e Oxalá e Oiá ao Ar. Todavia, ao particularizarmos, veremos que alguns orixás, como Logun Edé e Oxumaré, considerados "meta-meta" (com dupla sexualidade), estarão vinculados a mais de um desses compartimentos.

Exu está ligado com predominância ao elemento Fogo, porém, como "cada *òrisà* possui seu *Èṣù*, com o qual ele constitui uma unidade" (Santos 1976:131), este compartilhará do mesmo elemento ao qual o orixá está associado. Assim, os

Exus das Iabás estarão ligados, também, ao elemento Água, os de Ogum ou Oxossi, ao compartimento Terra, e assim ocorrendo com os demais Exus.

Ogum atua predominantemente no compartimento Terra. Todavia, na qualidade *Warín*, encontramos um Ogum que habita nas águas, pois segundo os mitos ele vive no rio com Oxum; conseqüentemente, estará, também, ligado ao compartimento Água. Já Ogum *Àgbèdè òrun*, "o ferreiro do céu", se liga, também, ao elemento Ar, juntamente com Oxalá.

Oxossi é ligado à Terra; mas, nas suas variáveis, encontramos *Inlé*, modalidade desse orixá que, como Logum Edé, está associado tanto ao compartimento Água quanto ao Terra; entretanto, para a maioria das outras "qualidades" de Oxossi predomina o elemento Terra.

Obaluaiê, sendo um orixá da terra (*Oba* = rei, *Ayié* = terra), mas que se relaciona com a febre e o sol do meio-dia, está ligado, igualmente, aos compartimentos Terra e Fogo. Em algumas ocasiões ele recebe o título de "*Bàbá Igbona* = pai da quentura" (Santos 1976:98), título que é dado, também, a uma "qualidade" de Xangô Airá, considerado dono do fogo e cultuado numa fogueira.

Ossaim, por ser patrono dos vegetais, automaticamente, está ligado a todos os elementos da natureza; todavia, seu compartimento principal é o Terra, representado pelas florestas onde nascem todos os vegetais.

Oxumaré é representado pelo arco-íris que se projeta das águas em direção ao céu. Liga-se, simultaneamente, aos compartimentos Água e Ar. Por ser irmão de Obaluaiê, algumas vezes se relaciona, também, com o elemento Terra.

Naná, a Iabá que é representada pela chuva fertilizando a terra (lama), tem como compartimento-base a Água, mas, também, a Terra.

Oiá, em um de seus diversos aspectos, é cultuada no rio Niger, na África, o que realça suas características de "deusa da fertilidade" ligada ao compartimento Água, bem como é responsável pelos coriscos, tempestades e ventanias, fato que a associa tanto ao elemento Ar quanto ao Fogo. Sob a denominação de "*Oya Igbàlè, orisa* patrono dos mortos e dos ancestrais" (Santos 1976:58), participa, também, do compartimento Terra.

Xangô está associado, predominantemente, ao compartimento Fogo, enquanto que Iroko, entidade fitomórfica cultuada em uma árvore, embora possua muita afinidade com o primeiro, está ligado ao elemento Terra.

Oxum, Iemanjá e Obá são Iabás ligadas, especificamente, ao elemento Água; porém, alguns de seus aspectos poderão ligá-las aos demais compartimentos-base.

Oxalá está ligado, com predominância, ao compartimento Ar. Todavia, Santos (1976:59) diz que "*Òsàlá* está associado à água e ao ar, *Odùduwà* está associado à água e à terra". Assim como *Oduduá*, *Orixá Okó* também é um *òrisha-fun-*

fun (original) e, segundo os mitos, é considerado o patrono da agricultura, possuindo estreita ligação com a Terra.

Nesta visão de mundo jêje-nagô, direito/masculino/positivo são opostos a esquerdo/feminino/negativo, ou seja, o masculino é positivo e se posiciona do lado direito, enquanto o feminino é negativo e pertence ao lado esquerdo. Neste contexto os compartimentos que contêm as *ewé inón* (folhas do Fogo) e *ewé aféfé* (folhas do Ar) estão associados ao masculino, elementos fecundantes, enquanto que as *ewé omi* (folhas da Água) e as *ewé ilê* (folhas da Terra) se ligam ao feminino, elementos fecundáveis.

Ao determinar que as folhas são separadas por pares opostos: *gún* (de excitação) x *erò* (de calma), *ewé apa òtún* (folhas da direita) x *ewé apa òsí* (folhas da esquerda), os jêje-nagôs tomam como modelo um sistema de classificação baseado em oposições binárias. Todavia, essa não é uma condição *sine qua non* quando analisamos mais detalhadamente a utilização dos vegetais, pois percebemos que algumas folhas positivas se relacionam com o lado esquerdo ou feminino e vice-versa, daí encontrarmos folhas femininas usadas com fins positivos, e folhas masculinas consideradas negativas. Verger (1995:25) cita, por exemplo, "que entre as folhas há quatro conhecidas como (...) as quatro folhas masculinas (por seu trabalho maléfico)...; e quatro outras tidas como antídotos..." Entre estas últimas ele inclui o *òdùndún* (*Kalanchoe crenata*), que é uma folha feminina, porém positiva, o que nos faz crer que as diversas condições binárias não interagem de modo rígido entre si, pois, como vimos, uma folha masculina pode estar situada junto aos elementos da esquerda por ser considerada negativa.

ELEMENTOS DA DIREITA

Ewé apa òtún (folhas da direita)
Masculino
Positivo

ELEMENTOS DA ESQUERDA

Ewé apa òsí (folhas da esquerda)
Feminino
Negativo

No sistema de classificação dos vegetais, a condição para que uma folha seja masculina ou feminina é o seu formato, pois, na concepção jêje-nagô, a forma fállica (alongada) caracteriza o elemento masculino, em contrapartida, a forma uterina (arredondada) determina o elemento feminino. Essa convenção é adotada, tanto com relação às folhas, quanto aos jogos divinatórios que tiveram origem a partir do oráculo de Ifá, onde, dos dezesseis cauris usados, oito são de forma alongada e considerados masculinos, e os femininos são os oito restantes que possuem forma arredondada. "Por conseguinte, Macho/Fêmea formam um par de

oposição básico no que se refere às espécies vegetais, e está diretamente relacionado ao *òriṣà*" (Barros 1993:63). As folhas consideradas masculinas estão associadas aos *òborós* (orixás masculinos), bem como as femininas pertencem às *iabás* (orixás femininos); todavia, eventualmente encontraremos algumas folhas femininas associadas aos *òborós* e algumas masculinas atribuídas às *iabás*, o que parece refletir uma bipolaridade característica de alguns orixás.

De grande importância, também, na classificação dos vegetais são as condições *gún* (de excitação) x *èrò* (de calma), pois são aspectos das folhas, que dão equilíbrio às misturas vegetais, quando bem dosadas de acordo com a situação de cada indivíduo. Os vegetais considerados *gún* estão ligados aos compartimentos Fogo ou Terra, enquanto que os considerados *èrò* relacionam-se com os da Água ou Ar.

Quando utilizados nos rituais de iniciação ou nos trabalhos litúrgicos, os vegetais classificados como *èrò* têm a função de abrandar o transe, apaziguar o orixá ou acalmar o iniciado; contrariamente, os considerados *gún* servem para facilitar a possessão e excitar o orixá.

Na composição das misturas vegetais utilizadas como banhos purificatórios, são analisadas as condições do usuário, pois, segundo um informante, "se o banho é para uma pessoa que anda muito parada, usa-se maior número de folhas quentes, mas se for para alguém que anda muito agitado, é usada maior quantidade de folhas frias". Este também enumerou a quantidade de espécies vegetais utilizadas nestes banhos, relacionadas a cada orixá: "Para Exu utilizam-se sempre 7 folhas; Ogum, 3, 7 ou 16; Oxossi, 4, 8 ou 16; Obaluaiê, 7, 11 ou 16; Oxumaré, 7, 14 ou 16; Nanã, 8, 14 ou 16; Oxum, 5, 8 ou 16; Iemanjá, 8, 9 ou 16; Oíá, 5, 9 ou 16; Xangô, 6 ou 12, e Oxalá, 8, 10 ou 16".

Os números, também, são parte integrante do sistema de classificação dos vegetais e se relacionam com cada orixá como elemento de identificação. Através da numerologia, o *jêje-nagô*, por meio dos jogos divinatórios, determina o orixá e que tipo de ritual ou oferenda deve ser feito. Os números estão implícitos no conceito de equilíbrio, e este na paridade dos elementos.

Dentro de sua complexidade, o sistema de classificação dos vegetais é coerente com a visão de ordenação do mundo; desse modo, os vegetais vão além de suas utilidades práticas, pois "estão diretamente relacionados a uma cosmovisão específica e são constituintes de um modelo que ordena e classifica o universo, definindo a posição do indivíduo na ordem cosmológica" (Barros 1993:93).

"ÒGBÈRÌ NKÒ MO MÀRÌWÒ"

(O não-iniciado não pode conhecer o mistério do Màrìwò)

Àgbo — A Mais Importante Mistura de Vegetais



Se a tese de que "todo rito corresponde a um mito" é questionável, os rituais de iniciação, nas religiões jêje-nagôs, mostram que, neles, os mitos são correspondentes. Atuando como matéria básica, os vegetais permitem a dramatização dos mitos, isto é, os rituais, "já que eles são os mediadores entre a essência (elementos naturais), o modelo (*òrìṣà*) e o indivíduo que está se construindo socialmente" (Barros 1993:81), o que nos permite dizer que os vegetais, enquanto matéria básica na reconstrução da nova identidade, terão a função específica de estabelecer a ligação entre o iniciado e seu orixá.

O *àgbo*, definido por Barros (1993:87) como "água dos *òrìṣà*" é a mais importante das misturas vegetais do culto aos orixás. É utilizada desde a iniciação do *Ìyàwò* até a última das obrigações, além de servir de elemento de ligação entre o *òrun* e o *àiyé* (o mundo dos orixás e o mundo dos homens); em termos práticos, proporciona o fortalecimento físico e espiritual do iniciado durante os períodos de reclusão. Segundo alguns estudos, este composto previne doenças, uma vez que possui grande potencial curativo e preservador da saúde. Na sua preparação, além das "ervas básicas", outros elementos tais como obi, orobô, mel, azeites, pós, favas diversas e até mesmo um pouco do sangue e partes dos animais sacrificados entrarão como complemento. Na sua composição, as espécies vegetais são separadas de modo semelhante ao da divisão dos *cauris* no jogo de búzios. Para melhor entender "... temos que nos reportar ao aspecto da numerologia, ou seja, a quantidade de oito "folhas" fixas (*ewé orò*) e oito variáveis (*ewé òrìṣà*), que são utilizadas de acordo com o santo que está sendo "feito", totalizando dezesseis" (Barros 1993:81).

Pesquisando diversos terreiros, detectamos que alguns "zeladores-de-santo" não seguem um sistema de classificação para os vegetais que utilizam em seus rituais. As folhas são combinadas aleatoriamente ou não, de acordo com o que está disponível. Tal fato, normalmente, está ligado a uma perda de transmissão da cultura ou mesmo à omissão de antigos "pais ou mães-de-santo, que não gos-

tavam de passar seus conhecimentos aos novos iniciados". O estudo da classificação dos vegetais nestas casas tornou-se impraticável, uma vez que não se utilizam de um sistema lógico que forneça parâmetros para pesquisas, o que fez com que não levássemos em consideração tais terreiros.

Entre os candomblés pesquisados, os que melhor preservaram as raízes jêje-nagôs, comparamos quatro de grande representatividade que usam sistematicamente as folhas fixas dentro de um sistema de equilíbrio.

O primeiro grupo de oito, as *ewé orò*, são folhas consideradas fixas no *àgbo*, sendo que, de um terreiro para outro, os vegetais que integram este grupo, podem sofrer substituições. Percebemos que alguns vegetais são mais ou menos constantes, enquanto que outros estão associados aos orixás patronos da nação, da casa ou, até mesmo, do *àṣẹ* herdado.

Casa "A" (de Oxum)	Casa "B" (de Oxalá)	Casa "C" (de Iemanjá)	Casa "D" (de Omolu)
<i>Pèrègún</i>	<i>Pèrègún</i>	<i>Pèrègún</i>	<i>Pèrègún</i>
<i>Toto</i>	<i>Akòko</i>	<i>Toto</i>	<i>Toto</i>
<i>Rínrín</i>	<i>Rínrín</i>	<i>Tètè</i>	<i>Rínrín</i>
<i>Ewé òwú</i>	<i>Ewé òwú</i>	<i>Ewé òwú</i>	<i>Ewé òwú</i>
<i>Tètèrègún</i>	<i>Tètèrègún</i>	<i>Tètèrègún</i>	<i>Tètèrègún</i>
<i>Awùrèpépé</i>	<i>Awùrèpépé</i>	<i>Awùrèpépé</i>	<i>Awùrèpépé</i>
<i>Ewé ogbô</i>	<i>Ewé ogbô</i>	<i>Ewé ogbô</i>	<i>Ewé ogbô</i>
<i>Gbòrò Ayaba</i>	<i>Oṣibata</i>	<i>Ewé kúkùndùnkú</i>	<i>Gbòrò Ayaba</i>

(Quadro I)

Tomando para análise o exemplo da primeira casa, neste grupo percebemos que as duas primeiras folhas são: o *pèrègún* (*Dracaena fragrans*), folha masculina ligada ao elemento terra, considerada *gún* (excitante), cujo nome nagô significa "chama o transe" (Barros 1993:109), atribuída a Ogum, orixá que, segundo os mitos, detém o título de *àṣíwájú* (aquele que vai na frente, o que abre os caminhos para os demais orixás); e *toto* (*Alpinia zerumbet*), planta associada a Oxossi, Rei da Nação de Ketu e, também, a Iemanjá — *Iyá Orí*, a dona de todas as cabeças — sendo o significado do seu nome nagô "folha completa" (Barros 1993:109). É, também, uma folha masculina associada ao elemento terra, porém *erò*, de calma. A associação dessas duas "ervas" forma uma primeira combinação entre os pares opostos, *gún x erò*.

As duas folhas seguintes são femininas: *rínrín* (*Peperomia pellucida*), que,

segundo um informante, "é folha indispensável no *àgbo*", é uma folha "fria", *erò* (de calma) ligada a Oxalá e a Oxum, ambos orixás relacionados à procriação e a fertilidade; e *Ewé òwú* (*Gossypium barbadense*), também é atribuída a Oxalá; esta folha, porém, é uma folha "quente" (*gún*) citada nos mitos que retratam a fecundação. Aqui, também, duas folhas femininas se combinam como pares opostos *gún x erò*.

Um novo par é formado pelas folhas *tètèrègún* e *awùrèpépé*. A primeira, considerada *gún*, é masculina, e seu nome significa "tètè que produz transe" (Barros 1993:110), e como o próprio nome diz, tem a função de facilitar o transe para o iniciado. A segunda é uma folha *erò* e feminina, que age como catalisadora das propriedades das outras plantas. Aqui vemos uma dupla combinação de pares opostos *gún/erò*; e masculino/feminino.

As duas últimas folhas deste grupo são *ewé ogbô* e *gbòrò ayaba*. *Ewé ogbô* é uma folha masculina, classificada como *gún*, enquanto que *gbòrò ayaba* é feminina considerada *erò*; ambas são plantas que possuem a função, também, de facilitar o transe mediúnico.

Neste primeiro grupo de oito folhas, quatro são masculinas e quatro femininas, bem como quatro são *gún* e quatro são *erò*, denotando, portanto, o equilíbrio que está implícito na cosmovisão e classificação dos vegetais pelos grupos étnicos de origem jêje-nagô.

<i>Pèrègún</i>	<i>Toto</i>	<i>Rínrín</i>	<i>Ewé òwú</i>	<i>Tètèrègún</i>	<i>Awùrèpépé</i>	<i>Ewé ogbô</i>	<i>Gbòrò Ayaba</i>
<i>gún</i>	<i>erò</i>	<i>erò</i>	<i>gún</i>	<i>gún</i>	<i>erò</i>	<i>gún</i>	<i>erò</i>
Masc.	Masc.	Fem.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.

Essas folhas fixas também são consideradas "da casa", pois seu emprego, inicialmente, ocorre por ocasião da implantação do *àṣẹ*, ou seja, quando se abre uma casa de candomblé. São escolhidas conforme a representação mítica de cada uma e sua relação com os orixás protetores do terreiro, de modo que no futuro não ocorram substituições. Existe, ainda, a preocupação em evitar-se as consideradas como interdito para alguns orixás, tais como folhas de Oxum que não servem para Obá, ou de Xangô, que não podem ser utilizadas para Obaluaíê, e vice-versa. O segundo grupo de oito *ewé òrìṣá* é composto por vegetais atribuídos ao orixá do iniciando, e outras que se fazem necessárias nos rituais conforme o tipo de obrigação que será processada. Essas folhas são móveis e substituíveis conforme cada caso.

Das dezesseis "ervas" reunidas, oito são classificadas como masculinas e oito femininas, bem como serão, em quantidades iguais, *gún* e *erò*, não implicando essa combinação em grupos separados, mas na sua totalidade, fato que é observado no ato da coleta antes da preparação do *àgbo*.

Por último, ao total de dezesseis *ewé* será acrescentada a de fundamento iniciático. Ela está ligada a Ossaim e a Exu *Òdàrà*, que, como Ogum, também detêm o título de *aṣíwájú* (aquele que vai na frente, o que abre os caminhos...), sendo, também, o "que provê bem-estar, ou satisfação" (Santos 1976:185). Para compreendermos melhor a função desta "folha" devemos nos reportar às singularidades existentes entre Exu e Ossaim, aos quais ela é atribuída. Barros (1993:82, 83,85) afirma que os "símbolos máximos de imparidade são os *òriṣà Èṣù* e *Òsányìn* (...). Assim como *Èṣù*, *Òsányìn* não é macho, nem fêmea, e muito menos andrógino (...). Eles não têm uma sexualidade, eles são a sexualidade. (...) A ambigüidade de *Òsányìn* o torna elemento de mediação, a nível da natureza, da mesma forma que *Èṣù* age no mundo da cultura." Segundo alguns sacerdotes, "esta folha, que é adicionada por último, torna-se a primeira nesta composição, e sem ela, este preparo não seria *àgbo* e sim um *omierô*".

Como já foi citado anteriormente, no *àgbo* não temos apenas "ervas". Vários outros elementos entrarão na sua composição. São estes elementos que, de modo predominante, determinarão a que orixá a mistura é destinada, pois existem *èwò* — interditos — que, por serem considerados substâncias-símbolos dos orixás, não poderão ser incluídos na preparação destinada a estes. Um exemplo clássico é o *àgbo* de Oxalá: nele, as substâncias sal e azeite de dendê são excluídas, pois são consideradas interditos para este orixá e estão implícitas nos mitos da criação do mundo, o gênese *nagô*. O mesmo ocorre com o *àgbo* de Oxossi, que não leva mel, por ser um interdito deste orixá.

A importância do *àgbo* nas casas de candomblé não se restringe apenas à sua utilização nos ritos iniciáticos, ele é usado em todas as obrigações periódicas e estará associado a um complexo ritual de sacralização dos vegetais, no qual o seu poder latente será liberado através dos cânticos do *Asà Òsányìn* ou *Sasányìn*.

"EWÉ GBOGBO NÍ T'ISÉGUN"

(Todas as folhas têm o poder de curar)

Sasányìn: Culto e Cânticos Sagrados



O movimento nas casas de candomblé, em época de obrigações, começa antes do sol nascer.

Quando esse movimento dá início ao dia litúrgico no *egbé*, o *olòsányìn* da casa já cumpriu com suas obrigações de apanhar os vegetais que serão utilizados nos rituais.

Uma parte das ervas é colocada sob a esteira onde o iniciado dorme. Elas terão a finalidade de fortalecer o *iyáwó* e seu orixá, facilitarão o transe e a ligação harmônica entre os dois. Um outro lote de folhas será pilada ou triturada e colocada em um porrão, espécie de pote grande de barro, juntamente com os demais ingredientes pertinentes ao orixá, e água pura de uma fonte ou poço. Após o *òbè-ifárí*, a esta mistura serão acrescentados os axés dos animais sacrificados, compondo desse modo o *àgbo*, líquido que será utilizado em banhos e como bebida, em substituição à água, durante todo o período de iniciação.

Porém, todas as iniciações ou obrigações periódicas dos filhos-de-santo, em que ocorram sacrifícios de animais quadrúpedes, serão precedidas da sacralização dos vegetais exaltados através dos *korin ewé*, cânticos sagrados, em louvor a Ossaim, o dono das ervas, no ritual *Asà Òsányìn* ou *Sasányìn*, como é mais conhecido. Este ritual é praticado sempre no terceiro e no sétimo dias após a iniciação e precedido de oferendas que serão levadas pelo *iyáwó* até a porta dos compartimentos onde são cultuados os orixás.

Esse ritual consiste em despertar o poder mágico das ervas, isto é, a força dos elementos da natureza, contida nas plantas, e para isso as *ewé* serão reverenciadas através de cânticos e fórmulas sagradas com a função de trazer à tona esses poderes latentes nos vegetais de Ossaim, sendo sempre precedidas de uma saudação — *Ewé ó* — e de um *oríki* (louvação), que costuma sofrer modificações de ordem dialetal de uma casa para outra.

Òsányìn Eleṣẹkan, Irúnmalè Agbénigi, Òsányìn Oníṣegun Ewé ó Asà!

"Ossaim que possui uma perna só. O orixá que vive na árvore. Ossaim que cura com as folhas, faz o ritual!"

Barros (1993:84) transcreve de Simpson um *oriki* de Ossaim, recolhido em Ibadan:

"Àgbénigí, òròmòdiẹ abidi sónsó
Eṣinsin abẹ̀dọ kinnikinni
Kòògo egbòrò irín
Aképẹ nigbá òràn kò sunwón
Tíotíó tin, ó gbà aṣọ òkùnrun ta giègiè
Èlèsè kan jù elèsè méjì lọ
Aro abi-okó lièliè
Ewé gbogbo kiki oògùn
Àgbénigí, èsisi kosun
Agogo nla se erpe agbára
Ó gbà wón là tán, wón dúpẹ ténitèni
Àróni já si kòtò dí oògùn máyà
Èlèsè kan tí ó lé elèsè méjì sáré."

"Aquele que vive na árvore e que tem um rabo pontudo como um pinto
Aquele que tem o fígado transparente como o da mosca
Aquele que é tão forte quanto uma barra de ferro
Aquele que é invocado quando as coisas não estão bem
O esbelto que, quando recebe a roupa da doença, se move como se fosse cair
O que tem uma só perna e é mais poderoso que os que têm duas
O fraco que possui um pênis fraco
Todas as folhas têm viscosidade que se tornam remédio
Àgbénigí, o deus que usa palha
O grande sino de ferro que soa poderosamente
A quem as pessoas agradecem sem reservas depois que ele humilha as doenças
Àróni que pula no poço com amuletos no peito
O homem de uma perna que incita os de duas para correr."

Em seguida são entoados os cânticos — *korin ewé* — procurando relacioná-los às dezessete folhas utilizadas no *agbo*:

OS KORIN EWÉ

PÈRÈGÚN ALÀ WA TUNTUN
PÈRÈGÚN ALÀ WA TUNTUN
BÁBÁ J'ORÓ JU ALÀ O MERIN
PÈRÈGÚN ALÀ WA TUNTUN

Pèrègún puro e tenro
Pèrègún puro e tenro
Pai responda aos fundamentos do culto
Pèrègún puro e tenro

Barros & Teixeira (1988:17) citam ainda uma outra versão:

PÈRÈGÚN ALARÁ GIGÚN O
PÈRÈGÚN ALARÁ GIGÚN O
OBA O NI JE O RORO ÓKÀN
PÈRÈGÚN ALARÁ GIGÚN
PÈRÈGÚN GBA ÁGBÁRÁ TUNTUN

Pèrègún tem corpo excitado
Pèrègún tem corpo excitado
O rei não deixa ter problema de coração
Pèrègún tem corpo excitado
Pèrègún dá nova força

ÒDÚNDÚN BÀBÁ T'ÈRÒ 'LÈ
ÒDÚNDÚN BÀBÁ T'ÈRÒ 'LÈ
BÀBÁ T'ÈRÒ 'LÈ
MALÈ T'ÈRÒ 'LÈ
ÒDÚNDÚN BÀBÁ T'ÈRÒ 'LÈ

Òdúndún, Pai, espalhe a calma sobre a terra
Òdúndún, Pai, espalhe a calma sobre a terra
Pai, espalhe a calma sobre a terra
Irúnmalẹ, espalhe a calma sobre a terra
Òdúndún, Pai, espalhe a calma sobre a terra

ÒDÚNDÚN BABA T'ÈRÒ RE
ÒDÚNDÚN BABA T'ÈRÒ RE
BÀBÁ T'ÈRÒ LE
MONLÉ T'ÈRÒ RE
ÒDÚNDÚN BABA T'ÈRÒ RE

Òdúndún, Pai, espalhe sua calma
Òdúndún, Pai, espalhe sua calma
Grande espírito, espalhe sua calma
Òdúndún, Pai, espalhe sua calma

EFUN L'EBÁ LÉ K'OJÚMON Ó
EFUN L'EBÁ LÉ K'OJÚMON
KÚKUNDÚKUN
OLÓRÍEWÉ
EFUN L'EBÁ LÉ K'OJÚMON

Quando o dia nasce
Quando o dia nasce
KÚKUNDÚKUN
é a mestra das folhas
quando o dia nasce

ÈTA OWÓ ÈTA OMO
ÁTÁARÈ IKÚ GBOGBO GB'ÈRÙ RE O

Três é dinheiro, três é filho
Átáaré, leve todos os carregos de morte.¹

ou

IFÁ OWO, IFÁ OMO
ÁTÁRÉ KUN GBOGBO BÈ LÚLÈ

Ifá de dinheiro, Ifá de filho
Átáaré cheia, explodiu, espalhou-se

BELEBE NI T'ÓBE
BELEBE NI T'ÓBE
K'A KÁ KAN OKUWO
BELEBE
BELEBE NI T'ÓBE

Suavidade possui a faca²
Suavidade possui a faca
Que nós, em todo lugar, alcancemos a felicidade
Suavemente
Suavidade possui a faca

ou

EWÉ PÉLÉBÉ NI T'OBÉ O
PÉLÉBÉ NI T'QBÉ O
QBÉ PÉLÉBÉ
WA KA PÉLÉBÉ
KAKA KU WA KU PÉLÉBÉ
PÉLÉBÉ NI T'OBÉ O

Folha (a forma) achatada de faca
Achatada é (a forma) da faca
Faca achatada (afiada)
Permanecerá achatada (afiada)
Em vez de morrer, permanecerá afiada
Achatada é (a forma) da faca

IYÍ RINRIN ÀTÒRÌ Ó
IYÍ RINRIN ÀTÒRÌ
BA IYIN SE ÌMÓLÈ
BA IYIN SI MO BA'RI BA'RO
BÁÍSÁ BA BÀBÁ S'ÒRUN
ATÁ KÓ RO OJU ÀLÀ FORI KAN
IYÍ RINRIN ÀTÒRÌ
ÀLÀ FORI KAN
IYÍ RINRIN ÀTÒRÌ
BABA KO'YÉ TÚN

Valorizamos *rinrin* como um *átòrì* (vara ritual de Oxalá)
Valorizamos *rinrin* como um *átòrì*
Glorificamos o Grande Espírito
Que abençoa e protege a cabeça
Bábá Òrìsà, pai no espaço infinito
A pimenta não é mais forte que o Alá de Oxalá
Valorizamos *rinrin* como um *átòrì*
O Alá que cobre nossa cabeça
Valorizamos *rinrin* como um *átòrì*
Pai que faz o mundo continuamente

AWÜRÉPÉPÉ
PÈLÉPÈLÉ BEÓ

Awùrépépé
Sensatamente abençoe-nos

BA IYÌN SEMIN-SEMIN
OYIN L'OYIN L'OYIN
ÈNI EIYE YÉ LOKO
ÈNI EIYE YÉ T'AWO MI

Louvem *semin-semin*
Mel doce doce
Hoje o pássaro³ honra *ìrokò*
Hoje o pássaro honra os meus fundamentos

EWÉ QABÓ SO K'O JE
EWÉ GBOGBO ÒRÌSÀ
EWÉ QABÓ SO K'O JE BÀBÁ
EWÉ GBOGBO ÒRÌSÀ

A folha do rei faz revelações
É folha de todos os orixás
A folha do rei faz revelações, Pai
É folha de todos os orixás

EWÉ QABÓ ÌROKÒ
EWÉ QABÓ SQ BÈ JÉ
EWÉ QABÓ ÌROKÒ BÀBÁ
EWÉ QABÓ SQ BÈ JÉ

A folha do rei *ìrokò*
responde às nossas súplicas
A folha do rei *ìrokò*, Pai,
responde às nossas súplicas

MA KURÚ MA KURU
T'IBI T'IRE
ÁWA NI IJÉ L'EWÁ
T'IBI T'IRE

Devagar, devagar
fácil ou arduamente
trunfaremos com beleza.
Devagar, devagar

TAWA NI ÍBÀ
A NI ÀGBAÓ
TAWA NI ÍBÀ
A NI ÀGBAÓ
TAWA NI ÍBÀ
A NI ÀGBAÓ ASÀ
TAWA NI ÍBÀ
A NI ÀGBAÓ OFUN

A nossa bênção
É *àgbaó*
A nossa bênção
É *àgbaó*
A nossa bênção
É *àgbaó* no ritual
A nossa bênção
É *àgbaó* branco

ÌPESÁN ÈLEWA
ÈIYÉ T'ALO KÉ MO MASE SO ?

Ìpesán bonito
Que pássaro te impediu de ter frutos?

ÀWA KA SA K'O L'ÈŞIN
ÀWA KA SA K'O L'ÈŞIN
ÀFÒMÒN TI BE LE
ÀWA KA SA K'O L'ÈŞIN ÈGÉ

Em todo lugar louvamos as folhas que nos dá cavalos⁴
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dá cavalos
Àfòmón, desse modo, nos dá bens
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão cavalos

ÀWA KA SA K'O L'ASO
ÀWA KA SA K'O L'ASO
AGUTAN TI BIKAN
ÀWA KA SA K'O L'ASO ÈGÉ

Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão roupas
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão roupas
O carneiro gera filhos⁵
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão roupas

ÀWA KA SA K'O L'OMO
ÀWA KA SA K'O L'OMO
ÀFÒMÒN TI BIKAN
ÀWA KA SA K'O L'OMO ÈGÉ

Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão filhos
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão filhos
Àfòmón nos permitiu ter filhos
Em todo lugar louvamos as folhas que nos dão filhos

ÀWA N'IMÓLÈ SE 'NI WAWO
ÀWA N'IMÓLÈ SE RE'LÉ
AWÉRÉ IMÓLÈ IROKÓ

ATA N'IMÓLÈ SE RE'LÉ
ÓJUÓRÓ N'IMÓLÈ SE L'OMI
ÒSÍBÁTÁ N'IMÓLÈ SE L'ODÒ
ÀWA N'IMÓLÈ SE 'NI W'A

Nós temos conhecimento para iniciar uma pessoa
Nós temos conhecimento para mostrar o caminho de casa
Festejamos o poder de *irokó*
Ata mostra o caminho de casa
Ójuóró mostra o caminho da água
Òsibatá mostra o caminho do rio
Nós temos conhecimento para iniciar uma pessoa

KÍNI L'O FỌNŞE
MÀRÍWÒ

O que estão fazendo?
É Mâriwò

ÒJÒ UN A GBURURU
ÒJÒ UN A GBURURU
ÒJÒ UN A INỌN

A chuva cai dispersivamente
A chuva cai dispersivamente
A chuva cai sobre (a folha de) fogo

OMODE KÉKÉRÉ EYIN
ÀWA IYIN SE DI KO LÁ
ÀWA IYIN SE DI KO LÁ
T'ÀWA FUN ALÁŞE O
ÀWA IYIN SE DI KO LÁ

Filhos pequenos vocês
Estão fazendo magia grande
Estão fazendo magia grande
Com força poderosa
Estão fazendo magia grande

OMODE KÉKÉRE EYIN
ÀWA IYIN SE DI KÓKÓ
ÀWA IYIN SE DI KÓKÓ
T'ÀWA FUN ALÀSE O
ÀWA IYIN SE DI KÓKÓ

Filhos pequenos vocês
Estão fazendo magia primordial
Estão fazendo magia primordial
Com força poderosa
Estão fazendo magia primordial

OMODE KÉKÉRE EYIN
ÀWA IYIN SE DI L'OSUN
ÀWA IYIN SE DI L'OSUN
T'ÀWA FUN ALÀSE O
ÀWA IYIN SE DI L'OSUN

Filhos pequenos vocês
Estão fazendo magia do *osun*
Estão fazendo magia do *osun*
Com força poderosa
Estão fazendo magia do *osun*

MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA Ó
MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA
ÈPÈ LÒ BE WA
ÈPÈ LÒ YÁ MI
MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA

Eu como a folha da maldição (*èpè*)
Eu engordo
Eu como a folha da maldição (*èpè*)
Eu engordo
A maldição passa por nós
A maldição me evita
Eu como a folha da maldição

MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA Ó
MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA
ÈPÈ LÒ YÁ MI
ÈPÈ LÒ YÁ YIN
MO JE EWÉ ÈPÈ MO SONRA

Eu como a folha da maldição (*èpè*)
Eu engordo
Eu como a folha da maldição (*èpè*)
Eu engordo
A maldição me evita
A maldição evita a todos nós
Eu como a folha da maldição

ATA KÒ RO JU EWÉ O
A LELE KÒ RO JU A ÍGBÓ-OÒGÚN

Pimenta não é mais do que folha
Vento não é mais que floresta de remédios

OWÉRENJÈJÈ OWÉRENJÈJÈ
EWÉ PÁKÚN OBARÌSÀ
ÌBÀ NI BÀBÁ
ÌBÀ NÍ YÈYÈ
ÌBÀ 'BA MI S'OMO
S'OMO MÀ 'RÒ
A FI IPA NLA D'ÀSÈ
K'ORÒ KO BA
ÒGÚN AKÓRO OBA ALÁYÈ
ÒDE ÀRÓLÈ OBA ALÁYÈ
ÒSUN ÈWÚJÍ ÌYÁ ALÁYÈ
YEMOJA ÁÒYÓ ÌYÁ ALÁYÈ
OBA ALADO OBA ALÁYÈ
BÀBÁ ÀJÁLÈ OBA ALÁYÈ
ÒRÌSÀ GBOGBO OBA ALÁYÈ

Owérenjèjè owérenjèjè
Folha poderosa do orixá
A bênção é do pai

A bênção é da mãe
A bênção, pai que acolhe o filho
Que os filhos façam devidamente o ritual
Aquele que usa grande força para ordenar
Que o ritual não falhe
Saudamos Ogum, rei do mundo
Saudamos Oxossi, rei do mundo
Saudamos Oxum, a mãe do mundo
Saudamos Iemanjá, a mãe do mundo
Saudamos Xangô, rei do mundo
Saudamos Oxalá, rei do mundo
Saudamos todos os orixás, reis do mundo

EWÉ OFÈRÈ
OFE'RE JÉJE Ó

Folha de *Ofèrè*
Promete que teremos sorte.

È BÀ 'LÉ E B'ÓNÁ
KA FI DE
TÍ OWÒ KÓLOKÓLO

Em casa ou nos caminhos
Tenhamos a bênção que pedimos
De mãos balançando.

OFE'RE FÉ Ó
BÁ TÍ SO OFE'RE
BÁ TÍ SQ OFE'RE
IYIN BO ATI KO
BÁ TÍ SO OFE'RE

Grande força, sorte nos deseja
Alcançaremos coisas boas
Alcançaremos coisas boas
Saudamos com oferendas
Alcançaremos coisas boas

TÈTÈRÈGÚN ÒJÓ DO MI PA
TÈTÈRÈGÚN ÒJÓ WO BÍ WÁ

Tètèrègún é como a chuva que mata
Tètèrègún é como a chuva que dá vida⁶

BIRIBIRI BÍ TI MÀRIWÓ
JÈ ÒSÁNYÍN WÁLÈ MÀRIWÓ
BIRIBIRI BÍ TI MÀRIWÓ
BÁ WA T'ÓRÒ WA ŞE MÀRIWÓ

Na escuridão, *màriwó* traz luz
Màriwó deixe *ÓSÁNYÍN* ir para casa
Na escuridão, *màriwó* traz luz
Màriwó ajude-nos com nossos projetos.

Nas iniciações, o ritual de Ossaim é precedido de oferendas de comidas específicas dos orixás, que são entregues nas portas dos compartimentos sagrados, pelo próprio iaô, oportunidade em que é invocado Exu *Òdàrà*, para que, como responsável pelos "carregos", proporcione tranquilidade e alegria tanto nos rituais secretos quanto nos festejos franqueados ao público.

ÓRÚN A FÉSÚ ÒDÀRÁ
KÓ BA L'AYO
ÓRÚN A FÉSÚ
ASE LÈ BE KÓ BA L'O

O que entregamos a Exu Odara
que ele leve com alegria
O que entregamos a Exu,
Força poderosa, suplicamos que ele leve.

E, finalizando esta parte do ritual, o babalorixá ou a ialorixá abençoa todos os presentes com um cântico de exaltação aos orixás fundadores do culto no Brasil.

ASÉ K'ÓBA
BELEBE NI MO ŞE YO ATYÉ A
ASÉ K'ÓBA

BELEBE NI MO SE YO AIYÉ A
BA IYIN SE
BA IYIN SE K'ÒTUN
BA IYIN SE
BA IYIN SE K'ÒTUN

ONIKA NI MO JE
BELEBE NI MO SE YO AIYÉ A
ONIKA NI MO JE
BELEBE NI MO SE YO AIYÉ A
AIRÁ OTUN
BELEBE ÒRUN KAN
AIRÁ OTUN
BELEBE ÒRUN KAN

A força poderosa do Rei
Suavemente trará satisfação à Terra
A força poderosa do Rei
Suavemente trará satisfação à Terra
Glorificamos o Pai
Glorificamos o Pai da direita

Hoje (o Rei) vai me responder
Suavemente trará satisfação à Terra
Hoje (o Rei) vai me responder
Suavemente trará satisfação à Terra
Airá (o Rei guardião) da direita?
Suavemente alcançou o céu
Airá (o Rei guardião) da direita
Suavemente alcançou o céu

OMO'RA IYIN O'LO
OMO'RA IYIN O'LO

Abençoando todos os filhos
Abençoando todos os filhos

ASÁ.

O culto a Ossaim, com seu peculiar sistema de classificação de vegetais, seus mitos, ritos e cânticos sagrados, foi provavelmente, dentro do contexto jêje-nagô, uma das formas mais expressivas de resistência cultural. A utilização dos vegetais nos "terreiros", nos dias atuais, é o resultado de um longo processo de reinterpretação e reintegração por estes grupos étnicos que foram obrigados a transgredir as suas categorias básicas para reformular o mundo vegetal dentro de uma importância que é inerente ao seu contexto cultural.

NOTAS:

1. Fórmula mágica para esconjurar a morte.
2. Alusão feita às folhas, que, como o fio da faca, corta os infortúnios de nossas vidas.
3. O pássaro em pauta é *eyé*, o companheiro inseparável de Ossaim.
4. Para os antigos africanos, possuir cavalos era sinônimo de riqueza.
5. Alusão ao fato de a ovelha ter sua roupa natural — a lã.
6. *Tètérégún*, na liturgia dos vegetais, é a folha da vida e da morte.
7. *Orixá* considerado o dono do axé nos candomblés jêje-nagôs no Brasil.

Monografias dos Vegetais
com Denominações Jêje-Nagôs



ABÀFÈ



Nomes populares: Pata-de-vaca, unha-de-boi, unha-de-vaca, pata-de-boi, unha-de-anta, bauínia, bauínia-de-flor-branca, bauínia-de-flor-rosa, insulina vegetal

*Nome científico: 1) Bauhinia forficata Link., Leguminosae
2) Bauhinia candicans Benth.
3) Bauhinia purpurea L.*

Orixás: Obaluaiê e Oiá

Elementos: Terra/feminino

De origem discutível, pois alguns autores afirmam serem nativas da Ásia e da África tropical; todavia, uma grande maioria cita as bauínias como plantas originárias da América do Sul. As três espécies citadas ocorrem regularmente em todo o território nacional.

Embora não seja uma planta muito freqüente na liturgia dos vegetais, a pata-de-vaca é usada no *âgbo* e banhos para os filhos de Obaluaiê (branca) e de Oiá (púrpura), em algumas casas-de-santo.

A *Bauhinia purpurea*, que possui flores rosa-escuras ou púrpura, segundo alguns usuários, não são indicadas para combater a glicosúria; todavia, tem aplicação litúrgica.

Como fitofármaco, tanto a *B. forficata* (flores brancas e pétalas finas) quanto a *B. candicans* (flores brancas e pétalas largas) são amplamente conhecidas não só nos terreiros, como também pela população em geral, pois as duas são morfológicamente muito semelhantes, sendo usadas para combater o diabetes. Em outras indicações, sempre sob a forma de chá, por infusão ou decocção, as folhas destas leguminosas são utilizadas internamente contra afecções renais, incontinência urinária e poliúria, e, externamente, no combate à elefantíase.

ÀBÁMỌDÁ



Nomes populares: Folha-da-fortuna, fortuna, folha-grossa, milagre-de-são-joaquim

Nome científico: *Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken.,
Crassulaceae

Sinonímia: 1) *Bryophyllum calcinum* Salisb.
2) *Kalanchoe pinnata* Pers.

Orixás: Ifá, Oxalá e Xangô

Elementos: Água/feminino

Nativa das regiões tropicais asiáticas, foi introduzida há muito na América tropical, ocorrendo em todo o território nacional.

Em Ilê-Ifé, terra de Ifá, em território iorubá no sudeste africano, nas cerimônias para Obatalá e Yemowo, após os sacrifícios, as imagens desses orixás são lavadas com uma mistura de folhas, sendo uma delas o àbámọdá (Verger 1981:255), que também é conhecida pelos nomes iorubás *erú ọ̀dúndún*, *kantí-kantí* e *kóropò*n (Verger 1995:641).

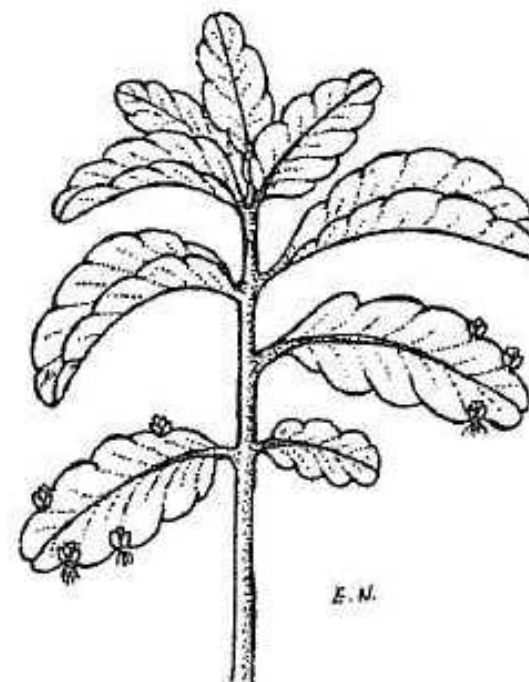
Àbámọdá, segundo Dalziel (1948:28), em dialeto iorubá significa "o que você deseja, você faz"; todavia, quando chamada de *erú ọ̀dúndún* (escravo de ọ̀dúndún), é considerada como folha subordinada e afim, que pode eventualmente substituir o ọ̀dúndún (*Kalanchoe crenata* (Andr.) Haw), segundo a cosmovisão jêje-nagô.

No Brasil, "alguns zeladores-de-santo consideram que a folha-da-fortuna pertence a Xangô"; todavia, uma grande maioria faz uso deste vegetal para diversos outros orixás, confirmando, desse modo, a tradição africana de que ela pertença aos orixás-*funfun* (originais), pois, quando um vegetal é usado para vários orixás é porque, com raras exceções, normalmente ele está ligado a Ifá ou Oxalá.

Uma característica dessa planta, é o surgimento de muitos brotos nas bordas das folhas, fato associado à prosperidade; por isso sua utilização é freqüente nos

rituais de iniciação, *agbo*, banhos purificatórios, sacralização dos objetos rituais dos orixás, "lavagem dos búzios e das vistas e para assentar Exu de mercado".

No campo medicinal, a folha-da-fortuna funciona como refrigerante, diurética e sedativa. Combate encefalias, nevralgias, dores de dente, coqueluche e afecções das vias respiratórias. É, ainda, utilizada externamente contra doenças de pele, feridas, furúnculos, úlceras e dermatoses em geral.



ÀBÀRÁ ÒKÉ



Nomes populares: *Baunilha-de-nícuri, baunilha-da-bahia, baunilha-de-fava-grande, baunilha-silvestre*

Nome científico: *Vanilla palmarum* Lindl., *Orchidaceae*

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta epífita da família das orquídeas, originária da Ásia, encontra-se aclimatada no Brasil. Vegeta em abundância nas regiões norte e nordeste, principalmente em áreas próximas ao vale do São Francisco.

Esta orquídea é utilizada nos rituais de iniciação, banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais do orixá.

Suas sementes são aromáticas e usadas medicinalmente nos casos de abalo do sistema nervoso, histerismo, hipocondria, melancolia, convulsão, coqueluche e tosses rebeldes. A planta toda é considerada afrodisíaca.

ÀBÈBÈ KÒ



Nomes populares: *Tira-teima, árvore-da-felicidade-macho, arália-cortina*

Nome científico: *Polyscias guilfoylei* Bailey, *Araliaceae*

Sinonímia: 1) *Nothopanax guilfoylei* Merr.
2) *Aralia guilfoylei* Bull.

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/feminino*

Planta originária da Ásia e cultivada em diversos países como ornamental. No Brasil, ocorre em todos os Estados.

Esta planta é conhecida nas casas jêje-nagôs, também pelos nomes *ábèbè kósí* ou *akósí*. É utilizada, com frequência, nos candomblés de Angola ou jêje, em banhos e sacudimentos; porém, nas casas de alaketu ou ketu, é usada na ornamentação de barracões. Existem variedades com as folhas ovaladas todas verdes, ovaladas com bordas brancas, e arredondadas com bordas brancas, esta última sendo a mais utilizada na liturgia. Seus nomes nagôs — *ábèbè kó* (= não é *ábèbè*) e *ábèbè kósí* (= falso *ábèbè*) são alusões feitas ao formato de suas folhas, que lembram o *ábèbè oşun* (*Hydrocotyle bonariensis* Lam.), reconhecida como o *ábèbè* verdadeiro de Oxum.

Popularmente, esta planta é utilizada na ornamentação de casas e jardins, não tendo utilidade medicinal.

ÁBÈBÈ ÒSÚN



Nomes populares: Erva-capitão, acariçoba, pára-sol, capitão, lodagem

Nome científico: *Hydrocotyle bonariensis* Lam., Umbelíferae

Sinonímia: 1) *Hydrocotyle umbellata* L. var. *bonariensis* (Lam.) Spreng
2) *Hydrocotyle multiflora* Ruiz & Pav.

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Planta nativa nas Américas que ocorre, também, na África do Sul, medrando na beira dos rios, lagos e lugares úmidos.

Esta planta tem "folhas que lembram o formato do leque que Oxum": é usada como paramento nas festas, daí a origem de seu nome nagô, *ábèbè* = leque, *òsún* = orixá Oxum. Utilizada nos terreiros jêje-nagôs, em rituais de iniciação, *ágbo* e "banhos de prosperidade". É conhecida, também, pelo nome nagô *akáro*, cujo nome significa "dá poder aos cantos", ou popularmente como folha-de-dez-réis.

O decocto das raízes da erva-capitão combate as afecções do baço, fígado, intestino, diarreias, hidropisias, reumatismos e sífilis, bem como a planta toda, em uso externo, serve para eliminar sardas e outras manchas da pele. As folhas tomadas com leite funcionam como calmante e tônico cerebral.

ABÉRÊ



Nomes populares: Picão, picão-preto, pico-pico, fura-capa, piolho-de-padre, cuambu

Nome científico: *Bidens pilosa* L., Compositae

Orixás: Exu e Oxum

Elementos: Terra/masculino

Planta muito popular no território nacional, tem sua origem na América tropical e encontra-se presente na Europa e na África.

As folhas são atribuídas, também, a Oxum, com larga utilização em "feitiços". Para esta finalidade são torradas em panelas de ferro, associadas a outros elementos, para a obtenção de atin (pó), seguindo o modelo mítico em que este orixá é considerado "a mãe dos feitiços". *In natura* suas folhas também são usadas em "assentamentos e trabalhos com Exu".

Utilizado no culto de Ifá pelos babalaôs, o picão tem os nomes iorubá de *eléşin máso*, *akéşin máso*, *oyà*, *malánganran*, *abêrê olóko*, *agamáyàn*, *agaran móyàn*, *àgbède dudu oko*, *ajísomobíàlá*, sendo empregada tanto em trabalho benéfico — "Proteção contra a ganância", quanto para malefício — "Trabalho para fazer alguém ter pesadelo" (Verger 1995:638,495,415).

O picão é uma planta largamente utilizada, sob a forma de chá, na medicina popular, no combate à hepatite; todavia, seu uso se estende aos casos de febre, males do fígado, rins e bexiga, beneficiando a função hepática e normalizando a diurese.

ÁBITÓLÁ



Nomes populares: *Cambará, camará, camará-de-chumbo, camará-de-espinho*

Nome científico: *Lantana camara L., Verbenaceae*

Sinonímia: 1) *Lantana undulata Schr.*
2) *Eupatorium hecatanthus Baker.*

Orixás: *Exu e Xangô*

Elementos: *Fogo/feminino*

Nativa na América tropical, encontra-se disseminada pelos continentes, principalmente o africano e o australiano.

Por ser considerada uma "folha quente" e ligada ao elemento fogo, em banhos é associada às "folhas frias para que haja equilíbrio".

Os africanos atribuem-lhe os nomes iorubás *ewôn àdèle, ewôn agogo e egúnwín* (Verger 1995:688), e utilizam-na em "receita para tratar hemorróidas internas" e "receita para tratar dor no pescoço" (Verger 1995:195, 225).

A população serrana do Estado do Rio de Janeiro costuma utilizar o chá das folhas do *cambará* como sucedâneo do café; e lhe atribuem um ótimo sabor.

Por suas propriedades balsâmicas, suas folhas em infusão têm vasto emprego no combate às doenças das vias respiratórias, bronquites, tosses, rouquidões e resfriados.

ÁFÒMÒN



Nome popular: *Erva-de-passarinho*

Nomes científicos: 1) *Phthirusa abdita S. Moore., Loranthaceae*
2) *Phthirusa teobromae Baill.*
3) *Psittacanthus calyculatus (DC) G. Don.*
4) *Phoradendron crassifolium Pohl. et. Sichl.*
(= *Viscum crassifolium Pohl.*)
5) *Sthuthantus marginatus Blume.*
(= *Sthuthantus flexicaulis Mart., S. Brasiliensis Lam., Loranthus marginatus Lam., Loranthus Brasilienses Lank., Phthirusa pyrifolia Eichl.*)

Orixás: *Obaluaiê, Oxumaré e Nanã*

Elementos: *Ar/masculino*

As diversas espécies existentes, em sua grande maioria, são nativas da América tropical e encontradas no Brasil. Estas plantas vegetam sobre árvores, propagando-se através dos pássaros que comem seus frutos, daí o nome comum de *erva-de-passarinho*. Embora consideradas parasitas, são, na verdade, hemiparasitas, pois fazem fotossíntese. Sua propagação independe de solo, por isso medram nas mais diversas regiões do país.

Áfòmón é o nome genérico dado pelos nagôs a diversas plantas que utilizam outros vegetais, principalmente árvores, como substrato. Normalmente pertencem à família das lorantáceas, embora algumas polipodiáceas ou convolvuláceas estejam, também, incluídas nessa categoria. São atribuídas aos orixás *Obaluaiê, Nanã* e *Oxumaré*, e empregadas nos rituais de iniciação e banhos purificatórios dos adeptos.

As várias espécies de *erva-de-passarinho* são utilizadas como remédio, em forma de chá, no combate a gripe, resfriado, pneumonia e bronquite. Todavia, embora suas sementes sejam comidas pelos pássaros, para as pessoas são consideradas muito adstringentes e, de algumas espécies, tidas como venenosas.

ÀFÓN



Nome popular:	Espelina-falsa
Nome científico:	<i>Clitoria gulanensis</i> Benth., Leguminosae
Sinónmia:	1) <i>Crotolaria guyanensis</i> Aubl. 2) <i>Crotolaria longifolia</i> Lam. 3) <i>Neurocarpum angustifolium</i> Kunth. 4) <i>Neurocarpum logifolium</i> Mart.
Orixás:	Obaluaiê e Nanã
Elementos:	Terra/masculino

Planta com ocorrência das Gutanas ao Estado de São Paulo, encontrada nos Estados de Minas Gerais e Mato Grosso.

Suas folhas são utilizadas na iniciação dos filhos de Obaluaiê e Nanã, servindo, também, para Oxumaré em banhos purificatórios.

Usa-se a infusão da raiz e o pó feito das sementes desta planta na fitoterapia, como diurética, purgativa, e para combater a cistite e uretrite.

ÀGBÁ



Nome popular:	Romanzeiro
Nome científico:	<i>Punica granatum</i> L., Punicaceae
Orixás:	Xangô e Ogum
Elementos:	Fogo/masculino

Arbusto nativo na Europa, Ásia e África, encontra-se aclimatado no Brasil, medrando preferencialmente em terras úmidas nos Estados do Sudeste e do Sul.

Provavelmente, por ser a romã um fruto que possui a forma de um *șère* (chocalho), ela tenha sido atribuída a Xangô, e suas folhas utilizadas em banhos purificatórios para os filhos deste orixá.

Em Cuba, a romã, chamada popularmente de granada, tem os nomes lucumi de *oroco*, *mayakú* e *yayekú-kansoré*. Suas folhas são dedicadas a Oiá e Xangô, e os frutos são oferecidos a este último orixá. Acreditam, ainda, que um ramo usado em casa tem o poder de afastar os Eguns, impedindo que estes perturbem o repouso das pessoas (Cabrera 1992:432).

Na medicina popular, o chá da casca da romã, em gargarejo, combate as inflamações da garganta. O xarope feito do suco do fruto é indicado contra amigdalites, afecções das vias urinárias, gastrites, cólicas intestinais e hemorróidas.

ÀGBÀDÓ



Nome popular: Milho

Nome científico: *Zea mays* L., Gramineae

Orixás: Ogum, Oxossi, Xangô, Iemanjá e Oxalá

Elementos: Terra/masculino

O milho é uma planta originária da América, que já era cultivada pelos nativos antes mesmo da descoberta do continente americano. É encontrado na Europa, Ásia e África, onde é utilizado para fins alimentares.

Suas sementes são de uso básico nas casas de candomblé, seja na culinária dos orixás, seja na alimentação cotidiana da comunidade.

O milho branco — *âgbádó funfun* — é empregado no preparo de acaçá (manjar envolvido em folha de bananeira) e ebô (milho cozido) para Oxalá, Iemanjá e outros orixás. Com a mesma massa usada para o acaçá, prepara-se o dengüé (mingau, refeição matinal do *iyáwô*).

O milho vermelho — *âgbádó pupa* — serve para fazer o acaçá vermelho (para Exu e Ogum), o axoxó (milho cozido) para Oxossi, Logum Edé e Ogum, e entra na composição do aluá, bebida fermentada de origem africana, servida em dias de festas nas casas-de-santo.

O milho verde em espiga é próprio de Oxossi, sendo também oferecido a Xangô Airá, no ritual da fogueira no dia 28 de junho, véspera do dia de São Pedro, santo católico com o qual este orixá é sincretizado. Serve, também, para fazer uns bolinhos semelhantes ao acarajé, que são apreciados por Yewá.

Segundo uma lenda africana, Xangô foi o primeiro orixá a moer o milho para servir de alimento, pois em uma de suas andanças teria encontrado alguns estrangeiros e com eles aprendido essa prática, que, posteriormente, ensinou aos seus súditos (Tapá) no território Bariba.

A planta toda é atribuída a Oxossi, e as folhas são usadas em defumação de terreiros e para "lavar os assentamentos de Exu" para atrair prosperidade e fartura.

Na África, o milho é conhecido pelos nomes iorubás *igbádo*, *oká*, *yangan*, *erín gbado*, *erinká*, *eginrin ágbado*, *elépèè*, *ijèjéré* (Verger 1995:737).

O "cabelo de milho" contido nas espigas, em chá ou decocto, é usado na medicina doméstica para combater problemas renais, e a farinha é indicada no caso de esgotamento físico.

ÀGBAÓ



Nomes populares: Imbaúba, árvore-da-preguiça, umbaúba, umbaiba, embaúba, baúna

Nome científico: *Cecropia palmata* Willd., Moraceae

Sinonímia: 1) *Cecropia peltata* Vell.
2) *Cecropia hololeuca* Miq.

Orixás: Ossaim e Xangô

Elementos: Terra/feminino

Encontrada da América Central ao Brasil, a imbaúba é comum na mata atlântica, onde ocorrem várias espécies muito semelhantes.

Mateiros e erveiros, quando vão à mata coletar ervas, costumam colocar sob a imbaúba oferendas de vinho moscatel, aguardente, fumo de rolo picado, mel e moedas com a finalidade de agradar a Ossaim, para que este permita que os vegetais que procuram sejam encontrados, caso contrário, "passarão várias vezes pela planta procurada e não a verão".

As folhas da imbaúba são utilizadas em rituais e banhos de purificação para os filhos de Xangô. Nas casas-de-santo, é comum encontrar-se sobre as folhas de *àgbaó*, oferendas de frutos dedicados a Ossaim.

Os santeiros cubanos atribuem a imbaúba, que eles chamam de *igi ogugú* e *láro* (Cabreira 1992:554), a Obatalá.

Na medicina popular, os frutos, que são comestíveis, utilizam-se contra asma e bronquite. O chá das folhas combate a pressão alta, sendo indicado, ainda, no tratamento de doenças respiratórias, pulmonares, cardíacas, renais e diabetes.

AGBÉYE



Nome popular: Melão-de-água

Nome científico: *Citrullus citrull* (L.) Karst., Cucurbitaceae

Orixás: Iemanjá e Oxum

Elementos: Água/feminino

Nas festas das Iabás, dia 8 de dezembro, este é um dos frutos oferecidos às "grandes mães" ou *Íyá Agbá*, com a finalidade de atrair fartura e promover a fertilidade. Provavelmente, trata-se de um ritual remanescente dos antigos cultos agrários na África.

Em Cuba, é conhecido também pelos nomes nagôs de *agüe tutu*, *itakún* e *ogguere*, sendo atribuído a Iemanjá, oferecido inteiro ou fatiado em sete pedaços (Cabreira 1992:488).

Na medicina popular é recomendado para mulheres com dificuldade de engravidar.

ÀGBÓLÀ



Names populares: Mata-pasto, fedegoso, fedegoso-branco, mata-pasto-liso

Nome científico: *Senna obtusifolia* (L.) Irwin & Barneby., Fabaceae (Leguminosae)

Sinonímia: *Cassia obtusifolia* L.

Orixás: Ojá e Egungun

Elementos: Fogo/feminino

Infestantes em áreas de lavoura, o mata-pasto tem sua origem, provavelmente, no continente americano, estando disperso nas regiões tropicais e subtropicais.

As folhas do *àgbólà* são utilizadas pelos adeptos dos candomblés jêje-nagôs, nos rituais de iniciação, banhos purificatórios e sacudimentos. No culto egungun, na Bahia, esta planta goza de grande prestígio, sendo considerada indispensável nos rituais dos ancestrais.

Na Nigéria e regiões vizinhas, este vegetal é utilizado na liturgia dos orixás, e conhecido pelos nomes iorubás *akọ réré*, *òpá ikú* e *àşimáwù* (Verger 1995:718).

ÀGBỌN



Names populares: Coqueiro, coqueiro-da-bahia, coco, coco-da-bahia

Nome científico: *Cocos nucifera* L., Palmae

Orixás: Oxalá, Iemanjá e Oxossi

Elementos: Ar/masculino

Embora sem comprovação, o coqueiro pode ser procedente do arquipélago malásio, na Ásia; todavia, ocorre espontaneamente nas áreas litorâneas da América tropical.

A palmeira pertence a Oxalá, porém seus frutos são utilizados para Iemanjá e Oxossi. "Para alguns tipos Iemanjá", prepara-se uma comida chamada *égbo-iyá*, que consiste em milho branco cozido e refogado no azeite-de-dendê, cebola ralada e camarão seco, adicionando-se, posteriormente, o coco ralado. Para Oxossi, serve-se o axoxó, de milho vermelho cozido, e o feijão-fradinho torrado, enfeitados com pedaços de coco.

Em Cuba, as cascas do coco são utilizadas para fazer previsões oraculares do mesmo modo como são usados no Brasil os búzios, o obi, o orobô e a cebola.

Conhecido, igualmente, pelos iorubás, o coco é utilizado também na composição de "receita para tratar hemorróidas externas" e "trabalhos para escapar de processos na justiça" (Verger 1995:159,341).

O leite extraído do fruto é largamente utilizado em iguarias da culinária nordestina.

A água contida no interior do coco é empregada, na medicina popular, para combater problemas intestinais, náuseas, vômitos da gravidez e, principalmente, os casos de desidratação.

AGOGÔ



Nomes populares: *Estramônio, figueira-do-inferno, trombeteira, erva-do-diabo, pomo-espinhoso*

Nome científico: *Datura stramonium L., Solanaceae*

Sinonímia:

- 1) *Datura pseudostramonium Sieb.*
- 2) *Datura tatula L.*
- 3) *Stramonium spinosum Lam.*
- 4) *Stramonium vulgarium Gaertn.*

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/feminino*

Conhecida praticamente em todas as regiões tropicais do mundo, o estramônio tem sua origem na Ásia, provavelmente no Himalaia.

Tema de um livro de Carlos Castañeda intitulado *A erva do diabo*, esta planta tem despertado o interesse de vários estudiosos das áreas de antropologia e etnobotânica, principalmente no que diz respeito à sua utilidade e função alucinógena em rituais indígenas. "Propriedades alucinogênicas da planta são conhecidas desde a antiguidade, sendo que em Delfos, na antiga Grécia, os sacerdotes usavam a planta para provocar delírios quando consultavam oráculos" (Kissmann 1995:472-III).

Nos cultos afro-brasileiros, o estramônio é utilizado, principalmente, "em trabalhos feitos com Exu".

Seu nome nagô deriva do fato de suas flores possuírem o formato semelhante ao da sineta (agogô) utilizada nos rituais como instrumento de percussão para chamar o orixá.

Planta considerada maléfica pelos cubanos, que a atribuem também a Exu e utilizam-na para envenenar ou provocar cegueira nas pessoas, sendo conhecida pelo nome lucumi de *ewé ofô* e *ewé echênla* (Cabrera 1992:416).

As flores brancas dessa solanácea, no formato de trombeta, são semelhantes às da *Datura suaveolens*; porém, bem mais alvas e menores. Toda a planta possui um princípio tóxico; embora seja usada na medicina popular, nos casos de asma, é narcótica e pode levar à morte.

ÀJÀGBAÓ



Nome popular:	Tamarineiro
Nome científico:	<i>Tamarindus indica</i> L., Leguminosae-Caesalpinioideae
Orixás:	Oxalá e Xangô
Elementos:	Arl/masculino

Planta de origem africana, encontrada subspontânea em áreas tropicais e subtropicais, adaptando-se com facilidade em diversos tipos de solos.

Árvore de grande porte, o tamarineiro, no Brasil, é tido como sagrado e atribuído a Oxalá, daí algumas vezes ser chamado também de *igi iwin*. Segundo Santos, "os espíritos que residem em algumas árvores consideradas sagradas são chamados de *Iwín*... Todas as sacerdotisas de *Òrìṣàlá*, por exemplo, trazem o nome de *Iwín* (*Iwín-tólá*, *Iwín-múwá*, *Iwín-ṣólá*, *Iwín dùnsí* etc.)" (1976:76,35). Alguns sacerdotes também associam o tamarineiro a Xangô, utilizando suas folhas em banhos purificatórios e em sacudimentos.

Cabrera (1992:547), na ilha de Cuba, cita o *tamarindus indica* como uma provável árvore de Oxalá (Dueño: Obatalá [?]) atribuindo-lhe o nome lucumi *iggi iyágbon*.

Os iorubás, no continente africano, dão a esta árvore o nome de *àjàgbon* (Verger 1995:727)

Suas folhas maceradas são utilizadas pela população do interior na higiene bucal cotidiana em substituição ao creme dental. Sob a forma de chá, em bochecho, é eficaz contra dores de dentes. A polpa do fruto, utilizada como refresco, é digestiva e laxante. Como "simpatia", utilizam-se folhas de tamarineiro colocadas sob o travesseiro para proporcionar sono tranqüilo às pessoas agitadas e que sofrem de insônia.

ÀJÓBI, ÀJÓBI OILÉ e ÀJÓBI PUPÁ



Names populares:	Aroeira-comum, aroeira-vermelha, pimenteira-do-peru
Nome científico:	<i>Schinus terebenthifolius</i> Radd., Anacardiaceae
Sinonímia:	<i>Schinus aroeira</i> Vell.
Orixás:	Ossaim, Ogum e Exu
Elementos:	Terra/masculino

Árvore provavelmente nativa do Peru, encontrada nas Américas. No Brasil medra principalmente nas regiões nordeste, sudeste e sul.

Nos candomblés jêje-nagôs, as folhas da aroeira-comum são empregadas nos sacrifícios de animais quadrúpedes. Acredita-se que, pela manhã, ela seja atribuída a Ogum, à tarde pertença a Exu e sirva, ainda, para enfeitar e vestir Ossaim. Seus galhos são utilizados em ebós e sacudimentos.

Como anti-reumático, a aroeira é freqüentemente utilizada na medicina popular. A resina é usada para combater orquites crônicas e bronquites. O cozimento da casca é indicado contra feridas, tumores, inflamações em geral, corrimentos e diarreias.

ÀJÓBI FUNFUN e ÀJÓBI JINJIN



Nomes populares: Aroeira-branca, aroeirinha, aroeira-de-mangue, aroeira-de-fruto-branco

Nome científico: *Lithraea molleoides* (Vell.) Engler.,
Anacardiaceae

Sinonímia: 1) *Lithraea aroeirinha* March.
2) *Schinus molleoides* Vell.
3) *Schinus leucocarpus* Mart.

Orixás: Xangô e Oiá

Elementos: Fogo/masculino

Árvore brasileira, que ocorre principalmente nos Estados do Nordeste ao Sul.

A aroeira-branca é conhecida também nas casas jêje-nagôs pelo nome de "àjóbi jinjin"; é usada, principalmente, em sacudimentos. Sendo "considerada uma folha quente, é utilizada em banhos de descarrego, porém não deve ser posta na cabeça". Em algumas casas esta planta é considerada "negativa", e por isso o seu emprego é evitado. Cruz (1982:71) cita que: "Desde longa data há uma crença arraigada, entre o nosso povo, de que a aroeira-branca desprende eflúvios ou emanação perigosa, que atacam quem dela se aproxima ou se abriga à sua sombra. Sabe-se que certas pessoas, em contato com essas emanações tóxicas, sofreram perturbações na pele, como sejam: urticária e coceira, aparecendo também febre e perturbações da vista."

Como medicamento é excitante e diurética. O cozimento das cascas da árvore servem, ainda, para combater diarreias, disenterias e infecções das vias urinárias.

AKAN



Nomes populares: Cará-moela, cará-do-ar, cará-de-corda, cará-de-sapateiro

Nome científico: *Dioscorea bulbifera* L., *Dioscoreaceae*

Orixá: Oxalá

Elementos: Terra/feminino

Esse tipo de cará, de tamanho reduzido, é utilizado no preparo de um pó (atín) para boa sorte, segundo uma fórmula muito conhecida nas casas-de-santo. "Em uma vasilha de barro nova e seca, deposita-se um bife de carne de boi, pequeno e fino, deixa-se a carne criar larvas, colocando-se a vasilha sobre um telhado. Quando a carne estiver completamente seca, tritura-se até tomar a consistência de um pó. Rala-se um cará-moela e mistura-se à carne pulverizada, torra-se tudo, adiciona-se efum, peneira-se até que se obtenha um pó fino e usa-se em casa e no trabalho para obter prosperidade."

O cará-moela é usado em diversos pratos na culinária nacional, porém o mais conhecido é o arroz preparado com essa espécie, que faz parte da dieta da população do interior.

Na África, o cará-moela também é consumido e conhecido pelos nomes iorubás *eminá*, *ewúra ešin*, e *dandan* (Verger 1995:663) em diversas regiões do Sudeste.

AKERI



Names populares: Murici, murici-do-campo, murici-pitanga, marajoara

Nome científico: *Byrsonima crassifolia* (L.)H.B.K., Malpighiaceae

Sinonímia: 1) *Byrsonima lanceolata* D.C.
2) *Byrsonima ferruginea* Benth.
3) *Byrsonima cotinifolia* H.B.K.

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

De origem brasileira, o murici é encontrado principalmente no Nordeste do país, onde é muito popular.

Os candomblés baianos e xangôs pernambucanos utilizam-se deste vegetal em rituais e banhos para os iniciados de Oxossi; porém, nos terreiros do Rio de Janeiro e São Paulo, ele é praticamente desconhecido, pois trata-se de planta tipicamente nordestina, não encontrada na região sudeste. Todavia, esta espécie é conhecida dos cubanos, que a atribuem a Oxum e utilizam-na em trabalhos de vingança. "Quemado, tapa la vista". "Pulverizado y con otros ingredientes se mezcla en el café o en cualquier otra bebida y se le da al hombre a quien se quiere, por venganza, privar prematuramente de su virilidad." (Cabrera 1992:514.)

Os nordestinos utilizam o fruto desta planta para preparar um refrigerante conhecido como refresco de murici, bebida muito difundida naquela região do país.

Como planta medicinal, o murici é tônico e adstringente, servindo para combater afecções respiratórias, bronquite, tuberculose e tosses.

AKÒKO



Nome popular: Acocô

Nome científico: *Newbouldia laevis* Seem., Bignoniaceae

Orixás: Ossaim e Ogum

Elementos: Terra/masculino

Planta originária da África, há algum tempo aclimatada no Brasil, principalmente na Bahia. No continente africano, ela é considerada árvore abundante, principalmente nas áreas de mercado onde são fincadas estacas de akòko e, quando os feirantes vão embora, os galhos enterrados brotam, dando origem a novas árvores; por isso, os iorubás lhe atribuem a fama de vegetal provedor de prosperidade.

Na cidade de Iré, local de culto a Ogum, na África, sob essa árvore são depositados os assentamentos desse orixá.

No Brasil, as folhas do akòko são utilizadas nos rituais de iniciação, no *àgbo* e em banhos para todos os iniciados, independentemente de qual seja o orixá. São empregadas para compor oferendas, e podem ainda, "em substituição ao são-gonçalinho, ser espalhadas no barracão nos dias de festas".

Respeitada como árvore sagrada, o akòko é utilizado tanto no culto aos orixás quanto nos terreiros *egúngún*, onde se cultuam os ancestrais ilustres, na Bahia.



AKONIJÉ, JOKOJÉ e JOKONIJÉ



Nomes populares: Jarrinha, cipó-mil-homens, caçau, angelicó, papo-de-peru

Nome científico: *Aristolochia cymbifera* Mart., *Aristolochiaceae*

Orixás: Ossaim e Oxum

Elementos: Terra/feminino

Originária da América do Sul, provavelmente do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, atualmente esta espécie é encontrada disseminada por diversas áreas tropicais e subtropicais do planeta.

Na liturgia dos orixás, essa trepadeira é importantíssima na feitura de santo, pois, é ela que, quando torrada e misturada com outros ingredientes, "abre a fala" (Santos 1976:47-48) do orixá, ou seja, permite ao orixá, quando incorporado, falar e emitir o seu ké (som característico de cada entidade). É uma folha do oro (ritual) de Ossaim, também atribuída a Oxum, conhecida nos candomblés brasileiros pelos nomes de *jokojé* e *jakonijé*.

O chá das raízes e do caule e a aplicação tópica do sumo das folhas são tidos como antídotos para diversos venenos de cobra, mas, quando empregados em doses elevadas, podem provocar náuseas e distúrbios de consciência. Para as mulheres grávidas é desaconselhável o seu uso, pois possui propriedades abortivas.

ALÉKÈSÌ



Nomes populares: São-gonçalinho, língua-de-teiú, chá-de-frade, vassatonga, língua-de-lagarto, erva-de-bugre, flauta-de-saira, erva-de-lagarto, pau-de-lagarto, petumba

Nome científico: *Casearia sylvestris* Sw., *Flacourtiaceae*

Sinonímia: 1) *Casearia punctata* Spreng.
2) *Casearia caudata* Witt.
3) *Casearia ovoidea* Sleum.
4) *Casearia parviflora* Willd.
5) *Casearia samyda* (Gaertn.) D.C.
6) *Casearia subsessiliflora* Lund.

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Espécie disseminada pelas Américas, sendo encontrada do México até a Argentina. No Brasil, ocorre desde o Pará até o Paraná.

Nas festas de candomblé é comum ver o chão do barracão forrado com as folhas de são-gonçalinho. Esta prática deve-se à crença de que as folhas dessa planta têm o poder de repelir "coisas negativas", por isso seus galhos são colocados também sob a esteira onde dorme o Iáô, por ocasião de sua iniciação, para que este fique protegido das influências nefastas dos Exus e Eguns.

O são-gonçalinho é uma planta que goza de grande prestígio dentro dos terreiros Ketu, pois está ligado a Oxossi, orixá patrono da nação, daí esse vegetal estar sempre presente nos rituais de iniciação, banhos purificatórios, sacralização dos objetos dos orixás e sacudimentos, sendo também utilizado como "vestimenta para os orixás Oxossi e Ossaim".

Nos terreiros de umbanda, essa erva é dedicada a Ogum e considerada de grande poder mágico, não podendo ser queimada, pois atrai má sorte, daí não ser utilizada em defumações.

Acredita-se que as folhas de são-gonçálinho, sob a forma de chá, tenham propriedades calmantes e depurativas, e contenham princípios antiinflamatórios e analgésicos. Maceradas e usadas topicamente, ajudam nos casos de picadas de cobras e insetos.

ALUBOSA



Nome popular: *Cebola*

Nome científico: *Allium cepa L., Liliaceae*

Orixás: *Oxalá e Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

Originária da Índia e da antiga Pérsia, a cebola, por ser um produto de grande valor comercial, é hoje cultivada em quase todos os países do mundo.

Em determinadas obrigações, nos terreiros de candomblés, o bulbo da cebola substitui o obi e o orobô nos jogos divinatórios que precedem as oferendas. Quando partida ao meio, no sentido vertical, fornece respostas positivas e negativas; quando em quatro pedaços iguais eles são lançados sobre um prato branco, para se descobrir o desejo dos orixás. Sua leitura é feita a partir da posição em que caem. Quando a parte interna de cada pedaço está voltada para cima, ele é interpretado como "aberto" e a externa como "fechado". O jogo é processado do seguinte modo:

— 4 abertos = ALAFIÁ : Significa que tudo está ótimo, a jogada é positiva e favorável. Se for o caso de oferendas, estas foram bem aceitas pelo orixá.

— 3 abertos e 1 fechado = ÔTÚRA : Significa uma situação neutra ou duvidosa, deve-se jogar novamente para se obter a resposta bem definida; todavia, se os orixás indagados forem Iemanjá ou Ogum, esta jogada tem o mesmo significado de OJONILÉ.

2 abertos e 2 fechados = OJONILÉ : Significa a confirmação do que foi perguntado ou da jogada anterior.

1 aberto e 3 fechados = ODÍ : Significa uma situação desfavorável ou negativa. Se for o caso de oferendas, o orixá não está satisfeito.

4 fechados = OKANRAN : Esse signo representa Exu e mostra uma situação negativa e nefasta. Se for o caso de oferendas, as mesmas não foram aceitas pelo orixá.

Tanto no Brasil quanto na África, a cebola é um tempero básico no preparo das comidas de todos os orixás.

No continente africano ela é conhecida por diversos nomes, entre eles, *âlù-bó-sá gâmbârí*, *âlùbôsà kêtá* e *èlùbásà* (Verger 1995:630), sendo utilizada "... para tratar picada de cobra" e em "trabalho para agradecer ao ser supremo" (Verger 1995:245,309).

Como remédio, é um dos mais completos que a natureza já nos presenteou. Suas indicações terapêuticas são variadas, pois funciona como depurativo, emoliente, diurético, laxante, antibiótico, antitérmico, antitussígeno, anti-hemorrágico, anti-reumático, calmante, alcalinizante, mineralizante, antiálgico, anticoagulante, aperiente e vermífugo. Destaca-se, ainda, como um grande aliado no combate ao colesterol.

ÀLÛBÔSÀ ELÉWÉ



Nome popular: Cebolinha-branca

Nome científico: *Allium aescalonicum* L., Liliaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/masculino

No Brasil, a cebolinha-branca é utilizada como tempero para realçar o sabor dos alimentos na cozinha popular. Na cozinha litúrgica das casas de candomblé, ela constitui um dos elementos mais utilizados no preparo de oferendas, substituindo a cebola comum.

Na África, essa planta, que é conhecida também por *âlùbôsà onísu* (Verger 1995:630), é utilizada juntamente com outros ingredientes na composição de fórmulas excitantes para os iniciados, quando o Orixá está muito calmo, em diversos trabalhos praticados pelos sacerdotes de Ifá ou como medicamento na cura de várias doenças.

Com a cebolinha-branca, prepara-se um xarope melado expectorante que combate gripes, resfriados e catarros persistentes.

ÀLÚKERÉSE



Nomes populares: *Dama-da-noite, campainha, corriola-da-noite, boa-noite, abre-noite-fecha-dia*

Nome científico: *Ipomoea alba* L., *Convolvulaceae*

Sinonímia: 1) *Convolvulus aculeatus* L.
2) *Convolvulus aculeatus* var. *bona-nox* L.
3) *Ipomoea bona-nox* L.
4) *Calonyction bona-nox* (L.) Boj.
5) *Calonyction aculeatum* Choisy

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Ar/feminino*

Planta originária da América tropical, dispersa por todos os continentes, sendo uma espécie freqüente e bastante disseminada no território brasileiro. Kissmann (1992:522-II) relata a existência das variedades *gigantea*, *muricata* e *vulgaris* no Nordeste brasileiro, e Pott & Pott (1994:98) mencionam que o cálice (flores brancas) é utilizado como comestível em sopas e que as sementes eram usadas pelos escravos como sucedâneo do café.

Nos cultos de origem jeje-nagô, as folhas da dama-da-noite são utilizadas na iniciação dos filhos de Oxalá e em "banhos de prosperidade", pois acredita-se que, sendo um vegetal de fácil expansão e que produz farta ramificação, por analogia, no plano litúrgico, está associado a fartura.

Sob as denominações iorubás de *àlùkérése*, *àlùkérése pupa*, *afákájù*, *òdódò oko* e *òdódò odò*, Verger (1995:684) dá a classificação científica de *Ipomoea involucreta* P. Beauv., a qual não conseguimos determinar se é sinonímia da *I. alba* ou se se trata de outra espécie.

Como fitofármaco, o banho feito com os ramos desta convolvulácea é tido como um tratamento eficaz nos casos de reumatismo, servindo ainda para "amolecer inflamações cutâneas".

ÀLÙMỌN ou ÉWÚRÓ



Nomes populares: *Boldo-paulista, alumã, boldo-japonês, boldo-brasileiro*

Nome científico: *Vernonia condensata* Baker., *Compositae*

Sinonímia: *Vernonia amygdalina* Delile

Orixá: *Ogum*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta encontrada no Brasil, em estado espontâneo nas regiões nordeste e sudeste.

Este vegetal é também conhecido nos candomblés jeje-nagôs pelo nome de *éwóró*, e utilizado nos rituais de iniciação, *àgbo*, banhos de purificação e sacudimentos.

Verger (1995:734) atribui ao *àlùmọn* os nomes iorubás *Ewúro jije*, *ewúro gidi*, *ewúro oko*, *ewúro, pákò* e *orín*.

No campo fitoterápico, um cálice do sumo das folhas do boldo-paulista, embora amargo, é comprovadamente um excelente remédio para combater enjôos provocados pela má digestão ou problemas hepáticos.

ALÛPÀYIDÀ



Nomes populares: *Lingua-de-galinha, guaxima, lingua-de-tucano, guanxuma fina e malva-lingua-de-tucano*

Nome científico: *Sida linifolia Cav., Malvaceae*

Sinonimia:

- 1) *Sida angustissima Juss. Ex Cav.*
- 2) *Sida campi Vell.*
- 3) *Sida longifolia Brandeg.*
- 4) *Sida linearifolia Schum. & Thonn.*

Orixás: Oxumaré e Nanã

Elementos: Terra/masculino

Planta anual que floresce nos meses de setembro a abril, e reproduz-se, apenas, por sementes. Nativa da América do Sul, é encontrada em todas as regiões do país.

Na liturgia dos orixás, as folhas da língua-de-galinha são utilizadas nos rituais de iniciação dos filhos de Oxumaré, em banhos purificatórios ou em sacudimentos.

Na África, este vegetal tem os nomes iorubás *òbóníbi, isó, òbòlè e òbóló-kólépo n.* sendo utilizado em "receita para tratar criança que come terra", "receita para ser utilizada durante a gestação" e "trabalho para vencer os inimigos" (Verger 1995:720,235,275,353).

ÀMÙ



Nomes populares: *Sete-sangrias, erva-de-sangue, balsamona, baba-de-burro, escorrega, sete-chagas*

Nome científico: *Cuphea balsamona Ch. & Sch., Lythraceae*

Sinonimia:

- 1) *Cuphea aperta Koelm.*
- 2) *Cuphea divaricata Pohl.*

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/feminino

Distribuída por quase todas as regiões do território nacional, ocorre em terrenos e áreas urbanas.

A sete-sangrias, nos cultos jêje-nagôs, é utilizada em banhos purificatórios para os iniciados de Obaluaiê, também servindo para os filhos de Nanã e Oxumaré, quando estes são acometidos de afecções cutâneas, consideradas como marcas ou "chagas do orixá da varíola".

Como medicamento, utiliza-se esta erva para combater a arteriosclerose, hipertensão arterial, palpitações cardíacas, inflamações da mucosa intestinal, doenças venéreas e afecções da pele.

AMÚNIMÚYĚ



Nomes populares: *Balainho-de-velho*, *perpétua*, *perpétua-roxa*, *perpétua-do-mato*

Nome científico: *Centratherum punctatum* Cass. *asteraceae* (*Compositae*)

Sinonímia: 1) *Centratherum intermedium* Less.
2) *Amphirephis intermedia* Link

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

"Planta nativa na Costa Atlântica da América tropical. Presente na maior parte do território brasileiro, ocorrendo do Amapá ao Rio Grande do Sul, com maior expressão na região nordeste" (Kissmann 1992:207).

O balainho-de-velho é uma planta considerada misteriosa. Sua principal utilidade no culto de *Ossaim* "é tirar a consciência do filho-de-santo" quando em transe, independentemente do orixá que venha a incorporar; por isso, ela é utilizada nos rituais de iniciação e no *sigbo* do *iaô*.

Existe uma lenda, muito conhecida na África e nos terreiros de *candomblés* brasileiros, sobre *Ossaim* e *Oxossi*, alusiva a este vegetal, que é descrita por Verger (1981:113/114), onde *Ossaim*, utilizando-se do *amúnimúyĚ*, cujo nome significa "apossa-se de uma pessoa e de sua inteligência", provocou em *Oxossi* uma amnésia, para que este permanecesse em sua companhia.

ANDARÁ



Nomes populares: *Visgueiro*, *faveiro*

Nome científico: *Parkia multijuga* Benth.,
Leguminosae-Mimosoideae

Sinonímia: *Dimorphandra megacarpa* Rolfe.

Orixás: *Ogum* e *Oxossi*

Elementos: *Terra/masculino*

Árvore nativa da região amazônica, ocorre do Norte ao Sudeste em florestas e várzeas de solo argiloso.

Na liturgia *jêje-nagô*, a parte mais utilizada deste vegetal são as vagens. Colocadas sobre os objetos rituais, têm a finalidade de proteger os iniciados. Torradas e pulverizadas juntamente com outros vegetais, dá origem a um "atin" (pó) que, acredita-se, atrai prosperidade.

Na medicina popular, o cozimento concentrado das cascas do tronco do visgueiro acelera a cura e evita infecções quando aplicado sobre hemorragias provocadas por golpes.

ANTIJUÍ



Nomes populares: Trombeta-branca, cálice-de-vênus, trombetão-branco, trombeta-de-anjo, saia-branca, vestido-de-noiva, zabumba-branca, trombeta-cheirosa, babado, dama-da-noite

Nome científico: *Brugmansia Suaveolens* Bercht & Presl., Solanaceae

Sinonímia: 1) *Datura suaveolens* H.B. ex Willd.
2) *Datura arborea* sensu Sendth. In Mart.
3) *Datura gardneri* Hook.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Medrando do Norte ao Sul no território nacional, a trombeta-branca tem sua origem no México. Encontram-se variedades com flores brancas, amarelas ou róseas.

Nos cultos afro-brasileiros, as folhas dessa solanácea são utilizadas em sacudimentos de casas e em banhos de purificação, misturadas com outras ervas, para cortar as más influências que atuam sobre as pessoas. São, ainda, aplicadas em forma de decocto para lavagem de afecções vaginais.

Como medicamento, combatem asma e hemorróidas irritadas, doloridas e inflamadas, servindo ainda no tratamento do reumatismo.

APÁLÁ



Nome popular: Pepino

Nome científico: *Cucumis sativus* L. Cucurbitaceae

Orixá: Ossaim

Elementos: Água/masculino

O pepino juntamente com a couve, o repolho, a abóbora, a batata-doce, a cenoura e o chuchu formam os sete elementos que compõem o ebó conhecido pelo nome "tudo que a boca come", utilizado com a finalidade de "limpar" pessoas doentes que procuram tratamento nas casas de candomblé.

Embora sendo comumente utilizado em saladas, o pepino possui propriedades terapêuticas que o indicam nos casos de reumatismo, gota, erupção cutânea, cistite, enterocolite, amigdalite, laringite e cólicas em geral.

APÁÒKÁ



Nome popular: Jaqueira

Nome científico: *Artocarpus integrifolia* L. f., Moraceae

Orixás: Apáòkà, Xangô e Exu

Elementos: Fogo/masculino

Árvore de origem indiana, encontra-se disseminada por diversas regiões tropicais e subtropicais do mundo, inclusive África e Brasil.

Apáòkà (Ópa = cajado, cetro + Oká = serpente africana) é o nome de uma entidade fitomórfica considerada a mãe de Oxossi, cultuada numa jaqueira. Nas casas mais antigas dos candomblés de origem jêje-nagôs, esta árvore é ornada com grandes laços de tecido que a distinguem como sagrada. "Em suas raízes potes de barro contendo água também sinalizam o sagrado" (Barros 1995:84).

As folhas da jaqueira são utilizadas para assentar Exu e em banhos para os filhos de Xangô; porém, seu fruto não deve ser consumido por esses iniciados.

Na África, a jaqueira é conhecida também pelo nome iorubá *tapónurin* (Verger 1995:636).

Os caroços da jaca, assados ou cozidos, lembram a castanha portuguesa e são tidos como afrodisíacos. Na medicina popular, este vegetal é utilizado como estimulante, antidiarréico, antiasmático, antitussígeno e expectorante.

ÁPÉJÊ



Names populares: Dormideira, sensitiva, malícia-de-mulher, maria-fecha-porta, juquiri-rasteiro, dorme-dorme, não-me-toques, erva-viva, malícia

Nome científico: *Mimosa pudica* L., Fabaceae (Leguminosae)

Sinonímia: 1) *Mimosa sensitiva* L.
2) *Mimosa dormens* H.B.K.

Orixás: Exu e Oiá

Elementos: Fogo/masculino

Tendo a sua origem na América tropical, hoje está disseminada pelos continentes, inclusive a África. No Brasil, ocorre em quase todo o território nacional, porém, com mais frequência do Nordeste ao Sudeste.

Esta folha, associada ao *ámunimuyé* e outras, compõe uma mistura ritual que é utilizada com a finalidade de tirar a consciência mediúnica dos filhos-de-santo (Barros 1994:33/34), porém, em outras ocasiões é utilizada para assentar Exu e em trabalhos com este orixá.

Em Cuba, a dormideira é conhecida pelos nomes lucumis *eran kumi*, *eran loyó*, *omimi* e *yaránimó*, sendo atribuída a Yewá e utilizada para despertar a sensibilidade do iniciado, e em trabalhos amorosos (Cabrera 1992:543). Na África atribuem-lhe os nomes *patonmó*, *pamámó àluro*, *paidímó* (Verger 1995:697).

Na medicina popular, a sensitiva é utilizada em torma de chá contra os males do fígado, flatulência e dores de cabeça, e em cataplasma para debelar abscessos e combater escrofulose. As folhas possuem, ainda, propriedades purgativas, e em gargarejo alivia a dor de dente.

ÀPÈJEBÍ



Nomes populares: Rabujo, paracari, meladinha-verdadeira

Nome científico: *Stemodia viscosa* Roxb., Escrophulariaceae

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/masculino

Encontrado no Nordeste, o rabujo é um arbusto de folhas viscosas que medra em campos e cerrados.

Planta utilizada em banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais do orixá.

Na medicina popular, esta planta é utilizada no combate à asma, tosse nervosa, e também como antiofídico, tanto externa como internamente.

ÀRÀBÀ



Nomes populares: Sumaúma-da-várzea, árvore-da-sede, paina-lisa, sumaúma-verdadeira, sumaúma

Nome científico: *Ceiba pentandra* (L.) Gaertn., Bombaceae

Sinonímia: 1) *Bombax pentandrum* L.
2) *Bombax orientale* Spreng.
3) *Eriophorus javanica* Rumph.

Orixá: Ogum

Elementos: Terra/masculino

Planta de origem brasileira, que ocorre em florestas úmidas, inundadas ou pantanosas da região amazônica. Encontrada, também, no continente africano.

O Àrãbã é uma árvore de grande porte, utilizada no culto a Ogum. É sob esta árvore que o assentamento desse orixá costuma ser feito na Nigéria e no Daomé (Santos 1976:92), onde lhe são atribuídos, também, os nomes *ègungun ògún*, *ogbungùn* e *owú èègun* (Verger 1995:645) pelos iorubás, que a consideram sagrada. Tal costume foi preservado nas "casas de nagô", na região norte do Brasil; todavia, nos candomblés do Nordeste (Bahia e Pernambuco), a sumaúma-da-várzea é pouco citada. As folhas desta árvore entram na iniciação, no *àgbó* e banhos purificatórios dos filhos de Ogum.

À sumaúma-da-várzea são atribuídas propriedades terapêuticas úteis nos casos de diarreias, disenterias, e facilita a diurese.

ÀRIDAN



Nome popular: Aridan

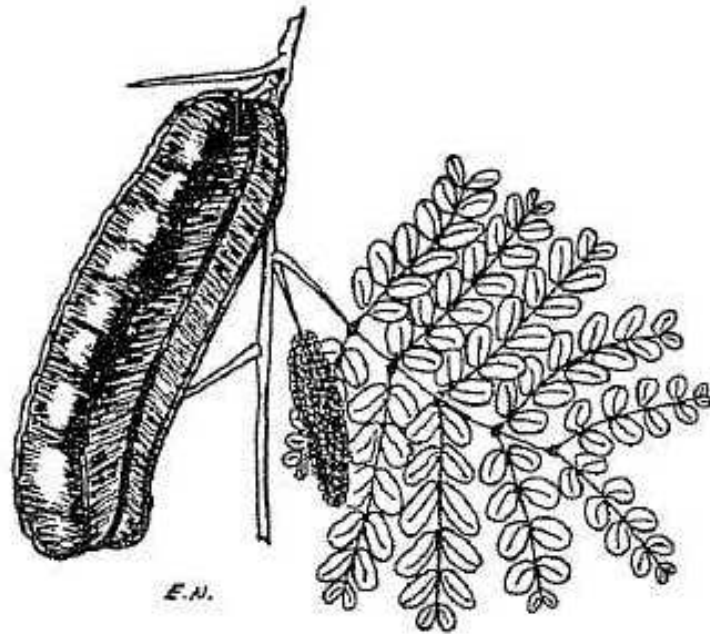
Nome científico: *Tetrapleura tetraptera* (Schum & Thour.)
Taub., Leguminosae-Mimosoideae

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Esta árvore de origem africana é cultivada no Brasil, provavelmente trazida por escravos para utilização litúrgica.

Os frutos do aridan são favas utilizadas nas casas de candomblé, no *agbo* do iniciado, em assentamentos de Exu, Ogum, Omolu, Oxum e Xangô Baru, e na preparação de pó usado para combater feitiços. Certamente, o fato de colocar-se as favas de aridan dentro dos assentamentos dos orixás denota uma preocupação em manter-se resguardado contra qualquer tipo de magia nefasta que tenha por objetivo prejudicar a casa e as pessoas que zelam por tais objetos. Com essa mesma finalidade é comum encontrar-se favas penduradas atrás de portas, que, segundo alguns, emitem uma luz "quando alguém manda algum feitiço".



Segundo Verger, este vegetal de mesmo nome na África tem um vasto emprego nos rituais dos iorubás, pois é utilizado, tanto em trabalhos benéficos, para combate às bruxarias praticadas pelas feiticeiras africanas (*Iyámi*) e para livrar as pessoas que estejam sob o efeito da magia maléfica dessas entidades, quanto de forma maléfica em "trabalho para enlouquecer alguém", ou mesmo em "trabalho para tornar-se iyámi" (1995:415,305).

ÀRÚNSÁNSÁN



Names populares: Erva-de-são-joão, mentrasto, catinga-de-bode, picão-roxo, macela-de-são-joão

Nome científico: *Ageratum conyzoides* L., Compositae

Sinonímia: 1) *Ageratum maritimum* H.B.K.
2) *Ageratum mexicanum* Sims.
3) *Ageratum obtusifolium* Lam.
4) *Cacalia mentrasto* Vell.

Orixás: Xangô e Orumilá

Elementos: Fogo/feminino

Planta nativa da América tropical, disseminada pelas diversas regiões tropicais e subtropicais do planeta.

Nos candomblés brasileiros esta planta é conhecida também pelo nome nagô *isúmi uré*. É utilizada em banhos de purificação e sacudimentos para combater feitiços, pois é considerada uma das melhores "folhas de defesa" nos terreiros jêje-nagôs.

Na África, essa erva é citada como *àrún sánsán*, *imí esú* e *akọ yúnyun*. (Verger 1995:629), sendo usada em uma "receita para tratar criança que come terra" e como "proteção para evitar agressão de alguém" (Verger 1995:235,435), pois tem a finalidade de combater feitiços enviados pelas *Íyámi* (feiticeiras).

Como fitofármaco, emprega-se o chá das folhas contra cólicas intestinais provocadas por aerofagias, diarreias, reumatismo, artrose e como antidepressivo. É tônico, excitante, antiinflamatório, analgésico e cicatrizante. Utilizado em banhos, combate a fraqueza do organismo.

ÀRÚSÒ



Names populares: Alfazema-do-brasil, rasmarinho

Nome científico: *Hyptis carpinifolia* Benth., Lamiaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Terra/masculino

Vegetal nativo no Brasil, considerado sucedâneo da *Lavandula vera*, que, por sua fragrância adocicada e suave, a torna preferida dos orixás femininos, especialmente "da dona dos perfumes, Oxum". É comum encontrar essências à base de lavanda nas oferendas feitas no mar e em rios ou nas festas públicas dos terreiros, quando as pessoas jogam "água de cheiro" sobre as Iabás.

Com as folhas maceradas do *hyptis*, preparam-se banhos que são muito apreciados na umbanda e considerados como "de atração" e despertando os amantes indiferentes. No candomblé, porém, estes banhos são desaconselhados, pois podem "atrair quem não se deseja". Enquanto defumador, suas folhas misturadas ao alecrim, benjoim, mirra e incenso servem para atrair boa sorte.

Na fitoterapia, a alfazema-do-brasil, sob a forma de banho, é considerada antifebrífugo, especialmente para crianças.

ÀSARÁGOÇO



Nomes populares: Vassourinha-de-relógio, vassourinha, zanzo, relógio, mata-pasto, guanxuma, guanxuma-preta e malva-preta

Nome científico: *Sida rhombifolia* L., Malvaceae

Sinonímia: 1) *Sida alba* Cav., non L.
2) *Sida retusa* L.

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Planta encontrada como invasora de pastos e jardins, que tem origem no continente americano. Ocorre em todas as regiões do Brasil, e com menor intensidade no sul dos Estados Unidos.

A vassourinha-de-relógio é uma planta muito utilizada em sacudimentos com a finalidade de descarregar pessoas e casas. Na iniciação, é utilizada na sacralização dos objetos rituais dos orixás.

Na África, entre os iorubás, é conhecida pelos nomes *ifin* e *ewé ifin* (Verger 1995:720), sendo usada com fins litúrgicos e medicinais.

ÀŞÍKÛTÁ e EFİN



Nomes populares: Malva-branca, guanxuma, malva-veludo, guaxima, malva

Nome científico: *Sida cordifolia* L., Malvaceae

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Encontrada em áreas tropicais de vários continentes, esta planta é nativa das Américas e ocorre do sul dos Estados Unidos até a Argentina. No Brasil é encontrada em grandes concentrações nos Estados do Norte, Nordeste e Sudeste.

Conhecida também nos candomblés brasileiros pelos nomes de *efin*, esta planta entra na composição do *âgbo* e em banhos purificatórios nas casas-de-santo, sendo utilizada por todos, principalmente aqueles ligados a Oxalá, Iemanjá, Oxum e Oxossi; todavia, nos batuques rio-grandenses, esta planta é utilizada em banhos e rituais para Xapanã.

Empregadas na liturgia pelos iorubás, é conhecida na Nigéria pelo nome *èkuru oko* (Verger 1995:720).

As folhas da malva-branca possuem propriedades emolientes e, amassadas, são aplicadas sobre picadas de vespas. O decocto das raízes é usado, externamente, para combater a blenorragia.

ATA



Nome popular:	Pimenta-malagueta
Nome científico:	<i>Capsicum frutescens</i> L., Solanaceae
Sinonímia:	<i>Capsicum brasilianum</i> Cluss.
Orixá:	Exu
Elementos:	Fogofeminino

Florescendo em todo o Brasil, onde é consumida em abundância, principalmente nos Estados do Norte e Nordeste, a pimenta-malagueta tem sua origem na América do Sul; todavia, na atualidade, é cultivada no Japão, Índia e África.

Ata ou ataré, para os nagôs, são nomes genéricos de vários tipos de pimentas das famílias das solanáceas e das zingiberáceas, comumente utilizadas para "esquentar" o orixá ou para trabalhos de feitiçaria que causem brigas, confusões e "queimações", atribuídos a Exu. Na cozinha baiana, a pimenta-malagueta é consumida em larga escala, nos pratos típicos como acarajé, vatapá e moquecas, onde é tradicional o uso do termo "quente" para designar um alimento apimentado. Acreditamos que a sua característica *gún* (excitação), utilizada no sistema classificatório dos vegetais (Barros 1993:104), originou a designação "quente" do vocabulário popular baiano.

Na santeria cubana, a pimenta-malagueta é atribuída também a Ogum e Ossaim. Todavia, na África, os iorubás a utilizam para trabalhos de magia, e dão-lhe os nomes de *ata olóbènkàn*, *ata eye* e *ata sísebè* (Verger 1995:644).

Carminativa e excitante do aparelho digestivo, as folhas da pimenta-malagueta, possuem propriedades terapêuticas que combatem inflamações na garganta, angina, uretrite, blenorragia, congestão cerebral e meningites. São usadas, ainda, para "amadurecer furúnculos e evitar queda de cabelo". O consumo de seus frutos é contra-indicado nos casos de gastrite, úlceras e hemorróidas.

ATA DUDU



Nome popular:	Pimenta-do-reino
Nome científico:	<i>Piper nigrum</i> L., Piperaceae
Orixá:	Exu
Elementos:	Fogofeminino

Conhecida há séculos, a pimenta-do-reino sempre teve destaque na economia das nações por ser condimento utilizado internacionalmente. Procedente da Índia e da Indochina, é cultivada no Brasil, sendo o comércio de seus frutos de data de época anterior ao descobrimento das Américas.

Como tempero é utilizada com frequência no preparo de pratos populares, no cotidiano das casas de candomblés; porém, não só os frutos como também as folhas são usadas, principalmente pulverizadas em trabalhos ritualísticos ligados a Exu.

É contra-indicada nos casos de hemorróidas e problemas renais.

ATAARE



Nome popular: *Pimenta-da-costa*

Nome científico: *Aframomum melegueta* (Roscoe)
K. Schum., Zingiberaceae

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta da família das anonáceas, originária do continente africano, cultivada no Nordeste brasileiro.

Embora atribuída a Exu, este tipo de pimenta tem várias utilidades nos rituais dos orixás, sendo utilizado no borí, nos assentamentos de alguns orixás, nos rituais de Ossaim e para fazer pós e ebós. É um vegetal ambíguo, pois presta-se também a trabalhos maléficos. Todavia, tem destaque no culto, uma vez que é prestigiado no ritual da sasanhe com um *korin ewé* próprio: "ÈTA OWÓ ÈTA OMO ÁTÁARÉ KÚ GBOGBO GBÉRÚ RẸ O" — "Três é dinheiro, três é filho — Átáaré leve os carregos de morte." É comumente mastigada pelos sacerdotes quando dirigem suas súplicas e desejos aos orixás, pois acreditam que tem o poder de purificar o hálito.

Na África é também conhecida entre os iorubás pelos nomes *òbùró*, *ata*, *ata ire*, *atayé*, *atayé isa*, *atayé rere* e *etalúyà* (Verger 1995:628).

ATOPÁ KUN



Nome popular: *Arruda*

Nome científico: *Ruta graveolens* L., Rutaceae

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/feminino*

Usada desde a antiguidade, a arruda tem sua origem no Mediterrâneo, mas está disseminada por vários continentes.

Popularmente, é utilizada para "cortar o mau-olhado" em rezas e benzeduras, como também é comum encontrar-se plantada em vasos, em portas de casas de comércio, com a finalidade de proteger o ambiente. Atrás da orelha se constitui em um amuleto para afastar o azar. Na umbanda e nos candomblés de Angola, é utilizada em banhos e sacudimentos para afastar a má sorte. Com os galhos secos, confeccionam-se figas que são usadas com a finalidade de proteger contra mau-olhado e feitiços. Todavia, nos terreiros jêje-nagôs da Bahia e do Rio de Janeiro, ela tem seu uso proibido, pois "é um ewó da nação" (interdito).

Embora considerada tóxica e abortiva, a arruda possui propriedades terapêuticas que combatem a clorose, paralisias, nevralgias, flatulências e incontinência urinária. Segundo Sangirardi Jr. (1981:61), "a arruda, com fama de anafrodisíaca, era cultivada principalmente nos claustros. Máxima latina, no entanto, diz que a arruda extingue o desejo sexual do homem, mas exacerba o da mulher..."

ÀTÒRÌNÀ



Nome popular:	Sabugueiro
Nome científico:	<i>Sambucus nigra</i> L., Caprifoliaceae
Sinonímia:	<i>Sambucus australasica</i> Fritsch.
Orixá:	Obaluaiê
Elementos:	Fogo/masculino

Planta que ocorre no Brasil, medrando, principalmente, nos Estados do Nordeste, Sudeste e Sul.

Suas folhas são empregadas nos rituais de iniciação, oferendas e banhos purificatórios dos filhos de Obaluaiê.

Na forma de chá, o sabugueiro é usado popularmente contra as afecções broncopulmonares. Excitante, sudorífico, febrífugo, combate resfriados, gripes, angina, hidropisia, inflamações da pele, furúnculos, queimaduras e erisipela.

AWỌ PUPÁ



Nomes populares:	Cipó-chumbo, cipó-dourado, fios-de-ovos, aletria, espaguete, tinge-ovos, cuscuta
Nome científico:	<i>Cuscuta racemosa</i> Mart., Convolvulaceae (Cuscutaceae)
Sinonímia:	1) <i>Cuscuta citricola</i> Schl. 2) <i>Cuscuta Suaveolens</i> Lechler.
Orixás:	Ossaim, Obaluaiê e Ogum-já
Elementos:	Terra/masculino

Originária do Chile, esta espécie é muito semelhante a outras que são nativas da Europa.

Como todas as ervas que utilizam como substrato outros vegetais, o cipó-chumbo pertence à categoria genérica *áfômôn* (parasitas). É dedicado nos rituais afro-brasileiros a Obaluaiê, sendo usado no *àgbò* e nas práticas iniciatórias do orixá, servindo também por extensão para Nanã e Oxumaré, e atribuída ainda a Ossaim e Ogum-já.

Utilizado como fitofármaco, popularmente, o cipó-chumbo tem fama de combater afecções pulmonares, gripes e resfriados fortes. O decocto, em gargarejos, é eficiente nas anginas, faringites e amigdalites. Pulverizado, aplica-se em úlceras e feridas como cicatrizante.

AWÜRÉPÉPÉ



Nomes populares: Agrião-do-pará, jambu, treme-treme, agrião-do-brasil, pimenta-d'água, jambu-açu

Nome científico: *Spilanthus acmella* (L.) Murr. Asteraceae (Compositae)

Sinonímia:

- 1) *Spilanthus arrayana* Gardn.
- 2) *Spilanthus melampadioides* Gardn.
- 3) *Spilanthus pseudo-acmella* (L.) Murr.
- 4) *Acmeilla linnaei* Cass.
- 5) *Verbesina acmella* L.

Orixás: Oxalá e Oxum

Elementos: Água/feminino

O agrião-do-pará é uma planta nativa da América do Sul, que ocorre, praticamente, em todo o Brasil.

Dentre suas várias finalidades nos rituais jêje-nagôs, o *awürépépé* é utilizado no *ágbo* e, juntamente, com o *akonijé* (*Aristolochia cymbifera*), entra na "mistura do segredo da fala dos orixás". Considerado *eró* (de calma), "é uma folha boa para banhos de prosperidades e para lavar os olhos e os búzios". Suas flores estão ligadas a Exu; todavia, é um vegetal de destaque na liturgia, sendo visto como extremamente benéfico e exaltado no *korin ewé* (cântico sagrado): *AWÜRÉPÉPÉ PÈLÉPÉLÉ BEÓ* significando, *AWÜRÉPÉPÉ, sensatamente, abençoe-nos*.

Utilizada na cozinha popular do norte, esta planta entra no preparo do *tucupi*, iguaria da culinária paraense. Como medicamento natural, suas folhas são utilizadas para combater o escorbuto, a anemia e as dispepsias. O extrato das flores é aplicado sobre o dente cariado para eliminar a dor, e o xarope feito com as folhas é utilizado como expectorante infantil.

ÀYÒ



Nomes populares: Olho-de-gato, ariós, carniça, juquerionano, silva-da-prata

Nome científico: *Caesalpinia bonduc* (L.) Roxb. Leguminosae-Caesalpinioideae

Orixás: Orumilá e Exu

Elementos: Terra/masculino

Planta encontrada em estado espontâneo, tanto no continente africano quanto no Brasil, provavelmente, porém, nativa da África.

No terreiros brasileiros, apenas a semente é conhecida e utilizada juntamente com uma pequena pedra de rio (seixo), em jogos divinatórios, chamados de "amarração de ibo".

Usada ritualisticamente na África, Verger (1995:641) atribui-lhe, ainda, os nomes iorubás *sáyò*, *şénwò* e *şéyò olópón*.

BÀLÁ



Nome popular: Taioba

Nome científico: *Arum esculentum* Vent., *Araceae*

Orixás: Oxum e Nanã

Elementos: Água/feminino

Planta de origem asiática, muito comum em lugares úmidos ou proximidade de córregos onde se desenvolve com mais facilidade.

Utilizada na culinária litúrgica dos terreiros, com ela se prepara uma comida feita com azeite-de-dendê, camarão, cebola e sal, que é oferecida a Nanã, com o nome de *latipã*, e a Oxum sob a denominação de *efô*. Todavia, essa arácea é proibida aos filhos de *Oba*, pois é um dos seus interditos, provavelmente, em função dos mitos que falam da disputa de Oxum com este orixá pela preferência de Xangô.

Popularmente, a taioba é consumida cozida, do mesmo modo que a couve, pois, crua, provoca irritação na língua.

Na medicina popular, usa-se essa folha, externamente, na cura de feridas e úlceras.

BALABÁ



Names populares: Lírio-do-brejo, lágrima-de-vênus, borboleta, cardamomo-do-mato

Nome científico: *Hedychium coronarium* Koenig., *Zingiberaceae*

Sinonímia: 1) *Hedychium flavum* Roscoe
2) *Hedychium flavescens* Carly
3) *Hedychium sulphureum* Wall.

Orixás: Iemanjá e Ogum

Elementos: Água/masculino

Planta originária do Himalaia e de Madagascar, que está disseminada pelas diversas regiões dos continentes, medrando de preferência em locais úmidos.

Suas folhas são utilizadas nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios para os filhos de Iemanjá e Ogum.

As flores do lírio-do-brejo são melíferas e fornecem essência perfumada. Os rizomas fornecem uma fécula comestível. Na medicina popular, as raízes, em decocção, são utilizadas como anti-reumáticas e purgativas.

BÁNJÓKÓ



Nome popular:	Bem-me-quer
Nome científico:	<i>Wedelia paludosa</i> D.C., <i>Compositae (Asteraceae)</i>
Sinonímia:	1) <i>Acmella brasiliensis</i> Spreng. 2) <i>Wedelia brasiliensis</i> Blake. 3) <i>Wedelia penducolosa</i> D.C.
Orixá:	Oxum
Elementos:	Água/feminino

Herbácea perene, encontrada em todo o território nacional, cultivada em jardins ou subespontânea em áreas urbanas.

Nos terreiros de origem jêje-nagô, as folhas são usadas nos rituais de iniciação, banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais de diversos orixás, entre eles, Exu, Ogum, Oxossi, Ossaim, Oiá e Xangô.

Medicinalmente, não tem indicação; todavia, é utilizada com frequência em ornamentação de jardins, devido à delicada beleza de suas pequenas flores amarelas.

BÀRÀ



Nome popular:	Melancia
Nome científico:	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf., <i>Cucurbitaceae</i>
Sinonímia:	1) <i>Citrullus vulgaris</i> Scharad. 2) <i>Cucurbita citrullus</i> L.
Orixá:	Iemanjá
Elementos:	Água/feminino

Planta originária da Índia, trazida da África para o Brasil no século XVI pelos escravos.

Nos candomblés de Angola, a melancia é utilizada em oferendas às Iabás, principalmente a Iemanjá, na "quitanda de iaô", para os êres e como complemento alimentar da comunidade.

No continente africano, a melancia é conhecida por diversos nomes, dos quais podemos citar: *égúsí*, *égúnsí*, *egusi*, *ogiri* e *şòfin*, sendo utilizada para fins medicinais pelos babalaôs, em "receita para tratar febre intestinal" (casca das sementes) e o fruto em "receita para evitar aborto" (Verger 1995:649,183,283).

Fruta rica em fósforo, cálcio, ferro, calorias, proteínas, gorduras, carboidratos e vitaminas A, B1, B2, B5 e C, a melancia é indicada em dietas alimentares, tanto para obesidade quanto para deficiência orgânica.

BEJEREKUN



Nomes populares: *Pindaíba, biriba, pimenta-de-macaco, pimenta-de-negro, pimenta-da-guiné*

Nome científico: *Xylopia aromatica* (Lam.) Mart., *Annonaceae*

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta nativa da América tropical, disseminada no Brasil em áreas de matas secas e cerrados com solos arenosos.

Bejerekun é o nome dado nas comunidades religiosas jêje-nagôs, aos frutos desta e de outras espécies similares de *annonaceas*. Seu uso é extensivo a diversos orixás, e entra na composição do *agbo*, em alguns "assentamentos", para plantar o aze do terreiro, na iniciação dos filhos-de-santo e no preparo de atin (pó) com fins benéficos.

Verger (1995:736) cita-a com os nomes populares de pimenta-do-reino, malagueta-preta e pimenta-da-guiné, e atribui as denominações iorubás *ẹẹrú*, *ẹẹrunjẹ* e *olórín* à *Xylopia aethiopica* (Dunal) A. Rich., a qual não conseguimos determinar se se trata de sinonímia científica ou espécie diferente do mesmo gênero; todavia, é utilizada liturgicamente no sudeste africano, em receitas para combater diversos tipos de doenças.

O fruto aromático contém óleos essenciais e piperina. É utilizado como substituto da pimenta-do-reino, porém é mais suave e não provoca úlcera nem ardência nos casos de hemorróidas. É estimulante e combate gases intestinais. As folhas e as cascas, bem como os frutos, são considerados antiinflamatórios, e utilizados na forma de chá para combater dores diversas.

BÒTUJÈ FUNFUN



Nomes populares: *Pinhão-branco, pinhão, pinhão-de-purga, pinhão-de-barbados*

Nome científico: *Jatropha curcas* L., *Euphorbiaceae*

Sinonímia: 1) *Curcas indica* A. Rich.
2) *Curcas purgans* Manhem

Orixás: *Ogun, Oxossi e Oidá*

Elementos: *Fogo/feminino*

Nativa da América tropical, o pinhão-branco é encontrado com mais frequência nos Estados do Norte e Nordeste.

Conhecida, também, pelo nome nagô *olójobê*, essa planta tem as mesmas finalidades litúrgicas e terapêuticas do pinhão-roxo.

Provavelmente levado por escravos libertos do Brasil para a África, este vegetal é utilizado em rituais e conhecido naquele continente pelos nomes iorubás *olóbòntujè*, *Ìyálóde*, *làpálápá lá*, *ewé ibò*, *lóbòtujè*, *bòtujè ubo* (Verger 1995:685).

BÒTÚJẸ PUPA



Names populares: *Pinhão-roxo, batata-de-teiú, jalapão*

Nome científico: *Jatropha gossypifolia* L., Euphorbiaceae

Orixás: *Ogun, Oxossi e Ojá*

Elementos: *Fogo/feminino*

Tendo sua origem na América tropical, este vegetal é encontrado em quase todos os Estados brasileiros.

Dedicado a Iansã — *Íyá mesan òrun* — a patrona dos Eguns, seus galhos são empregados em sacudimentos e banhos, também para pessoas de Ogun e Oxossi, nos terreiros jêje-nagôs.

Na casa-das-minas, no Maranhão, utiliza-se a folha do pinhão-roxo em banhos específicos, com finalidade de adquirir sorte e prosperidade.

Nos cultos umbandistas, no Rio de Janeiro, esta folha é usada em banhos de descarrego e pelas rezadeiras em suas benzeduras.

Na África, os iorubás empregam este vegetal com diversos fins litúrgicos, sendo conhecido naquela região pelos nomes *lápálápá pupa, lóbótújẹ, olóbóntújẹ, ako lãpá lãpá* (Verger 1995:685).

O suco viscoso fornecido por seus galhos é usado na cura de feridas, pois sendo um excelente hemostático não-cáustico, é indolor e coagula o sangue, estancando as hemorragias externas.

BUJẸ



Nome popular: *Jenipapeiro*

Nome científico: *Genipa americana* L., Rubiaceae

Sinonímia: 1) *Genipa americana* Vell.
2) *Genipa brasiliensis* Mart.
3) *Genipa caruto* H.B.K.
4) *Genipa rumilis* Vell.
5) *Gardenia genipa* Sw.

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Encontrado na América tropical, o jenipapeiro é nativo do Brasil e ocorre em áreas florestais próximas a várzeas e charcos em todo o território nacional.

No *òbe-ifári* (raspagem de cabeça por ocasião da iniciação) dos filhos de Obaluaiê, a folha do jenipapeiro é considerada indispensável, pois ela é uma das principais no *orô* — fundamentos — deste orixá, principalmente no *àgbo*.

O fruto verde, quando em contato com a pele, torna-a escura, fato que deu origem a uma história do *Odu Ojonilé*, signo do oráculo de Ifá, muito conhecida nos cultos jêje-nagôs no Brasil. Este mito relata sobre "um homem que estava prestes a ser visitado pela morte. Sentindo a aproximação dessa visita, ele foi consultar Ifá, onde foi aconselhado a fazer um ebó com peixe assado, preá e jenipapos verdes. O peixe assado e o preá ele tinha que levar como oferenda; porém, os jenipapos verdes ele deveria usar para passar em todo o corpo, o que lhe deu uma cor escura. Dias depois, a morte foi visitá-lo, mas, quando chegou em sua casa, não o reconheceu, pois tinha que levar um homem claro e não aquele mulato que a atendera. Desse modo a morte foi embora sem o homem que procurava e, durante muito tempo, ele viveu sem muitos infortúnios." Na prática, as folhas do jenipapeiro são utilizadas em rituais para "retirar a mão do pai ou mãe-de-santo falecidos".

Em Cuba, essa árvore é atribuída a Iemanjá.

O fruto do jenipapeiro possui propriedades digestivas, tônicas, diuréticas e afrodisíacas. A casca do tronco da árvore é empregada na cura de anemias e do ingurgitamento do fígado, baço e diversas outras moléstias. Seu licor é considerado excelente digestivo.

DÁGUNRÓ



Names populares: Carrapicho-rasteiro, espinho-de-carneiro, carrapicho-de-carneiro, chifre-de-veado, espinho-de-cigano, benzinho, maroto, cabeça-de-boi, retirante, federação

Nome científico: *Acanthospermum hispidum* D.C.,
Asteraceae (Compositae)

Orixás: Oxossi e Exu

Elementos: Terra/feminino

Tendo sua origem na América tropical, esta planta ocorre em diversos continentes do mundo, inclusive na África.

Na liturgia das folhas, "Dágunrô", "para-guerra", é o nome dado a plantas espinhosas de três famílias diferentes: *dágunrô gogoro*, "alta", para o *ACANTHOSPERMUM HISPIDUM*, Compositae (carrapicho rasteiro); *dágunrô kékeré* "pequena", para a *ALTERNANTHERA PUNGENS*, Amaranthaceae (erva-de-pinto); e *dágunrô nlá*, "grande", para a *TRIBULUS TERRESTRIS*, Zygophyllaceae, sendo a primeira utilizada em "trabalho para fazer Ogum atacar alguém" (Verger 1995:30.307).

Nos terreiros de candomblé jêje-nagôs, no Brasil, esta planta é utilizada na composição e sacralização dos objetos rituais do orixá e em trabalhos de Exu, chamados de "amarração". Como ocorre com diversas plantas utilizadas no culto de Ossaim, as folhas deste vegetal, quando apanhadas pela manhã, especialmente, antes do sol nascer, pertencem a Oxossi, e, se colhidas após o meio-dia ou sob o sol quente, são indicadas para Exu.

A medicina popular utiliza as raízes deste vegetal como um fitofármaco apropriado nos casos de tosse, bronquite, moléstias do fígado e diarreias.

DANDÁ



Names populares: *Junquinha, tiririca, tiririca-amarela, tiririca-mansa, junça, três-quinas*

Nome científico: *Cyperus esculentus L., Cyperaceae*

Sinonímia: 1) *Cyperus aureus Ten.*
2) *Cyperus tuberosus Pursh.*
3) *Cyperus nervosus Bert.*
4) *Chlorocyperus aureus Pall.*

Orixás: *Exu, Ogum, Oxossi e Ossaim*

Elementos: *Água/masculino*

Espécie pantropical, nativa na América do Norte, Europa e Ásia, encontrada hoje nos cinco continentes. Com inflorescência amarela, esta ciperácea é muito semelhante ao *Cyperus rotundus*, que possui sumidade florida avermelhada.

Dandá é o nome dado aos tubérculos dessa *cyperaceae*, que são utilizados com diversas finalidades, entre elas, defumação, pós e amuletos para boa sorte. Na Bahia, até hoje, alguns pais-de-santo confeccionam amuletos com pedaços de *dandá*, para "proteger pessoas contra bandidos e maus policiais". Pulverizada, é utilizada na sacralização de "assentamentos" de diversos orixás.

Verger (1995:289) informa sobre uma "receita para fazer com que o leite flua do seio" do Odu *Iká òsé*, utilizada na África, pelos babalaôs, em mulheres que estão com escassez de leite materno, e atribui a este vegetal os nomes iorubás *òfiò, òmu e imumu* (1995:659).

Kissmann (1992:120 Tomo I) cita que "A medicina popular aproveitou os tubérculos para diversos tipos de tratamento", sem, todavia, especificar, deixando apenas subentendido que a planta é medicinal.

DANKÓ



Nome popular: *Bambu*

Nome científico: *Bambusa vulgaris Scharad., Gramineae*

Orixás: *Oxalá e Oiá*

Elementos: *Fogo/masculino*

De origem asiática, a *Bambusa vulgaris* encontra-se disseminada, praticamente, por todos os continentes, inclusive a América do Sul. É encontrada, com frequência, em todas as regiões do território nacional.

O bambu está intimamente ligado ao culto egungun, isto é, aos ancestrais ilustres da comunidade nagô, sendo considerado também uma planta própria de *Oya-Igbalé*, patrona dos Eguns e sua mãe mítica.

Junto a um bambuzal é praticado também o culto a Dankó Ezó, espécie de ancestral deificado, que tem ligações com Oxalá, cultuado com fogo e azeite-de-dendê. Esse culto está praticamente extinto no Brasil; é preservado, apenas, na tradicional Casa Branca, em Salvador (BA).

Em Cuba, essa planta é conhecida nas santerias pelos nomes lucumis de *pako, Iggisú e yenkeyé* (Cabrera 1992:366). Atribuída a Obaluaíê, acredita-se que este orixá encantou essa gramínea para que ela ficasse protegida de raios. É utilizada também para Nanã.

O broto do bambu é comestível e usado no dia-a-dia, tanto nos restaurantes mais sofisticados de comida chinesa, quanto pela população do interior, como complemento alimentar, não sendo consumido, entretanto, pelos adeptos dos candomblés jêje-nagôs, pois é considerado um interdito, embora seja utilizado medicinalmente.

No campo terapêutico, o bambu é utilizado contra febres, hemorragias, afecções nervosas, hemorróidas, diarreias, disenterias, como depurativo do sangue e na impotência sexual.

EFÍNFIN



Nomes populares: Alfavaca, alfavaca-do-campo, remédio-de-vaqueiro, alfavaca-cheirosa

Nome científico: *Ocimum gratissima* L., Labiatae

Orixás: Xangô, Omolu e Exu

Elementos: Terra/masculino

Originária da Índia, a alfavaca encontra-se disseminada pelo território nacional, ocorrendo em estado espontâneo em diversas regiões. Possui aroma semelhante ao do *Ocimum basilicum*.

Planta atribuída ora a Xangô, ora a Omolu; todavia, algumas mães-de-santo consideram essa folha um interdito nas casas de origem jêje-nagô e, como tal, não a utilizam.

Pelos nomes *efínfin nlá*, *efínfin osô*, *efínfin ògàjà*, *amówókúró ayé*, *wòrò-mòba* e *efínfin nlá* (Verger 1995:701), esta planta é conhecida e utilizada pelos iorubás em "receita para tratar febre intestinal", "trabalho enterrado no chão para conseguir dinheiro" e "trabalho para acabar com o azar" (Verger 1995:183,361,365).

Na fitoterapia, a alfavaca é usada como diurético, anti-séptico, estomáquico e contra doenças das vias respiratórias, tosses, gripes e resfriados.

EFÍNRRÍN



Nomes populares: Manjeriço-de-folha-larga, manjeriço-grande, manjeriço-de-molho

Nome científico: *Ocimum basilicum* L., Labiatae

Orixás: Iemanjá e Oxum

Elementos: Água/feminino

Originária da Ásia e da África, esta espécie vegetal encontra-se disseminada na Europa e nas Américas. No Brasil, é planta muito popular, cultivada ou encontrada em condição espontânea em todo o país.

Suas folhas são usadas na Casa das Minas, culto jêje-mina no Maranhão, em uma mistura chamada de "banho de Natal", que combina diversas plantas aromáticas consideradas benéficas e atrativas de boa sorte (Pereira 1979:166).

Nas candomblés de origem jêje-nagô, o manjeriço-de-folha-larga é, por alguns, associado a Iemanjá, por outros a Oxum, tendo até mesmo quem o atribua a Exu.

Os africanos dão a esta folha os nomes *efínfin ata*, *efínfin wéwé*, *efínfin àjà*, *efínfin marúgbósányán* e *arùntantan* (Verger 1995:701), e a utilizam em fórmulas litúrgicas e medicinais contra a varíola, vertigens e doenças de crianças (Verger 1995:181, 197, 229).

Existem várias espécies de manjeriço, todas mais ou menos com as mesmas propriedades, indicadas, principalmente, no combate a gases e cólicas intestinais, diarreias, afecções das vias urinárias e respiratórias, amigdalites, faringites, gengivites, estomatites e aftas; todavia, é comum o seu uso como tempero na culinária.

EFÍN RÍN PUPA



Nome popular: *Manjeriçã-roxo*

Nome científico: *Ocimum basilicum purpureum* Hort., Labiatae

Orixás: *Oxalá (novo) e Airá*

Elementos: *Água/feminino*

De origem asiática, o manjeriçã-roxo é uma espécie vegetal bem aclimatada nas Américas, sendo cultivada em diversas regiões brasileiras.

Nas casas de candomblé, utiliza-se este vegetal extensivamente, pois, por pertencer a Oxalá, presta-se para banhos de purificação dos filhos dos demais orixás.

O manjeriçã-roxo é usado na culinária doméstica do mesmo modo que o manjeriçã comum. Na medicina popular as duas espécies possuem as mesmas propriedades curativas.

EFÍN RÍN KÉKÉRÉ



Nomes populares: *Manjeriçã-de-folha-miúda, manjeriçã, manjeriçã-comum*

Nome científico: *Ocimum minimum* L., Labiatae

Orixás: *Oxalá, Iemanjá e Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

De origem asiática, esta variedade de manjeriçã que possui folhas bem menores que os demais é muito popular no Brasil.

Nos cultos jêje-nagô, suas folhas são usadas em banho para todos os orixás, nos rituais iniciáticos, *agbo* e em banhos purificatórios. As folhas secas são empregadas em defumadores. Pulverizadas e misturadas a outras, são utilizadas como "proteção contra feitiços, inveja e mau-olhado". Na umbanda, o manjeriçã é utilizado em banhos "para lavar a cabeça e guias dos filhos-de-santo".

Toda a planta é aromática, tem as mesmas propriedades do manjeriçã-de-folha-larga e serve como tempero para carne, massas e peixes.

ÈGÈ



Nome populares: Mandioca, maniçoba, aipim, macaxeira

Nome científico: *Manihot esculenta* Crantz., Euphorbiaceae

Sinonímia: *Manihot utilissima* Pohl.

Orixás: Exu e Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Nativa da América do Sul, inclusive do Brasil, a mandioca encontra-se disseminada pelos diversos continentes, em virtude de seu seu valor comercial.

Da farinha extraída de suas raízes, nos terreiros nagôs prepara-se o *padé* (farofa) de Exu, que é indispensável em todas as oferendas a este orixá. O *ebá*, pirão de farinha de mandioca, serve para forrar a gamela onde é colocado o amalá oferecido a Xangô. Em ebôs, utilizam-se bolas de farinha com água para Egum, ou, com um pequeno pedaço de carvão vegetal, para Exu. A raiz da mandioca que possui uma forma alongada está associada a Exu, que é uma entidade fálica.

Verger (1995:693) relaciona vários nomes iorubás para a mandioca, entre eles *ègè*, *gbàgùtúdà*, *gbàjadà*, *pákí* e *lànàsé*.

A mandioca é amplamente empregada na culinária, seja em forma de farinha, que é a base de farofas e pirões, ou na forma de polvilhos sendo muito popular o famoso bolo de carimã no Nordeste.

Na medicina popular, é comum a aplicação de cataplasma com farinha de mandioca para ajudar no processo de maturação de furúnculos. Em casos de engasgos produzidos por espinhas de peixe ou pequenos ossos, para facilitar o deslocamento costuma-se dar a farinha de mandioca.

ÈGŪSÍ



Nome popular: Melão

Nome científico: *Cucumis melo* L., Cucurbitaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Originário da Ásia e da África tropical, o melão, nas casas de candomblé, é dedicado a Oxum e participa das oferendas de frutas feitas para as Iabás nos dias de suas festas.

Em Cuba, é conhecido nas santerias pelos nomes *lucumis eggure* ou *léseita-ku*, e também é oferecido a Oxum (Cabrera 1992:489).

Alimento rico em vitaminas A e C, sódio, potássio, cálcio, magnésio, ferro e hidrato de carbono, é popularmente utilizado em sobremesas, ao natural, na forma de doce ou de refresco. É empregado medicinalmente como coadjuvante no tratamento das doenças da bexiga em geral.

EJÁ ỌMỌDÉ



Nomes populares: Aguapé, dama-do-lago, orelha-de-veado, rainha-do-lago

Nome científico: *Eichhornia crassipes* (Mart.) Sams., Pontederiaceae

Sinonímia: 1) *Pontederia crassipes* Mart.
2) *Eichhornia speciosa* Kunth.

Orixás: Nanã, Iemanjá e Oxum

Elementos: Água/feminino

Espécie nativa do Brasil, disseminada por vários continentes. Vegeta em lagos e remansos de rios.

Como a maioria das plantas aquáticas, o aguapé está relacionado com os orixás femininos. Em muitas casas de candomblé esse vegetal é utilizado no *àgbo*, na sacralização e nos osé (limpeza) dos objetos rituais dos orixás, e também em "banho de boa sorte" para os filhos de Nanã; porém, Barros (1993:98) atribui este vegetal a Iemanjá e Oxum, relacionando-o com o elemento água, nos candomblés jêje-nagôs do Rio de Janeiro e da Bahia.

Cabrera (1992:425) cita o aguapé como uma das principais folhas "... del omiero del asiento, y del omiero con que se lavan las piezas de Yemayá", na sante-ria cubana, onde é conhecida pelos nomes *icumis ollúoro*, *taná fún fún* e *bodó*.

EJÌNRÌN



Nomes populares: Melão-de-são-caetano, erva-de-são-caetano, erva-de-lavadeira, fruto-de-cobra, erva-de-são-vicente, melãozinho

Nome científico: *Momordica charantia* L., Cucurbitaceae

Sinonímia: 1) *Momordica muricata* Willd.
2) *Momordica elegans* Salisb.
3) *Momordica senegalensis* Lam.
4) *Cucumis africanus* Luidl.
5) *Melothria pendula* Sieb.

Orixás: Obaluaiê e Nanã

Elementos: Terra/feminino

Originária da Ásia, a *momordica charantia* foi introduzida no Brasil por africanos, estando, hoje, disseminada por regiões tropicais e subtropicais dos diversos continentes.

Nos candomblés de Angola, utiliza-se esta trepadeira em banhos purificatórios, sacudimentos, e "antigamente" envolviam-se os punhos dos iniciados, por ocasião dos ritos ligados à morte. Todavia, nos de Ketu, este vegetal é considerado um interdito da nação, embora seja atribuído a Nanã.

Körbes (1995:142), citando as propriedades terapêuticas desta planta, diz: "É tomado o chá como preventivo da gripe, contra febres; as folhas, na leucorréia, cólicas dos vermes, nas menstruações; as sementes com vaselina dão um unguento supurativo. O suco do fruto é purgativo e contra hemorróidas, o chá das folhas combate o diabetes." Os frutos são comestíveis; todavia, as sementes possuem princípios tóxicos e por isso não devem ser ingeridas, pois podem provocar vômitos com sangue."

ÈKÈLEGBARA



Names populares: *Perpétua, suspiro-roxo, paratudo, perpétua-brava*

Names científicos: 1) *Gomphrena globosa* L., *Amaranthaceae*
2) *Gomphrena celosoides* Mart., *Amarantaceae*

Orixá: Exu

Elementos: Fogo/masculino

Nativas da Índia, a *Gomphrena globosa*, e da América do Sul, a *Gomphrena celosoides*, elas ocorrem também em outros continentes, inclusive o africano.

A principal finalidade atribuída a estas plantas, nos cultos afro-brasileiros, é "em trabalhos e assentamentos de Exu".

Segundo Verger (1995:676), a espécie *Gomphrena celosoides* é conhecida pelo nome iorubá *amúewú wáyé*, sendo usada nos cultos pelos babalaôs africanos.

Com o nome popular de "San Diego", em Cuba, a espécie *Gomphrena globosa* também está associada a Exu (Cabrera 1992:542).

Körbes (1995:150) indica a *perpétua* (*G. celosoides*) "contra males respiratórios e febre; combate a tosse. É útil para os que sofrem de estados nervosos do coração".

ÈKELEÝÍ



Names populares: *Maravilha, jalapa, bonina, batata-de-purga, batata-de-jalapa, pó-de-arroz*

Nome científico: *Mirabilis jalapa* L., *Nyctaginaceae*

Sinónima: 1) *Mirabilis odorata* L.
2) *Admirabilis peruana* Nieuwl.
3) *Mirabilis dichotoma* L.
4) *Jalapa dichotoma* (L.) Crantz.
5) *Nyctago mirabilis* D.C.

Orixás: Orumilá, Ewá e Oiá

Elementos: Ar/feminino

Originária do México, a maravilha ocorre, nos dias atuais, em diversas áreas de climas tropicais nos vários continentes. No Brasil, principalmente do Nordeste ao Sul, é encontrada espontaneamente ou cultivada em jardins como planta ornamental e medicinal.

Nos candomblés jêje-nagôs brasileiros, a maravilha é atribuída a Oiá, e, em Cuba, é considerada uma planta própria de Obatalá, Yewá e também Oiá (Cabrera 1992:486).

Esta planta, na África, é utilizada ritualisticamente como defesa contra feitiços e, segundo Verger (1995:697), conhecida pelos nomes iorubás *tannáposó, òdòdó elédè, tannápakú, tannátanná, tannápowó* e *tanná pa osó*.

Popularmente, emprega-se o pó das sementes juntamente com o sumo de limão para combater as sardas. O sumo das flores debela as dores de ouvido provenientes de mudança de temperatura. As raízes conhecidas popularmente como batata-de-jalapa são recomendadas nos casos de cólicas abdominais, diarreias, disenterias, hidropisias, leucorréias e sífilis.

ĒKUN



Nome popular:	Sapê
Nome científico:	<i>Anantherum bicornis</i> Pol. et Beauv., Gramineae
Sinonímia:	1) <i>Imperata exaltata</i> L. 2) <i>Anantherum caudatum</i> Schult. 3) <i>Imperata brasiliensis</i> Trinus 4) <i>Saccharum contractum</i> H.B.K.
Orixás:	Exu, Ogum, Oxossi, Ossaim e Omolu
Elementos:	Terra/masculino

Planta nativa do Brasil, medrando principalmente no Nordeste e Sudeste do território nacional.

As palhas são utilizadas para cobrir as casas dos orixás ligados ao tempo (Exu, Ogum, Oxossi, Ossaim e Omolu). As raízes cozidas são usadas em "banhos de descarregos" do pescoço para baixo nos cultos umbandistas para afastar os "espíritos de mortos indesejados".

O sapê é usado como emoliente, diurético e contra hepatite, doenças do fígado, blenorragia, leucorréia, hidropisia e febre palustre.

ELÉGÉDÉ



Nomes populares:	Abóbora, abóbora-d'água, abóbora-moranga, abóbora-de-pescoço, abóbora-jerimum, abóbora-cabocla, jerimum
Nome científico:	<i>Cucurbita maxima</i> Duch., Cucurbitaceae
Varietades:	1) <i>Cucurbita potiro</i> Pers. 2) <i>Cucurbita moschata</i> (Duch. ex Lam.) Duch. ex Poir. 3) <i>Cucurbita argyrosperma</i> Huber. 4) <i>Cucurbita pepo</i> L.
Orixá:	Orumilá
Elementos:	Terra/feminino

Originário da América tropical, este vegetal está disseminado por diversos continentes, inclusive o africano.

As diversas variedades de abóbora, nas casas de candomblé de origem jêje-nagô, é um fruto de uso proibido na alimentação regular de alguns filhos-de-santo, pois constitui-se um *ewô* para o orixá Oiá; todavia, é usado com frequência em trabalhos diversos.

A variedade conhecida como abóbora-moranga é a mais utilizada como alimento consagrado nos diversos cultos afro-brasileiros. É oferecida ao Odu Obará, "para melhorar a situação financeira", pois, segundo um mito de Ifá, Obará, que era pobre, ficou rico graças às abóboras. Nas casas-de-Angola é colocada sob uma árvore como presente a Katendê ou Ossaim, ao se "pedir permissão para entrar na mata e coletar folhas". Nos candomblés de caboclos se constitui uma das principais oferendas dedicadas a esta divindade.

A abóbora-de-pescoço é usada em ebós, servindo, inclusive, para alguns feitiços e trabalhos com Exu.

Na África ainda são dados a estas cucurbitáceas outros nomes iorubás, tais como: *apalá, tákùn élégédé, èşin, itákun élégédé, işéré* e *şégbá* (Verger 1995:657).

A abóbora possui ação terapêutica sobre diversas doenças; dentre elas destacamos a erisipela, pneumonia, queimaduras, otites, colites, uretrites e vermes.

ÈMÓ



Nomes populares: Capim-carrapicho, capim-amoroso, timbete, espinho-de-roseta

Nome científico: Cenchrus echinatus L., Poaceae (Gramineae)

*Sinonimia: 1) Cenchrus brevisetus Fourn.
2) Cenchrus pungens H.B.K.*

Orixás: Oxossi e Oxum

Elementos: Terra/masculino

Originária da América Central, esta gramínea está disseminada por diversos continentes, entre eles o africano e o asiático.

São denominadas de carrapicho uma enorme variedade de plantas que possuem a característica de aderir à pele ou às vestimentas daqueles que delas se aproximam, e em sua maioria são dedicadas a Oxossi. É comum esta planta ser utilizada em trabalhos ou filtros amorosos chamados "de amarração", quando atribuída a Oxum.

Rodrigues (1989:62) informa que é "... medicinal, pois suas folhas são adstringentes e, em cozimento, são usadas no tratamento de secreção purulenta".

ÈPÀ



Nome popular:	Amendoim
Nome científico:	<i>Arachis hypogaea</i> L., Leguminosae-Papilionoideae
Orixás:	Oxumaré e Oxum
Elementos:	Água/masculino

Segundo alguns botânicos, o amendoim é nativo do Brasil, porém foi levado para a África, onde se constituiu como base alimentar.

Os grãos do amendoim são utilizados em oferendas a Oxumaré; pulverizados, para Oxum; entretanto, seu consumo é proibido (*ewô*) aos filhos de Oxalá.

Na santeria cubana esta leguminosa é propriedade de Obaluaiê, e os grãos, tostados com açúcar, são oferecidos também a Oxum; todavia, quando ocorre algum tipo de epidemia, seu consumo fica proibido aos filhos-de-santo (Cabrera 1992:484).

Na África o *èpà* é conhecido, também, como *òròré èpàda* e *èpà gidi* (Verger 1995:635) e consumido em larga escala nos pratos da culinária africana. Seu uso estende-se aos rituais onde são utilizadas as sementes em "trabalho para conseguir proteção contra as *ìyàmi*", e as folhas em "trabalho para atrair a simpatia das pessoas" (Verger 1995:297,379).

O amendoim é considerado afrodisíaco pela opinião pública, mas também estimulante e tônico de reconhecido poder reconstituente.

ERÉ TUNTÚN



Nome popular:	Levante-miúda
Nome científico:	<i>Mentha citrata</i> L., Labiatae
Orixás:	Oxum e Iemanjá
Elementos:	Água/feminino

Planta aromática do gênero *mentha*, encontrada espontaneamente ou cultivada nos lugares úmidos em áreas tropicais.

De cheiro agradável, a levante miúda é usada nos rituais jêje-nagôs sempre em combinação com outras ervas, tanto em banhos purificatórios, quanto em "defumadores para atrair coisas boas". Por ser uma folha utilizada para diversos orixás, "muitos pais-de-santo acham que ela pertence a Oxalá"; todavia, é com mais frequência atribuída a Oxum, o que a torna "uma planta de uso não aconselhado para as pessoas de Obá", pois, na África, estas *ìabás* são representadas por dois rios que, quando se encontram, as águas ficam tempestuosas, fenômeno ligado ao mito em que Oxum e Obá guerrearam pelo amor de Xangô. O *eré tuntún* é indicado, ainda, para compor o amassi empregado na preparação dos búzios usados para fazer previsões.

ERESÍ MOMIN PALA



Nome populares: Jacinto-d'água, baronesa, dama-do-lago, murere, orelha-de-veado

Nome científico: *Eichhornia azurea* (Sw.) Kunth., Pontederiaceae

Sinonímia: 1) *Pontederia azurea* Sw.
2) *Pontederia aquatica* Vell.

Orixá: Nanã

Elementos: Água/feminino

Do mesmo modo que a *Eichhornia crassipes*, o jacinto-d'água é originário da região amazônica e vive no mesmo habitat do aguapé, estando amplamente disseminado pelos diversos continentes.

Nos candomblés brasileiros, esse vegetal é atribuído a Nanã, sendo utilizado também para Oxumaré e Obaluaiê, em banhos purificatórios para os iniciados, na sacralização e nos osé (limpeza) dos objetos rituais desses orixás.

ERÔ IGBIN



Nome popular: Erva-de-bicho (BA, RJ)

Nome científico: *Brillantaisia lamium* (Ness) Benth., Acanthaceae

Orixá: Oxalá

Elementos: Água/masculino

Planta que medra, principalmente, em lugares úmidos, encontrada tanto na África, quanto no Brasil.

Folha considerada erô (de calma), muito apreciada pelo *igbin* (caracol) como alimento, daí seu nome significar "a calma ou o segredo do caracol". Sendo uma das ervas mais utilizadas no culto a Oxalá, é empregada nos rituais de iniciação, em banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais de todos os orixás.

No continente africano, os iorubás a chamam de *ajíromi*, *òwò* e *omi tútù*, e utilizam-na em "receita para tratar inchações" e "proteção contra ciclone" (Verger 1995:640.121.455).

ÈŞÁ PUPA



Nomes populares: Brio-de-estudante, mimo-de-vênus, graxa-de-estudante, hibisco-da-china

Nome científico: *Hibiscus rosa-sinensis* L., *Malvaceae*

Sinonímia: *Hibiscus sinensis* Hort.

Orixás: Ossaim, Ogum e Oxum

Elementos: Terra/feminino

Espécie originária da Ásia tropical, que engloba diversas variedades de hibisco; todavia, a aqui citada é a de flores vermelhas dobradas, muito utilizada em ornamentação.

Nas casas de candomblé esta planta é utilizada em banhos de purificação dos iniciados e em "descarregos". Suas flores são colocadas sobre os assentamentos de Oxum, por ocasião dos sacrifícios e oferendas.

Em Nova Délhi, na Índia, essa planta foi estudada como anticoncepcional masculino pela medicina local.

Popularmente, as flores, em infusão, são indicadas no combate à oftalmia.

ÈSÌSÌ



Nomes populares: Urtiga-de-folha-grande, cansanção

Nome científico: *Laportea aestuans* (L.) Chew., *Urticaceae*

Orixás: Exu e Ogum

Elementos: Fogo/feminino

Folha "quente", utilizada para preparar *atín* (pó) em trabalhos com Exu e, se "usada sobre os assentamentos de Ogum, excita este orixá quando o mesmo está muito calmo".

Entre os iorubás esta *urticaceae* é utilizada em diversos trabalhos litúrgicos com os nomes de *òfîà*, *òfùèfùè*, *ipè erin*, *èsisì pupa*, *èfuyá* e *ipô* (Verger 1995:688).

De uso na fitoterapia, a infusão das flores desta urtiga, aplicada, externamente, em compressas, alivia as dores das queimaduras e contusões. Internamente, combate o catarro das vias respiratórias, menstruação irregular, hemorragia, leucorréia, escrofulose e hemoptises.

ÈŞÓ FELEJE



Nomes populares: Trombeta-roxa, datura, manto-de-cristo, metel, trombeteira, trombeta-cheirosa, cartucho-roxo, zabumba-roxa, saia-roxa, noqueira-de-metel, anágua-de-viúva

Nome científico: *Datura metel* L., Solanaceae

Sinonímia: 1) *Datura fastuosa* L.
2) *Datura alba* Nees.
3) *Datura cornucopaea* Hort. Ex W.W.

Orixás: Ossaim, Ojá e Exu

Elementos: Arifeminino

Arbusto com mais de um metro de altura, que produz flores no formato de trombeta com cálice tubuloso róseo. Originário da Ásia e África, é encontrado no Brasil, com mais frequência nas regiões nordeste e sudeste.

Utilizada em banhos, sempre misturada com outras folhas, a trombeta-roxa é também usada em trabalhos com Exu. É vedada aos adeptos a aproximação desta planta, que muitas vezes modificam seu caminho quando encontram este arbusto; por isso, apenas os sacerdotes mais qualificados podem coletá-la. Sob a forma de decocto é utilizada pelas mulheres iniciadas em lavagens para combater afecções vaginais.

Conhecida pelos africanos iorubás como *apikán* (Verger 1995:660), é utilizada em diversos trabalhos, a maioria com finalidades malélicas, tais como: "trabalho para enlouquecer alguém", "trabalho para envenenar alguém" e "trabalho para fazer alguém vomitar e ter diarreia" (Verger 1995:415, 421, 423).

Tratando-se de planta tóxica, seu uso medicinal é recomendado, de preferência externamente, em banho feito com o decocto das folhas, para combater o reumatismo. Detém princípios alucinógenos próprios das daturas; daí, alguns autores afirmarem que seu emprego necessita de cautela.

ETÁBA ou AŞÁ



Nomes populares: Tabaco, fumo

Nome científico: *Nicotiana tabacum* L., Solanaceae

Sinonímia: 1) *Tabacum nicotianum* Bercht. et Opiz.
2) *Nicotiana macrophylla* Spreng.

Orixá: Oxalá

Elementos: Arifeminino

Planta nativa do Brasil, encontrada nas Américas do Sul e Central. Cultivada em Cuba e na Bahia com fins comerciais. Levada para a África na época das colônias, o fumo produzido de suas folhas era utilizado em escambos ou trocado por escravos.

Nos candomblés, a folha do fumo entra nos rituais de iniciação e no *ágbo* dos filhos-de-santo devotos de Oxoguiã (tipo de Oxalá novo e guerreiro). O fumo-de-rolô é utilizado em diversas oferendas para Odu, Ossaim, Exu, caboclos, pretos-velhos e voduns. Os charutos são muito apreciados por Exus e caboclos. Os cigarros e cigarrilhas são oferecidos ao Exus e Pombas-giras nos centros de umbanda.

Na África, os iorubás conhecem este vegetal pelos nomes *tábá* ou *tábá êşù* (Verger 1995:700).

Embora muito combatido nos dias atuais, segundo Cruz (1982:362), "o fumo é, inquestionavelmente, planta energética no tratamento de várias afecções, pelo que chegou a ter o nome de *erva santa*. Hoje é empregado com cautela, nos casos de tétanos, e como parasiticida; com ou sem razão, tem sido aconselhado para fumar-se em certos casos de afecções cardíacas; nas odontalgias é eficaz. Sua maior importância é pelo lado industrial, para fabricação de charutos, cigarros e rapé, e para mascar".

Na fávoura, o fumo de rolo em infusão é utilizado como defensivo natural no combate a algumas pragas.

ÉTIPÓNĹÁ



Nomes populares: Erva-tostão, agarra-pinto, pega-pinto, tangaraca, amarra-pinto, bredo-de-porco

Nome científico: *Boerhaavia diffusa* L., Nyctaginaceae

Sinonímia:

- 1) *Boerhaavia coccinea* Miller
- 2) *Boerhaavia caribea* Jacq.
- 3) *Boerhaavia paniculata* Rich.
- 4) *Boerhaavia hirsuta* Willd.
- 5) *Boerhaavia viscosa* Lag. & Rod.
- 6) *Boerhaavia decumbens* Vahl.

Orixás: Xangô e Ojá

Elementos: Fogo/masculino

Planta com distribuição pantropical, presente nas Américas Central e do Sul. No Brasil é encontrada em todo o território nacional, tendo sido observada grande ocorrência em áreas urbanas no litoral do Piauí, Bahia, Rio de Janeiro e Paraná. Encontra-se disseminada por outros continentes, inclusive o africano.

Nos candomblés da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, e nos Xangôs de Pernambuco, este vegetal é utilizado e reverenciado nos rituais das folhas — "IFÁ OWÓ IFÁ OMO EWÉ ÉTIPÓNĹÁ 'BÀ IFÁ ORÒ" — "Ifá é dinheiro, Ifá são filhos, a folha *étipónĹá* é abençoada por Ifá" —, gozando de grande prestígio nos terreiros, como planta "contrafeitiços".

Pessoas ilustres no culto *egungun* usam este vegetal com frequência, pois ele é "uma ótima defesa contra entidades maléficas". Todavia, quando utilizado em banhos, deve-se observar a quantidade, pois "em demasia, pode provocar coceira na pele". Ainda na qualidade de planta que protege é comum que, de suas

raízes tostadas, se prepare um pó que é utilizado para resguardar os objetos usados pelo Iáô durante o período de iniciação.

Na medicina popular, o vinho preparado com as raízes da erva-tostão é diurético e regularizador das funções hepáticas, combatendo com eficácia as afecções renais.

ETITÁRÉ



Nomes populares: Maricotinha, alfavaca-de-cobra, omolu, jaborandi-de-três-folhas

Nome científico: *Monnieria trifolia* L., Rutaceae

Sinonimia: 1) *Albletia trifoliata* Pers.
2) *Monnieria trifolia* Aubl.

Orixá: Iemanjá

Elementos: Água/feminino

De origem brasileira, trata-se de planta que ocorre desde as Guianas até os Estados do Sudeste.

As folhas são empregadas nos rituais afro-brasileiros em banhos purificatórios para os adeptos de Iemanjá.

Como fitoterápico, aplica-se o suco ou decocto desta rutácea nos casos de inflamações oculares, dores de ouvidos, afecções da bexiga, uretra e rins. Seu infuso é usado, também, como antifebri, expectorante, diurético e antidiabético.

ÈWÀ



Nome popular: Feijão-fradinho

Nome científico: *Vigna unguiculata* (L.) Walp. Fabaceae (Leguminosae)

Sinonimia: *Vigna sinensis* (L.) Savi ex Hassk. Ssp. *sinensis*

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/feminino

Originário da África, o feijão-fradinho foi introduzido no Brasil na época da colonização. Cultivada em grande escala no nordeste e possuindo grande valor comercial, esta leguminosa é largamente utilizada na cozinha nacional.

Na culinária litúrgica dos candomblés, o feijão-fradinho é usado em vários tipos de oferendas, dentre as quais destacamos:

Ekurú: Massa preparada com a polpa do feijão-fradinho, moída e misturada com cebola ralada, envolvida em folha de bananeira e cozida no vapor. Oferece-se a Oxalá.

Abará: Feito com a mesma massa do *ekurú* misturada a azeite-de-dendê, camarão seco, cebola ralada e sal, também acondicionado em folhas de bananeira e cozido no vapor. Esta iguaria é oferecida a Ogum, Obaluaíê, Oxum, Oiá e Nanã.

Acarajé: Prepara-se com a mesma massa do *ekurú*, temperada com sal e cebola ralada. Fritam-se as porções no azeite-de-dendê. Este prato é o predileto de Oiá, porém Xangô, Ogum, Oxum e Ibeije também apreciam esta iguaria. Para Xangô-Airá o acarajé é frito no azeite de oliva.

Omolocum: Deixa-se o feijão-fradinho cozinhar até ficar bem mole. Prepara-se um refogado com azeite-de-dendê, camarão seco triturado, cebola ralada e sal. Acrescenta-se o feijão cozido, mexendo bem até tomar uma consistência pastosa. Coloca-se em uma vasilha de louça e enfeita-se com ovos cozidos. É uma das comidas prediletas de Oxum.

O feijão-fradinho torrado é oferecido a Ogum, e no amalá de Xangô-Airá incluem-se grãos descascados deste feijão.

Como sucedâneo do feijão-fradinho, a massa básica do *abará* e do *acarajé* pode ser preparada também com a polpa do feijão-mulatinho (*Phaseolus vulgaris* Sch.), pois este é considerado como tendo o mesmo sabor e consistência.

Utilizado pelos iorubás como alimento e na liturgia dos orixás, na África, é conhecido pelos nomes *eréé ahun*, *ẹwà*, *ẹwe*, *ẹwà funfun*, *ẹwà dudu* e *ẹwà ẹrewe* (Verger 1995:735).

Do mesmo modo que vários outros tipos de feijão, este é empregado nos casos de anemias devido ao seu alto teor de ferro.

ẸWÀ DÚNDÚN



Nome popular: Feijão-preto

Nome científico: *Phaseolus vulgaris* L., Fabaceae

Orixás: Nanã, Obaluaiê e Ogum

Elementos: Terra/feminino

Conhecido em todos os continentes, o feijão é consumido em grande escala por ser um produto alimentício de alto valor nutritivo.

Nos candomblés brasileiros, o feijão-preto tanto entra na alimentação cotidiana da comunidade, como é utilizado em oferendas para os orixás. Cozido e refogado com cebola, sal e azeite-de-dendê, é uma das principais comidas oferecidas a Nanã, Obaluaiê e Ogum.

Nas santerias cubanas, o feijão-preto é conhecido pelos nomes *lucumi eré idúdu*, *erere ereché* e *aggândúdu*, sendo usado também em sortilégios amorosos (Cabrera 1992:427-428).

Rico em ferro, o feijão-preto é indicado para pessoas anêmicas. Combate o diabetes, ácido úrico, cálculos renais, reumatismo ciático, eczemas e manchas da pele.

ÈWÀ FUNFUN



Nome popular: Feijão branco

Nome científico: *Lablab vulgaris var. albiflorus*, Leguminosae

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/feminino

O feijão branco é muito utilizado em ebós; porém, consumi-lo é uma proibição que vigora nas casas de candomblé de origem jêje-nagô no Brasil. Este interdito prende-se ao fato de "Oxum não gostar deste feijão, e, por esse motivo, não permitiu que seus filhos o utilizem como alimento". Pelo prestígio que este orixá possui e por ser considerada, em um mito muito difundido, como a que fez o primeiro *iyáiwô* (iniciado), tal prática foi estendida a todos os adeptos em respeito a esta mãe primordial. Uma lenda difundida nas casas-de-santo diz que "Xangô, na véspera de uma importante guerra, comeu este feijão. Tendo ficado indisposto, no dia seguinte saiu derrotado. Por esse motivo nunca mais utilizou este alimento, que se tornou um *éwô* (interdito) para ele. Por respeito a Xangô, todos aqueles que herdarem o seu axê também não o comem".

Em muitos candomblés o feijão branco é utilizado como oferenda aos Eguns, o que fortalece a idéia de alimento proibido aos iniciados para os orixás.

ÈWÁ IGBO



Nomes populares: Guando, andu, ervilha-de-angola, ervilha-do-congo, feijão-de-árvore

Nome científico: *Cajanus indicus* Spreng.,
Leguminosae-Papilionoidea

Sinonímia: 1) *Cajanus flavus* D.C.
2) *Cajanus cajan* (L.) Mill.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Provavelmente originário da Índia, o guando é cultivado em todo o Brasil e encontra-se disseminado em diversas regiões tropicais e subtropicais dos continentes.

Com as folhas desse vegetal, nos terreiros de candomblé, envolve-se o *igbin* (caracol) para ser oferecido a Oxalá, num ritual de pedido de misericórdia. São usadas ainda em banhos de purificação, com a finalidade de equilibrar a vida material e espiritual dos adeptos.

Entre os babalaôs africanos é conhecido pelo nome torubá *ótíli* (Verger 1995:641).

O chá das folhas do guando é indicado no combate às afecções urinárias, intoxicações crônicas, faringites, estomatites, gengivites e dores de dente. As flores são usadas, também sob a forma de chá, contra afecções hepáticas e das vias respiratórias.

EWÉ AJÉ

Nomes populares: Folha-da-riqueza, corrente, periquito, carrapichinho, apaga-fogo, manjerico

Nome científico: Alternanthera tenella Colla., Amaranthaceae

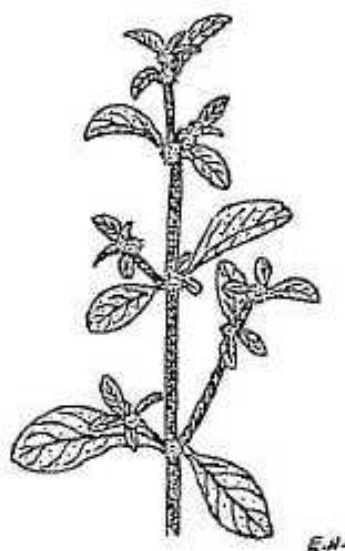
Sinonímia:

- 1) *Bucholzia polygonoides* var. *diffusa* Mart.
- 2) *Telanthera polygonoides* var. *diffusa* Moq.
- 3) *Telanthera polygonoides* var. *brachiata* Moq.
- 4) *Alternanthera ficoidea* var. *diffusa* Kuntze
- 5) *Alternanthera ficoidea brachiata* (Moq.) Uline & Bray

Orixás: Iemanjá e Ajé Saluga

Elementos: Água/masculino

Planta nativa das Américas, que ocorre em todo o território brasileiro, tanto no campo quanto em beira de calçadas nas áreas urbanas.



Classificada como um vegetal *gun* (de excitação) e considerada "folha muito positiva" nos terreiros de candomblé, é utilizada para todos os orixás sem exceção, não devendo faltar no *agbo*, nos banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais dos orixás, pois acredita-se que esta erva tem o poder de "atrair coisas boas e positivas". É empregada, ainda, na preparação de um pó (*atín*) que tem por finalidade atrair riqueza e prosperidade.

Não devemos confundir *ewé ajé* (ajé), a folha do feitiço, com *ewé ajé* ou *aje-jé* (ajê ou ajeê), a folha do orixá da riqueza *Ajé Saluga*, pois, embora os nomes nagôs sejam muito parecidos, suas funções são antagônicas.

"Na farmacopéia popular as folhas são usadas como diuréticos." (Kissman 1992-II:27)

EWÉ AJÉ



Nomes populares: *Folha-da-feiticeira, botão-de-ouro, corredeira, barbatana*

Nome científico: *Synedrella nodiflora (L.) Gaertn., Asteraceae (Compositae)*

Orixás: *Oxum e Exu*

Elementos: *Terra/feminino*

Planta nativa da América tropical, disseminada por diversas regiões, inclusive na costa oeste da África.

Nos candomblés brasileiros é considerada negativa por diversos pais-de-santo, sendo utilizada, principalmente, em trabalhos maléficos, e conhecida, também, como "a folha do feitiço".

Na África, é empregada em trabalhos pelos sacerdotes de Ifá, sendo conhecida pelos nomes iorubás *apá iwòfà, àlùgànbí, apâwòfà, arasan, ògbùgbó e ibá igbo* (Vergèr 1995:726).

EWÉ ALAŞE



Nomes populares: *Quaresminha-rasteira, quaresmeira-rasteira*

Nome científico: *Schizocentron elegans Meissn., Melastomaceae*

Sinonímia: 1) *Heeria elegans Schlecht.*
2) *Heeria procubens Naudin.*
3) *Heterocentron elegans O. Kuntze.*

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/feminino*

Planta de origem mexicana, ornamental, rasteira, com folhas miúdas e flores muito parecidas com as da quaresmeira, utilizada em forração de jardins.

Conhecida nos candomblés brasileiros como "folha-de-amizade", esta planta, juntamente com outros objetos, tem por finalidade "juntar" ou "amarrar" amantes separados.

Na África é utilizada de modo benéfico em "trabalho para obter favores de Oxum" e "trabalho para conseguir roupas e bens", sendo conhecida pelos nomes *ajagunràşé, awede, apó ibá, ibéderé e alaşe*, classificada como *Diossotis rotundifolia* (Sm.) Triana, Melastomaceae (Vergèr 1995:315,329,666).

EWÉ BÀBÁ e EWÚRO BÀBÁ



Nomes populares: Boldo, falso-boldo, boldo-do-reino, boldo-nacional, boldo-de-jardim, alumã, malva-amarga, malva-santa, folha-de-oxalá e tapete-de-oxalá

Nome científico: *Coleus barbatus* Benth., Labiatae

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Tendo sua origem atribuída por alguns à região mediterrânea, o boldo é planta bem adaptada em clima tropical e vegeta praticamente em todo o território nacional, mesmo em regiões mais frias, embora não suporte geadas.

Seu nome popular, *tapete-de-oxalá*, advém do fato desta planta ter suas folhas aveludadas com tonalidade esbranquiçada. É possível que esta característica tenha contribuído para a generalização de seu uso, nos diversos cultos de origem afro-brasileira, em banhos de purificação e, especialmente, nos candomblés de origem jêje-nagô, no *âgbo* dos iniciados.

O boldo é planta popular no território nacional, sendo usado o sumo das folhas ou o chá como medicamento contra os males do fígado, rins e estômago.

EWÉ BÍYEMÍ



Nomes populares: Quebra-pedra, erva-de-santa-luzia, leite-de-nossa-senhora, leiteirinho

Nome científico: *Chamaesyce prostata* (Ait.) Small, Euphorbiaceae

Sinonímia: 1) *Euphorbia prostata* Ait.
2) *Euphorbia chamaesyce* L. sensu Smith & Downs

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/feminino

Nativa do continente americano, ocorre em diversas regiões do Brasil e em algumas áreas da Europa.

Planta utilizada nos candomblés e na umbanda em banhos purificatórios. Sob a sinonímia de *Euphorbia prostata*, esta planta é citada por Verger (1995:672) pelos nomes iorubás *ewé bíyemí*, *ibíyemí*, *ajídírú*, *igândo*.

Popularmente, é utilizada como medicinal para combater cálculos renais.

EWÉ BOJUTONA



Nomes populares: Quebra-pedra, erva-andorinha, erva-pombinha, fura-parede, arranca-pedra

Nomes científicos: 1) *Phyllanthus niruri* L., Euphorbiaceae
(= *P. Urinaria* Wall., non L.)
2) *Phyllanthus tenelus* Roxb
(= *P. Corcovadensis* Muell. Arg.)
3) *Phyllanthus amarus* Schum. & Thonn
(= *P. Niruri* Fawc. & Rendle)

Orixás: Ossaim e Oxumaré

Elementos: Terra/masculino

Espécie nativa das Américas, disseminada pela Europa e África. Ocorre em todo o território nacional, com predominância de subespécies e formas em determinadas regiões.

Nos candomblés jêje-nagôs, as folhas das diversas espécies de quebra-pedra são usadas nos rituais de iniciação, *ágbo* e banhos purificatórios para os filhos de Ossaim, Oxumaré, Nanã e Obaluaiê; todavia, nos cultos umbandistas, ela é empregada em "banhos de descarregos".

Em uso terapêutico, o quebra-pedra funciona como vasodilatador e combate à hepatite B. "Extratos aquosos de folhas e raízes têm mostrado efeito hipoglicemiante, diurético, ajudando na eliminação do ácido úrico. Atribui-se aos extratos a propriedade de contribuir para a eliminação de cálculos renais (daí o nome quebra-pedra) e ajudar nas afecções do fígado que causam icterícia" (Kissmann 1992:659-II).

EWÉ BONOKÓ



Nomes populares: Língua-de-galinha, laranjinha-branca, apixaba

Nome científico: *Sebastiania brasiliensis* Muel. Arg.,
Euphorbiaceae

Sinonímia: 1) *Gymnanthes brasiliensis* Muel. Arg.
2) *Stillingia brasiliensis* Baill.

Orixás: Oxumaré e Ogum

Elementos: Terra/masculino

Planta arbórea, de origem brasileira, encontrada do Nordeste ao Sudeste.

Suas folhas são fundamentais nos rituais de iniciação dos filhos de Oxumaré. Empregada também pelos "olowo", para lavar os búzios utilizados nos jogos divinatórios, sendo considerada portadora de "grande energia", própria para sacralização dos cauris.

EWÉ BOYÍ



Nomes populares: Bétis-cheiroso, pimenta-de-macaco

Nomes científicos: 1) *Piper amalago* L., Piperaceae
2) *Piper amalago* L. Var. *Medium* (Jacq.) Yuncker
3) *Piper angustifolium* R. et P.
4) *Piper cabralanum* D.C.
5) *Piper eucalyptifolium* Rudz.
6) *Piper regnellii* Kunth.
7) *Piper tectoniifolium* Kunth.
8) *Piper tuberculatum* Jacq.

Orixás: Oxalá, Xangô, Iemanjá e Oxum

Elementos: Diversos

Popularmente, bétis-cheiroso é um nome comum a várias espécies de piperáceas nativas do Brasil, que medram nas matas úmidas e sombreadas, e possuem folhas aromáticas.

Nos candomblés, diz-se que "existem sete espécies de bétis", algumas com folhas de formato cordiforme, outras lanceoladas ou ovaladas. Todavia, nem todas são atribuídas aos mesmos orixás ou estão ligadas aos mesmos elementos naturais; porém, todas são utilizadas em banhos de iniciação ou de purificação. São elas:

1) *Piper amalago* L., ou *Piper amalago* L., var. *medium* (Jacq.) Yuncker — Atribuída a Iemanjá e Oxum. São folhas femininas ligadas ao elemento Água.

2) *Piper angustifolium* R. et P. — Folha ligada a Iemanjá e a Oxum. São femininas e relacionam-se com o elemento Água. "Folha e flores digestivas, balsâmicas, adstringentes e laxantes: folha para hemorragia (...), feridas, úlceras, corrimento vaginal" (Pott & Pott 1994:237).

3) *Piper cabralanum* D. C. — Também atribuída a Iemanjá e Oxum. Folhas femininas associadas ao elemento Água.

4) *Piper eucalyptifolium* Rudz. — Como o próprio nome sugere, possui o formato das folhas do eucalipto. Associada a Oxalá, é uma folha masculina ligada ao elemento Ar. Na fitoterapia é empregada como calmante, sedativa, diurética e febrífuga. Combate cólicas, dispepsias flatulentas e dores nos membros.

5) *Piper regnellii* Kunt. — Folhas de Iemanjá e Oxum. São femininas e ligadas ao elemento Água. Conhecida popularmente como pariparoba, esta piperácea é utilizada na flora medicinal, na produção do "extrato de piper 124", eficaz nos casos de hemorróidas inflamadas. Sob a forma de chá é indicada no combate das afecções urinárias e renais.

6) *Piper tectoniifolium* Kunth. — Muito parecida com o *Piper cabralanum*, também pertence a Iemanjá e a Oxum. Possui forma feminina e está ligada ao elemento Água.

7) *Piper tuberculatum* Jacq. — Esta é uma folha masculina ligada a Oxalá e a Xangô. Pertence ao elemento Terra. Também conhecida popularmente como pimenta-de-macaco, esta planta é utilizada na medicina popular como sedativa, sendo aplicada sobre regiões doloridas nos casos de reumatismo.

EWÉ BOYÍ FUNFUN



Nome popular: Bétis-branco

Nome científico: *Piper rivinoides* Kunth., Piperaceae

Orixás: Oxalá e Iemanjá

Elementos: Água/feminino

Planta nativa brasileira que medra em matas úmidas e sombreadas de clima tropical, mais freqüente nas regiões nordeste e sudeste do país.

Utilizada nos rituais de iniciação e banhos de purificação para todos, "pois, sendo de Oxalá, seu uso é permitido a qualquer filho-de-santo".

Medicinalmente, como ocorre com outras plantas do gênero *piper*, possui propriedades diuréticas e cicatrizantes.

EWÉ DAN



Nome popular: Jibóia

Nome científico: *Scindapsus aureus* Engler., Araceae

Sinonímia: *Pothos aureus* Lind. ex Andre

Orixá: Oxumaré

Elementos: Ar/feminino

Originária das ilhas Salomão, na Oceania, esta trepadeira é cultivada em diversos países da Europa e das Américas.

Planta popular, a jibóia é utilizada nos candomblés brasileiros, tanto para ornamentação das casas de santo, quanto nos rituais de iniciação dos filhos de Oxumaré, orixá representado pelo arco-íris e pela *dan*, a serpente africana.

Nos rituais umbandistas, esta folha é dedicada aos caboclos e, nos candomblés de Angola, é comum encontrar-se em meio à vegetação grandes folhas de jibóia associadas às representações de Angorô, compostas de uma bacia de ágate contendo água e uma cobra esculpida em ferro em seu interior.

EWÉ DIDÛN



Nomes populares: Aloisia, erva-de-jurema, sândalo, limonete, pluma-de-névoa

Nome científico: *Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd.,
Labiatae (*Lamiaceae*)

Sinonímia: 1) *Iboza riparia* N.E.Brawn
2) *Maschosma riparium* Hochst.

Orixás: Oxum e Iemanjá

Elementos: Água/feminino

Arbusto nativo da África do Sul que alcança até dois metros de altura. Suas folhas produzem uma essência oleosa e aromática na superfície que lembra o odor de cânfora.

Nos cultos afro-brasileiros esta planta é utilizada normalmente "em banhos para melhorar a sorte e defumadores". Em infusão, no álcool, as folhas e flores da aloisia produzem uma "essência que, passada no corpo, atrai boa sorte".

EWÉ DÍGÍ



Nome popular: Erva-prata

Nome científico: *Solanum argenteum* Dun. & Poir., *Solanaceae*

Orixás: Oxalá, Oiá e Iemanjá

Elementos: Arf/masculino

Árvore mediana, suas folhas, na face inferior, têm tonalidade branco-prateada e sedosa, daí o nome erva-prata.

Nas casas de candomblé, as folhas da erva-prata são utilizadas no *agbô*, em banhos purificatórios e em sacudimentos. Colocada nos barracões, tem a finalidade de "afastar as influências maléficas dos eguns".

Uma história contada pelo "povo-de-santo" relata que "quando os eguns atacavam o palácio de Xangô, Oiá agitava os galhos dessa planta, e fazia refletir em suas folhas várias imagens desse orixá. Os eguns, vendo tantos orixás iguais, fugiam apavorados, pensando que estavam sendo atacados por um batalhão, sem perceberem que eram apenas projeções de uma imagem sobre a superfície espelhada da erva-prata. Desse modo, Oiá afastava os eguns do reino de Obá Kosso."

EWÉ ÈGÙNMÒ



Nomes populares: *Erva-moura, maria-preta, pimenta-de-galinha, erva-mocô, caraxixu*

Nome científica: *Solanum americanum* Mill., *Solanaceae*

Sinonímia: 1) *Solanum caribaeum* Dun.
2) *Solanum nodiflorum* Jacq.

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta de origem européia, disseminada por diversos continentes. Aclimatada no Brasil, ocorre em estado espontâneo em quase todo o território nacional.

Nos candomblés brasileiros, a erva-moura é utilizada em banhos de proteção para os filhos de Obaluaiê, e em sacudimentos. Em Cuba, é conhecida pelos nomes *lucumis atoré* e *efodá*, e atribuída a Ogum e Iemanjá (Cabrera 1992:562). Os iorubás, no continente africano, dão-lhe os nomes *ègùnmò, ègùnmò agunmò gára* e *odú*, e utilizam-na em "trabalho para estabelecer um mercado público" (Verger 1995:721,327).

Considerada emoliente, calmante e narcótica, as folhas são usadas para lavar chagas e erupções cutâneas. Em forma de chá acalma os nervos, combate o terror noturno, reumatismo, afecções urinárias e a caspa do couro cabeludo.

EWÉ ÈPÈ



Nomes populares: *Urtiga-vermelha, urtiga-da-bahia, cansanção, urtiga-queimadeira, urtiga-de-fogo, urtiga-do-reino, urtiguilha*

Nome científico: *Urtica urens* Vell., *Urticaceae*

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta de folhas urticantes, nativa brasileira, que medra no solo, em paredes e até em troncos de árvores.

Atribuída a Exu, é usada na sacralização dos objetos rituais do orixá. Entra na composição de "trabalhos de Exu e pó de queimação com a finalidade de produzir confusão entre as pessoas".

Na fitoterapia a urtiga-vermelha é usada para combater as doenças de pele, urticárias, coceiras, queimaduras, dores reumáticas, incontinência urinária e hemorragias.

EWÉ GBÚRE



Nomes populares: Bredo, língua-de-vaca (Ba), caruru (Pa), beldroega-grande, breda-major-gomes

Nome científico: *Talinum triangulare* (Jacq.) Willd., Portulacaceae

Sinonímia: *Talinum triangularis* Jacq.

Orixás: Xangô, Oxum e Iemanjá

Elementos: Água/masculino

Planta nativa do continente americano, distribuída por diversos continentes, inclusive o africano. Propaga-se com muita facilidade através das sementes, sendo considerada invasora de jardins e culturas em todos os países onde ocorre.

Nos candomblés de Ketu, o bredo é considerado uma folha *erô* (fria e calmante), que entra no *ágbo* e em banhos de purificação dos iniciados. Utilizado como hortaliça, prepara-se uma comida que é oferecida a Xangô Airá ou a Iemanjá, conhecida como caruru-de-folha.

Usada na liturgia dos orixás, na África, recebe os nomes iorubás *aláwéré*, *ajígbórere* e *gbúre*, onde é utilizada em "trabalho para ganhar dinheiro rápido" (Verger 1995:727,337).

Na Bahia, os restaurantes servem um prato típico da culinária regional conhecido pelo nome de efô, que é preparado com as folhas do bredo e, no Norte do país, este vegetal é utilizado para complementar a alimentação de adultos e crianças, pois é rico em vitaminas, proteínas e sais minerais.

Na fitoterapia, emprega-se o bredo na alimentação para combater o escorbuto e topicamente nos cortes e feridas.

EWÉ GBÚRE ÒSUN



Nomes populares: Língua-de-vaca (Ba), maria-gomes, major-gomes, caruru, breda

Nome científico: *Talinum paniculatum* (Jacq.) Gaertn.

Sinonímia: *Talinum patens* (L.) Willd.

Orixás: Xangô e Oxum

Elementos: Água/masculino

"A espécie é originária da América Central e da costa oeste da América do Sul. Ocorre hoje desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina, tendo vasta presença em solo brasileiro. Ocorre na costa oeste da África, tendo sido levada das Américas" (Kissmann 1995:348-III).

Este vegetal é utilizado nas comunidades religiosas jêje-nagôs, com a mesma finalidade do *Talinum triangulare*, servindo principalmente para preparar um caruru oferecido a Xangô Barú, que não gosta de quiabo.

Hortaliça rica em vitaminas, proteínas e sais minerais, é consumida pela população do interior, crua ou cozida, como complemento alimentar.

EWÉ IDÀ ÒRÌŞÀ



Nomes populares: Espada-de-são-jorge, espada-de-ogum, lingua-de-sogra, rabo-de-lagarto

Nome científico: *Sansevieria trifasciata* Hort. ex Pram., Liliaceae

Sinonímia: 1) *Sansevieria guineensis* Gér. et Labr.
2) *Sansevieria zeylanica* Hort.

Orixá: Ogum

Elementos: Terra/masculino

Originária da África, esta agavácea é encontrada em todo o Brasil, cultivada em jardins ou ambientes de interiores, com fins ornamental e litúrgico.

Embora atribuída a Ogum, a espada-de-são-jorge pode ser usada ainda para Oxosse, Ossaim, Oiá e Iemanjá, na sacralização dos objetos rituais. É empregada nos rituais afro-brasileiros em sacudimentos. Também plantada em vasos na entrada das casas ou afixada nas portas, disfarçada como ornamental, serve para proteger os ambientes dos terreiros e "gongas". Na umbanda e nos candomblés de Angola, suas folhas entram nos rituais de "lavagem de cabeça e guias", sendo também utilizada em "banhos de descarregos".

Na África este vegetal é conhecido pelos nomes iorubás *ojá kòríkò*, *ojá ikòòkò*, *pásán kòríkò* e *agbomolówóibí* (Verger 1995:716).

EWÉ IDÀ OYÁ ou OBÉ SEMI OYÁ



Nomes populares: Espada-de-santa-bárbara, cordoban, moisés-no-berço, abacaxi-roxo

Nome científico: *Tradescantia spathacea* Sw. Commelinaceae

Sinonímia: 1) *Rhoeo discolor* (L'Hérit.) Hance.
2) *Rhoeo spathacea* (Sw.) Stearn.
3) *Tradescantia discolor* L'Hérit.

Orixá: Oiá

Elementos: Água/masculino

Nativa do México, encontrada em toda a América tropical, cultivada ou espontânea em matas sombreadas.

Folha utilizada no ritual de iniciação dos filhos de Oiá, no *agbo*, em banhos purificatórios e sacudimentos. Conhecida também pelo nome nagô *obé semi oyá*, nos candomblés do Rio de Janeiro.

Os cubanos atribuem essa planta a Xangô, Iemanjá e Ogum, e dão-lhe os nomes lucumis *peregún*, *tupa* ou *diéla* (Cabrera 1992:410).

Hoehne (1925:68), a respeito desta planta, diz: "*Rhoeo discolor*, o afamado 'Cordoban' da América Central, a planta mais útil para combater as tosses." Todavia, na medicina rural, esta planta combate também diversos males das vias respiratórias.

EWÉ ÌDÒ



Names populares: *ibiri, cana-ibiri, biri, cana-de-jardim, bananinha-de-jardim, cana-florifera, erva-canteira, beri, bananeirinha-da-india*

Nome científico: *Canna indica L., Cannaceae*

Orixás: *Oxum e Ewá*

Elementos: *Água/feminino*

Planta ornamental, originária da América tropical, encontrada na Europa e na África. No Brasil, é cultivada em todos os Estados da Federação.

Nos batuques do Rio Grande do Sul, as folhas do *ibiri* são utilizadas para envolver a massa de milho branco — *acaçá* —, comida ritual que é oferecida a Oxum. Porém, nos candomblés baianos e cariocas, esta canácea é utilizada na ornamentação das casas-de-santo e em "banhos para as filhas de Oxum quando estão com problemas de atraso de regra".

Pelos nomes iorubá *òdòfin, idò dudu, idò pupa, idòrò* e *idòiii sawo àilá*, este vegetal é conhecido na África, onde é utilizado em "receita para que a menstruação venha" (Verger 1995:643,131).

Na medicina popular, o chá das folhas e das raízes é considerado expectorante, diurético, vomitivo e abortivo.

EWÉ IQBÓ



Names populares: *Cânhamo-da-india, cânhamo-verdadeiro, fumo-de-angola, diamba, liamba, maconha*

Nome científico: *Cannabis sativa L., Cannabaceae*

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/masculino*

Originário da Ásia, o cânhamo-da-índia aclimatou-se bem no Nordeste brasileiro e em outras áreas tropicais e subtropicais dos continentes.

Nos candomblés de Angola, a maconha é conhecida pelos nomes *liamba* ou *diamba*. Folha que no passado foi muito utilizada; atualmente, devido às proibições legais, seu uso é restrito aos trabalhos com Exu, especialmente na sacralização dos seus objetos rituais. Acredita-se que "seja boa para atrair dinheiro, mas também atrai brigas e confusões".

Nas áreas rurais, o chá das folhas desse vegetal é utilizado como tranqüilizante e analgésico no combate às enxaquecas, encefalias e dores de dentes.

EWÉ ÌGBOLÉ



Names populares: Gervão, gervão-roxo, gervão-azul, chá-do-brasil, verônica

Nome científico: *Stachytarpheta cayennensis* (L.C. Rich.) Vahl, Verbenaceae

Sinonímia: 1) *Verbena cayennensis* L.C.Rich.
2) *Stachytarpheta australis* Mold.
3) *Stachytarpheta polyura* Schauer

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/masculino

Nativo brasileiro, o gervão é encontrado em quase todos os Estados, como invasor de pastagens, campos e áreas cultivadas. Outras espécies muito semelhantes (*Stachytarpheta elatior* Schrad e *Stachytarpheta polyura* Schauer) são usadas indistintamente pela população rural, com as mesmas finalidades.

Nas casas-de-santo, o gervão-roxo é utilizado em "banhos de descarregos do pescoço para baixo e em sacudimentos para melhorar a sorte".

Verger identifica este vegetal, nos cultos iorubás, na África, pelos nomes *irù eku* e *pasalóké*, onde é usado em "receita para tratar corpo contraído" (1995:724,107).

Na medicina caseira, esta planta é utilizada como tônico estomacal, febrífugo, vulnerário, estimulante das funções gastrointestinais, e no combate às doenças crônicas do fígado, e às dispepsias.

EWÉ INỌN



Names populares: Folha-de-fogo, branda-fogo, folha-de-lansã, pixirica, anhangá

Nome científico: *Clidemia hirta* Baill., Melastomaceae

Sinonímia: 1) *Clidemia crenata* D.C.
2) *Clidemia elegans* Dun.
3) *Melastoma elegans* Aubl.
4) *Melastoma hirtum* L.

Orixás: Exu, Oiá e Xangô

Elementos: Fogo/feminino

Planta encontrada em vasta faixa do território nacional, principalmente no Nordeste e Sudeste.

Colhida pela manhã, antes do sol nascer, esta folha pertence a Oiá e Xangô, servindo para "banhos de descarregos e sacudimentos"; apanhada sob o sol do meio-dia, ela pertence a Exu e serve para fazer diversos sortilégios e malefícios.

Sendo uma planta muito conhecida da população rural, a folha-de-fogo é, também, utilizada medicinalmente contra palpitações do coração, afecções das vias urinárias e do aparelho genital, sífilis, erupções cutâneas, feridas rebeldes, moléstias da pele em geral e coceiras.

EWÉ IŞÁ PA



Nomes populares: Vinagreira, azedinha, caruru-azedo, caruru-da-guiné, quiabo-roxo e rosela

Nome científico: *Hibiscus sabdariffa* L., Malvaceae

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Planta da família do quiabo, de origem asiática, disseminada por diversos continentes, principalmente os de clima tropical, como África e América.

Com as folhas da vinagreira prepara-se um *êfô* — caruru de folhas — que é oferecido a Xangô Airá, nas casas de candomblé de origem jêje-nagô.

Na África, os iorubás atribuem a este vegetal os nomes *ámúkán*, *işápá* e *isá-pá funfun* (Verger 1995:679), e utilizam-no em diversos trabalhos com fins litúrgicos e medicinais.

Contra o escorbuto e estomatite, o sumo das folhas deste vegetal é reputado na medicina popular como um excelente remédio; e, em cataplasma, atua como emoliente e resolutivo. O decocto da raiz é utilizado como estomáquico, tônico, resolutivo e aperiente.

EWÉ IŞINIŞINI



Nomes populares: Mastruz, mentruz, vassourinha, mentruço, mastruço

Nome científico: *Lepidium sativum* L., Brassicaceae (Cruciferae)

Orixás: Exu e Egum

Planta nativa na Europa e Ásia ocidental, ocorrendo em diversas regiões de clima temperado e subtropical.

O mastruço, nos cultos afro-brasileiros, é utilizado em sacudimentos e “banhos de descarrego do pescoço para baixo”, pois, por ser atribuído também a Egum, “não é aconselhável lavar a cabeça com esta planta”.

Em Cuba, é conhecido entre os lucumis pelo nome de *eribo*, e pertence também a Exu e a Egum: todavia, é utilizado sobre a cabeça com a finalidade de conservar a memória. Cabrera (1992:487) cita um filtro amoroso preparado pelas mulheres na sexta-feira da Semana Santa, antes do sol nascer. Elas procuram esta erva e, após tocá-la três vezes para acordá-la, conversam com a planta e passam-na no rosto. Em seguida o mastruço é coletado, levado para casa, posto a secar e pulverizado, para então, juntamente com pó de imã, valeriana e uma outra erva de nome *zun-zun*, serem misturados a uma essência que, como dizem naquela ilha, “Con este perfume, las mujeres vuelve locos a los hombres”.

Körbes (1995:142) indica o mastruz para: “doenças do peito, bronquite, sinusite (aplicar na frente), moléstias dos rins e do estômago...” e ainda “... seu suco é um eficiente vermífida e desintoxicante”.

EWÉ IYÁ



Nomes populares: *Pariparoba, caapeba, capeba-do-norte, catajé, malvaíscio, capeba-verdadeira*

Nome científico: *Pothomorphe umbellata (L.) Miq., Piperaceae*

Sinonimia: *Piper umbellatum L.*

Orixá: *Iemanjá*

Elementos: *Água/feminino*

Planta nativa do Brasil, que ocorre em locais úmidos e sombreados da Mata Atlântica, Nordeste e Sudeste do país.

Liturgicamente, esta "é a folha principal da nação de Angola e, por isso, utilizada para todos os *inkices*, desde *Roximucumbi* (Ogum) até *Lembarenganga* (Oxalá)".

Na nação Ketu, a pariparoba, conhecida por *ewé iyá* (folha da mãe), é atribuída a Iemanjá, que em alguns mitos é a mãe de todos os orixás, por isso é utilizada tanto para Ogum, Oxossi e Xangô, considerados seus filhos míticos, quanto para os demais, inclusive Oxalá. É empregada nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios. Utilizada em oferendas, serve como recipiente para depositar as iguarias oferecidas aos orixás.

Suas folhas são estimulantes e diuréticas, e com elas prepara-se chá para combater as afecções das vias urinárias. As raízes são utilizadas contra os estados febris, gastrites e debilidades orgânicas. As sementes secas e trituradas, misturadas ao óleo de linhaça, são aplicadas sobre furúnculos e abscessos para apressar o processo de maturação. É indicada, ainda, contra prisão de ventre, ingurgitamento do fígado e do baço, ulcerações sifilíticas, hemorróidas e reumatismo.

EWÉ KANAN



Nomes populares: *Cansanção-de-leite, cansanção, urtiga, urtiga-cansanção, urtiga-mamão, queimadeira, pinha-queimadeira*

Nome científico: *Cnidoscolus urens (L.) Arth., Euphorbiaceae*

Sinonimia: 1) *Jatropha urens* Muell. Arg.
2) *Hibiscus trisectus* Bertol.

Orixás: *Exu e Xangô*

Originária do continente americano, o cansanção-de-leite ocorre, praticamente, em todo o território brasileiro.

Embora, nos terreiros jêje-nagôs, esta planta também seja atribuída a Xangô, suas folhas são utilizadas com mais frequência em "trabalhos para separar casais e provocar desordens em alguns ambientes, pois têm a finalidade de excitar o orixá para trabalhos maléficos".

O látex extraído de seu caule é usado medicinalmente nos casos de erisipela, diretamente sobre a pele afetada. Todavia, por conter princípios tóxicos, alguns autores condenam a utilização desta planta, pois, quando encosta na epiderme sadia, provoca queimaduras que se transformam em ulcerações.

EWÉ KAWÓKAWÓ



Names populares: *Jitirana-vermelha, campainha, corda-de-viola, jitirana, corriola, primavera-de-caiena*

Nome científico: *Ipomoea hederifolia* L. *Convolvulaceae*

Sinonímia: 1) *Ipomoea cocinea* L. var. *hederifolia*
2) *Quamoclit hederifolia* (L.) Choisy
3) *Ipomoea sanguinea* Vahl.

Orixá: *Xangô e Oiá*

Elementos: *Fogo/masculino*

Nativa da América tropical e subtropical, esta convolvulácea é encontrada em quase todas as regiões do Brasil e no continente africano.

Planta trepadeira utilizada na iniciação e "em banhos de defesa e prosperidade", sendo extremamente benéfica para os filhos de Xangô e Oiá.

Seu nome *kawókawó*, utilizado tanto no Brasil quanto na África, provavelmente é uma alusão à saudação feita a Xangô; todavia, entre os nigerianos, esta planta é conhecida ainda pelos nomes *sará ọrọbá, etí ológbó, etí ológbó pěté* (Verger 1995:684).

EWÉ KÓKÒ



Names populares: *Tajá, taioba, mangareta, mangarito, mangarás*

Nome científico: *Xanthosoma sagittifolium* (L.) Schott.

Orixás: *Oxossi, Iemanjá e Logun Edé*

Elementos: *Água/feminino*

Planta de origem americana, encontrada em áreas tropicais da América do Sul, Antilhas, América Central, México e África.

Utilizada nos cultos afro-brasileiros, esta folha representa "os fundamentos de Inlé e Iemanjá", nos rituais de iniciação desta "qualidade" de Oxossi.

Em Cuba, este vegetal é de grande importância nos rituais lucumis. É utilizado nas iniciações, atribuído a Iemanjá e aplicado medicinalmente em casos de debilidade mental (Cabrera 1992:479-482).

EWÉ KÚKÚNDÚNKÚ ou EWÉ ORÍ



Nome popular:	Batata-doce
Nome científico:	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir. & Lam., Convolvulaceae
Orixás:	Iemanjá, Ogum e Oxumaré
Elementos:	Águalfeminino

Caribé & Campos (1991:22), sobre esta convolvulácea, citam: "Nativa da América, há informações de que era cultivada no México e no Peru desde épocas pré-colombianas."

Vegetal de grande importância e destaque entre os jêje-nagôs, tanto as folhas quanto os tubérculos têm uso litúrgico nas casas de candomblé brasileiras. As folhas são utilizadas em rituais de iniciação e entram nos banhos purificatórios de vários orixás, principalmente Iemanjá, Ogum e Oxumaré. Os tubérculos são oferecidos, juntamente com espigas de milho verde e laranjas, a Xangô Airá, por ocasião da festa em que é feita uma grande fogueira dedicada a este orixá, na noite da véspera do dia de São Pedro. Entram ainda na preparação de comidas que são colocadas como oferendas para Oxumaré e, juntamente com outros legumes, são utilizados em ebôs para diversas finalidades.

Na África, atribuem-lhe os nomes iorubás *òdùnkún*, *ánâmó yáyá*, *òdùnkún àdùnmó* e *èdunmùsì* (Verger 1995:684), além de *kúkúndùnkú*, que é o nome pelo qual é conhecido pelos nagôs brasileiros.

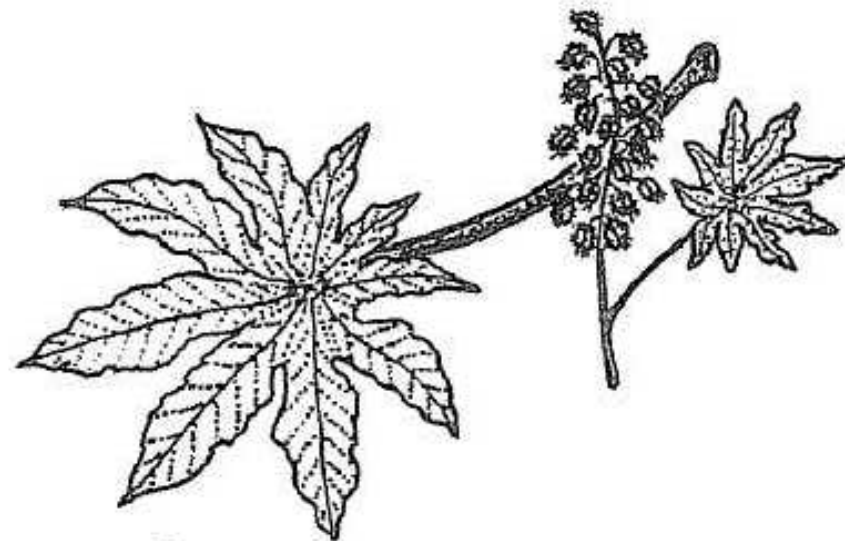
Segundo Cruz (1982:104), "as folhas são emolientes e seu cozimento serve para tumores e inflamações, sobretudo da boca e da garganta, aplicando-se em gargarejos".

EWÉ LÁRÀ FUNFUN



Nomes populares:	Mamana, mamona-branca, carrapateiro, palma-de-cristo, mamoneira etc.
Nome científico:	<i>Ricinus communis</i> L., Euphorbiaceae
Sinonímia:	1) <i>Ricinus digitatus</i> Nor. 2) <i>Ricinus híbrido</i> Bess. 3) <i>Ricinus leucocarpus</i> Bert.
Orixá:	Oxalá
Elementos:	Arlfeminino

Nos compêndios específicos de botânica, dentro do gênero *ricinus*, a única espécie descrita é o *Ricinus communis*; porém, ocorrem diversas variedades com características pouco diferenciadas. Conhecida na Índia, desde tempos remotos, é considerada por alguns autores nativa da Ásia; todavia, Kissmann (1992:665-II) afirma que esta planta é provavelmente de origem africana e que era encontrada



no antigo Egito. Ocorre em abundância em todo o território nacional, medrando, espontaneamente, nos principais Estados do Nordeste, Sudeste e Sul.

A folha da mamona é empregada nas casas de candomblé, servindo de recipiente para as comidas oferecidas, tanto na Sassanhê, como no Olubajé, ritual coletivo de saúde dedicado a Obaluaiê.

Pelos nomes iorubás de *lárà*, *lárà pupa*, *ilárà*, *ilárùn*, *lápálápá adètè* e *ará pupa* (Verger 1995:714), esta folha é conhecida no continente africano.

Como remédio, a água das folhas cozidas com sal serve para banhar os pés quando inchados. Das sementes extrai-se o óleo de rícino, que é purgativo e indicado contra prisão de ventre. Embora as sementes sejam tóxicas, pois, se ingeridas, podem provocar a morte, o óleo de rícino não é venenoso. As toxinas ficam retidas no resíduo das sementes quando o óleo é extraído.

EWÉ LÁRÀ PUPA



Nome popular: Mamona-vermelha

Nome científico: *Ricinus sanguineus* Hoot., Euphorbiaceae

Orixás: Ossaim e Egum

Elementos: Fogo/feminino

A mamona vermelha, segundo alguns autores, é uma variedade da espécie *R. communis* L.

Nos cultos jêje-nagôs brasileiros, ela tem utilidade diferenciada em virtude de sua cor avermelhada. É indicada para forrar o chão da casa-dos-eguns, por ocasião da morte de um iniciado. Sobre elas são colocados os assentamentos que pertenceram ao morto para serem despachados ao final do ritual do axexé, cerimônia mortuária. Acredita-se que, "se alguém, por maldade, bater com o talo de uma folha em um iniciado, o seu orixá se afasta", mostrando a incompatibilidade entre os orixás e os eguns, espírito dos mortos.

Na fitoterapia, a mamona vermelha possui as mesmas propriedades da mamona comum.

EWÉ LÁTIPÀ



Nome popular:	Mostarda
Nome científico:	<i>Brassica rapa</i> L., <i>Cruciferae</i> (<i>Brassicaceae</i>)
Sinonimia:	1) <i>Brassica campestris</i> L. 2) <i>Brassica campestris</i> L. var. <i>rapa</i> Hartm. 3) <i>Brassica rapa</i> L. ssp. <i>sylvestris</i> (L.) Janchen
Orixás:	Obaluaiê, Nanã, Iemanjá e Oxum
Elementos:	Terra/masculino

Originária da Europa meridional e amplamente disseminada pelo mundo, as sementes desta crucífera são utilizadas comercialmente na fabricação de mostarda.

Nos candomblés brasileiros, suas folhas entram no preparo de comidas que são oferecidas a Obaluaiê, no *Olubáje*, considerado a festa máxima deste orixá, ritual coletivo de saúde.

Uma lenda muito conhecida do "povo-de-santo" relata que quando Obaluaiê andava pelo mundo, certa vez chegou no reino de Oxumaré, onde estava ocorrendo uma grande festa com a presença de todos os orixás. Porém, ao entrar no recinto onde acontecia um banquete, ele não foi reconhecido pelos presentes, nem por sua mãe, Nanã, pois seu corpo estava coberto de chagas. Revoltado, e sendo um grande feiticeiro, deixou cair um pó que provocou coceiras e feridas em todos os participantes. Os orixás recorreram ao oráculo de Ifá, para saber a causa daquela epidemia. Orumilá informou que um grande rei estivera presente ao banquete e não fora prestigiado. Para desfazer o malefício provocado por Obaluaiê, era necessário promover uma grande festa (um grande ebô) em sua homenagem. "E assim foi feito. Todos se desculparam e ficaram curados. Por isso é que até hoje se faz o Olubajé em homenagem a este orixá, para que as pessoas tenham boa saúde."

Medicinalmente, as raízes da mostarda em infusão são indicadas no combate às afecções das vias urinárias, tuberculose e debilidade orgânica. As sementes são utilizadas nos casos de reumatismo, gota, congestão pulmonar e paralisias.

EWÉ LOROÇÚN



Nome popular:	Abre-caminho
Nome científico:	<i>Lygodium volubile</i> Sw., <i>Schizaeaceae</i>
Orixá:	Ogum
Elementos:	Terra/masculino

Essa trepadeira é imprescindível nos ritos de encerramento do ano litúrgico dos orixás nos candomblés jêje-nagôs, por isso é conhecida como a folha do *olorogún*, nome dado a esse ritual. Nessa ocasião, os homens colocam uma rodilha desse vegetal envolvendo o ombro esquerdo, e as mulheres trazem-na sobre a cabeça, representando a ida dos orixás para a guerra. Após o transe coletivo é simulada uma disputa, na qual será escolhido um que ficará para guardar o terreiro. Um balaio de pipocas será colocado no quarto de Xangô e só será retirado quando tiver início o novo ano litúrgico com a abertura das festas.

O abre-caminho é utilizado também em banhos, sacudimentos e defumadores, especialmente nas casas-de-angola, com a finalidade de "abrir os caminhos e atrair boa sorte".

EWÉ MIMOLÉ



Nome popular: *Brilhantina*

Nome científico: *Pilea microphylla* Miq. *Urticaceae*

Sinonímia: 1) *Pilea microphylla* Liebm.
2) *Pilea muscosa* Lindl.

Orixás: *Oxalá e Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

Planta herbácea, nativa da América tropical, encontrada em todo o território nacional, cultivada e espontânea.

Embora seja uma planta facilmente encontrada, seu uso é pouco freqüente nas casas-de-santo; porém, é utilizada na composição de "banhos de proteção juntamente com outras folhas dos orixás", sendo comum a reafirmação de não usá-la isoladamente, provavelmente pelo fato de tratar-se de uma urticácea; todavia, os batuqueiros do Sul do país utilizam esta planta com freqüência em banhos de purificação para os filhos de Oxum, e atribuem-lhe o nome popular de dinheiro-em-penca.

EWÉ MỌNÁN



Nome popular: *Parietária*

Nome científico: *Parietaria officinalis* L., *Urticaceae*

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Ar/feminino*

De origem européia e aclimatada no Brasil, a parietária medra espontaneamente em terrenos baldios nas diversas regiões do país.

As folhas são utilizadas nos rituais do candomblé, em banhos purificatórios e "sacudimentos para pessoas que precisam melhorar a sorte".

Na fitoterapia, o cozimento das folhas da parietária é indicado no combate às irritações e inflamações das vias urinárias, como cicatrizante e para debelar doenças de pele.

EWÉ OBAYA



Nomes populares: Desata-nó, jaborandi, jaborandi-manso, jaborandi-do-ceará, falso-jaborandi, jaborandi-de-minas, jaborandi-da-mata-virgem

Nome científico: *Ottonia anisum* Spreng., Piperaceae

Sinonímia: *Piper jaborandi* Gaud.

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Originária da América do Sul, esta piperácea é encontrada no interior de matas em todo o Brasil.

Nos candomblés, vários sacerdotes indicam a folha do desata-nó para ser "usada verde e quinada em banhos de descarregos do pescoço para baixo, nunca na cabeça, pois é uma folha muito quente". Todavia, em algumas pessoas provoca sensação de coceira devido às suas propriedades anestésicas.

Guimarães (1984:64/65) relata: "Esta espécie também é muito usada na Umbanda nos rituais religiosos, principalmente nos chamados 'banhos de descarregos' e 'defumadores de caboclos', tendo por finalidade afastar os maus espíritos e evitar quebrantos. As folhas da *Ottonia anisum*, quando frescas, exalam um fraco aroma, levemente semelhante ao do aniz; quando mascadas produzem grande salivação e sensação de anestesia; quando cozidas, são empregadas em banhos para a cura de inchações dos pés. Na flora medicinal são conhecidas como 'raízes de jaborandi' e são consideradas pelo povo como 'abortivas para animais'." Informa ainda que esta planta é geralmente empregada sob a forma de infuso, decocto, xarope e pó, sendo que "não deve ser usada por pessoas cardíacas e débeis".

Popularmente, esta planta é empregada também nos casos de amenorréia, caxumba, edema pulmonar, hemorragia, irritação brônquica, leucorréia, dor de dente e hemoptises, e o sumo das folhas trituradas, friccionadas sobre o couro cabeludo, combate a alopecia.

EWÉ QBÊ



Nome popular: Salsa

Nome científico: *Petroselinum sativum* L., Umbeliferae

Orixás: Oxum e Exu

Elementos: Água/feminino

De origem européia, a salsa há muito é cultivada em terras brasileiras, sendo utilizada como tempero na cozinha doméstica.

O consumo dessa umbelífera para fim alimentar é proibido aos participantes das casas-de-santo de origem Ketu; todavia, nos candomblés jêje, ela é utilizada em sacudimentos.

Em Cuba, o perejil, como é chamada, é atribuído a Oxum e recebe os nomes lucumis *izakó* e *iyádédé* (Cabrera 1992:514), sendo empregado liturgicamente em fórmulas para conseguir dinheiro, conquistas, triunfos e atrair clientela no comércio (Cabrera 1992:514-515).

Körbes (1995:158) exalta as propriedades terapêuticas da salsa dizendo que é "riquíssima em vitaminas e sais minerais como o ferro; por isso, é recomendada aos anêmicos, fracos e nervosos; abre o apetite, boa para a memória, favorece a digestão, tanto as folhas como a raiz. Seu chá combate as febres da primavera e outono, o amarelão, a retenção da urina, a obesidade; provoca suor, gases intestinais, inchaços do fígado, estimula as contrações uterinas. O suco tomado em leite acalma a asma, levanta o espírito após a embriaguez. Externamente, se usa em cataplasma ou compressas para curar úlceras, mesmo cancerosas, chagas rebeldes, machucaduras, pancadas, contusões. Contra a dor de dente (colocam-se folhas esmagadas com um pouco de sal no ouvido do lado que dói o dente), uma bolinha posta no nariz faz estagnar a hemorragia nasal".

EWÉ ODÁN



Names populares: Erva-silvina, cipó-cabeludo, soldinha

Nome científico: *Polypodium vacciniifolium* Langsd & Fischer,
Polypodiaceae

Orixás: Obaluaiê e Nanã

Elementos: Terra/masculino

De origem brasileira, esta polipodeácea medra em quase todas as regiões do país, principalmente em matas tropicais úmidas, onde é encontrada afixada nos troncos das árvores.

Embora não sendo propriamente uma parasita, a erva-silvina é considerada como tal e está incluída entre os *âfômôn*, categoria que é atribuída a todos os vegetais que se utilizam de outros como substrato. Segundo a tradição jêje-nagô, este é um dos principais vegetais atribuídos a Obaluaiê, e "representa os fundamentos deste orixá com Nanã", sua mãe mítica. É utilizado nos rituais de iniciação dos iaôs, no *âgbo* e em banhos de purificação.

Como fitofármaco, possui propriedades hemostáticas e adstringentes, sendo empregado para combater os males dos rins, bexiga, reumatismo, dores nas costas, varizes, perda de sangue pela urina e congestões sangüíneas.

EWÉ ODÊ ou ÈMÔN



Names populares: Carrapicho-beiço-de-boi, pega-pega, marmelada-de-cavalo

Nome científico: *Desmodium adscendens* (Sw.) D.C.,
Fabacea (Leguminosae)

Sinonímia: 1) *Hedysarum adscendens* Sw.
2) *Meibomia adscendens* (Sw.) Kuntze

Orixá: Oxassi

Elementos: Terra/masculino

Nativa da América tropical, o carrapicho-beiço-de-boi encontra-se disseminado por toda a América do Sul, Antilhas e África. No Brasil, vegeta em todas as áreas, principalmente nas litorâneas.

Planta utilizada no *âgbo* e em banhos purificatórios, é uma das ervas de Oxossi também conhecida pelo nome genérico *ewé odê*, dado a todas as espécies de carrapichos nos candomblés brasileiros. Suas sementes são adicionadas ao amalá (à base de quiabo) oferecido a Xangô, e a ebós que pretendem "segurar o amante afastado ou dinheiro que foge".

No continente africano é conhecida entre os sacerdotes dos orixás pelos nomes iorubás *èpà ikúnfóbó*, *èpà ilê*, *ogánsó dùndún* e *àjádù* (Verger 1995:661).

Na medicina popular esta planta é utilizada para combater a leucorréia, blenorragia, diarréia, infecções pulmonares e dores no corpo. Possui, ainda, propriedades laxativas.

EWÉ OFÉRÈ



Nomes populares: *Crideúva, piriquiteira, cambriúva, taleira, motamba, seriúva, chico-magro*

Nome científico: *Trema micrantha* (L.) Engler., Ulmaceae

Sinonímia: 1) *Celtis canescens* H.B.K.
2) *Celtis micrantha* Sw.
3) *Celtis schiedeana* Schl.
4) *Rhamnus micrantha* L.

Orixás: *Oxalá e Ojá*

Elementos: *Ar/masculino*

Planta nativa brasileira, encontrada nas Américas Central e do Sul, Antilhas e México.

A crideúva, nos candomblés, é chamada de "folha da amizade"; sendo considerada muito positiva, é boa para banhos de purificação, sacudimentos e trabalhos para pôr termo em inimizades e desuniões. Sua coleta requer cuidados, pois "deve-se apanhar apenas as folhas necessárias, senão tem efeito contrário". Em banho, é utilizada para os filhos de qualquer orixá, indistintamente, e juntamente com outras folhas e algumas favas, prepara-se um "pó de prosperidade".

EWÉ OGBE ÀKUKO



Nomes populares: *Crista-de-galo, heliotrópio, borragem, borragem-brava, jacuacanga, erva-de-são-fiacre, aguaraá, tiriri*

Nome científico: *Heliotropium indicum* L., Boraginaceae

Sinonímia: 1) *Heliotropium cordifolium* Moench
2) *Heliotropium horminifolium* Mill.
3) *Heliotropium foetidum* Salisb.
4) *Heliotropium indicum* D.C.

Orixá: *Xangô*

Elementos: *Fogo/masculino*

Originária da Ásia, a crista-de-galo é uma planta que ocorre na África e nas Américas; no Brasil, ela medra em praticamente todas as regiões.

Nos candomblés, em algumas casas, esta erva é utilizada para Oxossi, tendo ainda quem a use para Obaluaiê. Todavia, segundo informações colhidas em terreiros tradicionais da Bahia e do Rio de Janeiro, esta planta, conhecida em Salvador pelo nome popular de bico-de-papagaio, pertence a Xangô. Suas folhas, entram no *orô* (ritual de iniciação), no *agbô* e em banhos purificatórios dos iniciados. É ainda utilizada para preparar um *caruru* que é oferecido a Xangô.

Segundo Verger (1992:50/52), este vegetal, que na África é conhecido pelos nomes *agogo igún, ôgún, ogbe àkùkò, àkùkò dúdú, àkùkò funfun* (Verger 1995:677), é citado nos mitos de Ifá e foi usado por Orumilá, juntamente com outras folhas, para acalmar a cólera das *iyámi* contra a humanidade.

Em Cuba, a crista-de-galo é consagrada a Obatalá, e atribuem-lhe o nome *lucumi aguéyi* (Cabrera 1992:298). Todavia, alguns "santeiros" atribuem este vegetal também a Oxum, sendo usado em banhos.

Na fitoterapia, é utilizada em gargarejos para combater aftas, ulcerações na garganta e faringe.

EWÉ OGBÔ



Nomes populares: Rama-de-leite, cipó-de-leite, folha-de-leite, orelha-de-macaco

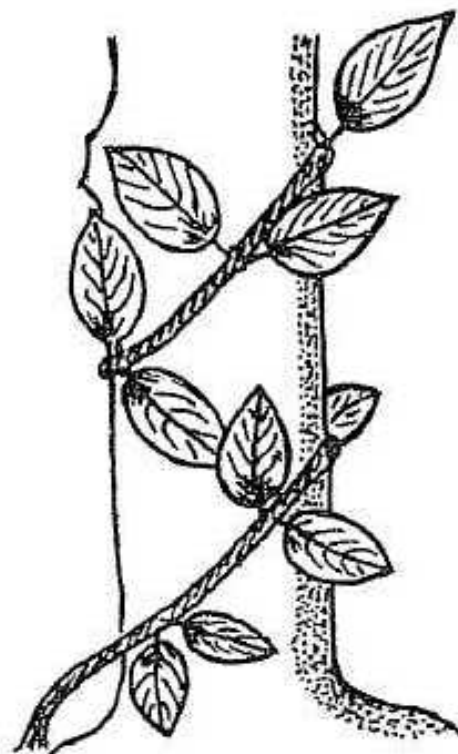
Nome científico: *Periploca nigrescens* Afzel., Asclepiadaceae

Sinonímia: *Parquetina nigrescens*, (Afzel) Bullock.

Orixás: Oxossi e Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Planta originária da África tropical, trazida pelos nagôs para o Brasil, onde está aclimatada, sendo encontrada em florestas sombreadas ou cultivada para fins ritualísticos.



O *ogbô* é um vegetal que entra na iniciação de todos os filhos-de-santo. É utilizado tanto em banhos quanto em ritual associado a outras plantas para retirar a consciência mediúnica dos iniciados; seu efeito só se faz presente quando catalisados por determinadas folhas.

Conta um mito muito popular nos candomblés que "esta foi a primeira folha liberada por Ossaim, para ser utilizada por Oxossi".

Na África recebe ainda os nomes *ogbô pupa*, *ogbô funfun*, *asogbókan*, *asô-bomo*, e *gbôlogbôlo*, e utilizam-na liturgicamente para tratar a epilepsia (Verger 1995:265,704).

EWÉ OJÚ OMÍ



Nomes populares: Lágrimas-de-nossa-senhora, capim-de-nossa-senhora, capim-de-conta, capim-rosário, lágrima-de-jó

Nome científico: *Coix lacryma-jobi* L., Poaceae (Gramineae)

Sinonímia: 1) *Coix lacryma* L.
2) *Lithagrostis lacryma-jobi* (L.) Gaert.
3) *Sphaerium lacryma* (L.) Kuntze

Orixás: Oxalá, Ossaim, Oxossi e Iemanjá

Elementos: Água/masculino

A lágrima-de-nossa-senhora é originária da Ásia tropical; todavia, encontra-se disseminada em diversas regiões tropicais e subtropicais da África e Américas.

Nos candomblés jêje-nagôs na Bahia e no Rio de Janeiro, esta planta entra no *orô* (ritual) de Ossaim, sendo também utilizada em banhos pelos filhos de Oxossi ou Iemanjá.

Adeptos do batuque rio-grandense afirmam que "no Ijexá esta folha pertence a Oxalá e a todas as Iabás, servindo para banhos e para lavar os búzios que são usados para jogar."

No continente africano, é utilizada pelos babalaôs do culto de Ifá, tanto os tentos quanto as folhas num "trabalho para mulher obedecer ao marido", e recebe o nome de *tésúbjyû* (Verger 1995:397,652).

Os umbandistas usam as sementes dessa gramínea como contas para confeccionar colares e rosários que são usados pelos pretos-velhos. As sementes em infusão com água são deixadas para pernoitar no sereno e retiradas antes do sol nascer. Esta composição é usada sobre os olhos, pois acredita-se que "lavar as vistas com esta poção aumenta a intuição e a visão mediúnica".

O banho das folhas e colmos cozidos é considerado anti-reumático e excitante do sistema nervoso. As sementes são usadas no combate à asma, afecções pulmonares e retenções urinárias.

EWÉ OJÚUSÁJÚ



Nomes populares: Guiné, guiné-piú, erva-tipi, erva-guiné, erva-de-alho, tipi-verdadeiro

Nome científico: *Petiveria alliacea* L., Phytolaccaceae

Sinonímia: *Petiveria tetrandra* Gomez

Orixás: Orumilá, Oxossi, Ogum e Exu

Elementos: Terra/masculino

Vegetal distribuído na África e na América tropical, encontrado em todo o território nacional. Era conhecido pelos escravos desde a época da colônia, quando costumavam utilizá-lo como "remédio para amansar os senhores de engenho". Segundo Rodrigues (1989:141), "o pó de sua raiz fracionada, provoca superexcitação, insônia e alucinações, após o que sobrevém a indiferença e até a imbecilidade, seguindo-se o amolecimento cerebral, convulsões tetaniformes, paralisia da laringe e em seguida a morte, no prazo de, aproximadamente, um ano, dependendo das doses ingeridas.... Verger (1995:41) cita que "foi levada para a Nigéria do Brasil".

Nos candomblés brasileiros empregam-se, com freqüência, as folhas de guiné em banhos e sacudimentos de pessoas e casas; porém, nos terreiros de umbanda entra na composição de "defumadores com a finalidade de afastar eguns e exus negativos e em banhos para lavar a cabeça e as guias dos filhos-de-santo", sendo atribuída a Oxossi e aos caboclos.

Na África, é usada pelos babalaôs do culto de Ifá, para combater feitiços e obter-se o respeito de *Iyamí* (entidades femininas malélicas); seu nome iorubá é o mesmo pela qual é conhecido no Brasil, e entra em "receita para tratar febre amarela", "receita para tratar dor nos olhos" e "trabalho para ter sorte" (Verger 1995:179,219,367).

Em Cuba, essa erva é considerada um *éwo* (interdito) para os filhos de Oxalá e Iemanjá, e seu uso é proibido nas casas lucumis.

Na medicina popular tem emprego contra dores de cabeça, enxaquecas, nervosismo e falta de memória; todavia, acredita-se que em demasia pode afetar os olhos, inclusive provocando cegueira, pois é considerada tóxica, principalmente as raízes. A tintura obtida dessa planta tem uso externo, em fricções, no combate à paralisia em geral e reumatismo. A raiz é usada contra dor de dente.

EWÉ OMÍ e PÁPÁSAN



Nomes populares: Beldroega, portulaca, beldroega-verdadeira, beldroega-pequena, ora-pro-nóbis

Nome científico: *Portulaca oleracea* L., *Portulacaceae*

Sinonímia: 1) *Portulaca marginata* H.B.K.
2) *Portulaca retusa* Engelman
3) *Portulaca neglecta* Mackenzie & Bush.

Orixá: Oxalá

Elementos: Águalfeminino

"Existe controvérsia sobre o local de origem dessa planta. (...) Pelo fato de que já tenha sido cultivada no antigo Egito, o norte da África tem sido cogitado. O mais provável, contudo, é que seja originária da região do Himalaia, na Ásia. Atualmente a planta ocorre amplamente por quase todas as regiões do mundo, desde tropicais a temperadas. No Brasil tem ampla distribuição em quase todo o território" (Kissmann 1995:341-III).

Conhecida também no candomblé pelo nome nagô *pápásan*. "essa erva, como todas as de Oxalá, pode ser usada para os outros orixás, principalmente em banhos, pois é uma folha considerada fria e calmante".

Nas santerias cubanas, a beldroega é atribuída a Iemanjá e, em banhos, tem a finalidade de melhorar a sorte (Cabrera 1992:552).

Na África é utilizada nos rituais iorubás, sendo conhecida pelos nomes *pápásan*, *şégunşétê*, *sémolésè* e *akórélówó* (Verger 1995:710).

Medicinalmente, é usada nas afecções cutâneas, nas doenças das vias urinárias, como regulador intestinal e como diurético. As folhas trituradas e aplicadas sobre feridas aceleram o processo de cicatrização.

EWÉ OMÍ OJÚ



Names populares: *Vitória-régia, rainha-dos-lagos, milho-d'água, forno-d'água, forno-de-jaçanã*

Nome científico: *Nymphaea victoria Sch., Nymphaeaceae*

Sinonimia:

- 1) *Victoria amazonica* Sow.
- 2) *Victoria amazonum* Kl.
- 3) *Victoria regalis* Schomb.
- 4) *Victoria regina* Gray
- 5) *Victoria regia* Lindl.

Orixá: Obá

Elementos: Água/feminino

Planta de origem amazônica que ocorre em grandes extensões de águas paradas, lagos e pântanos.

Sendo uma das folhas de Obá, além de ser empregada nos rituais de iniciação e nos banhos purificatórios desta deusa guerreira, serve também para cobrir seu assentamento, pois acredita-se que ela não gosta de ter seus objetos expostos.

EWÉ OMÍ-ERÓ



Nome popular: *Trevo-de-quatro-folhas, trevo-aquático, trevo-da-fortuna*

Nome científico: *Marsilea quadrifolia L., Marsileaceae*

Orixás: Oxalá e Oxum

Elementos: Água/feminino

Ocorrendo na Europa, Ásia e África, esta planta é considerada aquática, sendo encontrada em beira de córregos, lagos e rios. Aclimatada no Brasil e em outros países de clima tropical.

Existe uma crença de que o trevo de quatro folhas atrai sorte para quem o encontra. Esse tipo de trevo, nos candomblés, possui a mesma representação, pois é usado em banhos para atrair a boa sorte. Juntamente com outras plantas, compõe a mistura utilizada para lavar o conjunto de 16 búzios usados em jogo divinatório e os olhos dos sacerdotes que os utilizam.

EWÉ ÒPÁ



Nome popular: *Transagem*

Nome científico: *Plantago major L., Plantaginaceae*

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta herbácea nativa do Brasil e disseminada por toda a América tropical. Considerada planta daninha, pois invade gramados e pastagens, tem ocorrência em todo o território nacional.

A transagem é usada nos rituais das casas de candomblé em banhos purificatórios e no *ãgbo* dos filhos de Obaluaiê; por extensão, é utilizada também para Nanã e Oxumaré.

Para viciados em álcool, a população do interior costuma "utilizar de oito a nove pendões (inflorescências) de transagem, curtidos em aguardente por um período de uma semana. Depois esse líquido é coado e dado à pessoa, sem que ela saiba que a pinga foi preparada, para que ela deixe de beber". Acredita-se que o alcoólatra enjoará da bebida.

Considerada adstringente, tônica e febrífuga, é indicada em febres intermitentes, incontinência urinária noturna e otite das crianças. Em gargarejo é empregada contra dor de dente, inflamações da garganta, angina e piorréia alveolar. Na homeopatia, produz-se um comprimido à base de *plantago major*, que ajuda nos casos de tabagismo, quando se deseja abandonar o vício do cigarro. Essa planta é utilizada ainda como depurativo do sangue e inflamações uterinas generalizadas.

EWÉ ÒRĚ



Names populares: *Falso-iris, duas-amigas, lírio-roxo-das-pedreiras*

Nome científico: *Neomarica caerulea Sprague., Iridaceae*

Sinonímia: *Marica caerulea Ker-Gawl.*

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta de origem brasileira, cultivada como ornamental devido às suas flores, que se assemelham a orquídeas e nascem aos pares.

As flores e folhas são utilizadas pelas mulheres na confecção de sortilégios, com a finalidade de aproximar "amizades estremecidas".

EWÉ ÒWÚ



Nome popular: Algodoeiro

Nome científico: *Gossypium barbadense* L., Malvaceae

Orixás: Oxalá e Orumilá

Elementos: Ar/feminino

Encontrado no Brasil desde a época do descobrimento, este arbusto tem sua origem na Índia e na China, sendo cultivado em regiões de clima tropical e temperado nos diversos continentes.

O algodoeiro é planta de grande prestígio entre os jêje-nagôs. Ele é citado várias vezes nos mitos: um deles relata que Ôsá, signo feminino, que rege o fluxo menstrual, o útero, a corrente sanguínea, o fígado e o coração, foi encarregado de guardar o primeiro algodoeiro criado por Olorum, o qual era constantemente atacado por pássaros que vinham comer suas sementes. Como consequência, outros rebentos não nasciam. Ôsá inventou uma rede e capturou as aves predadoras, permitindo, assim, que outras mudas viessem a existir.

Santos (1976:112), citando Verger, relata outra lenda atribuída ao signo *Ogbé-Ògúnda*, que faz alusão ao algodoeiro, relacionando-o à fecundação. Diz respeito a um enigma proposto pelas *Iyámi*, o qual Orumilá teria que desvendar, sob pena de ver a humanidade exterminada. "Elas dizem lançar; *Orúmílá* diz agarrar." Orumilá resolveu o enigma respondendo que elas iriam lançar um ovo sete vezes e ele teria que agarrá-los num punhado de algodão. Esse enigma representa o equilíbrio entre o feminino e o masculino, que permite a continuação da vida através da fecundação do ovo (elemento feminino) pelo algodão (elemento masculino).

O fruto do algodoeiro pertence a Oxalá, bem como o algodão que está contido no seu interior, que serve para envolver os objetos rituais deste orixá.

As folhas são utilizadas nos rituais de iniciação e, "em outras condições, devem ser usadas com muita cautela, apenas em casos específicos, pois trata-se de uma "ewé gún", folha muito quente e poderosa".

Os caroços negros funcionam como "favas" e são colocados dentro da gamela que contém os objetos rituais de Xangô Airá.

O algodão é a matéria-prima na fabricação do tecido predileto de Oxalá, o morim, o algodão puro. Utiliza-se também para cobrir oferendas quando se pede pela saúde de alguém.

Na África, o algodoeiro é conhecido pelos nomes iorubás *àgbède*, *kéréwúú* e *òwú* (Verger 1995:676).

É importante notar a relação do algodão com o ciclo menstrual e o útero, tanto no campo religioso, quanto no fitoterápico. No religioso, Ôsá, o signo que rege o útero e a menstruação, foi escolhido por Olorum como guardião do algodoeiro primordial. No campo fitoterápico, o algodoeiro é indicado no combate "aos problemas da mulher", como cita Cruz (1982:38/39). "Suas principais e mais importantes indicações, porém, são em certas enfermidades próprias da mulher. É assim que, sendo um vegetal de comprovada ação hemostática, dá os melhores resultados no combate às desordens menstruais em que há regras abundantes, e nas hemorragias após parto. Emprega-se ainda no tratamento das inflamações e dores do útero, e na retenção da placenta, usando-se igualmente para provocar contrações uterinas." E ainda: "O algodoeiro tem outra aplicação importante: é nos casos em que as senhoras que amamentam não têm leite ou este é escasso, quando ele promove e faz aumentar a secreção das glândulas mamárias."

EWÉ PÀPÓ



Nomes populares: *Camapu, juá-de-capote, bucho-de-rã, bate-testa*

Nome científico: *Physalis angulata L., Solanaceae*

Orixás: *Oxossi, Obaluaiê e Exu*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta nativa brasileira disseminada em outros continentes, inclusive o africano. Ocorre em todo o território nacional, principalmente no Nordeste.

Atribuída por alguns a Oxossi, é indicada para sacudimentos; por outros, a Obaluaiê, sendo usada em banhos purificatórios; e ainda por terceiros, para Exu, entrando em obrigações.

Segundo Verger (1995:708), este vegetal, na África, é conhecido pelos nomes iorubás *amúnibimọ, kórópòó rákùrágba e kóropọn*.

Na fitoterapia emprega-se o camapu como diurético, desobstruinte, calmante e depurativo. Usado ainda para combater os males do fígado, reumatismo crônico, dor de ouvido e doenças de pele.

EWÉ PĒPĒ



Nomes populares: *Calêndula, malmequer, maravilha-do-jardim*

Nome científico: *Calendula officinalis L.,
Compositae (Asteraceae)*

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

De origem européia, do Mediterrâneo e ilhas Canárias, a calêndula disseminou-se por quase todos os continentes, sendo encontrada no Brasil, principalmente nas áreas de litoral.

Planta utilizada nos candomblés jêje-nagôs em banhos purificatórios e em sacudimentos em pessoas debilitadas.

Em Cuba, este vegetal é usado em sacudimentos, banhos de purificação e para rezar pessoas fracas que desmaiam com facilidade (Cabrera 1992:409).

Em infusão, a calêndula acalma as dores de garganta e ouvido, atua como regulador menstrual, e as sementes são vermífugas. Em loção ou pomada tem função antiinflamatória e cicatrizante sobre a pele.

EWÉ PÚPAYO



Nomes populares: Gerânio-cheiroso, jardineira, malva-maçã

*Nome científico: Pelargonium odoratissimum (L.) Ait.,
Geraniaceae*

Orixás: Xangô e Oiá

Elementos: Fogofeminino

De origem africana, o gerânio-cheiroso encontra-se aclimatado no Brasil, onde é cultivado como planta ornamental. Suas folhas exalam um perfume que justifica seu nome.

Nos rituais afro-brasileiros, usa-se este vegetal em banhos de purificação e "para combater demandas e melhorar a sorte".

Usado na fitoterapia, detém propriedade adstringente, combate diarreias e corrimentos.

EWÉ RÉRÉ



Nomes populares: Fedegoso, fedegoso-verdadeiro, manjerioba, mata-pasto, mamangá, erva-fedorenta, folha-de-pajé, tararaçu

*Nome científico: Senna occidentalis (L.) Link.
Fabaceae (Leguminosae)*

Sinonímia: Cassia occidentalis L.

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Fogomasculino

Planta que tem sua origem na América tropical e ocorre em diversos continentes, inclusive na África. No Brasil encontra-se disseminada do Norte ao Sul do país.

Nos rituais jêje-nagôs as folhas do fedegoso são utilizadas em banhos de purificação e sacudimentos. Na umbanda, essa planta é conhecida pelo nome de erva-de-obaluaiê, sendo dedicada a este orixá. É empregada em "banhos de descarrego", especialmente para pessoas consideradas adoentadas.

Pelos nomes *abo réré, réré, adawêrêşewêrê, ôganlara* (Verger 1995:718), esta planta é conhecida e usada pelos iorubás com fins litúrgicos.

O fedegoso é purgativo, combate os estados febris, males do fígado, afecções urinárias e inflamações da próstata. O suco é muito eficiente nos casos de erisipela e eczemas.

EWÉ SOLÉ



Nomes populares: Maria-preta, maria-preta-verdadeira, balaio-de-velho

Nome científico: Eupatorium ballotaefolium H.B.K., Compositae

Orixás: Nanã, Obaluaiê e Oxumaré

Elementos: Terra/feminino

Folha utilizada nos rituais de iniciação e banhos purificatórios para os filhos de Nanã, Obaluaiê e Oxumaré.

O decocto dessa planta é usado para curar feridas diversas e, juntamente com capim-limão e raiz de fumo-bravo, em infusão, serve para combater gripes e resfriados fortes. Planta aromática, excitante e emoliente.

EWÉ TÚNI



Nomes populares: Erva-cidreira-do-campo, salva-do-brasil, erva-cidreira

Nome científico: Lippia geminata Gardn., Verbenaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Nativa no Brasil, a erva-cidreira-do-campo vegeta do Norte ao Sul do território nacional, preferindo lugares úmidos e solos arenosos.

Embora pouco usada para os orixás nas casas jêje-nagôs, a erva-cidreira-do-campo, na umbanda, é utilizada em banhos e defumadores para estimular a mediunidade e facilitar o transe mediúnico.

Na fitoterapia, essa planta é um excelente estomáquico, servindo inclusive para combater cólicas, gripes e resfriados. Possui as seguintes propriedades: calmante, estimulante e tônica.

EWÉ TUTU



Nome popular: Repolho

Nome científico: *Brassica oleracea* var. *capitata* L.,
Cruciferae (Brassicaceae)

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/feminino

Tendo a mesma origem da couve (Europa e Ásia), o repolho é conhecido em diversos continentes e utilizado no Brasil em escala comercial.

É um dos ingredientes que compõem o ebó mais popular das casas-de-santo, "tudo que a boca come", utilizado com a finalidade de "limpar o corpo", eliminando influências nefastas dos eguns.

De grande valor nutritivo, e consumido de diversas formas na culinária brasileira, pois é rico em vitaminas e sais minerais. Tópicamente, tem utilidade medicinal nos casos de abscessos, pois provoca a expulsão de matéria fétida. Sob a forma de chá, elimina dores, nevralgias faciais e dentárias, combate úlceras internas e hemorróidas.

EWÉ WÊMÓ



Nome popular: Couve

Nome científico: *Brassica oleracea* var. *acephala* L.,
Cruciferae (Brassicaceae)

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/feminino

Originária da Europa e Ásia, é largamente utilizada no Brasil como hortaliça de grande valor comercial.

As folhas são usadas nos candomblés brasileiros, juntamente com outros vegetais, em "ebós de limpeza" conhecidos pela designação de "tudo que a boca come".

Na medicina popular, a couve cozida é utilizada como remineralizante, oxidante e laxante. Macerada, combate a icterícia, cálculos biliares, cálculos renais, bronquite, asma, colites ulcerosas e artrites. Ajuda nos casos de menstruações dolorosas e difíceis, desinfeta o intestino e combate vermes.

EWÉRÉ



Nomes populares: Alecrim, rosmaninho

Nome científico: *Rosmarinus officinalis L., Labiatae*

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Originário da Europa, o alecrim encontra-se disseminado por diversos países, inclusive o Brasil, onde é cultivado.

Nas diversas regiões de origem afro-brasileira, o alecrim é utilizado como uma planta dedicada a Oxalá, entrando na composição de banhos purificatórios e defumadores.

Nas santerias cubanas, essa erva é atribuída a Iemanjá e conhecida pelos nomes de *ewé ré* e *págwábimá*, sendo que este último nome significa "para dar à luz", alusão feita à utilização litúrgico-medicinal deste vegetal naquela ilha, pois "un cocimiento y la oración de San Ramón facilitan el parto. Se toma al primer dolor" (Cabrera 1992:537-538).

Medicinalmente, nos casos de má digestão e gases intestinais, utiliza-se essa planta na forma de chá. Conservada em álcool, combate o reumatismo e a encefalia, por meio de fricções locais.

Na culinária, o alecrim é utilizado como tempero para carnes, peixes, massas e saladas.

FALÁKALÁ



Nomes populares: Corredeira, erva-de-santa-luzia, erva-andorinha, erva-de-cobre, erva-de-sangue, burra-leiteira, alcanjoeira

Nome científico: *Chamaesyce hirta (L.) Millsp., Euphorbiaceae*

Sinonímia:

- 1) *Euphorbia hirta L.*
- 2) *Euphorbia ophthalmica Pers.*
- 3) *Euphorbia procumbens D.C.*
- 4) *Euphorbia gemella Lag.*
- 5) *Euphorbia capitata Lamk.*

Orixá: Exu

Elementos: Fogo/masculino

Nativa da América tropical, esta espécie ocorre desde o México até Sul do Brasil, onde é encontrada em quase todo o território nacional. Sob a denominação de corredeira, são encontradas várias ervas daninhas e invasoras; esta porém é a mais frequentemente citada como a "verdadeira corredeira".

Esta planta é utilizada, nos candomblés brasileiros, no "preparo de pó, com a finalidade de afastar inimigos dos caminhos e pessoas indesejáveis, e é indispensável quando assenta-se Exu".

Na medicina popular é usada para combater inflamações oculares; entretanto, sua seiva é considerada pegosa por alguns que desaconselham sua utilização.

FIRIRÍ



Nomes populares: Taquaril, taquari

Nome científico: *Merostachys donax* L., Gramineae

Orixá: Oiá

Elementos: Ar/masculino

Encontrada em áreas tropicais de diversas regiões brasileiras.

Nos candomblés, esta gramínea é usada em "banhos de fortalecimento para as pessoas de Oiá". O fato de sua utilização ser restrita apenas às "filhas de Iansã" diz respeito ao interdito, no qual pessoas do sexo masculino, mesmo pertencentes a este orixá, não podem utilizá-la.

FITÍBA



Nomes populares: Canafístula, tapira-coiana, chuva-de-ouro, fedegoso, fistula-amarela

Nome científico: *Cassia fistula* L., Leguminosae

Sinonímia: 1) *Cassia ferruginea* Scharad.
2) *Cassia amazonica* Duck.
3) *Cassia multifuga* Rich.
4) *Bacetyllobium ferrugineum* Scharad.
5) *Bacetyllobium fistula* Willd.

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Árvore de bonito porte e lindas flores amarelas pendentes, que lhe conferiram o nome de chuva-de-ouro. Originária da Índia, ocorre nos Estados do Norte ao Sul do Brasil.

As folhas da canafístula são empregadas nos rituais de iniciação de Oxossi, banhos purificatórios e sacudimentos.

Em Cuba, é utilizada medicinalmente nas santerias "para curar várias enfermidades, "tan delicadas, como la cardíaca, la ictericie, la piedra que se cria en el riñón y la impotencia sexual" (Cabrera 1992:367), sendo conhecida pelo nome lucumi *ireke moyé*.

Tanto as folhas quanto os frutos da canafístula são utilizados no Brasil para combater afecções e formação de cálculos renais. Popularmente, utiliza-se o suco das folhas misturado ao sal e clara de ovo para curar impigens.

GBÁGI



Nomes populares: *Pata-de-galinha, capim-pé-de-galinha, grama-sapa, capim-da-cidade, capim-criador*

Nome científico: *Eleusine indica* (L.) Gaertn.,
Poaceae (Gramineae)

Sinonímia: 1) *Eleusine gracilis* Salisb.
2) *Cynosurus indicus* L.
3) *Cynodon indicus* Rasp.
4) *Chloris repens* Steud.

Orixá: Oxum

Elementos: Água/masculino

Embora não exista uma certeza sobre a origem dessa planta, supõe-se que seja proveniente da Ásia e da Malásia; todavia, é uma planta que há muito tempo foi introduzida tanto no Brasil quanto na África.

Nos candomblés brasileiros esta gramínea é utilizada juntamente com outras ervas de Oxum, em banhos para "problemas de barriga ou gravidez, de prosperidade, e na sacralização dos objetos rituais do orixá".

Na África é utilizada, pelos babalaôs, em trabalhos para se obter favores de Oxum, e recebe os nomes iorubás *gbági, gbégi, gbégidínà, esê kannakánná* (Verger 1995:315,669).

Em Körbes (1995:92) encontramos uma descrição muito interessante sobre as propriedades medicinais dessa gramínea, que vem, na liturgia nagô, endossar sua relação com Oxum, orixá patrono das parturientes, ligado ao útero e ao fluxo menstrual. Cita ele: "Rico em substâncias nutritivas; indicado nas anemias e fraquezas; contra a minguagem; reconstituente. *Fortalece as gestantes com ameaça de aborto; por isso, é antiabortivo; contra hemorragias, combate males intestinais, como diarreias, disenterias, menstruação muito abundante. Antes da floração é bom contra catarro das vias respiratórias. Suas sementes são diuréticas.*" (O grifo é nosso.)

GBÈGI



Nomes populares: *Capim-de-burro, grama-seda, capim-da-bermuda, grama-da-bermuda, capim-fino*

Nome científico: *Cynodon dactylon* (L.) Pers.,
Poaceae (Gramineae)

Sinonímia: 1) *Cynodon linearis* Willd.
2) *Digitaria dactylon* Scop.

Orixás: Xangô e Oxum

Elementos: Terra/masculino

A origem dessa planta é duvidosa, mas sabe-se ao certo que é uma planta proveniente de região tropical ou subtropical, atualmente disseminada por todos os continentes.

Liturgicamente, é utilizada em banhos para as pessoas dedicadas a Xangô ou Oxum, "com a finalidade de equilibrar a vida da pessoa". A sua característica de planta que prolifera nos campos e estradas, provavelmente por analogia, tem a finalidade de "dar bons caminhos às pessoas".

Na Nigéria, no culto aos orixás, esta gramínea é conhecida pelo nome iorubá *koóko igbá* (Verger 1995:659).

Como fitofármaco, frequentemente as pessoas do interior utilizam as raízes como diuréticas e antiabortivas.

GBÈRÈFÚTÙ



Nome popular:	Fruta-pão
Nome científico:	<i>Artocarpus incisa</i> L., Moraceae
Sinonimia:	<i>Artocarpus communis</i> J.R. Forst & G.Forst.
Orixás:	Oxalá e Oiá
Elementos:	Fogo/feminino

Árvore de origem asiática, introduzida na região nordeste do Brasil no século passado, onde aclimatou-se com muita facilidade. Propagou-se por todo o território nacional, sendo hoje encontrada do Norte ao Sul do país. Ainda, é mais abundante nas regiões nordeste e sudeste.

Considerada árvore sagrada pelos nagôs brasileiros, seus frutos são utilizados para "afastar Egum" e, juntamente com as folhas, são usados para "tirar a mão do pai ou mãe-de-santo falecidos".

Encontra-se disseminada em áreas tropicais da África, sendo conhecida em regiões da Nigéria pelos nomes africanos *Berefutù*, *burefu* e *gbèrè fútù* (Verger 1995:636).

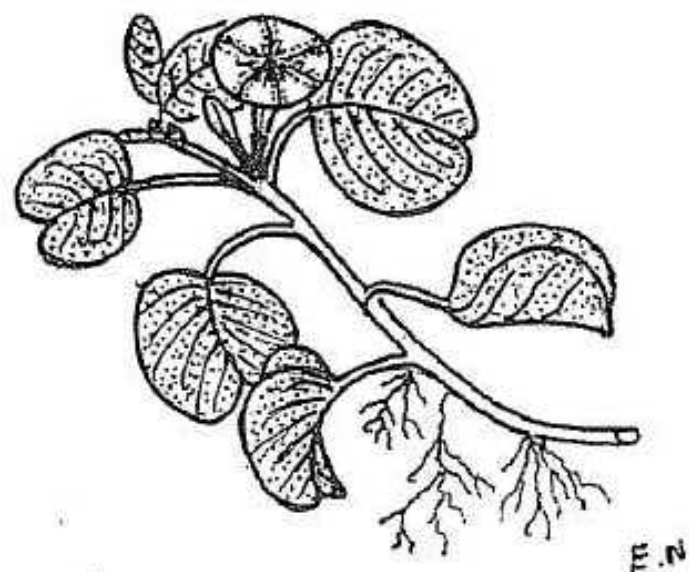
A população nordestina utiliza-se da fruta-pão para complementar sua dieta alimentar; todavia, costuma-se atribuir à planta diversas propriedades medicinais, pois as folhas são usadas no combate às diarreias, e a raiz é considerada vermífuga. A polpa do fruto, cozida, é empregada, em uso tópico, para combater tumores e furúnculos.

GBÒRÒ AYABA



Nomes populares:	<i>Salsa-da-prata</i> , <i>salsa-brava</i> , <i>salsa-pé-de-cabra</i>
Nome científico:	<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R. Br., Convolvulaceae
Sinonimia:	1) <i>Convolvulus pes-caprae</i> L. 2) <i>Convolvulus brasiliensis</i> L. 3) <i>Ipomoea brasiliensis</i> (L.) G.F.W. Mey 4) <i>Ipomoea biloba</i> (Roseb.) Forsk.
Orixá:	Iemanjá
Elementos:	Água/feminino

Planta rasteira nativa da América tropical, encontra-se hoje introduzida no continente africano. No Brasil ocorre com frequência nos litorais das regiões norte ao sudeste. Kissmann (1992:572-II) diz que esta é uma "planta muito parecida com a de *Ipomoea asarifolia*". A literatura cita que uma diferença fundamental



está no formato das folhas que, em *Ipomoea pes-caprae*, tem o ápice bilobado, lembrando um pé de cabra". Todavia, estas espécies se confundem, sendo às vezes difícil sua identificação, pois costumam ocorrer variações tanto nas folhas quanto nos frutos.

Embora pertencendo a Iemanjá, esta planta é utilizada para todos os orixás, pois tem uma importância significativa nos rituais de iniciação. Suas folhas estão ligadas ao culto do *orí* (cabeça) quando se reverencia *Ìyá Orí*, um dos títulos de Iemanjá, que literalmente significa a mãe das cabeças.

Verger (1995:683) classifica este vegetal como *Ipomoea asarifolia* (Ders.) Roem & Schult. e atribui-lhe os nomes iorubás *tutúù*, *fenumónu*, *olúkànb* e o mesmo nome utilizado no Brasil.

A raiz da salsa-da-praia possui propriedades drásticas, e as folhas são empregadas nos casos de reumatismos, nevralgias, catarros crônicos e blenorragias.

GÒDÒGBÓDÒ



Nomes populares: Trapoeraba, olhos-de-santa-luzia, marianinha (BA), capim-gomoso, maria-mole

Nome científico: *Commelina diffusa* Burm. f., *Commelinaceae*

Sinonímia: 1) *Commelina communis* Benth.
2) *Commelina aquatica* J.K.Morton
3) *Commelina agraria* Kunth
4) *Commelina longicaulis* Jacq.

Orixás: Nanã, Omolu e Exu

Elementos: Terra/masculino

Planta nativa na América do Sul, dispersa em várias regiões tropicais e subtropicais do globo, apontada como invasora na Ásia e África tropical.

Tanto no Brasil quanto no continente africano, a *Commelina diffusa* é uma erva com utilidade litúrgica. Nos candomblés brasileiros, é usada em banhos para os orixás, quando colhidas em matas nas primeiras horas da manhã, e em trabalhos com Exu, quando colhida sob sol quente em beiras de ruas e em estradas.

Com a mesma finalidade, no Brasil, podemos citar a *Commelina erecta* L. (= *Commelina elegans* H.B.K. ou *Commelina deficiens* Hook.), que na África é conhecida pelos nomes *ilèkè òpòlò*, *itò ipére*, *itópa ire*, *olójòngbòdú* e *olájàngbàlú* (Verger 1995:654), e em Cuba tem as denominações *lucumis ewe karodo*, *cotonembo*, *contolo* e *mini*, sendo dedicada a Oxalá e a Iemanjá (o branco), e a Xangô (o lilás), servindo para lavar os "assentos" dos orixás femininos, lavar os olhos e para banhos benéficos (Cabrera 1992:365). Ainda na África, os nomes *gòdògbò odò*, *àtòjò àtè-rùn*, *òmóníròganrògan* são atribuídos à *Commelina diffusa* (Verger 1995:654).

Essa planta tem diversas utilidades na fitoterapia, e uma delas é a de combater afecções das vias urinárias. O cozimento das folhas é usado contra reumatismo, e o líquido que é extraído do fruto é utilizado, no interior, no combate às inflamações oculares. Suas folhas esmagadas são aplicadas sobre as tumefações produzidas por picadas de insetos.

ÌBÉPE



Nomes populares: Mamão, mamoeiro, papaia,
mamoeiro-das-antilhas, árvore-do-mamão

Nome científico: *Carica papaya* L. *Caricaceae*

Sinonímia: 1) *Carica hermaphrodita* Blanco.
2) *Carica mamaia* Vell.
3) *Papaya communis* Naronha
4) *Papaya edulis* Baj.
5) *Papaya papaya* Karst.

Orixá: Oxalá

Elementos: Arifeminino

Originária da América tropical, o mamoeiro é encontrado hoje em todas as áreas tropicais dos diversos continentes. No Brasil, é cultivado, mas também ocorre espontaneamente em todas as regiões.

Santos (1979:214/215) narra um mito do Odù Otúrúpòn (Ejilaoxebora ou Turukpe), transcrito por Maupoil, que relaciona o mamão às cabeças das pessoas numa época mítica em que nem Exu possuía *ori* (cabeça).

Provavelmente com base neste mito é que, em Cuba, as folhas do mamoeiro, atribuídas a Ojá, são utilizadas para rezar a cabeça e sanar problemas de distúrbios mentais, sejam eles ocasionados por uma "doença material" ou por feitiços.

Com os nomes de *ibépe*, *ibépe dúdú*, *isígùn*, *gbègbère* e *şígù*, o mamoeiro é utilizado pelos iorubás em trabalhos medicinais e litúrgicos em "receita para tratar dores de barriga" (raiz), "receita para tratar gases no estômago" (fruto), "receita para eliminar vermes do peito" (raiz) e em "trabalho para tomar alguma coisa de alguém" (folha e fruto) (Verger 1995:644,187,195,197,411).

O fruto do mamoeiro é um excelente laxante, e suas sementes, ingeridas ao natural, combatem o ácido úrico; porém, suas propriedades terapêuticas vão além dessas indicações, pois atuam como adstringente, alcalinizante, antiálgico, antiespasmódico, antiinflamatório, béquico, cardiotônico, cicatrizante, depurativo, eupéptico e sedativo. A seiva, "leite", é largamente utilizada nos casos de úlceras estomacais.

IDÉ



Names populares: Feto, samambaiaçu, xaxim

Nome científico: *Dicksonia sellowiana* H.B.K., Dicksoniaceae

Orixá: Nanã

Elementos: Água/masculino

Arbusto semilenhoso, de origem brasileira, que vegeta em lugares úmidos de matas fechadas ou sombreadas.

O feto é utilizado nos rituais dos orixás, nas iniciações e em banhos de proteção para os filhos de Nanã, podendo ser usado, também, para os adeptos de Oxumaré ou Obaluaiê.

O tronco do feto, também chamado de xaxim, é empregado como suporte para outras plantas. Medicinalmente, é útil contra problemas renais. Das folhas prepara-se um xarope expectorante usado contra a tosse.

IGBÁ



Names populares: Cabaceira, culeira, árvore-de-cuia

Nome científico: *Crescentia cujete* L., Bignoniaceae

Orixás: Obatalá e Orumilá

Elementos: Ar/feminino

Encontrada na América tropical e na África, essa árvore tem sua origem ignorada. Acredita-se que seja americana ou até mesmo brasileira. No Brasil ocorre de Norte a Sudeste.

O fruto da cabaceira, segundo os mitos africanos, representa o mundo quando o céu e a terra ainda estavam ligados, porque, nos primórdios dos tempos, não havia separação entre os dois. Era utilizado como recipiente para "assentamento de orixá", hoje substituído por terrinas vitrificadas.

É também dentro de uma cabaça que os babalaôs que cultuam Ifá assentam *Odù*, a contraparte feminina de Orumilá (Verger 1992:85-90). Essa é dividida ao meio, representando a parte superior, pintada de branco, o céu e o elemento masculino; e a inferior, a terra e o elemento feminino. A união das duas partes sugere o equilíbrio do universo.

A cabaça, nos candomblés brasileiros, tem diversas utilidades, dentre as quais podemos citar seu uso como recipiente nos banhos, no ritual da "entrega da cuia" (contendo os objetos que serão utilizados pelos novos sacerdotes autorizados a abrirem suas casas), na confecção de adornos para alguns orixás e nos rituais fúnebres quando substituem os tambores.

Na indústria, o fruto da cabaceira é utilizado para tingir de preto tecidos de algodão e seda, pois fornece uma matéria tintorial que serve para esse fim.

IGI ÈSO PUPA



Name popular:	Jambeiro-rosa
Nome científico:	<i>Syzygium jambolanum</i> D.C., Myrtaceae
Sinonímia:	1) <i>Eugenia jambos</i> L. 2) <i>Myrtus jambos</i> H.B.K. 3) <i>Caryophyllus jambos</i> Stokes 4) <i>Jambosa jambos</i> Millsp.
Orixá:	Oxum
Elementos:	Terra/feminino

O jambeiro-rosa é originário da Índia; entretanto, encontra-se disseminado por diversas áreas da África, Ásia e América tropical. Vindo provavelmente da Índia ou da Malásia, foi introduzido no Brasil, onde aclimatou-se rapidamente.

Nas casas de candomblé de origem jêje-nagô, com as sementes prepara-se um pó que tem a finalidade de repelir "tudo que é negativo".

Em Cuba, o jambeiro-rosa é conhecido pelos nomes lucumis *yilebo* e *echi-cacho*, e considerado um grande antifeitiço (Cabrera 1992:531/532).

Na medicina popular, este vegetal é empregado contra tosse, catarro pulmonar, disenterias, inflamações dos olhos e da vagina. Na medicina hindu emprega-se o jambeiro-rosa no tratamento de diabetes.

IGI IKÚ



Nomes populares:	Cipreste-piramidal, cipreste-fúnebre, cipreste-vulgar
Nome científico:	<i>Cupressus pyramidalis</i> Targ., Coniferae
Variedades:	1) <i>Cupressus funebris</i> Endl. 2) <i>Cupressus sempervirens</i> L.
Orixás:	Oiá e Egum

Originário da Ásia, está aclimatado em quase todos os continentes. Segundo Cruz (1982:249), "é planta ornamental, destacando-se nos cemitérios pelo seu perfil esguio e de aspecto severo. É o símbolo da morte, desde a mais alta antiguidade, quando sua austera presença nos campos santos já era fato normal em muitas cidades. Simboliza igualmente a dor, o luto, o sofrimento, a mágoa causada pela perda de entes queridos, e o sentimento da tristeza que infunde a quem contempla o silêncio das necrópoles tem inspirado a poesia em todos os tempos".

Tendo sido incorporado ao culto egungun pelos nagôs brasileiros, o cipreste, mantendo uma tradição milenar, aqui também foi associado aos mortos; todavia, é de pouco uso dentro das casas-de-santo, mas empregado "para feitiçarias por muitos".

Acredita-se que as folhas do cipreste, em banhos, servem para tratar úlceras e feridas. Os frutos são indicados contra blenorragia, disenteria e fraqueza orgânica.

IGI ITOBÍ



Nome popular:	Abacateiro
Nome científico:	<i>Persea gratissima</i> G., Lauraceae
Sinonímia:	1) <i>Persea americana</i> Mill. 2) <i>Persea persea</i> Cocherell 3) <i>Laurus persea</i> Linn.
Orixás:	Xangô, Oiá, Ogum e Exu
Elementos:	Fogo/masculino

Nativo das Antilhas, e algumas espécies originárias do México, é encontrada em todos os estados brasileiros.

Nas casas de candomblé, as folhas do abacateiro são mais utilizadas na liturgia com fins medicinais; todavia, nas casas lucumis, em Cuba, a planta tem uso ritualístico, especialmente a de frutos avermelhados, que são atribuídos a Oiá.

O abacate é considerado afrodisíaco. Sua polpa em forma de pasta, juntamente com sal e pimenta-do-reino, é consumida com biscoitos salgados como aperitivo. O caroço tostado e pulverizado combate diarreias e disenterias. Suas folhas são diuréticas e usadas em infusão, nos casos de gota e dores reumáticas.

IGÍ ÌYEYÈ e OKINKÁN



Nomes populares:	<i>Cajazeira, cajá-mirim, cajá-miúdo, cajá-mimoso, cajá-amarelo, taperebá, cajazeiro, cajá-do-sertão</i>
Nome científico:	<i>Spondias lutea</i> L., Anacardiaceae
Sinonímia:	1) <i>Spondias mombin</i> L. 2) <i>Spondias aurantica</i> Schum. et Tronn. 3) <i>Spondias brasiliensi</i> Mart. 4) <i>Spondias axillaris</i> Roxb. 5) <i>Spondias graveolens</i> Macf. 6) <i>Spondias lucida</i> Salisb. 7) <i>Spondias myrobalanus</i> L. 8) <i>Spondias dubia</i> Rich.
Orixá:	Ogum
Elementos:	Terra/masculino

Árvore frondosa, originária do continente africano, há muito introduzida no Brasil, onde é encontrada em diversos Estados, principalmente nos do Norte e Nordeste.

A cajazeira goza de grande conceito nos diversos cultos de origem jêje-nagô no Brasil.

"Em todas as manifestações do culto mina-jêje, aparece, entre outros vegetais, a cajazeira..." e citando Pio Corrêa, Pereira diz ainda que "merecem divulgação algumas superstições: uma delas, peculiar a várias tribos aborígenes, consiste em se submeterem os enfermos de feridas ou úlceras à ação da fumaça que se desprende dos caroços deste fruto quando lançados sobre brasas e dos quais suportam o mais intenso calor; outra, dos nativos do Congo, que acreditam poder curar

os paráliticos deitando-os sobre espessa camada de folhas previamente maceradas em água”, e conclui: “É a cajazeira uma árvore sagrada para a gente da Casa das Minas, e as suas propriedades não se limitam apenas às medicinais; a sua casca, é fato, serve para curar certas moléstias do aparelho digestivo, mas as folhas, afirmam, têm virtudes mágicas e purificadoras. Por isso são essas folhas espalhadas pelo chão do *pegí*, na hora do sacrifício dos animais propiciatórios, e, misturadas com as do estoraque ou estoraqueiro (...) e com as de outros vegetais, servem para banhos-de-sorte...” (Pereira 1979:57,58).

Nos candomblés de Ketu, da Bahia e do Rio de Janeiro, e nos Xangôs de Pernambuco, as cajazeiras têm a mesma importância sagrada que os minas-jêjes lhes atribuem. Suas folhas são utilizadas nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios para todos os filhos-de-santo; todavia, sob essa árvore são colocados os “assentamentos” de Ogum. “*Ògún* é um òrìṣà complexo geralmente considerado filho de *Yémánjá*, mas, em algumas histórias, é considerado filho de *Òdùduwà*. Em ambos os casos seu pai é *Òrìṣàlá*. *Ògún* está profundamente associado ao mistério das árvores e, conseqüentemente, a *Òrìṣàlá*.” (Santos 1976:92.)

Em Cuba, segundo Cabrera (1992:460), a cajazeira é atribuída a Xangô, e alguns “santeiros” associam-na a Exu, sendo conhecida pelo nome popular *jobo*, e pelos nomes lucumis *abbá*, *okinkán*, *wakika* e *kinkao*.

No continente africano, a cajazeira é conhecida pelos nomes iorubás *èkikà*, *òkikà*, *iyeyè*, *olósán* ou *iléwò olósán* (Verger 1995:723), e o conceito que ela adquiriu em solo brasileiro foi herdado dos ancestrais de além-mar, que até nos dias atuais respeitam e atribuem a este vegetal grandes poderes mágicos.

Em dias de festa, é comum ver-se espalhadas no chão do barracão folhas de cajazeira, em substituição ao são-gonçalinho, pois, segundo a crença, estas têm a propriedade de repelir influências nefastas e propiciar boa sorte.

Como fitofármaco de amplo emprego, a cajazeira é usada para combater cistite, uretrite, ulcerações vaginais e do colo do útero, palpitações, dor no estômago, constipação do ventre, complicações do parto, febres palustres e biliosas, blenorragia, diarreia, hemorróidas, enfermidades dos olhos e da laringe, sendo que as cascas “são usadas como agente medicinal em gargarejos, e as sementes são utilizadas contra os males da bexiga” (Guimarães & Mautoni & Rizzini & Mattos Filho 1993:41).

IGÍ MÉSÀN



Nomes populares: *Pára-raio*, *santa-bárbara*, *árvore-do-paraiso*, *cinamomo*, *amargoseira*, *jasmim-de-caiena*

Nome científico: *Melia azedarach* L., *Meliaceae*

Orixá: *Oiá*

Elementos: *Ar/masculino*

Nativo da Ásia, o pára-raio é encontrado em estado espontâneo, das Antilhas ao Sul do Brasil.

Empregado nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios para os filhos de Oiá. Seus galhos são indicados para sacudimentos em pessoas e casas. Uma fórmula muito usada pelos adeptos para “limpeza de casa” consiste em “amarrar nove galhos de pára-raio com nove fitas de cores diferentes e com eles bater as paredes de todos os compartimentos, iniciando pelos fundos até a porta principal. Quando acabar, levar os galhos para despachar num rio ou numa mata”. Os praticantes do culto egungun também utilizam este vegetal para fins litúrgicos.

O pára-raio é também utilizado pelos africanos na liturgia dos orixás, que lhe atribuem os nomes iorubás *afóforo òyìnbó*, *èkè òyìnbó*, *èkè ilè*, *afóforo ògbà-lódé* (Verger 1995:695).

Em Cuba, é conhecido pelo nome popular *paraíso* e pelos nomes lucumis *Ibayó* e *yiya*, sendo atribuído a Xangô (Cabrera 1992:510).

Utilizado em quantidade, o pára-raio é contra-indicado para mulheres gestantes, pois é abortivo. O chá feito com suas folhas é laxante, combatendo a prisão de ventre, sendo ainda estomáquico, aperiente e estimulante das funções intestinais. Os frutos são indicados contra hemorróidas e vermes, e o cozimento do lenho serve para lavar feridas, erisipela e doenças de pele em geral.

IGI ÒGUN BÈRÈKÈ



Nomes populares: Flamboyant, flor-do-paraiso

*Nome científico: Delonix regia (Boj. ex Hook.) Raf.,
Leguminosae-Caesalpinioideae*

Orixás: Xangô, Oiá e Ibeije

Elementos: Fogo/masculino

O flamboyant é uma árvore originária da Ásia, bastante conhecida no Brasil, pois, devido à sua bela floração, é muito utilizado na arborização de ruas, praças e parques. Suas flores são de exuberante amarelo-avermelhado, e seus frutos são favas lenhosas que, quando alcançam a maturidade, chegam a medir até 60 centímetros de comprimento, e, quando secos, se agitados, as sementes internas produzem um som semelhante ao do şere de Xangô.

As flores dessa árvore, nos candomblés brasileiros, são colocadas sobre os assentamentos de Ibeije e Oiá, após os sacrifícios e oferendas.

Na Nigéria, os mitos de Ifá relatam que essa foi a quinta árvore sobre a qual as feiticeiras pousaram, mas não tiveram sorte (Verger 1992:59).

Em Cuba, onde é conhecida pelos nomes *lucumis iggi tãmbina* e *inãveko*, encontramos informações pitorescas sobre esta árvore. Os "santeiros" atribuem-na também a Xangô e Oiá, explicando tal fato através de uma lenda que relata um pacto entre estes dois orixás, dizendo que, em determinada hora da noite, o flamboyant arde como se tivesse uma fogueira em seu tronco e, quando alguém se aproxima ou se senta sobre suas raízes, sente a árvore trepidar. Outro mito relata que Obaluaie gostava de repousar à sombra do flamboyant e, por isso, entrava em atrito com Xangô. Este último, para evitar tal fato, mandava chuvas que formavam lodaçais na base da árvore. Revoltado, Obaluaie provocava epidemias para atingir, principalmente, as crianças. Acredita-se ainda que, quando o flamboyant produz muitas vagens e floresce antes do tempo, é prenúncio de mortalidade infantil, devendo-se tomar algumas precauções do tipo esfregar orí no tronco da

árvore e fazer ebó de frutas para as crianças, pedindo proteção aos orixás. Suas vagens pintadas de vermelho são utilizadas como instrumento sonoro para chamar Oiá (Cabrera 1992:426).

O lenho das vagens é utilizado na medicina popular, no Nordeste, sob a forma de chá, para combater a pressão alta e palpitações cardíacas, funcionando ainda como sedativo suave.

IQI OMỌ FUNFUN



Nomes populares: Graviola, araticum-do-grande, araticum, graviola-do-norte, jaca-de-pobre

Nome científico: *Annona muricata* L., Annonaceae

Orixás: Oxalá e Tempo

Elementos: Ar/masculino

Originária da Cordilheira dos Andes, a graviola, hoje, encontra-se disseminada pelas Américas do Sul e Central, e em países tropicais de diversos continentes.

Essa árvore, na nação de Ketu, pertence a Oxalá; todavia, em sua base é depositado o assentamento de Tempo, entidade da nação Congo, cultuado no candomblé de Angola e no Omoloko, estando o consumo do seu fruto proibido aos adeptos dessas nações.

Èkọ òyínbó e *èkọomọdẹ* (Verger 1995:634) são nomes iorubás dados a essa árvore no território africano.

Popularmente, suas folhas combatem a obesidade, pois possuem propriedades diuréticas, porém são contra-indicadas para pessoas portadoras de problemas renais. São utilizadas ainda contra disenterias, cólicas intestinais, tosses e bronquites. As flores e brotos são usados também nos casos de bronquite e tosses persistentes, e os frutos previnem a avitaminose C.

IQI ÒPÈ e MÀRÌWÒ



Nome popular: Dendezeiro

Nome científico: *Elaeis guineensis* Jacq., Palmae

Sinonímia: 1) *Elaeis guineensis* L.
2) *Palma spinosa* Mill.

Orixás: Oxalá e Ogum

Elementos: Ar/masculino

De origem africana, o dendezeiro foi introduzido no Brasil no período colonial. É encontrado em estado subespontâneo na região amazônica e em zonas nordestinas, onde atualmente existem também vastas plantações para fins comerciais.

O dendezeiro é palmeira imprescindível numa casa de candomblé. Na formação de um terreiro, uma das primeiras árvores a ser plantada no seu "espaço-mato" é o dendezeiro, de preferência ao lado direito da porta de entrada principal.

Em virtude de Obaluaiê ser um orixá que tem afinidade com os troncos e ramos de árvores, muitos acham que essa palmeira lhe pertence; todavia, existe um mito muito popular nos terreiros de candomblé que afirma ter sido apenas o *màriwò* (broto da palmeira) propriedade desse orixá, mas que ao ver Ogum despido cedeu esse vegetal para o orixá da guerra e se apropriou da palha da costa (*ikọ*) para fazer sua própria roupa. Assim, embora o tronco de onde saem as palmas esteja relacionado com os Orixás-funfun, o elemento criador, o *màriwò*, tornou-se a roupa símbolo de Ogum, orixá filho de Oxalá, sendo citado em um de seus cânticos que faz alusão ao fato deste guerreiro não possuir roupas, mas que se veste com os brotos do dendezeiro: *OGÚN KO L'ASO, MÀRÌWÒ L'ASO OGÚNO!* (Ogum não tem roupa, *màriwò* é a roupa de Ogum). O *màriwò*, colocado nas soleiras das portas e janelas da casa de candomblé, serve de proteção "contra todo tipo de entidades nefastas". Assim como Ogum, Ossaim também se utiliza do *màriwò*, e um dos principais *orin ewé* do ritual da *sasányìn* faz alusão a esse vegetal como o elemento que ajuda a concretizar os ideais dos adeptos:

"BIRI BIRI BÍTI MÀRÌWÒ
JÉ ÒSÁNYÌN WÁLÈ MÀRÌWÒ
BIRI BIRI BÍTI MÀRÌWÒ
BÁ WA T'ÒRÒ WA ŠE MÀRÌWÒ"

"Na escuridão màrìwò faz a luz
e mostra o caminho de casa a Ossaim
Na escuridão màrìwò faz a luz
e ajuda-nos a concretizar nossos projetos"

Essa relação íntima que Ogum tem com o dendezeiro é citada por Santos (pp. 92/93): "Às vezes seu 'assento' também é 'plantado' ao pé de um *igi-òpè*, cujos troncos simbolizam a matéria individualizada dos *òrìṣà* funfun e particularmente de Òṣàlá. Vimos que as folhas brotadas sobre os ramos e os troncos simbolizam descendentes. As palmas recém-nascidas do *igi-òpè*, chamadas màrìwò... constituem a representação mais importante de *Ogún*, tão importante quanto seu machete de ferro com o qual ele desbrava os caminhos." As nervuras das folhas são usadas, ainda, espetadas em inhame, constituindo-se oferenda a Ogum. Estas mesmas nervuras também "são utilizadas tanto para Obaluaíê quanto para sua mãe, Nanã", que, segundo Santos (1976:82), "os ancestrais, representados coletivamente por um feixe dessas nervuras, constituem o corpo, o elemento básico, não só do *ṣàṣàrà*, emblema de *Òbalúaiyé*, filho mítico de *Nanã*, mas também de seu próprio emblema, o *Ìbírí*. Enquanto o *ṣàṣàrà* é de *Òbalúaiyé*, o *èbora*-filho, assumindo a representação dos espíritos da terra, o *Ìbírí* é uma representação transferida de *Òbalúaiyé*, o filho contido por *Nanã*, e simboliza seu poder genitor."

O dendezeiro, como palmeira ligada aos orixás da criação, está relacionado também com outros orixás com os quais Oxalá tem vínculo, como é o caso de Xangô-Airá, cujo "assento" pode repousar sobre um tronco de dendezeiro, diferentemente dos outros Xangôs, que utilizam pilões esculpido em madeira.

Embora o dendezeiro seja uma palmeira atribuída aos Orixás funfun (originais), dos seus frutos extrai-se o epó pupá (azeite-de-dendê), de uso proibido em tudo que diga respeito a Oxalá e seus iniciados. Das amêndoas contidas no interior dos coquinhos, produz-se um óleo branco — *aláàdí* — utilizado para Oxalá, que, ao contrário do azeite-de-dendê, é um interdito de Exu.

Conhecido ainda pelos nomes iorubás *òpè*, *igi-òpè*, *imò-òpè*, *ògómò-òpè*, *òpè-òlówá*, *òpè-pánkóró*, *ìpánkóró*, *òpè-arùnfó*, *òpè-èrùwà*, *òpè-eléran* e *òpè-alá-rùn* (Verger 1995:668), o dendezeiro é usado nos cultos africanos com as mais diversas finalidades. Da variedade *Elaeis guineensis idolatrica*, conhecida na Áfri-

ca pelos nomes de *òpè-segisegi*, *òpè-ifá*, *òpè-ikin*, *òpè-yálayàlá*, *òpè-kannakánná* e *òpè-olífá* (Verger 1995:669), são colhidos os coquinhos (*ikin*) utilizados no oráculo de Ifá para previsões. Também sobre essa palmeira as feiticeiras, na forma de pássaros negros noturnos, se estabeleceram, conforme o mito relatado pelo *Odù Òdí Mèjì* do oráculo de Ifá (Verger 1992:59). No topo da árvore, amontoaram uma grande quantidade de terra e construíram um pátio onde faziam suas reuniões para tramar seus ataques contra os homens. Orumilá era o único que conhecia os segredos das *èlẹyẹ* (outro nome das feiticeiras) e tinha poderes para proteger o *aiyé* (terra) da ação destruidora dessas entidades maléficas. Das sete árvores onde pousaram as *Iyami*, o dendezeiro foi a única onde elas encontraram condições ideais para se estabelecerem. Um fato que citamos a título de ilustração é que os urubus têm preferência pelos frutos do dendezeiro e costumam pernoitar sobre esta palmeira do mesmo modo como, nos mitos, as feiticeiras representadas por pássaros negros se reuniam à noite sobre o *òpè-segisegi*.

O azeite-de-dendê serve de base nas culinárias litúrgica e profana, especialmente no Nordeste brasileiro, constituindo-se uma marca expressiva da cozinha baiana.

Na fitoterapia, o azeite-de-dendê é utilizado, externamente, contra angina, erisipela, panarício e filaríose. Internamente combate dores de cabeça e cólicas abdominais.

IGI ÒRÚRU



Nome populares: Tulipeira, espatódea, tulipeira-africana

Nome científico: *Spathodea campanulata* Pal. Beauv.,
Bignoniaceae

Orixás: Oxalá e Oxum

Elementos: Terra/feminino

Árvore de origem africana, cultivada em diversas áreas tropicais das Américas. No Brasil, é muito utilizada na arborização de parques e jardins, devido à sua copa densa e suas bonitas flores de cor coral.

Nos candomblés, as folhas da tulipeira são utilizadas em banhos e sacudimentos de mulheres com gravidez difícil e em crianças debilitadas.

No continente africano, os iorubás utilizam este vegetal em "receita para tratar anemia", "receita para tratar doença do umbigo das crianças", "receita para tratar cegueira", "receita para o crescimento da criança" e "receita para ser utilizada durante a gestação", sendo conhecida pelos nomes iorubás *órúru* e *òwèwè* (Verger 1995:159,203,223,231,275,722).

IGI OYÁ ou IGI IGBALÉ



Nome popular: Casuarina

Nome científico: *Casuarina equisetifolia* L., Casuarinaceae

Orixás: Ojá e Egum

Elementos: Fogo/masculino

De origem australiana, existem mais de 50 espécies na família das *casuarinaceae*, todas muito semelhantes. A casuarina encontra-se disseminada pelos diversos continentes; no Brasil, aclimatou-se com facilidade, ocorrendo em quase todo o território nacional.

Os nagôs incorporaram esta árvore ao culto Egungun, sendo conhecida também pelo nome *de igi igbalé*, associada a *Oya-Igbalé*, "mãe dos eguns".

Embora seja utilizada com mais frequência na ornamentação de jardins e como cercas vivas para barrar a ação dos ventos em áreas litorâneas, o chá da casuarina, na medicina popular, presta-se prontamente ao combate de disenterias e inflamações da garganta.

IKÈRÈGBÈ



Nome popular:	Coerana
Nome científico:	<i>Cestrum laevigatum</i> Sch., Solanaceae
Sinonímia:	1) <i>Cestrum axillare</i> Vell. 2) <i>Cestrum bracteatum</i> Link. 3) <i>Cestrum multiflorum</i> Schott.
Orixás:	Exu e Obaluaiê
Elementos:	Terra/masculino

Originária do continente americano, vegeta no Brasil, principalmente no Nordeste e Sudeste.

A coerana é utilizada nos candomblés, principalmente em sacudimento, pois "tem o poder de cortar as influências negativas que perturbam as pessoas".

Nas zonas rurais, costuma-se usar esta planta macerada em água para lavar feridas, micoses e inflamações cutâneas. Em forma de extrato e tintura, encontrados em farmácias, a coerana possui propriedades sedativa, antipirética, sudorífica, antiespasmódica, diurética, anti-reumática e estimulante do fígado.

IKIKIGÚN



Names populares:	Aveloz, árvore-de-são-sebastião, coroa-de-cristo
Nome científico:	<i>Euphorbia tirucalli</i> L., Euphorbiaceae
Sinonímia:	1) <i>Euphorbia heterodoxa</i> Muell. 2) <i>Euphorbia gymnoclada</i> Boss. 3) <i>Euphorbia rhipsaloides</i> Lem. 4) <i>Euphorbia viminalis</i> Mill.
Orixás:	Exu e Obaluaiê
Elementos:	Fogo/masculino

Originária da África e introduzida em diversos países de clima tropical, o aveloz é encontrado no território nacional, no Nordeste e Sudeste, onde é usado como cerca viva.

Nos terreiros de candomblé, o uso principal desta planta é em "trabalhos com Exu", embora, às vezes, seja atribuída também a Obaluaiê.

Estudos feitos no campo fitoterápico deram a esse vegetal o *status* de medicamento eficaz no combate a diversos tipos de câncer. Neiva (1974:43-46,68-70), médico espírita, parapsicólogo e escritor, foi um dos grandes propagadores das propriedades terapêuticas do aveloz, ensinando como empregar esta planta e confirmando, inclusive, a cura de um linfossarcoma pulmonar. Sua seiva é indicada, ainda, para debelar verrugas; porém, sendo cáustica, se cair no glóbulo ocular pode causar cegueira.

IKIRIWÍ



Nomes populares: *Sálvia, saíva, salva-das-boticas, salva-dos-jardins*

Nome científico: *Salvia officinalis L., Labiatae*

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Água/masculino*

Planta aromática de origem européia, a sálvia está aclimatada no Brasil, sendo cultivada em hortas.

As folhas da sálvia, "por pertencerem a Oxalá, podem ser utilizadas em banhos para todas as pessoas".

Juntamente com alecrim, alfazema, mirra e benjoim, a sálvia forma uma mistura para defumador, usada com a finalidade de purificar ambientes.

Este vegetal, desde muito, tem sido empregado como tempero para realçar o sabor de carnes, peixes, massas e saladas. Na França é popularmente conhecida a "herbe-de-province", uma mistura de sete ervas diferentes, entre as quais está incluída a sálvia.

Na fitoterapia, o chá das folhas combate gripes, resfriados, febres, afecções e fraquezas do estômago, vômitos, inapetência, escorbuto, corrimentos purulentos da uretra, cólicas menstruais, deficiências cardíacas e debilidades sexuais. Possui, ainda, propriedades antiabortiva, antidiabética e reguladora da pressão arterial.

IKÓ



Nome popular: *Palha-da-costa*

Nome científico: *Raphia vinifera P. Beauv., Palmae*

Orixás: *Omolu, Oxumaré, Nanã, Ogum, Oxossi e Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

Palmeira de origem africana, a *Raphia vinifera*, no Brasil, é encontrada no Estado do Maranhão, cultivada ou mesmo espontaneamente em meio à vegetação.

Nos cultos afro-brasileiros, principalmente naqueles de origem jêje-nagô, a palha-da-costa é um vegetal que goza de grande prestígio devido à sua larga utilização nos rituais; com ela são confeccionados "contra-eguns", "mocans", "umbigueras", "senzalas" e diversos outros apetrechos utilizados nas iniciações. Devido a sua grande resistência, pois comumente é tão forte quanto um fio de náilon, serve para enfiar colares e contas dos orixás. Embora a palha-da-costa seja utilizada pelos iniciados de qualquer orixá, muitos acham que ela é uma exclusividade de Obaluaiê pelo fato de que, com ela, se confeccionam as vestimentas deste orixá. Dentre as muitas utilidades desta palha, ela serve ainda como esponja para dissolver o sabão-da-costa nos banhos dos iniciados; e nos rituais funerários (axexê), é posta no braço, pois acredita-se que ela tenha a finalidade de afastar espíritos nefastos.

ILÁ



Nome popular:	Quiabo
Nome científico:	<i>Hibiscus esculentus</i> L., <i>Malvaceae</i>
Sinonímia:	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench., <i>Malvaceae</i>
Orixás:	Xangô, Oió, Iemanjá, Oxossi, Oxumaré, Ibeiji
Elementos:	Fogo/masculino

O quiabo é, provavelmente, o fruto mais utilizado nos cultos nagôs, pois com ele é preparado um dos pratos mais famosos do candomblé — o amalá de Xangô. Para Ibeije, é oferecida uma comida chamada de caruru das crianças. Oió gosta de amalá, com o quiabo cortado em rodela; Oxumaré aprecia o amalá feito só com a casca verde do quiabo, sem caroços. O *adjábó* é uma oferenda que se prepara com o quiabo verde cortado em rodela, misturando-se um pouco de mel de abelha e azeite de oliva, "batido com as mãos, para se pedir alguma coisa a Xangô". Este preparado é também "utilizado em um banho que tem grande efeito no combate às demandas".

Verger (1995:625) informa que, na África, o quiabo é conhecido também pelos nomes iorubás, *ilasa*, *ilasadô*, *erúlá*, *irúlá* e *iròkò*.

Como planta medicinal, os frutos, folhas e flores são indicados contra bronquites, pneumonias e tuberculose pulmonar. É laxante e regulador das funções intestinais.

İLASA ỌMỌDÉ



Nomes populares:	<i>Malva-rosa</i> , <i>guaxima</i> , <i>guaxima-roxa</i> , <i>guaxima-car-de-rosa</i> , <i>aramina</i>
Nome científico:	<i>Urena lobata</i> L., <i>Malvaceae</i>
Sinonímia:	<i>Urena heterophylla</i> Presl.
Orixás:	Oxalá e Oxossi
Elementos:	Terra/feminino

Planta de origem asiática, provavelmente da Índia, medra abundantemente nos campos em diversas regiões do território nacional. Chegando a medir cinco metros de altura, possui flores róseas, roxas ou violáceas, e seus frutos são carapichos. Atualmente encontra-se disseminada por áreas tropicais e até mesmo em algumas temperadas de vários continentes.

Seus galhos são utilizados para Oxalá, servindo como *atorí*, varas rituais desse orixá; suas folhas servem para banhos propiciatórios dos filhos de Oxossi e para sacudimentos de pessoas e casas.

Na África, este vegetal é usado pelos iorubás em "receita para tratar tremores" e "receita para tratar tumor na vagina", sendo conhecido pelos nomes *ilasa àgbò nrín*, *ilasa oyibó*, *akérí*, *aké irí*, *aké rírí* e *bolobólò* (Verger 1995:101, 141, 733).

A raiz, em decocção, é empregada nos casos de cólicas abdominais, as flores são expectorantes e usadas contra tosses persistentes e "... destacando-se as folhas, que contêm componentes mucilaginosos que agem como emolientes, aliviando inflamações" (Kissmann 1995:174).

ILERÍN e OKÓWÓ



Names populares: Erva-vintém, vintém, espeguta-rasteira, folha-de-vintém, coração-de-sapo, mastruço-do-brejo, jaboticaá

Nome científico: *Drymaria cordata* (L.) Willd., Caryophyllaceae

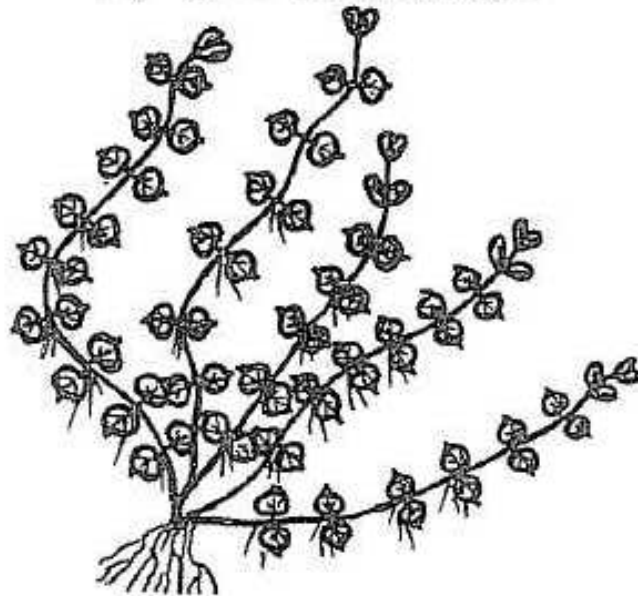
Sinonímia: *Drymaria diandra* Blume

Orixás: Oxalá, Oxum e Ossaim

Elementos: Água/feminino

Nativo da América tropical, este vegetal encontra-se disseminado nas diversas regiões, principalmente Nordeste, Sul e Sudeste. Medra com abundância em lugares úmidos e beira de rios ou invadindo gramados.

Nos cultos afro-brasileiros, esta erva é utilizada no *ágbo* e em banhos de purificação para os adeptos de todos os orixás, pois é considerada como "planta extremamente positiva". Segundo Barros (1993:101), este vegetal é atribuído a Ossaim, está classificado como *erô* (de calma), sendo conhecido também pelo nome nagô *ewe okówó*, que significa "folha-do-dinheiro".



ÌMU



Names populares: Azedinha-do-brejo, erva-saracura, erva-do-sapo, erva-azedo, azeda-de-ourives

Nome científico: *Begonia fischeri* Schrank, Begoniaceae

Sinonímia: 1) *Begonia acida* Vell.
2) *Begonia bahiensis* D.C.

Orixás: Iemanjá, Oxalá e Nanã

Elementos: Água/feminino

Planta de origem brasileira, ocorrendo em quase todo o território nacional, principalmente e com mais abundância nas regiões úmidas do Nordeste e Sudeste. É uma planta muito delicada, e por sua beleza é freqüentemente cultivada em jardins.

Utilizada nos rituais de iniciação, banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais dos orixás, é considerada por muitos uma planta exclusiva de Iemanjá; porém, existe discordância, pois alguns a atribuem a Oxalá ou Nanã.

A folha, quando mastigada, tem sabor azedo, porém agradável, sendo indicada no combate ao catarro da bexiga, diarreias, disenterias, escorbuto e sapinho de recém-nascidos.

ÌPÈSÁN



Names populares: Carrapeta, bilreiro, jitó,
carrapeta-verdadeira, carrapeteira

Nome científico: *Guarea guidonia* (L.) Sleumer., Meliaceae

Sinonimia: 1) *Guarea trichillioides* L.
2) *Guarea aubletii* Juss.
3) *Guarea surinamensis* Miq.
4) *Guarea guara* Wilson
5) *Trichilia guara* L.

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Planta brasileira que ocorre com frequência do Norte ao Sudeste do Brasil, podendo ser encontrada na região sul, nas Guianas, Antilhas e países da América Central.

Essa árvore pertence a Xangô, e suas folhas são utilizadas em banhos de iniciação, proteção e prosperidade. Os galhos são utilizados em sacudimentos.

Os cubanos usam as folhas dessa árvore, juntamente com milho vermelho, benjoim, casca de ovo e pedra ímã, para preparar um pó de atração que é soprado dentro de casa com a finalidade de chamar dinheiro. Com um pedaço da casca do tronco, um ovo e vinho seco dentro de um recipiente, fazem também um sortilégio para que um amante ou pessoa ausente retorne ao lar. Utilizam, ainda, esse vegetal para rogar a Xangô, em época de seca, para que chova, ou para que esse orixá fulmine com seus raios um inimigo. É comum, nas casas-de-santo cubanas, ter na entrada principal esta árvore plantada, pois acreditam que ela tem o poder de barrar todas as demandas (Cabrera 1992:554-555).

O *ipêsán* é louvado nos cânticos dedicados a Ossaim, no ritual da *sasányin*, como a árvore que deixou de ter frutos quando as feiticeiras nela pousaram. Isto é, negou os seus frutos aos "pássaros negros". Assim se explica o fato dela ser con-

siderada poderosa protetora contra feitiço, pois sobre ela as entidades maléficas não encontraram abrigo.

Empregada como fitoterápica, a carrapeta combate febre, tosse, gota, afecções sifilíticas e conjuntivite; porém, é "considerada abortiva quando empregada em fortes doses" (Guimarães & Mautone & Rizzini & Mattos Filho 1993:53), pois tem ação direta sobre o útero. Em doses elevadas é tóxica, e coloca em risco a saúde.

IPÒLERIN



Nome popular: Babosa

Nome científico: *Aloe vera* L., *Liliaceae*

Sinonímia: 1) *Aloe barbadensis* Mill.
2) *Aloe elongata* Murr.
3) *Aloe vulgaris* Lam.

Orixás: Ogum e Omulú

Elementos: Terra/masculino

Originária do Mediterrâneo, ilha da Madeira e das Canárias, esta liliácea é encontrada na África e no Brasil, medrando em quase todo o território nacional.

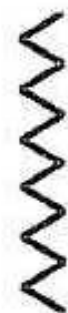
Utilizada em rituais de iniciação e banhos diversos para os filhos de Obaluaiê e de algumas qualidades de Ogum, nos candomblés brasileiros.

Em Cuba, ela é chamada, popularmente, de *sabila*, e é atribuída a Iemanjá (Cabrera 1992:540).

Na África, é usada em vários trabalhos litúrgicos, sendo conhecida pelos nomes iorubás *ipòlerin* e *ipé erin* (Verger 1995:631).

A babosa é planta conhecida no mundo inteiro, pelo poder que possui de fortalecer os cabelos, sendo utilizada na indústria cosmética em larga escala, em sabonetes, loções, cremes e xampus. Suas folhas são utilizadas ainda em casos de queimaduras de sol e fogo, panaríço, tumores e machucados. Juntamente com aguardente e mel de abelha, as folhas da babosa batidas em liquidificador estão sendo largamente utilizadas pela população como anticancerígena, antibiótica e antiinflamatória.

ÌRÈKÉ



Nome popular: Cana-de-açúcar

Nome científico: *Saccharum officinarum* L., *Gramineae*

Orixás: Exu, Oxum e Ibeje

Elementos: Terra/masculino

Planta de origem asiática, foi introduzida no Brasil na época do colonialismo e cultivada comercialmente em grande escala.

As folhas da cana-de-açúcar são consideradas excelentes no preparo de amassi para lavar os assentamentos de Exu, pois proporciona prosperidade. O bagaço da cana moída, bem como o açúcar mascavo ou refinado, são empregados em defumadores para atrair dinheiro. Os "roletes-de-cana" ou seja, a cana-de-açúcar cortada em rodela, são oferecidas a Oxum e a Ibeje. Em algumas situações o açúcar substitui o mel de abelha, principalmente em trabalhos dedicados a Oxum. A rapadura produzida deste vegetal é usada nos rituais de iniciação para lavar "os assentamentos dos orixás" e como base na preparação do "aluá", bebida fermentada, muitas vezes servida durante as festas públicas.

Cruz (1982:151) afirma que: "O açúcar é aproveitado medicinalmente, sendo um tônico poderoso, que mantém a força muscular, impedindo o cansaço e a fadiga. É um agente terapêutico de muita utilidade no caso de fraqueza do coração, pois tonifica eficientemente o músculo cardíaco. Emprega-se também contra as tosses, bronquites e afecções catarrais, icterícia, cólicas renais, digestão difícil, aftas, rachaduras dos seios etc."

ÌRẸSÌ



Nome popular: Arroz

Nome científico: *Oryza sativa* L., Poaceae (Gramineae)

Orixá: Oxalá

Elementos: Água/masculino

Originário da Ásia, o arroz está disseminado por todos os continentes, pois é de reconhecido valor econômico e serve de base alimentar a diversos povos.

Nas casas de candomblé, o arroz é um produto básico na alimentação da comunidade, e contra ele não existe nenhuma proibição, pois entra inclusive na dieta de todos os iniciados. O arroz cozido ou em forma de bolas tanto é oferecido para Oxalá, como utilizado em "ebós de saúde". Temperado e com peixe, compõe um prato dedicado a Iemanjá. A água que lava o arroz, ou a usada no cozimento, "é boa para banhos de descarregos e, jogada na porta da rua, despacha Exu cortando as coisas negativas".

Por ocasião das previsões feitas na passagem do ano nas casas de candomblé, o arroz cru costuma ser distribuído pelo babalorixá ou ialorixá entre os filhos do terreiro "para trazer boa sorte no próximo ano". Este mesmo arroz pode ser pulverizado e utilizado como *atĩn* (pó) com a mesma finalidade.

O arroz possui propriedades terapêuticas que combatem as enterites, gastroenterites, diarreias, abscessos e inflamações cutâneas. Empiricamente, a água do arroz é dada aos recém-nascidos para debelar a diarreia.

ÌRÓKÒ



Nomes populares: Gameleira, figueira, tatajuba, iroca, figueira-branca, figueira-brava, figueira-grande

Nome científico: *Ficus doliaria* Mart., Moraceae

Orixás: Oxalá, Irókò e Exu

Elementos: Fogo/masculino

No Brasil, a gameleira substitui o verdadeiro irókò africano (*Chlorophora excelsa* [Welw.] Benth & Hook.), que também é uma morácea conhecida, naquele continente, pelos nomes iorubás *èrò irókò*, *irókò aládé oko*, *irókò èwò*, *irawé ighò* (Verger 1995:647). A árvore africana faz parte do rol de vegetais do culto de Ifá, e foi sobre ela que as feiticeiras pousaram, mas não conseguiram permanecer, pois seus frutos não as satisfaziam. Foi a terceira árvore onde as iyámi tentaram se estabelecer, mas não tiveram sorte.

A gameleira é considerada, dentro dos cultos nagôs, no Brasil, um vegetal sagrado e respeitado como moradia e local de adoração da entidade fitomórfica de origem jêje-nagô, irókò, que, quando se manifesta em seus iniciados, se assemelha muito a Xangô. Também é atribuída a Oxalá, pois, no *oriki* (recitações) em que esta árvore está relacionada com os orixás da criação (Oxalás), ela é reverenciada como "*Irókò! Oluwéré, Ògíyán Èlèjù*, que se pode traduzir livremente por: *Irókò*, árvore proeminente entre todas as outras, o *Òrisá-funfun* (*Ògíyán*) do âmago da floresta" (Santos 1979:77). Suas folhas são usadas em rituais de iniciação nas casas de candomblés, no *igbo* dos filhos desse orixá e em banhos para problemas graves de saúde, "não devendo ser empregadas para outras coisas, pois é folha muito quente que, quando se colhe, tem que fazer ritual, porque depois do meio-dia é de Exu e não cura". É útil, ainda, em casos de doenças graves, pois é crença comum que "as folhas da gameleira sob o travesseiro do doente têm poderes para espantar a morte".

A madeira da gameleira, por ser macia, é utilizada na confecção de canoas e gamelas artesanais, daí o nome gameleira.

Na fitoterapia, o suco ou leite liberado dos galhos é empregado para expulsar lombrigas e combater a hidropisia; porém, Pott & Pott (1994:209), citando Berg e relacionando este vegetal sob o sinônimo *Ficus gomelleira* Kth. et Bouché, afirma que é "considerado depurativo, contra sífilis e reumatismo."

IRUNGBON



Names populares: Barba-de-velho, barba-de-pau, samambaia

Nome científico: *Tillandsia usneoides* L., Bromeliaceae

Sinonímia:

- 1) *Tillandsia trichoides* H.B.K.
- 2) *Tillandsia filiformis* Lodd., Cat.
- 3) *Tillandsia pendula* Louvain Hortus
- 4) *Tillandsia crinita* Willd.

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Ar/masculino

Bromeliácea nativa do continente americano, que ocorre em áreas tropicais e subtropicais. Cultivada na Europa como planta ornamental.

Por utilizar as árvores como substrato, está incluída na categoria *áfomón* (parasita). A barba-de-velho foi incorporada aos rituais jêje-nagôs no Brasil, sendo utilizada em defumadores, sacudimentos e sacralização dos objetos rituais de Obaluaiê.

Este vegetal fornece uma excelente crina que é usada em enchimentos de móveis estofados e colchões. No campo fitoterápico, é utilizado nos casos de abscessos, hemorróidas e reumatismo.

ISAN



Names populares: Amoreira, amora-preta, amoreira-preta

Nome científico: *Morus nigra* L., Moraceae

Orixás: Olá e Egum

Elementos: Ar/feminino

Espécie vegetal oriunda da Ásia, aclimatada no Brasil, ocorrendo em quase todo o território nacional.

Encontrada nas casas de candomblé, normalmente junto ao *ilé-ibo-akú* (casa dos mortos), pois está associada a *Oya-Igbâlê* e *Baba Égún*.

Dos galhos da amoreira são feitos os *isan*, bastões rituais que controlam os *Egúngún* (ancestrais) quando manifestados no "*ilé-igbâlê*, casa de culto dos *égún*, *lêsé égún*" (Santos 1975:104).

Na fitoterapia, as folhas da amoreira são usadas em gargarejos contra aftas e inflamações das amígdalas, e no combate à diabetes. As flores debelam infecções renais, e os frutos são utilizados contra reumatismo, artrite, gota e estados febris.

ISÉ



Nome popular: Erva-doce

Nome científico: *Pimpinella anisum* L., Umbeliferae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Originária do Egito, a erva-doce foi introduzida em diversos continentes, inclusive na América do Sul. No Brasil, é largamente cultivada para fins comerciais.

Tanto nos candomblés quanto nos terreiros de umbanda, suas sementes são utilizadas em defumadores, e seus galhos considerados bons para banhos e "rezar crianças com mau-olhado".

Em defumação, acredita-se que possa favorecer a intuição das pessoas que praticam jogos divinatórios.

Em chá, é usada para combater gases, dores intestinais infantis e má digestão. Estimulante das glândulas mamárias (galactógeno), ajuda na produção de leite materno.

IṢU



Nome populares: *Inhame-da-costa, inhame-cará, inhame-da-guiné-branca, cará-do-pará*

Nome científico: *Dioscorea rotundata* Poir., Dioscoreaceae

Orixás: Oxalá e Ogum

Elementos: Terra/feminino

O inhame-da-costa ou inhame-cará é a comida por excelência dos Oxalás. Seu uso é freqüente em oferendas para estes orixás, seja pilado, em raspas, em fatias ou em forma de bolas, sempre puro sem nenhum tipo de tempero. A presença desse alimento é indispensável na festa do pilão, homenagem anual feita a Oguian (Oxalá novo), e, segundo Verger (1981:257), seu nome significa "o que come inhame pilado", *yian*. Nessa ocasião, esta iguaria é oferecida a todos os presentes. Assado com casca, o inhame é um dos pratos preferidos de Ogum. Em ebós, normalmente é utilizado cozido e amassado em forma de bolas.

Os outros nomes iorubás pelos quais o inhame é conhecido nas diversas regiões do continente africano são *Àbáje, iṣu funfun, iṣu efurù, èfò n, jànyìn jànyìn, agogô, wáwá jí, múnú, òpàràgá, olótun iyangban, oluku, oğodomoyo, òdò, olonku, agbemọ, agemo okun e ahune* (Verger 1995:665).

No campo terapêutico, o uso do inhame-da-costa é benéfico no combate a coqueluche, asma catarral e catarro bronquial.

ÍTÀ



Nome popular: Pitangueira

Nome científico: *Eugenia pitanga* Berg., Myrtaceae

Sinonímia: 1) *Eugenia indica* Mich.
2) *Eugenia micheli* Lam.
3) *Eugenia uniflora* L.
4) *Myrtus brasiliana* L.
5) *Stenocalyx michelii* Berg.

Orixás: Ossaim e Oxum

Elementos: Terra/feminino

Planta nativa brasileira, frutífera, encontrada nas diversas regiões do país, principalmente no Nordeste, Sudeste e Sul.

As folhas da pitangueira são usadas como provedoras de prosperidade; por isso, "nos dias de cerimônia pública, chamada 'xirê dos Orixás' — a festa, a distração dos orixás —, o barracão é decorado com guirlandas de papel, nas cores do deus festejado. O chão é cuidadosamente varrido, salpicado de perfumadas folhas de pitanga..." (Verger 1981:71), costume este praticado, principalmente, nas festas de Oxum. São também "usadas em sacudimentos e banhos para atrair coisas boas e prósperas".

Em Porto Alegre, os batuqueiros costumam usar as folhas da pitangueira em banhos de purificação para os filhos de Iansã.

Existe uma crença, entre as pessoas do interior, de que "na ceia de ano-novo, deve-se ter alguns galhos de pitangueira sobre a mesa, pois só assim o ano que vai iniciar será farto e próspero".

Popularmente, as folhas desta mirtácea são consideradas adstringentes, aromáticas, balsâmicas e anti-reumáticas, sendo utilizadas em infusões no combate às diarreias e febres infantis.

ÍTÈTÈ



Nome popular: *Jasmim-manga*

Nome científico: *Plumeria drastica* M., *Apocynaceae*

Orixá: *Oxossi*

Elementos: *Terra/masculino*

Nativa das Américas, esta planta é cultivada para fins ornamentais, e muito utilizada em jardins, parques, praças e passeios públicos.

Suas folhas são usadas nos candomblés, em rituais de iniciação, obrigações periódicas e banhos purificatórios para os filhos de Oxossi.

Algumas obras de fitoterapia citam essa planta como sendo boa no combate à febre intermitente, obstrução das vísceras abdominais e icterícia; porém, por possuir um suco drástico, deve ser usada em doses homeopáticas, caso contrário ela se torna venenosa.

ÌYÁBÈYÍN



Nome popular: *Mãe-boa*

Nome científico: *Ruellia gemminiflora* H.B.K., *Acanthaceae*

Orixás: *Naná, Iemanjá e Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

Distribuída em quase toda a América do Sul, no Brasil é encontrada, principalmente, nos Estados do Centro-oeste (cerrados e pântanos), Nordeste e Sudeste.

Suas folhas maceradas são utilizadas nos rituais de iniciação e banhos de purificação dos filhos de Naná, Iemanjá e Oxum.

Planta medicinal com alto teor de proteínas. Seu rizoma possui quantidade de glicose e frutose mais elevado do que muitas plantas cultivadas para fins alimentares.

IYÉYÉ



Nome popular: Aperta-ruão

Nomes científicos: 1) *Piper mollicomum* Kunth., Piperaceae
2) *Piper gaudichaudianum* Kunth.
3) *Piper chimonanthifolium* Kunth.
4) *Piper aduncum* Vell.
5) *Piper truncatum* Vell.

Orixá: Oxum

Elementos: Terra/masculino

Nativas do Brasil, estas espécies medram, com frequência, em matas sombreadas das regiões nordeste e sudeste.

Em algumas publicações, outras espécies de piperáceas, conhecidas também pelo nome popular de aperta-ruão, são apontadas como usadas com as mesmas finalidades litúrgicas e medicinais. Consta que, "sob esta denominação foram encontradas três espécies nativas de Piperaceae, a saber: *Piper gaudichaudianum* Kunth., *P. mollicomum* Kunth. e *P. truncatum* Vell" (Guedes & Profice & Costa & Baumgratz & Lima 1985:4). Além destas espécies, temos ainda o *Piper aduncum* Vell., que também é conhecido pelo mesmo nome popular. Todas as espécies citadas são plantas que possuem folhas aparentemente muito semelhantes, das quais os usuários não fazem distinções, pois são utilizadas tanto nos rituais quanto na medicina popular para os mesmos propósitos.

Nos casos em que o jogo de búzios vaticina uma gravidez difícil, o aperta-ruão é utilizado em sacudimentos, banhos e trabalhos para proteção da gestação.

Medicinalmente, as folhas destas piperáceas são empregadas contra complicação uterina e gravidez difícil. Quando ocorre "queda de útero", as mulheres do interior utilizam-na, externamente, em banhos de imersão demorados, que servem também para os casos de feridas crônicas. Combate, ainda, blenorragias crônicas, cistites, diarreias, além de ser acentuadamente diurética.

JOBÓ e LÁTÓRIJÉ



Nomes populares: Neves, alfazema-de-caboclo, alfazema-brava, macaé, mercúrio-do-campo, poejo-do-brejo

Nome científico: *Hyptis pectinata* (L.) Poit., Lamiaceae.

Sinonímia: 1) *Nepeta pectinata* L.
2) *Clinopodium imbricatum* Vell.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Considerada uma planta pantropical, esta espécie de *hyptis* ocorre amplamente nas Américas, desde o México até o Sudeste brasileiro.

Conhecida também pelo nome jêje-nagô *lâtórijé*, essa planta é atribuída a Oxalá. Entra nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios de todos os adeptos.

Na África é conhecida entre os iorubás pelos nomes *jógbó* e *qlátorijé* (Verger 1995:682).

Na medicina popular é empregada como estimulante, sudorífera e béquica.

JOJÒFÀ e AJÒFÀ



Nomes populares: *Urtiga-brava, cansação (AM), urtigão*

Nome científico: *Urtica baccifera (L.) Gaudich., Urticaceae*

Sinonímia: *Urtica baccifera L.*

Orixás: *Exu e Ogum*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta nativa da América tropical. Ocorre nas Antilhas, Caribe, Américas Central e do Sul. No Brasil encontra-se disseminada pelo Nordeste e Sudeste do território nacional.

Suas folhas, nas casas-de-santo de origem jêje-nagô são consideradas quentes e de excitação (*gún*). São utilizadas na sacralização dos objetos rituais de Exu e para excitar Ogum "quando dele se deseja alguma coisa rapidamente". Torradas e pulverizadas, alguns afirmam que "são ótimas para provocar confusão". Na umbanda, nos rituais denominados "prova-de-santo", era comum preparar-se uma salada de suas folhas, que deveria ser consumida por aqueles que estavam em transe com Exu ou Caboclo.

"A planta é fortemente urticante, causando dor intensa e dermatite, quando toca a pele nua" (Kissmann 1995:611).

KAN-KAN



Nomes populares: *Urtiga, urtiga-miúda, urtiga-queimadeira*

Nome científico: *Urtica dioica L., Urticaceae*

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta que ocorre nas regiões nordeste ao sul do território nacional. Cultivada em outros países com fins medicinais.

Como a maioria das urtigas, é considerada como uma planta *gún* (de excitação). É utilizada pulverizada "para provocar confusões", sendo indicada para sacralizar os objetos rituais de Exu.

Utilizada como depurativo do sangue, esta urticácea combate também urticárias, queimaduras, dermatoses, cálculos renais, anemia, reumatismo, hidropisia e diabetes.

KANAN-KANAN ou EWÉ BÒBÓ



Nomes populares: Arrebenta-cavalo, mata-cavalo, joá, juá, joá-bravo, babá e bobó

Nomes científicos: 1) *Solanum aculeatissimum* Jacq., Solanaceae
(= *Solanum reflexum* Schrank. e *Solanum khasianum* C. B. Clarke)
2) *Solanum capsicoides* All.
(= *Solanum ciliatum* Lamk. e *Solanum aculeatissimum* Jacq. var. *denudatum*)
3) *Solanum sisymbriifolium* Lamk.
(= *Solanum balbisii* Dun.)
4) *Solanum viarum* Dun.

Orixá: Exu

Elementos: Fogo/feminino

Plantas de origem brasileira, todas providas de acúleos em seus ramos e folhas. As espécies *aculeatissimum* e *viarum* são conhecidas na Bahia pelos nomes de *babá* ou *bobó*.

Nos rituais jêje-nagôs, as três espécies são usadas para os mesmos fins. As folhas entram, principalmente, em trabalhos e na sacralização dos objetos rituais de Exu. Todavia, nos cultos umbandistas, "são utilizadas em banhos, do pescoço para baixo, para descarregar as más influências que perseguem os filhos-de-santo".

As raízes, em decocção, têm uso prático no combate às afecções urinárias, hepáticas, renais e febris, sendo empregadas também contra dores de coluna. Os frutos são aplicados externamente em abscessos, furúnculos, inflamações e manchas na pele.

KÀNÉRÌ



Nome popular: Vassourinha-de-botão, carqueja, poaia-botão, poaia-rosário, poaia-preta

Nome científico: *Spermacoce verticillata* L., Rubiaceae

Sinonímia: 1) *Borreria verticillata* (L.) G.F.W. Meyer
2) *Borreria stricta* Mey
3) *Borreria commutata* Spreng.
4) *Borreria thymocephala* Gris.
5) *Spermacoce reclinata* Nees

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Planta muito comum no território nacional, invasora de pastagens, encontrada com facilidade em solos pobres, conhecida também pelo nome popular poaia.

Nos candomblés do Rio de Janeiro e da Bahia é chamada de carqueja-de-santo, e utilizada no *ágbo* e banhos para os filhos de Oxossi; todavia, os batuqueiros do Rio Grande do Sul afirmam que "no Ijexá esta planta pertence a Obaluaiê, e com seus galhos é confeccionada uma vassoura que serve para sacudimentos".

Embora seja muito comum em área rural, a vassourinha-de-botão é pouco comentada na fitoterapia, daí não encontramos nenhuma utilidade terapêutica para este vegetal.

KANKANESIN



Names populares: *Jequitirana, patinho-roxo*

Nome científico: *Centrosema brasilianum* (L.) Benth.,
Leguminosae-Faboidea

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/feminino*

Distribuída na América do Sul e nas Antilhas, em áreas tropical e subtropical. É encontrada com frequência nas restingas, capoeiras e campos brasileiros.

Esta trepadeira é utilizada nos candomblés jêje-nagôs, no *ágbo* e em banhos purificatórios, não só para os filhos de Obaluaiê, mas também para os de Nanã e Oxumaré, considerados como mãe e irmão mítico desse orixá.

KANKINSE



Names populares: *Maracujá, maracujá-comum, maracujá-de-garapa, flor-da-paixão*

Nome científico: *Passiflora edulis* Sims., *Passifloraceae*

Orixás: *Oiá e Ibeije*

Elementos: *Ar/feminino*

As diversas espécies de passiflora estão disseminadas pelo Brasil, medrando desde a Amazônia ao Sul do país. São nativas da América tropical e ocorrem também na África. Das muitas espécies existentes, provavelmente a mais popular é a *Passiflora edulis* Sims (maracujá-comum), de folhas trifoliadas, flores brancas e frutos arredondados e amarelos quando maduros; todavia, a *Passiflora alata* Dryand., segundo Correia Jr. & Ming & Scheffer (1991:108), é a única que consta da farmacopéia brasileira.

Nos candomblés, esta trepadeira é utilizada em banhos purificatórios e no *ágbo* dos filhos de Oiá, tendo por finalidade "acalmar os filhos-de-santo", uma vez que às pessoas dedicadas a este orixá é atribuído um temperamento muito agitado.

Verger (1995:704) acusa a existência da espécie *Passiflora foetida* L., a qual os africanos denominam de *abiurunpo* e utilizam com fins ritualísticos.

Na fitoterapia, o maracujá é empregado para acalmar as excitações mentais acompanhadas de insônia devido às suas propriedades sedativas e hipnóticas. Na forma de chá é diurético, desobstruente, e indicado contra tumor e inflamação de hemorróidas em "banhos de assento".

KISIKISI, IGBÁ IGÚN, IGBÁ ÀJÀ



Nome popular: Jurubeba

Nome científico: *Solanum paniculatum* L., Solanaceae

Sinonímia: 1) *Solanum jubeba* Vell.
2) *Solanum manoli* Moricand.

Orixás: Oxossi e Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Planta nativa das regiões norte e nordeste do Brasil, ocorre das Guianas até São Paulo; considerada invasora, medra em abundância também no Sudeste.

Esta planta, nas casas de candomblé, é conhecida por vários nomes nagôs, entre eles, *igbá igún* e *igbá àjã* (Barros 1993:140). Considerada uma planta *gún* (excitação), está ligada aos orixás das florestas e entra na composição do *ágbo* e banhos purificatórios dos iniciados.

Medrando no continente africano, a jurubeba, classificada como *Solanum torvum* Sw., recebe dos iorubás os nomes *ikàn wéwé*, *ikàn igún* e *igbá yinrin elé-gún*, e utilizam-na liturgicamente em "trabalho para fazer a chuva parar" (Verger 1995:722,397).

O fruto da jurubeba é por demais empregado medicinalmente, em "garrafadas", pela população da zona rural, para combater as debilidades físicas. É útil, ainda, nos casos de icterícias e moléstias do fígado, rins e baço.

KOLÉORÓGBÀ



Nome popular: Cinco-chagas

Nome científico: *Monstera adansonii* Schott., Araceae

Sinonímia: *Monstera pertusa* Schott.

Orixás: Oxalá, Xangô e Oiá

Elementos: Terra/feminino

De origem amazônica, esta planta é encontrada em matas úmidas tropicais, preferindo os troncos de árvores como suporte. Está disseminada por diversos Estados brasileiros.

Folha parecida com a costela-de-adão (*Monstera deliciosa*), entretanto, de menor porte e, como esta, apresenta recortes. Utilizada em banhos purificatórios, sempre associada a outros vegetais, pois "é considerada uma folha muito quente" (*gún*).

KOLOMI ou ÌYÁ KOLOMI



Nome popular:	<i>Ingá, ingazeiro, ingá-do-brejo, ingá-de-quatro-quinas, ingá-banana</i>
Nome científico:	<i>Inga marginata Willd., Leguminosae-Mimosoideae</i>
Variedade:	<i>Inga uruguensis Hooker et Arnott</i>
Orixás:	<i>Ossaim, Oxalá e Xangô</i>
Elementos:	<i>Arl/masculino</i>

Ingá é o nome popular de várias espécies de leguminosas nativas da América do Sul; todavia, Rodrigues (1989:104) cita que: "O INGÁ propriamente dito (INGA MARGINATA) é árvore mediana. Seu fruto é comprido, em formato de cipó, de cor verde-escura e com traços marrons, com diminutos gomos, possuindo as sementes envoltas por uma polpa branca, idêntica ao algodão, sendo essa polpa comestível, cujo sabor é adocicado..."

Nos candomblés de Ketu, os frutos do ingá regados com mel são oferecidos a Xangô. A árvore é dedicada a Oxalá. As folhas verdes são usadas em banhos purificatórios, e as secas, em defumadores que, acredita-se, atraem dinheiro; todavia, nos terreiros de Angola, esta planta é atribuída a Ossaim e suas folhas utilizadas para forrarem o chão por ocasião dos sacrifícios de animais.

Na medicina popular, o decocto das cascas do tronco é utilizado externamente para curar feridas antigas e, internamente, para debelar diarreias.

KORÍKO OBA



Nomes populares:	<i>Capim-limão, capim-santo, capim-cidreira, capim-cidrão, erva-cidreira</i>
Nome científico:	<i>Cymbopogon citratus (DC) Stapf, Gramineae</i>
Sinonímia:	1) <i>Cymbopogon schoenanthus Spreng.</i> 2) <i>Cymbopogon citriodorus Link.</i>
Orixás:	<i>Oxossi e Xangô</i>
Elementos:	<i>Terra/masculino</i>

Introduzida no Brasil ainda nos tempos coloniais, esta gramínea é originária da Índia, estando hoje disseminada pela Europa, Américas e África.

Nos candomblés brasileiros, é planta dedicada aos orixás Oxossi e Xangô, e utilizada em banhos purificatórios e em chás, como calmante.

Os iorubás, no continente africano, dão a esta gramínea os nomes *koríko oba, koríko òyìnbó, koóko oba, oko oba, tî, etí, isokô* (Verger 1995:658).

Conhecido e utilizado internacionalmente, o chá do capim-limão detém propriedades terapêuticas sudorífica, calmante, estomáquica, analgésica, antiespasmódica e aromática.

KURUKURU



Nome popular: *Batatinha*

Nome científico: *Ipomoea salzmanii* Choisy., *Convolvulaceae*

Orixá: *Nanã*

Elementos: *Água/feminino*

Vegetal encontrado, principalmente, no Nordeste do Brasil.

As folhas da batatinha são utilizadas nos rituais de iniciação e em banhos purificatórios para os filhos de Nanã, Obaluaiê e Oxumaré.

Planta considerada como abortiva, contra-indicada para mulheres em estado de gravidez.

LABÊ-LABÊ



Nomes populares: *Tiririca, capim-dandá, junça-aromática, alho, tiririca-vermelha*

Nome científico: *Cyperus rotundus* L., *Cyperaceae*

Sinonímia: 1) *Cyperus hexastachyos* Rottb.
2) *Cyperus tetrastachyos* Desf.

Orixás: *Exu, Ogum, Oxossi e Ossaim*

Elementos: *Terra/masculino*

Ocorrendo em diversas regiões brasileiras, esta ciperácea medra com mais frequência nos Estados do Nordeste e Sudeste.

Planta utilizada em assentamentos e trabalhos com Exu. É comum mascar seus tubérculos, que também são chamados de *dandá*, durante os ritos funerários, com a finalidade de afastar os espíritos dos mortos.

Nas "santerias" cubanas, essa erva é atribuída a Iemanjá e Obaluaiê, sendo usada para rezar pessoas portadoras de lepra, e, misturada com outras folhas, em defumadores contra as más influências. Conhecida pelo nome lucumi *alubosa* (Cabrera 1992: 372).

No campo medicinal, a tiririca é útil contra a blenorragia.

MAKASA



Nome popular: *Catinga-de-mulata*

Nome científico: *Hyptis mollissima* Benth., Lamiaceae

Orixás: *Oxalá, Oxum e Iemanjá*

Elementos: *Água/feminino*

Planta encontrada no Nordeste e Sudeste, medrando em lugares úmidos e sombreados.

Toda a planta é aromática e exala um agradável perfume que lembra o jasmim. As folhas entram no *ágbo* dos filhos de Oxalá, Oxum e Iemanjá, e podem ser usadas em banhos purificatórios por qualquer pessoa. Servem para lavar o conjunto de búzios utilizados para fazer previsões. Segundo um informante, "misturadas ao manjerição, manjerona, levante-miúda e colônia, compõem um banho aromático com finalidade de atrair boa sorte".

Na medicina popular, em banho, é utilizada contra as febres infantis.

MÀRIWÒ ÌYÁ



Names populares: *Guacuri, palmeira-de-guacuri, guaicuri*

Nome científico: *Attalea princeps* M., Palmae

Sinonimia: *Scheelea princeps* Karst

Orixá: *Nanã*

Elementos: *Ar/feminino*

Planta típica de regiões tropicais e subtropicais, encontrada no Norte, Nordeste e Centro-oeste brasileiro.

Nos candomblés jêje-nagôs utilizam-se as folhas do guacuri, como *màriyò*, para cobrir o assentamento de Nanã, na forma de um capuz, imitando a roupa de palha-da-costa de Obaluaiê. Com as hastes mais longas das folhas confecciona-se o cajado cerimonial de Nanã, que é colocado junto ao seu "assentamento".

Forrageira muito utilizada no Centro-oeste, na alimentação de cavalos, sendo também alimentícia e medicinal para o homem, pois dos brotos de suas folhas tira-se um palmito, e o óleo extraído de suas amêndoas, além de alimentício, serve para combater a calvície.

MOBORÒ



Names populares: *Cordão-de-são-francisco, cordão-de-frade, pau-de-praga, rubim, tolonga, corindiba*

Nome científico: *Leonotis nepetifolia* (L.) W. T. Aiton, Lamiaceae

Sinonímia: 1) *Leonotis nepetaefolia* Schimp. ex Benth.
2) *Leonurus nepetaefolius* Mill.
3) *Phlomis nepetaefolia* L.

Orixás: *Obaluaiê e Oxossi*

Elementos: *Terra/masculino*

Originária da África tropical, esta planta ocorre espontaneamente no Brasil em diversas regiões, sendo rara apenas no Sul.

Nos rituais, as folhas são utilizadas no *agbo* e em banhos purificatórios para os filhos de Oxossi e Obaluaiê; todavia, a inflorescência "serve para fazer um pó com finalidade de enfraquecer e quebrar os inimigos".

Nas casas-de-santo cubanas, este é um vegetal de Ifá atribuído a Orumilá, e usado nos rituais e trabalhos dos babalaôs.

Conhecido pelos nomes iorubás *ikú ekun* e *òkà* (Verger 1995:689), é utilizado na África, também, nos rituais e trabalhos dos babalaôs.

Em uso externo, o cordão-de-são-francisco é utilizado em banhos para cessar as dores nevralgias e reumáticas. Internamente, as folhas e galhos são usados para combater problemas do estômago, asma, problemas urinários e hemorragias uterinas. O extrato ou chá das folhas funciona como relaxante da musculatura lisa.

NEKIÇBÉ



Nome popular: *Sapotizeiro, sapodilho, sapota, sapotilha, sapotilheiro*

Nome científico: *Achras sapota* L., Sapotaceae

Sinonímia: 1) *Achras sapota* Mill.
2) *Achras sapota* Jacq.
3) *Sapota achras* Mill.
4) *Sapota zapotilla* Coville

Orixá: *Ibeije*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta aclimatada no Brasil, ocorrendo principalmente no Norte e Nordeste, originária do México e América Central.

O fruto do sapoti é uma oferenda que muito agrada a Ibeije, sendo também utilizado para as Iabás, nos dias 8 de dezembro e 2 de fevereiro, ocasiões em que são feitas oferendas de frutas a Iemanjá e Oxum. Com as folhas torradas e pulverizadas, "prepara-se um ótimo *atín* (pó) que, soprado em casa, combate feitiços mandados".

Nos casos de desnutrição e convalescência, o sapoti, comido ao natural, é um excelente remédio, principalmente para as crianças. As sementes trituradas e dissolvidas na água servem para combater as afecções renais, e as cascas do tronco da árvore, em decocto, utilizam-se nos casos de diarreias, verminoses e estados febris.

OBI



Nomes populares: Noz-de-cola, cola, cola-africana, cacau-da-sudão, café-do-sudão, coleira

Nome científico: *Cola acuminata* (P. Beauv.) Sch. & Endl., Sterculiaceae

Sinonímia: 1) *Cola nitida* Vent.
2) *Sterculia cuminata* Palis

Orixás: Ossaim e Orumilá

Elementos: Arifeminino

Originária da África, esta esterculiácea foi introduzida no Brasil e em Cuba com o advento da escravidão.

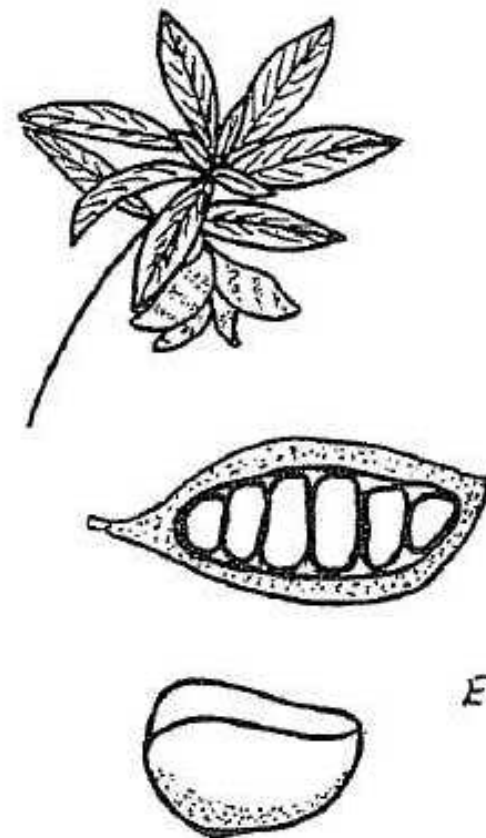
Utilizada em grande escala no culto aos orixás, a árvore da noz-de-cola pertence a Ossaim, mas a semente do seu fruto (*obi*) é utilizada em oferendas para vários orixás, principalmente Oxalá e as Iabás. Usado em jogos divinatórios, antes das oferendas e sacrifícios de animais, o obi é partido verticalmente em quatro partes e, após a saudação ao orixá, é lançado sobre um prato branco e interpretado conforme a posição em que caem seus pedaços.

Dentre as várias espécies de obi, destacamos o *obi ifin* ou *obi funfun* (obi branco), o *obi pa* ou *obi pupa* (obi vermelho), o *obi gbãnja* (obi de dois gomos) e o *obi abátá* (obi de três a nove gomos). O *obi ifin* ou *funfun* é indicado para todos os orixás-funfun que comem esta semente, porém o *obi pupa* é oferecido a Exu, Ogum, Oxossi, Oiá, Oxum e todos os orixás que não possuem restrições à cor vermelha.

Cruz (1982:472) informa que as sementes da noz-de-cola possuem teobromina e cafeína, sendo usadas como sucedâneo do café, e que: "Entre os habitantes de certas regiões da África, esses cocos se usam como moeda corrente, são tro-

cados por pó de ouro, representam a melhor garantia de um juramento feito ou de um compromisso assumido, e são considerados presentes importantes que honram e dignificam quem os recebe."

A noz-de-cola é um excelente tônico para o coração. Reconstituinte e estimulante do sistema nervoso, até hoje é usada pelo africano, principalmente por aqueles que trabalham em mercados, quando têm que empreender longas caminhadas ou trabalhos pesados, pois conseguem ficar longo tempo apenas alimentando-se com esta semente.



ODÉ ÀKÒSÙN



Nomes populares: Caiçara, couvetinga, capoeira-branca, fumeira e fumo-bravo

Nomes científicos: 1) *Solanum erianthum* D. Don., Solanaceae (= *Solanum auriculatum* Ait.)
2) *Solanum granuloso-leprosum* Dun. (= *Solanum verbascifolium* var. *Auriculatum* sensu Ktze.)
3) *Solanum mauritianum* Scop. (= *Solanum auriculatum* Ait. e *Solanum tabacifolium* Vell.)

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Sob a denominação de caiçara, encontramos três espécies muito semelhantes, às vezes consideradas sinônimos por alguns estudiosos, todas nativas do continente americano. Arbustos assemelhados à jurubeba, ocorrem em todo o território nacional, principalmente nas regiões nordeste e sudeste.

A folha da caiçara, considerada de calma (*erô*), entra nos rituais de iniciação dos filhos de Oxossi, no *àgbô*, em banhos purificatórios e sacudimentos.

Conhecida na África pelos nomes iorubás *ewúro ijèbú*, *ijèbú kògbìn* e *òpè-nínvuní*, é utilizada em diversos trabalhos, na liturgia dos orixás, tendo sido classificada por Verger como *Solanum erianthum* D. Don, Vel aff. (1995:721).

Na fitoterapia, suas folhas em infusão são usadas como calmantes e diuréticas.

ODIDI



Nomes populares: Bico-de-papagaio, mulungu, mulungu-do-litoral, eritrina-candelabro

Nome científico: *Erythrina speciosa* Andrews., Leguminosae-Papilionoideae

Orixá: Exu

Elementos: Fogofeminino

Ocorrendo com frequência nos Estados do Norte, Nordeste e Sudeste, o bico-de-papagaio tornou-se planta muito popular no Brasil, onde é nativo.

Na Bahia e no Rio de Janeiro, esta euforbiácea é utilizada nos rituais jêje-nagôs em trabalhos com Exu, sendo que "as folhas servem para lavar seu assentamento, e as flores servem como adorno".

Como terapêutica, essa planta é utilizada nos casos de agitações, pressão alta, insônia, perturbações do sistema nervoso e tosse, pois trata-se de um poderoso tranquilizante. Também usa-se o sumo da folha contra dor de dente.

ÒDÒDÓ IYÉYÉ



Nome popular: Girassol

Nome científico: *Helianthus annuus L., Compositae*

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Originária do Peru, ocorre no México, Antilhas e em toda a América do Sul, incluindo o Brasil.

A flor do girassol exerce "boas influências dentro de casa, pois tem o poder de afastar os espíritos malignos e prosperar na vida" e, utilizada em banhos, tem a mesma finalidade. As pétalas do girassol, juntamente com as folhas, são usadas na umbanda e em rituais esotéricos pelas pessoas que fazem previsões, "para consagrar o baralho cigano".

Nas casas jêje-nagôs, é costume as pessoas tomarem banho com a água obtida da infusão das flores de girassol, para atrair boa sorte.

Em Cuba, o girassol tem os nomes lucumis *kékuoro*, *orúnifé* e *yenkemi* (Cabrera (1992:430). Acreditam, ainda, que Oxum gosta de ver essa flor na casa de seus filhos.

Tanto as sementes amassadas, quanto as folhas, empregam-se topicamente em contusões, golpes, arranhões, feridas, úlceras e inflamações da vagina. Com as sementes, torradas e moídas, prepara-se um "café" que dá bom resultado nos casos de enxaquecas e dores de cabeça.

ÒDÚNDÚN



Names populares: Folha-da-costa, saião, folha-grossa, paratudo, erva-grossa

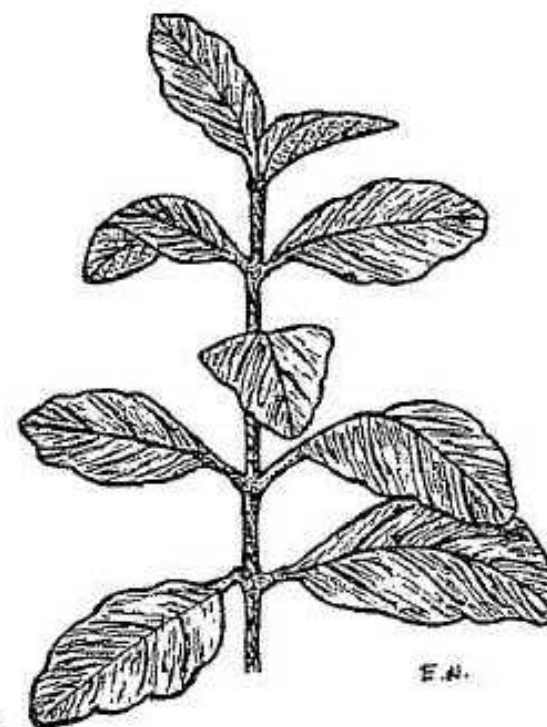
Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis Camb., Crassulaceae*

Sinonímia: *Kalanchoe crenata (Andr.) Haw.*

Orixá: Oxalá

Elementos: Água/feminino

De origem brasileira, a folha-da-costa é encontrada, praticamente, em todo o território nacional, estando hoje aclimatada em diversas áreas tropicais de outros continentes.



Tanto no Brasil como na África, esta planta é dedicada a todos os orixás ligados aos mitos da criação, conhecidos como *òriṣá-funfun*, e, por extensão, é utilizada para os demais orixás.

Nos candomblés brasileiros é usada nos ritos de iniciação, como uma das principais plantas do *àgbò*, em banhos diversos, para compor oferendas feitas a Oxalá e nos sacrifícios de pombos, cágados, patos e galinhas-d'angola, quando a folha deve cobrir os olhos destes animais para que não vejam Iku (a morte). Por gozar de grande prestígio entre os vegetais utilizados no culto, é exaltada na qualidade de folha calmante (*èrò*) no ritual da *ṣasányìn*, através de um dos versos de seu cântico: "ÒDÚNDÚN BÀBÁ T'ÈRÒ LÈ" (ÒDÚNDÚN, pai, espalhe a calma sobre a terra). Juntamente com outras ervas, também entra na mistura de plantas utilizadas para "lavar os búzios e as vistas" dos sacerdotes que utilizam os jogos divinatórios.

Verger (1992:31) dá a fórmula de um "omiero" onde constam várias folhas, entre elas o *òdúndún*, utilizado pelos babalaôs africanos para lavar os olhos antes de abrirem o *IGBÁDÚ* (Cabaça de *Odù*). Ainda Verger (1981:255) cita que, em Ilésin de Ideta-Ilê, no culto a *Obatalá* e sua mulher *Yemowo*, este vegetal é utilizado, em conjunto com outros, para lavar os objetos rituais, após os sacrifícios. Na África, é conhecido ainda pelo nome iorubá *elétí* (Verger 1995:685).

Na fitoterapia o saião é utilizado para debelar doenças pulmonares, porém o conhecimento popular afirma que, consumido em abundância, pode provocar pleurisia. A folha amassada e colocada sobre as áreas contundidas alivia a dor, diminui o inchaço e promove uma rápida cicatrização, bem como, aquecida em azeite de oliva, acelera a maturação de furúnculos. Seu sumo, ingerido, combate úlceras e distúrbios estomacais.

ÒDUNDÚN ODÒ



Nomes populares: *Pincel, pincel-de-estudante, falsa-serralha, serralha-mirim, emília*

Nome científico: *Emilia sagitatta* (Vahl) DC., *Compositae*

Orixás: *Oxalá e Iemanjá*

Elementos: *Água/masculino*

As plantas da espécie *Emilia* são nativas das regiões tropicais da Ásia, África e Américas. Kissmann (1992:245 Tomo II) informa: "Ocorrem dois tipos de plantas parecidas no Brasil, que alguns autores consideram como espécies distintas:

Emilia sonchifolia (L) DC — com flores róseas ou vermelhas, sendo os involúcrs quase do mesmo tamanho que o dos flósculos.

Emilia sagitatta (Vahl) DC — com flores roxo-azuladas, sendo os involúcrs mais curtos.

Outros autores consideram a *sagitatta* apenas uma variedade de *Emilia sonchifolia*."

Nos candomblés Ketu na Bahia e Xangôs em Pernambuco, esta planta é utilizada na iniciação e em banhos purificatórios. Com as folhas, preparam-se comidas que são oferecidas aos orixás.

Na África, esse vegetal é utilizado como espinafre no preparo de pratos comestíveis e também no culto aos orixás, sendo classificado por Verger (1995:669) como *Emilia coccinea* (Sims) G. Don, recebendo os nomes nagôs de *òdúndún olókun*, *òdúndún etídôifê*, e *òdúndún odò*, e os populares de *pincel* e *pincel-de-estudante*. Quanto ao nome científico, não conseguimos determinar se se trata de sinonímia de alguma das duas espécies citadas acima; todavia, os nomes populares atribuídos são os mesmos utilizados para determinar a *sonchifolia*. Convém ressaltar que algumas pessoas não fazem distinção quanto à utilização litúrgica das duas espécies, usando ambas com a mesma finalidade.

ÒGÈDÈ e EWÉ EKÓ



Nome popular:	Bananeira
Nome científico:	<i>Musa sapientum</i> L., Musaceae
Orixás:	Iroko, Oxalá, Oxum, Logun Edé, Oxumaré e Ibeije
Elementos:	Água/masculino

"A bananeira é originária da Ásia ou da África. Entretanto, há quem afirme ser ela também oriunda da América, opinião que se baseia no fato de que já medravam em nosso continente, antes de Colombo e Cabral pisarem terras americanas" (Cruz 1982:98.).

Na preparação do acaçá, abará e ekuru, para serem oferecidos aos orixás, são utilizadas folhas de bananeira (*ewé ekó*), preferencialmente a da banana-prata, que, por ser a mais tenra, é indicada para envolver as massas de milho branco ou feijão-fradinho, que são as bases desses alimentos. A inflorescência, conhecida popularmente como "coração", é empregada em ebós e trabalhos para resolver problemas amorosos ou de saúde, sendo associada a Oxum.

Cabrera (1992:527), em Cuba, atribui a bananeira a Xangô. No caso brasileiro, nas noites dos dias 23 e 28 de junho, em que são acesas fogueiras para festejar Xangô, as oferendas colocadas sobre o fogo são laranjas, espigas de milho verde, batatas-doces e um amalá preparado com quiabo. A banana não pode entrar em nenhum. Conforme uma lenda muito divulgada nas casas de candomblé, "Báayani pariu Aganju dentro de uma touceira de bananeira-da-terra (*ògèdè àgbagbà*) e lá mesmo o abandonou. Iemanjá *Ogun-Té* encontrou a criança e a adotou como filho". O mito se justifica porque esta espécie constitui-se num interdito para os filhos de Xangô Aganju.

Tanto a banana-prata quanto a banana-ouro são oferecidas ao natural nas festas das Iabás, no dia 8 de dezembro, como também entram no preparo de algumas iguarias para Oxum e Logun Edé; porém, para Oxumaré e Ibeije, somente consomem a banana-da-terra frita no azeite-de-dendê.

Se em Cuba a bananeira é atribuída a Xangô, no Brasil, em alguns candomblés da Bahia, e na Casa das Minas, no Maranhão, ela está associada a Iroko ou

Loko, um vodum jêje de origem nagô, que por alguns é considerado um tipo de Xangô, e, conforme Pereira (1979:84), "seus diferentes atributos e símbolos — segundo Milo — são a bananeira, o camaleão, o anolis (?) verde e a borboleta amarela".

Embora o acaçá seja o alimento predileto de Oxalá, a este orixá são atribuídas apenas as folhas da banana-prata, pois a banana-d'água (*ògèdè òmìnì*) é um dos seus principais "êwò" (interdito), como também é para Oiá.

Com parte da bananeira também "é feito um trabalho quando se descobre que um filho é abikú. Um pedaço do tronco é colocado dentro de uma pequena fogueira, e diz-se: Fulano só pode morrer se esse tronco queimar. Como ele não queima..."

No sudeste africano, os termos *ògèdè abo* e *ògèdè lóbóyò* são usados pelos iorubás, também, como sinônimos para designar o fruto da bananeira (Verger 1995:699).

Além de ser um excelente alimento, a banana contém propriedades vitamínicas, mineralizantes, cicatrizantes, diuréticas, antiasmáticas, antianêmicas, antiinflamatórias, antituberculínicas e anti-sépticas. A banana-prata é muito utilizada na alimentação infantil, principalmente para crianças recém-nascidas; todavia, nestes casos, as outras espécies são consideradas indigestas.

ÒJÈ DÚDÚ



Nomes populares: *Guaco, cipó-caatinga, erva-dutra, erva-de-cobra, erva-das-serpentes, uaco*

Nome científico: *Mikania glomerata Spreng., Compositae*

Sinonímia: *Mikania guaco Humboldt*

Orixás: *Oxalá, Oxossi e Ossaim*

Elementos: *Air/feminino*

Planta trepadeira originária do Brasil, que vegeta principalmente nas regiões de matas do Sudeste e Sul do país.

Nos candomblés, suas folhas são utilizadas em "banhos de proteção para os filhos-de-santo, quando o jogo aponta problemas de saúde".

O guaco é usado na fitoterapia como calmante e cicatrizante. Combate gripes, resfriados, doenças pulmonares, albuminúria, reumatismo e nevralgias; porém, a sabedoria popular aponta essa erva como perigosa para portadores de doenças cardíacas. Nos dias atuais, no interior, ainda são muito utilizadas balas ou "melados" feitos à base de guaco, com fins medicinais, para problemas das vias respiratórias.

OJÚORÓ



Nomes populares: *Alface-d'água, flor-d'água, mururé, pajé, lentilha-d'água, erva-de-santa-luzia*

Nome científico: *Pistia stratiotes L., Araceae.*

Sinonímia: *Pistia occidentalis Blume*

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Água/feminino*

Nativa de regiões tropicais e subtropicais das Américas, da África e da Ásia, a alface-d'água é planta aquática que medra nas superfícies dos rios, lagos e represas.

De grande importância para os babalaôs, esta é uma das ervas que compõem o amassi utilizado para lavar os cauris que são usados nos jogos divinatórios, e os olhos dos "olowo" num ritual que simboliza o surgimento da visão extrasensorial. Nesta mistura, o *ojúoró* é associado a, pelo menos, sete tipos de vegetais diferentes. Entra nos rituais de iniciação dos filhos de Oxum, no *àgbo* e em banhos de purificação, sendo também utilizado para outros "orixás das águas", como Iemanjá, Nanã e Oiá.

Esta erva é muito empregada na medicina caseira. Cruz (1982:416) afirma que "as folhas, depois de contusas, têm a propriedade de fazer amadurecer os abscessos dentro do mais curto espaço de tempo. A infusão das folhas serve para combater a hematuria, hemoptises, asma e moléstias da pele". Todavia, a população do interior costuma utilizar o sumo da alface-d'água para debelar inflamações oculares.

OLIBÉ



Nome popular: Fava-de-Xangô

Nome científico: *Entada* sp., Leguminosae-Mimosoideae

Orixá: Xangô

Elementos: Terra/masculino

Árvore de provável origem africana, aclimatada no Brasil, principalmente na região nordeste.

Nos candomblés brasileiros, apenas as sementes, chamadas de fava, são utilizadas ritualisticamente nos assentamentos de Xangô.

Na África ocorrem diversos tipos de *Entada* (*Igbáwó* — *Entada abyssinica* Steud. ex A. Rich.; *Igba òyínbó*, *agúróbe*, *ogúróbe* — *Entada africana* Guill. & Perr.; *Agbaà* — *Entada gigas* (L.) Fawc. & Rendle; *Òsà* — *Entada pursaetha* DC (Verger 1995:699,700), todas usadas em rituais.

ÒMUN e ABERÉ-OJÒ



Nomes populares: Samambaia-de-poço, lana-silvestre

Nome científica: *Thelypteris* sp., Thelypteridaceae.

Orixá: Oxumaré

Elementos: Água/masculino

Tipo de samambaia que vegeta em lugares úmidos, principalmente em beira de córregos, poços e pedreiras. Encontrada com facilidade nas regiões nordeste e sudeste do Brasil.

A folha é utilizada nos rituais de iniciação dos filhos de Oxumaré, mas também é usada para Nanã, Obaluaiê e Ossaim. Em algumas casas jêje-nagôs, este vegetal é conhecido pelo nome de *aberé-ojò* (*aberé* = agulha, espinho + *ojò* = cobra), sendo este nome traduzido como pente-de-cobra, provavelmente devido às folhas, que são dispostas lembrando o formato de um pente.

OPÁŞÓRÓ ou JIMI



Names populares: *Costa-branca, língua-de-vaca, língua-de-vaca-miúda, tapira, paraqueda, paraquedinha, fumo-do-mato, erva-de-sangue, sanguineira*

Nome científico: *Chaptalia nutans* (L.) Polack, Asteraceae (Compositae)

Sinonímia: 1) *Leria nutans* DC.
2) *Gerbera nutans* Schultz-Bip.
3) *Tussilago nutans* L.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Nativa das Américas, com ocorrência em praticamente todo o Brasil. É considerada planta daninha, invasora de gramados e jardins.

Esta planta é também conhecida nos candomblés pelo nome nagô de *jimi* e, "por pertencer a Oxalá, pode ser utilizada em banhos, para todos os outros orixás, principalmente Iemanjá, Nanã, Oxumaré e Ossaim". Provavelmente o nome *ópáşó-ró* — cajado ritual de Oxalá — deve-se à forma de sua inflorescência alongada.

Seu nome popular *costa-branca* é alusivo à cor da face inferior de suas folhas, que são esbranquiçadas.

Como medicamento, é considerada excitante e desobstruente. Seu chá é indicado contra catarrros pulmonares, tosses e moléstias da pele.

OPINIÉ



Nome popular: *Pandano*

Nome científico: *Pandanus veitchii* Hort., Pandanaceae

Orixás: *Dàda e Báayâni (Iyá Masé Malé)*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta nativa da Polinésia, cultivada como ornamental em vasos e jardins. No Brasil é encontrada em quase todos os Estados.

Segundo um informante, "esta planta tem folhas parecidas com as do abacaxi e pertence a *Báayâni*, é utilizada no seu *orô* e representa a mudança de sexo do orixá". Verger (1985:32), ao se referir a *Dàda*, diz que "existe uma dúvida a respeito de *Báayâni*. Alguns acreditam que este é um dos nomes do irmão mais velho de Xangô, enquanto outros pensam tratar-se de uma das suas irmãs. Dizem outros ainda, que se trata da sua mãe, Yamassé." Em candomblés tradicionais, como o Opô Afonjá, este orixá é cultuado com o nome de *Báayâni*, sempre seguido da explicação, "a mãe de Xangô". Quando reverenciam *Dàda*, uma dramatização feita através da dança, traz à memória a disputa entre Xangô e este seu irmão pela posse da coroa chamada Adê de *Báayâni*. "Este elemento do ritual parece ser uma reconstituição do destronamento de Dadá-Ajaká por Xangô e sua volta ao poder sete anos mais tarde" (Verger 1981:140).

Provavelmente, as folhas do opinié, que possuem cores diferenciadas numa mesma planta, indo do verde-escuro ao quase branco, estão associadas aos dois orixás. O mais escuro ao masculino e o mais claro ao elemento feminino (Barros 1993:92), representando a ambigüidade não solucionada historicamente.

ÒRÓ ÒYÌNBÓ



Nome popular: *Mangueira*

Nome científico: *Mangifera indica* L., *Anacardiaceae*

Orixas: *Ogum e Iroko*

Elementos: *Terra/masculino*

Nativa da Índia, foi introduzida no Brasil onde aclimatou-se facilmente, sendo hoje encontrada em condição subespontânea ou cultivada em todo o território nacional.

Nos dias de festas é costume espalhar folhas de determinado vegetal nos salões dos candomblés, podendo ser as da mangueira, pois acredita-se que estas tenham poderes para "evitar demandas provocadas por elemento mal-intencionado". Emprega-se, também, em sacudimentos que acompanham ebós para melhorar a sorte das pessoas; todavia, os frutos são evitados pelos filhos de Ogum na nação Ketu, pois é um interdito para este orixá. Nos terreiros que cultuam Iroko e não possuem uma gameleira, que é a árvore preferencialmente consagrada a este orixá, a mangueira pode ser utilizada como substituta. Seus frutos entram nas oferendas das festas das Iabás, que ocorre no dia 8 de dezembro, dedicado a Oxum.

No culto jêje-mina, no Maranhão, é usada no banho das noviças. Nas casas-de-nagô no Pará, é atribuída a Oxossi, e nos candomblés de Angola e terreiros de umbanda, entra no preparo de banhos purificatórios, rituais de iniciação, lavagem de contas e de cabeça.

Em Cuba, a mangueira é conhecida entre os lucumis pelos nomes *oro*, *eléso* e *orun béke*, sendo atribuída a Oxum e utilizada para todos os orixás. Existe uma crença entre os "santeiros" de que, quando a mangueira dá frutos em demasia, é presságio de miséria (Cabrera 1992:484).

Utilizada tanto como alimento quanto em liturgia na África, este vegetal possui os nomes iorubás *mángòrò* e *şeri* (Verger 1995:693).

Terapeuticamente, as folhas da mangueira combatem a bronquite asmática, estomatite, gengivite e contusões. O chá do lenho da árvore serve para debelar leucorréia e diarreia. O fruto é rico em caroteno; todavia, é contra-indicado para pessoas com problemas renais. As folhas e os frutos, quando arrancados, liberam um líquido que, em algumas pessoas, provoca urticária, sendo combatida com a infusão das próprias folhas.

ORÓGBÓ



Nome popular: Orobô

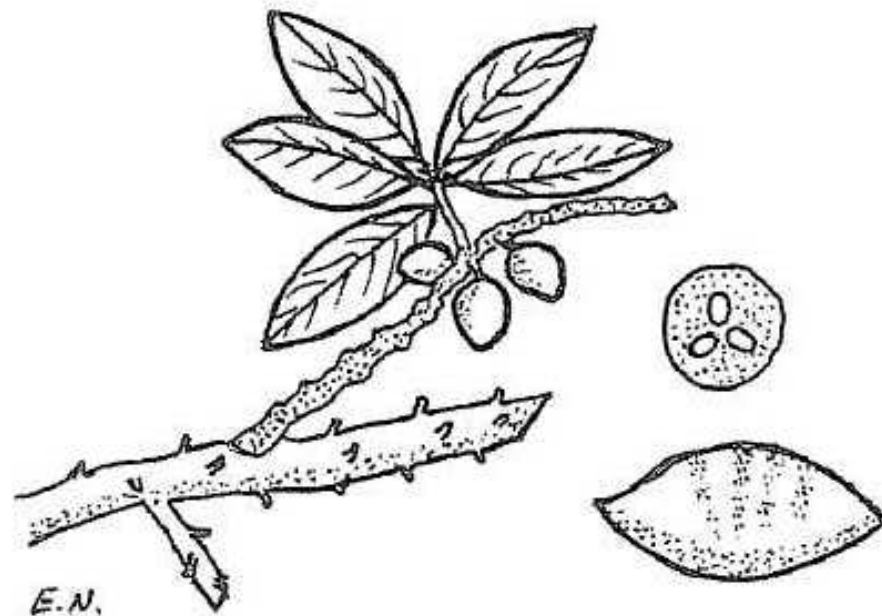
Nomes científicos: 1) *Garcinia livingstoni* T. Anders., Guttiferae
2) *Garcinia kola* Heckel

Orixás: Orumilá, Xangô e Ossaim

Elementos: Fogo/masculino

Orobô é o nome dado à semente de origem africana, bastante difundida e utilizada nos cultos afro-brasileiros.

São usadas para alguns *oborô* (orixás masculinos) e em jogos divinatórios por ocasião dos ritos de passagem (obrigações) e oferendas, principalmente para Xangô, do mesmo modo como são manipulados o obi, a cebola e os quatro búzios. É empregado, ainda, ralado e misturado às oferendas feitas a Xangô e Ogum, "para alcançar prosperidade".



Embora a espécie *livingstoni* seja considerada a mais apropriada pelos especialistas nos rituais, que a consideram de melhor aparência, a *Garcinia kola* é a mais utilizada, por ser encontrada com mais facilidade, inclusive na África, onde é conhecida também pelo nome *iwó* (Verger 1995:675).

Um mito de Ifã, do *Odù Òdi Méji*, relata que entre as sete árvores sobre as quais pousaram as feiticeiras em forma de pássaros negros, o orobozeiro foi a primeira; porém, logo retiraram-se, pois ali não encontraram a sorte esperada (Verger 1992:58-59).

Na fitoterapia, o orobô é utilizado para combater bronquites.

OSÈ



Nomes populares: 1) Baobá, árvore-dos-mil-anos, bondó, imbondeiro, adansônia, calabaceira
2) Castanheira-do-pará, castanha-do-pará, castanha-do-brasil

Nomes científicos: 1) *Adansonia digitata* L., Bombacaceae
2) *Bertholletia excelsa* H.B.K., Lecythidaceae

Orixás: Diversos

Elementos: Ar/masculino

Com o advento da escravidão, ao chegarem no Brasil, os grupos negros de origem jêje-nagô substituíram o baobá (*Adansonia digitata* L.) de origem africana, considerado uma das maiores árvores do mundo, pela castanheira-do-pará, em seus rituais religiosos. Hoje, com a introdução da espécie nativa da África em território brasileiro, as duas são utilizadas com a mesma finalidade e se constituem árvores sagradas.

Na África, é dedicado a diversos orixás, e suas folhas são utilizadas em banhos de iniciação e proteção dos iniciados, sendo conhecido também pelo nome iorubá *osè igbéélùjù* (Verger 1992:627). Em algumas regiões, costuma-se sepultar os cadáveres embalsamados de ancestrais, artistas, músicos e poetas no interior dos troncos, onde transformam-se em múmias.

Árvore brasileira, nativa da região amazônica, a castanheira-do-pará, também classificada como *Bertholletia nobilis* Miers, ocorre especialmente nas regiões norte e nordeste, e sob ela pratica-se no Brasil o culto a Oxalá e Xangô. É comum encontrar-se sob sua copa oferendas dedicadas a estes orixás, e no espaço das casas de candomblé, seu tronco é enfeitado com grandes laços de tecidos, distinguindo-a como sagrada.

Os frutos do baobá são comestíveis, a casca, em forma de chá, combate as febres intermitentes, e as sementes são utilizadas para debelar diarreias e disenterias.

A castanheira-do-pará é usada como emoliente para combater inflamações purulentas. A casca é utilizada sob a forma de chá contra as moléstias do fígado (Guimarães & Mautone & Rizzini & Matos Filho 1993:57).

OSÈ OBA



Nome popular: Vence-demanda

Nomes científicos: 1) *Piper arboreum* Aubl., Piperaceae
2) *Piper arboreum* Aubl., var. *arboreum*
3) *Piper amplum* Kunth.

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Plantas nativas brasileiras que vegetam em lugares sombreados de matas tropicais, nas regiões nordeste ao sudeste.

Sob a denominação de vence-demanda, encontramos algumas plantas do gênero *Piper*, que são utilizadas indistintamente em rituais com as mesmas finalidades. Embora pertençam a Xangô, essas espécies são usadas em "banhos de prosperidade e descarrego para os filhos-de-santo de diversos outros orixás, inclusive Oxum, Iemanjá, Oxossi e Ogum". As folhas desses vegetais, quando maceradas, exalam um perfume agradável, próprio de algumas piperáceas.

ÒŞĚ PÒTV



Nomes populares: *Guanxuma-lisa, guanxuma, vassourinha, tupixá e tupitixá*

Nome científico: *Sida carpinifolia* L.f., *Malvaceae*

Sinonímia: *Sida acuta* var. *carpinifolia* (L.f.) K. Schum.

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta nativa do Brasil, esta espécie medra em quase todo o território nacional, sendo menos freqüente no Norte e Nordeste.

Com os galhos deste vegetal, prepara-se uma vassoura utilizada para varrer os ambientes da casa ou terreiros, acreditando-se que afaste doenças epidêmicas. "Suas folhas em banho são boas para sacudimentos de pessoas que se encontram com a saúde abalada."

Emoliente, é utilizada no tratamento de tosses, bronquites e afecções pulmonares.

ÒŞÍBÀTÁ



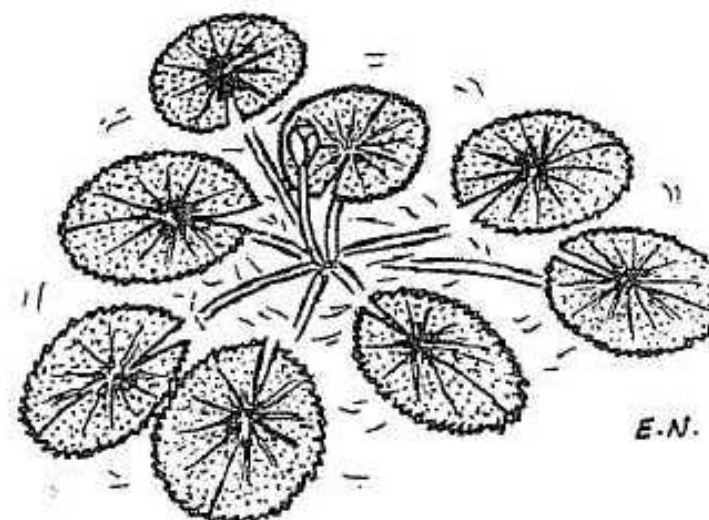
Nomes populares: 1) *Golfo-de-flor-branca*
2) *Golfo-de-flor-amarela*
3) *Golfo-de-flor-vermelha*
4) *Golfo-de-flor-lilás*

Nomes científicos: 1) *Nymphaea alba* L., *Nymphaeaceae*
2) *Nuphar luteum* Sibth. et Smith
3) *Nymphaea rubra* Roxb. ex Salisb.
4) *Nymphaea caerulea* Andr.
(= *Nymphaea capensis* Thunb)

Orixás: *Oxalá, Iemanjá, Xangô, Oxum, Oiá, Obá, Nanã e Ewa*

Elementos: *Água/feminino*

Planta aquática encontrada na Europa, Ásia, África e Américas, medrando na superfície de lagos e rios.



As várias espécies de golfo são usadas nos rituais de iniciação, agbó e banhos purificatórios. O golfo-de-flor-branca entra "nas obrigações dos filhos de Oxalá, Iemanjá e algumas qualidades de Xangô que têm enredo com estes orixás". O golfo-de-flor-amarela (*Nuphar luteum* Sibth. et Smith) é utilizado para Oxum; o golfo-de-flor-vermelha (*Nymphaea rubra* Roxb. ex Salisb.) é usado para Iansã e Obá; e o golfo-de-flor-lilás (*Nymphaea caerulea* Andr. ou *Nymphaea capensis* Thunb.) é indicado para Nanã e Ewa. "Nos rituais da obrigação dos sete anos, o *ôsibátá* é planta indispensável a qualquer iniciado."

Na África, segundo Verger (1995:701), o espécime denominado *ôsibátá* é o lótus (*Nymphaea lotus* L.), planta aquática de origem egípcia, considerada sagrada na antiguidade, que também é uma *nymphaeaceae*. Hoje disseminada por diversos continentes, supomos ter sido substituída pelas espécies acima citadas, quando da chegada de escravos nagôs no Brasil, época em que o lótus ainda não medrava nas Américas.

As *Nymphaea* são consideradas anafrodisíacas, podendo, provavelmente, ter a função de tranquilizar sexualmente os neófitos por ocasião de sua reclusão. Segundo Sangrardi Júnior (1981:156-159), referindo-se às diversas variedades de golfo, "... eram usados pelos anacoretas e nos claustros, conventos, seminários". Afirmando, ainda, que "a raiz que acalma o desejo do homem evita também a preñez da mulher", sugere ser uma planta abortiva. Todavia, as funções terapêuticas do golfo são diversas, dentre elas, destacamos o combate às disenterias, diarreias e moléstias de pele.

OSUN ELÉDÈ



Nomes populares: Urucum, urucu, açafroa, açafroeira-da-terra

Nome científico: *Bixa orellana* L., *Bixaceae*

Sinonímia: 1) *Bixa americana* Poir.
2) *Bixa urucurana* Willd.

Orixá: Xangô

Elementos: Fogofeminino

Planta de origem brasileira, que ocorre em todo o território nacional, sendo com maior incidência em florestas pluviais no Norte e Nordeste.

As sementes do urucum produzem um corante vermelho (colorau), muito utilizado na culinária doméstica; porém, nos rituais de iniciação, este corante substitui o *osun* africano, utilizado nos rituais de iniciação.

Sob a forma de chá, suas sementes são utilizadas no combate às afecções cardíacas e das vias respiratórias, e externamente, em emplastro, na cicatrização de queimaduras.

ÓYÓ



Nome populares: *Caruru-da-bahia, juta-azul*

Nome científico: *Corchorus olitorius L., Tiliaceae*

Orixá: *Xangô*

Elementos: *Fogo/masculino*

De possível origem africana, esta planta ocorre no Brasil, medrando de preferência em terrenos úmidos e sombreados.

Na África, este vegetal aparece nos mitos de Ifá, com os nomes iorubás *ayó, oóyó, oyóyó eyó, eyó gánbè, ewéédú gánbè* e *şenu gbọoro* (Verger 1995:655). Os mitos contam que foi utilizada por Orumilá para agradecer as feiticeiras, evitando, desse modo, que elas viessem a prejudicar os homens (Verger 1992:50).

Em Cuba, é conhecida pelo nome popular *grenguere* e pelo lucumi *efá*, sendo atribuída a Iemanjá, Oxum e Xangô. Considerada viscosa como o quiabo, é utilizada no preparo de comida para esses orixás, e para combater feitiços (Cabrera 1992:433.)

Nos candomblés brasileiros, essa tiliácea também é conhecida pelo nome de *ayó*, e sua principal utilidade é no preparo de um amalá para Xangô (Baru), "que não come quiabos, pois não gosta da gosma que ele produz". Todavia, prepara-se também uma comida que é oferecida a Iemanjá. Em banhos, "é uma folha positiva no combate às demandas", sendo utilizada, ainda, no *âgbo* dos filhos de Xangô.

PATIÒBA



Nome popular: *Tamba-tajá*

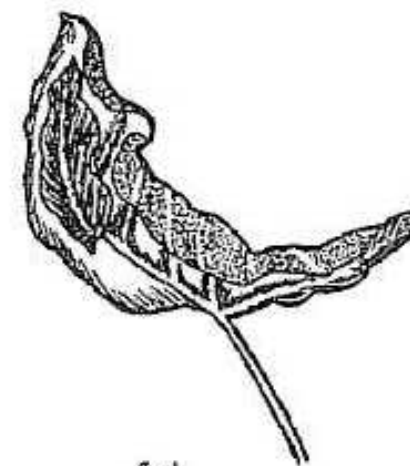
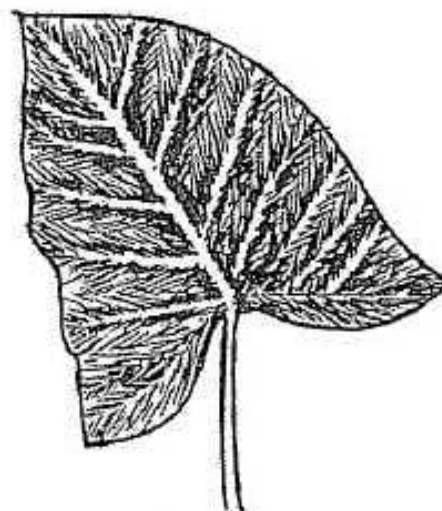
Nome científico: *Xanthosoma Atrovirens Koch. et Bauche., var. appendiculatum, Araceae*

Orixá: *Ossaim*

Elementos: *Água/masculino e feminino*

Planta nativa na América tropical, ocorrendo também em outros continentes. No Brasil é cultivada como ornamental ou encontrada em matas úmidas.

Por suas características morfológicas, tornou-se singular para os adeptos das religiões afro-brasileiras. Suas folhas possuem um pequeno apêndice em sua parte posterior, um folículo de cor mais clara que somente é exibido quando a luz do sol encontra-se em seu ápice, fenômeno conhecido como fototropismo positivo. O olhar atento e comprometido da visão de mundo jêje-nagô fez desse vegetal ambíguo símbolo da sexualidade. A pequena "folhinha de baixo, redonda, é femi-



E.N.

nina, e a grande (alongada), masculina". Encerra, portanto, ao nível ideológico, características tanto masculina e feminina, quanto andrógina, compatíveis com o panteão em suas variáveis (Barros e La Menza 1987:232).

É somente usada sob a forma de pó com o propósito de separar, confundir, anular união de parceiros ou casais. Para isso "tem que a folha virar pó e o tempo todo se pedir o que quer".

PÈRÈGÚN



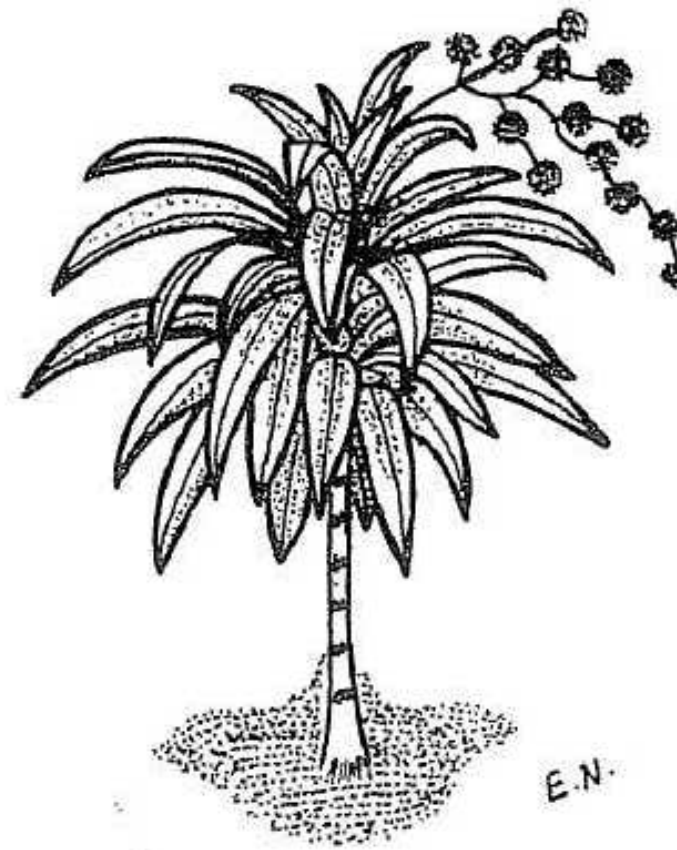
Names populares: *Nativo, pau-d'água, dracena, coqueiro-de-vênus*

Nome científica: *Dracaena fragans (L.) Ker Gawl., Liliaceae*

Orixá: *Ogum*

Elementos: *Terra/masculino*

De origem africana e muito difundida no Brasil, esta é, provavelmente, a planta mais popular nos candomblés afro-brasileiros. Sua utilização é variada, entra no *âgbo* (pois é uma das folhas fixas), banhos para diversos fins, sacudimentos e diversos rituais.



Na iniciação dos filhos-de-santo, a folha do *pèrègún* é usada como sendo a primeira na composição do *àgbo*, sendo indispensável, uma vez que representa Ogum na "função de *Asiwajú*, aquele que toma a vanguarda, aquele que vai na frente dos outros, o que precede..." (Santos 1976:93).

Ao término dos dezessete dias em que transcorre a iniciação, é promovida uma festa em que o iniciado incorporará o seu orixá, que dará seu nome publicamente. No dia seguinte ao decorrer da festa do nome do Orixá, pratica-se o ritual do panã, que consiste em reintegrar o iniciado à vida cotidiana, através da dramatização dos afazeres do dia-a-dia. Ao final desse ritual, uma folha de *pèrègún* é colocada nas mãos do Ião e, sobre ela, é depositada uma brasa incandescente, para ser, em seguida, resfriada com a água de uma quartinha de barro. Nesse ritual estão simbolizados os quatro elementos da natureza, o fogo contido na brasa, a água da quartinha, a terra representada pela folha de *pèrègún*, e a fumaça gerada retratando o ar.

Com freqüência, esta agavácea é utilizada em cercas-vivas que circundam a casa de Ogum, ou ao seu pé são colocados os objetos rituais deste orixá. Podem, ainda, ser empunhadas pelos orixás durante as danças em substituição aos objetos simbólicos tradicionalmente utilizados, que representam armas.

Na sacralização dos objetos rituais de Ogum, Ossaim, Oxossi ou Omofu, as representações feitas em ferro são, também, colocadas no fogo para que fiquem incandescentes e, em seguida, retiradas e resfriadas com água sobre folhas de *pèrègún*.

Utilizada, também, como planta ornamental, a dracena possui propriedades medicinais, que, macerada, sob a forma de banho ou em compressa, combate o reumatismo.

PÈRÈGÚN KÒ e PÈRÈGÚN FUNFUN



Nomes populares: Coqueiro-de-vênus-nativo, dracena-listrada, dracena-verde-e-amarela, nativo

Nome científico: *Dracaena fragans* var. *Massangeana* L., Liliaceae

Orixás: Oxumarê, Ossaim e Logun Edé

Elementos: Terra/masculino

Esta variedade de dracena, também de origem africana, distingue-se da anterior por conter listras amarelas nos contornos de suas folhas.

Vegetal utilizado no ritual de iniciação de Oxumarê e banhos purificatórios. Todavia, algumas pessoas dedicam-na, também, a Logun Edé, atribuindo-lhe, ainda, o nome de *pèrègún funfun*.

Nas oferendas de frutos a Ossaim, o cesto que serve como recipiente pode ter suas bordas ornamentadas com estas folhas.

Medicinalmente, possui as mesmas propriedades da *Dracaena fragans*.

RINRIN



Nome popular:	Alfavaquinha-de-cobra
Nome científico:	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth., Piperaceae
Orixás:	Oxalá e Oxum
Elementos:	Água/feminino

A alfavaquinha-de-cobra, conhecida na Bahia e Rio de Janeiro, é uma erva de origem africana que disseminou-se por todo o Brasil. Prolifera em lugares úmidos, sendo encontrada com facilidade em pedreiras, jardins, florestas sombreadas e mesmo em terrenos abandonados e beiras de calçadas.

Conhecida entre os erveiros pelo nome de *oriri* ou *oriri-de-oxum*, é fundamental nos rituais de iniciações e obrigações periódicas que ocorrem nos candomblés jêje-nagôs, entrando no *agbo* de todos os orixás.

Verger (1992:30,31), citando um mito de Ifá, relata que: "Igbádù é a casa de Odù. Não se pode entrar na casa e olhar o interior, se não se esfregar antes os olhos com água de calma, composta de folha de ôdúndún, têtê e rínrín, de limo da costa (karitê) e de água (contida no casco) de um caracol.

Todo babalaô que vai fazer o culto de Orumilá na floresta deve antes adorar Odù, sua esposa, no Igbádù, senão Orumilá não ouvirá seus pedidos e não saberá que este babalaô é seu filho."

É interessante notar a relação que essa erva tem com os olhos, seja no plano litúrgico, seja no fitoterápico. No plano litúrgico, ela pertence também a Oxum, que, na qualidade de *Opará*, é sincretizada com Santa Luzia, sendo ambas protetoras dos olhos. Na medicina popular, as pessoas do interior usam o sumo extraído do caule desse vegetal para combater irritações e inflamações oculares.

SEMIN-SEMIN



Nomes populares:	<i>Vassourinha-de-oxum</i> , <i>vassourinha-doce</i> , <i>vassourinha</i> , <i>vassourinha-benta</i> , <i>tapixaba</i>
Nome científico:	<i>Scoparia dulcis</i> L., Scrophulariaceae
Sinonímia:	1) <i>Scoparia procumbens</i> Jacq. 2) <i>Scoparia ternata</i> Forsk.
Orixás:	Oxum e Iemanjá

Planta nativa na América tropical. É encontrada em quase todo o território, principalmente nos Estados do Nordeste, Sudeste e Sul.

Conhecida popularmente entre os jêje-nagôs como *vassourinha-de-oxum*, esta planta tem diversas finalidades. Suas folhas são utilizadas em banhos purificatórios e sacudimentos. "Os galhos, dentro de um copo com água, sobre a mesa de jogo, servem para melhorar a clarividência e purificar o ambiente". Suas raízes pulverizadas são empregadas no preparo de um sortilégio que é colocado sob a língua, com a finalidade de obter-se favores de outras pessoas.

Usada na liturgia iorubá, esta planta é conhecida pelos nomes *òmísínmísín gogoro*, *mesénmesén gogoro*, *olómù yínrín*, *bímóbímọ* e *màyìnmàyìn*, sendo empregada em "receita para acabar com a tosse", "trabalhos para persuadir as pessoas" e "trabalho para conquistar o coração de uma mulher" (Verger 1995:717,165,167,347,371).

O suco, a infusão ou o decocto deste vegetal é utilizado como fitofármaco para combater gripes, bronquites, catarro pulmonar, hemorróida e dores de ouvido. Considerada, ainda, emoliente, diurética, tônico do estômago e antifebril.

SĒNÍ



Nomes populares: Barba-de-são-pedro, vassourinha-de-santo-antônio, alecrim-de-santa-catarina, bromil, vassourinha

Nome científico: *Polygala paniculata* L., Polygalaceae

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Planta considerada por alguns como nativa brasileira; todavia, ocorre no México, Antilhas e Peru. No Brasil é mais freqüente nas regiões nordeste, sudeste e sul.

Nas casas de candomblé jêje-nagôs, esta erva é utilizada em banhos purificatórios e trabalhos com Ossaim.

Empregada no tratamento das moléstias das vias urinárias, sendo também vomitiva; porém seu maior uso é nos casos de contusões e machucados, pois a raiz contém salicilato de metila, exalando um cheiro forte, "parecido com geloi", característico de pomadas e líquidos utilizados para esta finalidade. Segundo alguns, era utilizada no preparo do xarope expectorante "bromil", daí um de seus nomes populares.

Algumas espécies da família das poligaláceas, quando ingeridas pelo gado, aumentam a produção de leite, daí o significado de seu nome: poligala = muito leite.

SĒNÍKAWÁ



Nomes populares: Arrozinha, carrapicho, orelha-de-caxinguelê, alfaça-do-campo, urinária

Nome científico: *Zornia diphylla* Pers., Leguminosae

Sinonímia: *Zornia latifolia* Smith., Leguminosae

Orixás: Ewá e Ossaim

Elementos: Água/masculino

Vegetal amplamente disperso pela América do Sul, encontrado também no continente africano.

Planta utilizada nos rituais de iniciação, que, segundo Barros (1993:110), seu nome nagô significa "ter que vir". Provavelmente, uma alusão ao chamar-se o orixá para que ele incorpore em seu *iyawó*.

Segundo Verger (1995:737), este vegetal é conhecido dos torubás, na África, com o nome de *êmú*, terminologia dada na África a diversos tipos de plantas que possuem frutos pegajosos (carrapichos).

Considerada diurética, laxante, é usada contra diarreias. Externamente, em massagem para reumatismo.

ŞÈRE ỌBA e ISÍN



Nomes populares: *Xique-xique, cascaveleira, guizo-de-cascavel, crotolária, chocalho, maraca*

Nome científico: *Crotalaria retusa* L., Fabaceae (Leguminosae)

Orixá: *Xangô*

Elementos: *Fogo/feminino*

Planta pantropical, nativa da Ásia, encontrada em diversos continentes e vastamente dispersa no território nacional.

Essa leguminosa é conhecida no candomblé brasileiro pelo nome nagô *isín*. Seu fruto é uma fava que, nas "casa-de-santo", é chamada de *şékéré*, porque quando seca, produz, ao balançar, um som parecido com um *şere* (objeto metálico em forma de cabaça com cabo, utilizado no culto a Xangô). Segundo alguns, é utilizada em oferendas ao Odu Obará, para pedir prosperidade na vida. As folhas, "consideradas quentes, são usadas em banhos, juntamente com outras folhas frias para equilibrar a mistura".

Na África, recebe os nomes *awiyán* e *òdòdó* (Verger 1995:657), sendo conhecida dos sacerdotes do culto de Ifá.

Outra espécie que ocorre no Brasil, e que tem a mesma finalidade litúrgica, é a *C. pallida* Ait. (= *C. mucronata* Desv. e *C. striata* DC.), que, embora os frutos sejam parecidos, as folhas divergem em seus formatos.

ŞÈŞÉRÉ



Nomes populares: *Chapéu-de-couro, chá-mineiro, erva-do-brejo, congonha-do-brejo, aguapé*

Nome científico: *Echinodorus grandiflorus* (Cham. & Schlecht.) Mich., Alismataceae

Sinonímia: 1) *Echinodorus floribundus* (Seub.) Seub.
2) *Echinodorus pubescens* (Mart.) Seub.
3) *Echinodorus muricatus* Gris.
4) *Alisma grandiflorum* Cham. & Schlecht.
5) *Alisma floribundum* Seub.

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Água/feminino*

Ocorrendo no sul dos Estados Unidos, Antilhas, América Central e América do Sul, este vegetal, próprio de lugares úmidos, vegeta em todo o território nacional. Sua origem é o continente americano.

Planta utilizada nos candomblés, em banhos purificatórios. Na umbanda é usado contra mau-olhado e em "banhos de descarregos".

As propriedades diuréticas dessa erva medicinal coloca-a entre as mais usadas pela população do interior do país, para sanar problemas renais. As folhas em infusão combatem as inflamações da garganta e as afecções das vias urinárias. Em banho, ajuda na cura de ulcerações da pele.

SUKUÍ



Nome popular: *Azevinho*

Nome científico: *Ilex aquifolium* L., Aquifoliaceae

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta originária da Europa e da Ásia, cultivada como ornamental em diversos países.

Nos cultos afro-brasileiros, as folhas do azevinho são empregadas em sacudimentos e trabalhos com Exu.

TAMANDÉ



Nomes populares: *Arnica-do-campo, erva-lanceta, lanceta, espiga-de-ouro, sapê-macho, arnica-do-brasil*

Nome científico: *Solidago microglossa* DC.,
Asteraceae (Compositae)

Sinonímia: *Solidago chilensis* Meyen

Orixá: *Nanã*

Elementos: *Água/feminino*

Planta nativa da América do Sul, ocorrendo com mais frequência nas regiões sudeste e sul.

Segundo informações, em Salvador-(BA), esta folha é atribuída a Nanã, e seu nome nagô significa "aquela que reza". É utilizada na sacralização dos objetos rituais deste orixá.

A arnica-do-campo possui as mesmas propriedades da arnica-verdadeira, sendo utilizada para combater doenças do estômago e, em tintura homeopática, para prevenir derrame em casos de tombos e quedas.

TARAPÉ



Nomes populares: *Árvore-da-felicidade, árvore-da-felicidade-fêmea*

Nome científico: *Polyscias fruticosa* L., Araliaceae

Sinonímia: *Polyscias multifidum* Hort.

Orixá: *Iyá Masé Malé (Báayàni)*

Elementos: *Água/feminino*

Planta originária da Índia, Polinésia e Malásia, cultivada para fins ornamentais em diversos países, inclusive o Brasil, onde é conhecida popularmente como árvore-da-felicidade.

Essa é uma das plantas atribuídas a *Báayàni* ou *Iyá Masé Malé*, orixá feminino cultuado nos terreiros de candomblé jêje-nagôs mais tradicionais da Bahia, considerada a mãe de Xangô. As variedades destas espécies mais comuns são a árvore-da-felicidade-macho (de folhas ovaladas com bordas recortadas), a árvore-da-felicidade-fêmea (com folhas finas), e a árvore-da-felicidade, que em suas folhas apresenta coloração branca nas bordas, sendo a preferida, pois, segundo alguns, reverencia Oxalá. É utilizada em assentamentos e banhos purificatórios.

TÉEMI



Nomes populares: *Canela, canela-da-india, canela-do-ceilão, canela-de-cheiro*

Nome científico: *Cinnamomum zeilanicum* Breyne., Lauraceae

Sinonímia: 1) *Cinnamomum aromaticum* Arah.
2) *Cinnamomum cassia* Ness.
3) *Laurus cinnamomum* L.

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Terra/masculino*

De origem asiática, a canela foi introduzida no Brasil, na época da colonização, por jesuítas.

Planta tradicional da culinária, muito utilizada nos cultos afro-brasileiros. Tanto na umbanda, quanto no candomblé, os lenhos de canela são usados em defumadores para purificar os ambientes. As folhas pertencem a Oxum e são utilizadas em banhos ou perfumes, pelas mulheres, "com a finalidade de atrair o sexo oposto".

A canela, enquanto essência, é largamente utilizada na indústria de cosméticos e perfumarias.

No campo medicinal, a canela é aplicada como estimulante das funções digestivas, estomacais, antiespasmódicas, carmitativas, antissépticas e hemostáticas. Possuindo, ainda, utilidade prática no combate à gripe, diarreia, hemorragia pós-parto, paralisia da língua, escorbuto e diversos outros males. Todavia, é contra-indicada para as mulheres nos primeiros meses de gravidez, pois possui propriedades abortivas.

TENÚBE



Nomes populares: Botão-de-santo-antônio, lanceta, erva-de-botão, agrião-do-brejo, pimenta-d'água, surucuina, suricuina, tangaracá, ervanço, cravo-bravo

Nome científico: *Eclipta alba* (L.) Hassk.,
Asteraceae (Compositae)

Sinonímia: 1) *Eclipta erecta* L.
2) *Eclipta prostrata* L.
3) *Verbesina alba* L.
4) *Verbesina prostrata* L.

Orixá: Ogum

Elementos: Terra/masculino

Planta originária da Ásia, presente atualmente em todos os continentes. No Brasil, ela ocorre, principalmente, nas áreas de clima úmido tropical.

A folha do botão-de-santo-antônio é utilizada nos rituais de iniciação, *agbo*, em banhos purificatórios e sacudimentos "para melhorar a vida dos filhos de Ogum".

Utilizada também na África, pelos sacerdotes de Ifá, é conhecida pelos nomes iorubás *arójokú*, *áárágbá*, *abíkolo* (Verger 1995:668).

TÊTÊ



Nomes populares: Caruru, bredo, caruru-de-mancha, caruru-de-porco, caruru-de-soldado

Nome científico: *Amaranthus viridis* L., Amaranthaceae

Sinonímia: *Amaranthus gracilis* Desf.

Orixás: Oxalá e Ogum

Elementos: Terra/feminino

O caruru tem sua origem no Caribe, provavelmente na Jamaica, mas atualmente está disseminado pelas diversas áreas tropicais e subtropicais de todos os continentes. Suas folhas normalmente apresentam manchas vermelhas ou amarronzadas, embora seja possível encontrar alguns exemplares sem essas cores.



E.N.

Entre os nagôs brasileiros, este é um dos principais vegetais dedicados a Oxalá, considerado *erô* (de calma), sendo, algumas vezes, também atribuída a Ogum, servindo para uso comum a todos os orixás, principalmente nos rituais de iniciação, *àgbo*, banhos purificatórios e para sacralizar os objetos rituais dos orixás.

Do mesmo modo que no Brasil e na África, em Cuba esse vegetal recebe o nome de *tètê*, e também pertence a Oxalá. É utilizado em banhos de proteção, para lavar os objetos sagrados e "los cogollos, para las comidas de los orishas" (Cabrera 1992:346).

No culto de Ossaim, o caruru é citado como folha de grande prestígio na liturgia dos orixás, pois, segundo um *korin ewé* (cânticos sagrados das folhas), "*TÈTÈ KO MO TÈÈ O TANI JU ONÍLÉ*" (*TÈTÈ* não pode perder a sua estima. Quem pode mais do que o dono da terra?) ou então "*TÈTÈ KI ÌTÈ L'ÀWÚJO ÈFO*" (*TÈTÈ* não perde seu lugar entre os vegetais).

Na Nigéria e Golfo do Benin, esta amarantácea é conhecida também pelos nomes *tètê àtètédáyé*, *tètê ateledánji*, *tètê oyágade*, *tètê kékéré*, *tètê gbologí*, *tètê pupa* e utilizada medicinal e liturgicamente com diversas finalidades, entre elas, em "receita para eliminar solitária", "receita de calmante", "receita para tratar tonturas" e "proteção contra teimosia" (Verger 1995:631,203,247,263,445).

Em alguns países da Europa e da África, o caruru é consumido como alimento semelhante ao espinafre, do mesmo modo como é feito no Brasil.

As folhas do caruru são usadas, na medicina popular, contra moléstias do fígado e afecções das vias urinárias, principalmente nos casos de cistite e retenção da urina; e as flores combatem as tosses rebeldes.

TÈTÈ GÚN



Nomes populares: *Breda-de-espinha, breda-brava, caruru-de-espinho, caruru-bravo*

Nome científico: *Amaranthus spinosus* L., *Amaranthaceae*

Sinonímia: 1) *Amaranthus diacanthus* Raf.
2) *Amaranthus caracasanus* H.B.K.

Orixá: *Exu*

Elementos: *Fogo/masculino*

Planta nativa das Américas, amplamente disseminada pelas áreas tropicais e subtropicais dos dois hemisférios, inclusive no continente africano.



E.N.

Nas casas de candomblé jêje-nagô utilizam-se "dois tipos de *têtê*, o frio, que é de Oxalá, e o quente, que é chamado de *têtê gûn* e serve para assentar Exu". As folhas do segundo são usadas em infusão na sacralização dos objetos rituais do orixá e, pulverizadas juntamente com outros vegetais, em trabalhos de Exu "para afastar os inimigos e pessoas indesejadas".

É citada por Verger como uma das plantas usadas pelos babalaôs africanos em "trabalho para evitar guerra" sob o nome de *têtê elégûn ún* (1995:349,631).

Na medicina popular, é considerada tóxica; todavia, com suas raízes prepara-se um chá para combater febre, hidropisia e catarro da bexiga.

TÊTÊRÊÇÚN



Nomes populares: *Cana-do-brejo, cana-de-macaco, cana-do-mato, sanguelavô, sangolavô, ubacala*

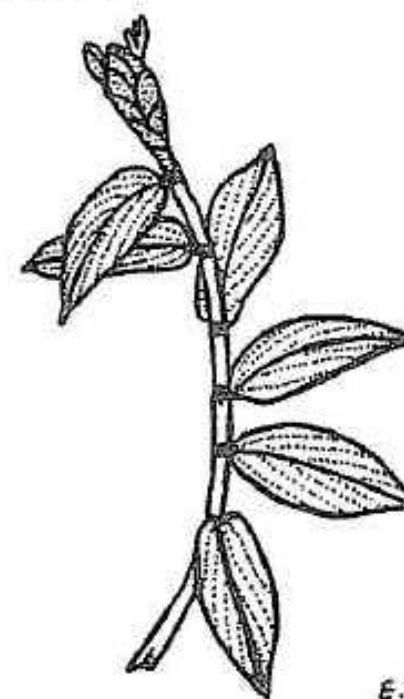
Nome científico: *Costus spicatus Sw., Zingiberaceae*

Sinonimia:
1) *Costus arabicus Jacq.*
2) *Costus spicatus Roscoe.*
3) *Alpinia spicata Jacq.*

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Ar/masculino*

Nativa do Brasil, é encontrada em todo o território nacional, estando disseminada em outros continentes.



E.P.

Essa é uma das plantas de Oxalá que entram nos rituais de iniciação de todos os neófitos, pois sendo a iniciação a morte simbólica da vida profana e o nascimento do orixá, o tètèrègún torna-se indispensável, uma vez que a ela é atribuída a característica de "folha da vida e da morte", conforme o *orín ewe* (cântico) específico deste vegetal, pois, "TÈTÈRÈGÚN ÒJÒ DO M'PA, TÈTÈRÈGÚN ÒJÒ WO BÍ WÁ" (Tètèrègún é como a chuva que mata, tètèrègún é como a chuva que dá vida).

Os cubanos acreditam que esta planta pertence a Ogum, e utilizam-na para excitar o orixá quando ele se encontra muito calmo. Os iorubás a conhecem também pelos nomes *tètè egún*, *tètègúndò* (Verger 1995:655), e fazem o uso litúrgico-medicinal deste vegetal com diversos fins, dentre eles podemos citar: "receita para eliminar solitária", "receita de calmante" e "trabalho para ajudar alguém a ser possuído por Xangô" (Verger 1995:203,253,303).

A cana-do-brejo é um poderoso aliado no combate às doenças dos rins, pois, algumas vezes, associado ao cabelo-de-milho e ao quebra-pedra, esse vegetal, sob a forma de chá, é utilizado principalmente nos casos de cálculos renais.

TÓ



Names populares: *Malva-rasteira, barba-de-boi (BA)*

Nome científico: *Pavonia cancellata Cav., Malvaceae*

Sinonimia: 1) *Hibiscus cancellatus L.*
2) *Malache cancellata (L.) Kuntze*
3) *Pavonia modesta Mart.*
4) *Pavonia deltoidea Mart.*
5) *Pavonia procumbens Cas.*
6) *Pavonia hirta Klotzch.*

Orixá: *Obaluaíê*

Elementos: *Terra/feminino*

O gênero pavônia geralmente compreende as plantas herbáceas-arbustivas encontradas na Mata Atlântica em locais úmidos e sombreados. A *Pavonia cancellata* é "planta nativa em áreas tropicais do continente americano, com ocorrência no México, América Central e parte da América do Sul... No Brasil ocorre nas regiões norte, nordeste, sudeste e centro-oeste" (Kissman 1995:113-III). É encontrada com mais frequência nas áreas irrigadas do Nordeste.

Nos candomblés jêje-nagôs, principalmente na Bahia, esta planta é utilizada nos rituais de iniciação e banhos purificatórios dos filhos de Obaluaíê.

TÓTÓ



Nome popular:	Colônia
Nome científico:	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith, Zingiberaceae
Sinonímia:	1) <i>Alpinia Nutans</i> Roscoe. 2) <i>Costus zerumbet</i> Pers. 3) <i>Alpinia aromatica</i> Aubl. 4) <i>Alpinia speciosa</i> K. Schum.
Orixás:	Oxossi e Iemanjá
Elementos:	Terra/masculino

Originária da China e do Japão, esta planta está largamente disseminada pelo território nacional, podendo ser encontrada em estado espontâneo em matas ou cultivada.

Considerada como folha eró (de calma) (Barros 1993:88), a colônia é de grande importância no contexto litúrgico das casas de candomblé. Entra no *ágbo* e banhos purificatórios para todos os iniciados, provavelmente por deferência a "Oxossi, o rei da nação de Ketu", embora também seja atribuída a Iemanjá, que se relaciona com o lado feminino de suas flores.

Muito utilizada na medicina rural, a infusão das flores desta planta é excelente para acalmar pessoas em estado de histeria. As folhas possuem propriedades sedativas e, envolvendo a cabeça, combatem as enxaquecas e encefalias; em infusão no álcool e friccionadas sobre machucados, têm efeito anestésico; na forma de chá, combatem a pressão alta e palpitações cardíacas, agindo como sedativo sobre o organismo.

WÉRÉNJÉJÉ



Nomes populares:	Jequiriti, arvoeiro, olho-de-pombo, tento-miúdo, cipó-de-alcaçuz, tentinho, assacu-mirim, carolina-miúda, tento-da-américa, piriquiti
Nome científico:	<i>Abrus precatorius</i> L., Leguminosae-Faboideae
Sinonímia:	1) <i>Abrus abrus</i> Weight. 2) <i>Abrus maculatus</i> Noronha 3) <i>Abrus minor</i> Dess. 4) <i>Abrus paniciflorus</i> Dess. 5) <i>Abrus squamulosus</i> E. Ney
Orixás:	Ossaim e Exu
Elemento:	Terra/masculino

Encontrada em áreas tropicais nas Américas, Índia e África, sua origem, todavia, é discutível. No Brasil, ocorre principalmente no Norte, Nordeste e Sudeste.

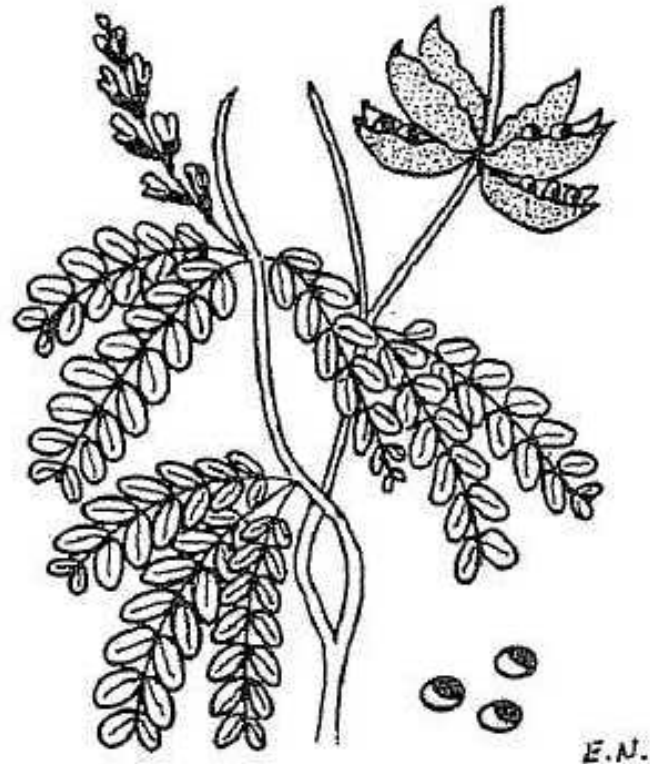
Folha misteriosa, o jequiriti entra no *oró* de iniciação de todos os filhos-de-santo, pois existe uma estreita ligação deste vegetal com Exu, sendo esta entidade a primeira a ser cultuada nos rituais de iniciação. "É, no seu papel de princípio dinâmico, de princípio de vida individual e de *Ojísç* ou elemento de comunicação, que *Êsù Bara* está indissoluvelmente ligado à evolução e ao destino de cada indivíduo. Como tal, ele também é Senhor dos Caminhos, *Êsù-Ôna*, e pode abri-los ou fechá-los..." (Santos 1976:169). A utilização do jequiriti, provavelmente como a primeira folha do *ágbo*, tem por finalidade, através do Bara (Exu pessoal), proporcionar ao iniciado novos e melhores caminhos a partir da feitura do orixá, que representa o nascimento para uma nova vida. Em outras circunstâncias, suas sementes são utilizadas para trabalhos maléficos e, se pisada por alguém, tem a capacidade de gerar brigas e desordens.

Nos centros de umbanda, as sementes do jequiriti são atribuídas a Exu e servem para confeccionar colares, que são usados pelos adeptos, com a finalidade de afastar pessoas negativas e invejosas.

Nas "santerias" cubanas, o jequiriti é conhecido pelos nomes lucumis *ewé-réyeye* ou *iggeréyeye*. As sementes e folhas também entram num "omiero" específico para iniciados; porém, os pequenos tentos são considerados perigosos, pois provocam brigas e desordens, e com eles se fazem trabalhos maléficos (Cabrera 1992:514).

Na África esta leguminosa é conhecida ainda pelos nomes *aládùn*, *adágbé*, *makò*, *méènmésèn*, *méènmésèn itàkùn*, *mísínmisín*, *ojú eyelé*, *ojú ológbò*, *qlá-tògégé*, e *pákùn obarişà*, sendo utilizada em trabalhos para preservar a saúde, tais como "receita para acabar com a tosse" e "receita para resolver gravidez de mais de nove meses", como também em "trabalho para ajudar alguém a ser possuído por Xangô", "trabalho para persuadir as pessoas" e "proteção contra envenenamento" (Verger 1995:625,165,289,303,347,457).

As sementes do jequiriti são empregadas há muito tempo, no Brasil, no tratamento de doenças dos olhos, principalmente conjuntivite granulosa rebelde; todavia, é necessário cautela ao usá-las, devido ao seu alto teor de abrina, o princípio ativo dessa planta, uma albumina tóxica, que, ingerida, pode provocar a morte. As folhas e raízes, maceradas, são indicadas nos casos de afecções pulmonares, urinárias e do ventre.



WOBOMÚ



Nome popular: *Comigo-ninguém-pode-verde*

Nome científico: *Dieffenbachia aglaonematifolia* Engl., Araceae

Orixá: *Logun-Edé*

Elementos: *Água/feminino*

Esta espécie, chamada popularmente de comigo-ninguém-pode-verde, é nativa da Colômbia e Costa Rica. Medra na beira de rios e lagos.

A planta entra no ritual de iniciação de Logun-Edé. Sua folha é colocada dentro do assentamento, e o veneno extraído do talo serve para preparar os axés (comidas) oferecidos a este orixá, que não podem ser consumidos pelos filhos-de-santo.

Segundo um informante, wobomú significa, em dialeto nagô, "me matando", provavelmente uma alusão ao veneno que esse vegetal contém.

Esta espécie possui os mesmos princípios tóxicos e venenosos da *Dieffenbachia picta*, e o simples contato de sua seiva com a epiderme provoca fortes irritações cutâneas. Segundo Körbes (1995:105/107), "posta na boca causa queimaduras e erupções, inchaço tal que se perde a voz e até a respiração, levando à morte".

WOBOMÚ FUNFUN



Nome popular: Comigo-ninguém-pode

Nome científico: *Dieffenbachia picta* (Lodd.) Schott., Araceae

Sinonímia: *Dieffenbachia maculata* (Lodd.) G. Don.

Orixás: Ifá e Exu

Elementos: Fogo/feminino

Planta nativa do Brasil, das Índias e da África. Segundo alguns autores, tem sua origem na Colômbia e Costa Rica. Ocorrendo em todo o território nacional, esta planta é utilizada, com muita frequência, em ornamentação.

Nos candomblés jêje-nagôs suas folhas são utilizadas para trabalhos e "assentamento" de Exu, sendo atribuída também a Ifá.

No culto umbandista, o comigo-ninguém-pode é usado misturado a outras ervas, em banhos para combater feitiços, e a planta em vasos disfarçada como ornamental, "para proteger pessoas e ambientes".

Embora sendo um vegetal com alto teor de toxicidade, pois é entorpecente, cáustico e venenoso, era usado em tempos passados na medicina popular em gargarejos para combater a angina; todavia, citando Kissman (1992:120 Tomo II) "Quando partes da planta são levadas à boca, o efeito agressivo se faz notar em seguida, com aparecimento de edema nos lábios, língua, glote e mesmo cordas vocais. Isso frequentemente leva à impossibilidade de fala."

Monografias dos Vegetais sem Denominações Jêje-Nagôs



ABACAXI



Nome científico: *Ananas comosus* (L.) Merr., Bromeliaceae

Sinonímia: 1) *Ananas sativus* Schult. var. *microstachys*
2) *Ananas sativus* Schult. var. *pyramidalis* Bert.
3) *Bromelia ananas* L., var. *pyramidalis* Arr. Cam.

Orixás: Iyábas e Ibeije

Elementos: Terra/feminino

Esta bromeliácea, originária da América do Sul e nativa do Brasil, foi incorporada aos rituais do candomblé afro-brasileiro pelos nagôs. Seu fruto é utilizado em oferendas, nas festas das Iabás, e usado também para *erê* (espíritos infantis) no *panã do iyawô*, ritual praticado no período da iniciação; porém, é um *ewô* — interdito — para Obaluaiê e seus iniciados, sendo também desestimulado o seu consumo para as "mulheres de Oxum".

Foi introduzida na África, onde é conhecida pelos nomes iorubás *ẹ̀ẹ́kún ahùn*, *ẹ̀kúnkún ahùn*, *ọ̀gẹ̀dẹ̀ ọ̀yínbó*, *ọ̀pẹ̀ ọ̀yínbó*, *ọ̀pọ̀n ọ̀yínbó*, e incorporada aos trabalhos ritualísticos onde as folhas são utilizadas beneficentemente em "trabalho enterrado no chão para conseguir dinheiro", "trabalho para encher a casa de amigos" e "proteção contra o mal", e o fruto de maneira maléfica em "trabalho para matar o amante da esposa" (Verger:1995:633,361,379,451,429).

Na medicina popular, o abacaxi é desaconselhável para mulheres grávidas e pessoas portadoras de doenças da pele; todavia, tanto a fruta quanto as folhas são refrigerantes, digestivas, depurativas do sangue, desobstruintes do fígado, contra prisão de ventre, e aconselhadas, em forma de xarope, contra doenças respiratórias, bronquites e dores na garganta. O suco consumido ao natural combate problemas renais, pois é considerado um excelente diurético.

AGAVE



Nomes populares: Pita, piteira, babosa-brava, gravatã-açu, abecedária

Nome científico: *Agave americana* L., *Amaryllidaceae* (*Agavaceae*)

Orixás: Ossaim, Omolu e Tempo

Elementos: Terra/masculino

Tendo sua origem na América do Norte, a *Agave americana* L. encontra-se hoje aclimatada em diversos países da Europa e no Brasil.

É prática comum, entre os adeptos dos orixás, depositarem sob uma piteira de grande porte oferendas para o odú Obará, signo de Ifá que rege a riqueza; composta de "abóbora-moranga, mel, farofas diversas e moedas, em noite de lua cheia, com a finalidade de adquirir dinheiro e prosperidade nos negócios".

As folhas da agave em decocção são utilizadas como depurativo do sangue e diurético, no combate às inflamações do intestino e do fígado (icterícia), e em compressas, nas inflamações e irritações oculares. As raízes são anti-sifilíticas, estomacais, antiescorbúticas e antianêmicas.

AGNOCASTO



Nomes populares: Jureminha, agnus-castus, pimenta-dos-monges, árvore-da-castidade, pau-de-angola, alecrim-de-angola

Nome científico: *Vitex agnus-castus* L., *Verbenaceae*

Sinonímia: 1) *Vitex lupinifolia* Salisb.
2) *Vitex robusta* Lebas.

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/feminino

O agnocasto é uma planta que já era utilizada na Grécia, antes de Cristo. Foi usada nos mosteiros da Idade Média, e chegou aos nossos dias, disseminando-se pelos diversos continentes.

Na Grécia antiga, "Plínio relaciona inúmeros usos medicinais do vitex, puro ou associado com outras substâncias, inclusive para combater ressaca, contra a orquite, contra as mordidas de serpentes ou picadas de aranhas e de insetos venenosos" (Sangirardi Jr. 1981:43). Todavia, mesmo naquela época, essa planta era utilizada para reprimir os desejos sexuais, pois sua fama de afrodisíaco data de vinte séculos. Nos conventos da Europa, na Idade Média, o agnocasto foi largamente empregado pelos monges no claustro, sob a forma de chá ou xarope, com a mesma finalidade; todavia, era administrada aos noviços supostamente como peitoral.

No Brasil, essa planta, que é conhecida nas zonas rurais pelos nomes de jureminha, pau-de-angola e alecrim-de-angola, foi incorporada nos candomblés jêje-nagôs, seguindo os mesmos princípios de uso dos mosteiros medievais, pois as folhas frescas, colocadas sob o travesseiro, ou o chá, reprimem os desejos sexuais, a ejaculação noturna e os sonhos eróticos dos iniciados, por ocasião da reclusão.

Ainda como medicinal, esse vegetal funciona como calmante, combate a insônia, provoca a menstruação e aumenta a lactação nas mulheres. Possui, ainda, propriedades antiespasmódicas e equilibra o sistema vago-simpático.

AGRIÃO-D'ÁGUA



Nome científico: *Sisymbrium nasturtium* L., *Cruciferae*

Sinonímia: *Nasturtium officinale* R.Br.

Orixá: Iemanjá

Elementos: Água/feminino

De origem européia, o agrião-d'água, como o nome sugere, é uma planta aquática. No Brasil é cultivado com fins comerciais, embora seja encontrado, às vezes, subespontaneamente, à beira de córregos.

Entre os orixás mais antigos e venerados nos candomblés jêje-nagôs, destaca-se *Baiyamin* ou *Íyá Masé malé*, a mãe de Xangô. Para ela prepara-se uma iguaria à base de feijão-fradinho, parecida com um *ekurú*, que é esfarelado e refogado no azeite-de-dendê com folhas de agrião picadas. Esta comida tem consistência de uma farofa.

Rica em vitaminas A, C, iodo e ferro, esta hortaliça tem fama de ser antianêmica, diurética, remineralizante e antiescorbútica. É um excelente expectorante, com larga utilidade nos casos de gripes e afecções pulmonares. Ajuda nos casos de bronquite crônica e auxilia os diabéticos baixando a taxa de açúcar do sangue. Acredita-se que, usada em excesso, pode provocar irritações no estômago e cistite.

ALAMANDA



Nomes populares: Dedal-de-dama, santa-maria, orélia, quatro-patacas

Nome científico: *Allamanda cathartica* L., *Apocynaceae*

Sinonímia: 1) *Allamanda grandiflora* Lam.
2) *Allamanda aubletii* Pohl.
3) *Allamanda latifolia* Presl.

Orixás: Omolu e Oxum

Elementos: Fogo/masculino

Planta nativa da América do Sul, ocorrendo em todas as áreas tropicais e subtropicais do Brasil. A alamanda é encontrada também em diversos países do mundo, sendo utilizada como planta ornamental.

Liturgicamente, na nação Ketu, é usada na ornamentação dos terreiros; todavia, no candomblé de Angola e no Omolokô, esse vegetal é utilizado para banhos de descarregos, e é também atribuído a Omolu e Oxum.

Popularmente, utilizam-se as folhas da alamanda em banhos, para combater sarnas e piolhos.

ALECRIM-DO-MATO



Nomes populares: Vassourinha, alecrim-de-caboclo

Nome científico: *Baccharis dracunculifolia* DC., *Compositae*

Sinonímia: 1) *Baccharis bracteata* Hooker et Arnott
2) *Baccharis paucidentata* Schultz Bipontinus
3) *Conyza linearifolia* Spreng.

Orixás: Oxalá e Oxossi

Elementos: Ar/masculino

Nativa da América do Sul, disseminada praticamente por todo o Brasil e países vizinhos.

Esta planta está ligada a Oxoguiã (Oxalá novo) e a Oxossi, sendo que em algumas casas-de-santo, é folha fixa no *ãgbo* dos *oboro* (orixás masculinos). Considerada uma planta de grande poder, "com suas folhas prepara-se um banho, juntamente com *êfinín*, *abamoda*, *eré tuntun*, *tètê*, *tètêrêgun* e *ódundún*, para melhorar a sorte". Nos rituais de umbanda é utilizada em defumadores e também em banhos para afastar a "negatividade dos médiuns".

As folhas do alecrim-do-mato são empregadas medicinalmente contra o cansaço físico e a debilidade orgânica em geral. O chá é usado também contra tosse, febre, problemas gástricos e reumatismo.

ALFACE



Nome científico: *Lactuca sativa* L., *Compositae*

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Disseminada por todos os continentes devido ao seu valor comercial, a alface tem sua origem na Índia ou Ásia Central.

Planta com propriedade calmante, a alface é usada nas casas jêje-nagôs "para enfeitar oferendas a Oxum, Logun Edé, Oxumaré etc.". Nos candomblés-de-caboclos é empregada também com a mesma finalidade.

Nas santerias cubanas, esta verdura é conhecida pelos nomes lucumi *ilénke* e *oggó yéyé*, sendo atribuída a Oxum e Iemanjá. Utilizam-na para envolver o *otá* (pedras colhidas na natureza) dos "assentamentos" dessas *iyába*, com a finalidade de "esfriar" o orixá quando este está muito "quente" (Cabrera 1992:465).

Na medicina caseira, o chá feito com uma folha de alface acalma o sono agitado dos recém-nascidos. Possui propriedades laxativa, diurética, depurativa, vitaminizante, mineralizante, desintoxicante e calmante.

ALHO



Nome científico: *Allium sativum* L., *Liliaceae*

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Fogo/masculino*

Tendo sua provável origem na Ásia Ocidental, o alho, devido ao seu valor econômico, nos dias atuais, é cultivado em diversos países.

Embora seja muito empregado no tempero dos alimentos do dia-a-dia nas casas de candomblés jêje-nagôs, o alho não é utilizado nas comidas dos orixás, pois é considerado um *ewó*, isto é, um interdito. Nos rituais de umbanda, é usado em banhos de descarregos, defumadores e como amuleto para combater o mau-olhado. Caribé & Campos (1991:17) afirmam que "o odor do alho é tido como obstáculo ao contato do corpo etérico do homem com vibrações mais sutis".

Na África, os babalaôs do culto de Ifá utilizam o alho em trabalhos litúrgicos e medicinais, atribuindo-lhe os nomes *ayô* e *ayû* (Verger 1995:630).

No campo terapêutico, o alho tem uma vasta aplicação, pois é reconhecida-mente um excelente antibiótico natural, possuindo propriedades antiinflamatória, antitussígena, laxante, vermífuga, anti-séptica, diurética, depurativa, emoliente, antitérmica etc.

Na zona rural, é costume espalhar palha de alho na entrada das casas para impedir o acesso de ofídios.

AMARANTO



Nomes populares: *Veludo, crista-de-galo*

Nome científico: *Celosia cristata* L., *Amaranthaceae*

Orixás: *Ifá, Xangô e Oiá*

Elementos: *Fogo/masculino*

Herbácea anual da América tropical, o amaranto é amplamente cultivado em países da Europa e das Américas como planta ornamental. Suas sementes espalham-se com facilidade, daí ser encontrado, às vezes, em condições espontâneas.

As flores do amaranto são utilizadas na ornamentação de altares e barracões por ocasião das festas de Xangô ou Oiá.

Em Cuba, este vegetal é conhecido pelo nome lucumi *biole* e é atribuído a Orumilá e Aganju, sendo empregado ritualisticamente na forma de pó, na preparação de amuleto para facilitar a palavra e estimular o valor pessoal quando este tende a diminuir. Medicinalmente, algumas gotas do sumo das folhas, diluídas em água, são calmantes; porém, em quantidade exagerada, tornam-se venenosas (Cabrera 1992:327).

No Brasil, esta planta é tida apenas como ornamental, não tendo sido encontrada, na fitoterapia, utilidade para ela.

AMENDOEIRA (RJ)



Nomes populares: Amendoeira-da-Índia, chapéu-de-sol, castanhola (CE), sete-copas

Nome científico: Terminalia intermedia Bert., Combretaceae

Sinonímia: Terminalia catappa L.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Originária da Malásia, a amendoeira está disseminada no Brasil, onde é utilizada na arborização de ruas e alamedas, ocorrendo, às vezes, subespontaneamente em áreas litorâneas.

As folhas da amendoeira são utilizadas nas casas-de-santo, em banhos de purificação e sacudimentos, em pessoas com problemas mentais. As folhas secas são empregadas como "defumador para afastar influências negativas".

Em Cuba é conhecida pelos nomes lucumi *iggj uré* e *ecuci*, é atribuída a Obatalá e Ifá, serve para "lavar la cabeza (refrescar Eledá) y en 'despojos', baños y baldeos purificadores de la casa. Para buena suerte" (Cabrera 1992:321).

As folhas, maceradas em álcool e usadas externamente, servem para combater burcites, tendinites, dores reumáticas e musculares.

ARAÇÁ



Nome popular: Araçazeiro

Nome científico: Psidium cattleianum Sabine, Mirtaceae

Orixás: Ogum, Oxossi e Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Arbusto nativo da América do Sul, que medra do Nordeste ao Sul do Brasil.

Nas casas-de-santo, utilizam-se os frutos do araçá em oferendas aos chamados orixás do tempo — Ogum, Oxossi e Ossaim — juntamente com outras comidas a eles consagradas. As folhas são empregadas no agbô e em banhos dos filhos destes orixás.

Medicinalmente, as cascas, folhas e raízes são utilizadas em infusões para combater diarreias, disenterias, doenças do coração, das vias urinárias e hemorragias.

ARARUTA



Nome científico: *Maranta arundinacea* L., *Marantaceae*

Orixá: Ibeije

Elementos: Terra/feminino

Nativa das Antilhas, a araruta está disseminada por áreas tropicais do Brasil e de diversos outros países.

Nos candomblés, esta planta é utilizada em banhos de purificação, principalmente para "crianças fracas". A fécula é empregada no preparo de iguarias consumidas no cotidiano, e na liturgia podem ser oferecidas a Ibeije ou em borí, "obrigação de fortalecimento da cabeça" (Barros 1993:31).

Na medicina popular, o banho das raízes cozidas serve para acalmar o feto no útero materno quando ele costuma dar muitos pulos. Dessa planta retira-se um amido que é utilizado no preparo de bolos e biscoitos. O mingau feito dessa farinha é apropriado para pessoas com debilidade orgânica, convalescentes e como reforço alimentar de crianças.

ASSA-PEIXE



Nome científico: *Vernonia polyanthes* Less., *Compositae*

Orixá: Oxum

Elementos: Terra/masculino

O assa-peixe é uma planta muito popular nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Considerada como planta invasora de campos e pastagens, medra espontaneamente também nas margens de estradas.

Nos candomblés de origem jêje-nagô, suas folhas são utilizadas nos rituais de iniciação, em banhos purificatórios e na sacralização dos objetos rituais do orixá.

É melífera e muito apropriada no combate às bronquites, pneumonias, gripes fortes, tosse rebeldes e afecções do aparelho respiratório em geral.

ASSA-FÉTIDA



Nomes populares: Cinza-fétida, goma-resina-assafétida, estercol-do-diabo

Nome científico: *Ferula sp.*, Umbelliferae.

Orixás: Exu e Obaluaiê

Elementos: Ar/masculino

Oleogomoresina obtida por um látex dessecado, produzido e extraído por incisões nos rizomas e raízes de espécies do gênero *ferula*, dentre as quais destacamos *Ferula asa foetida* L., *Ferula marthex* Boissier e *Ferula foetida* (Bunge) Regel.

Utilizada nos cultos afro-brasileiros em defumadores, tem a finalidade de "descarregar e purificar os ambientes".

Seu uso fármaco-terapêutico estende-se aos casos de histeria, afecções respiratórias de fundo nervoso, asma, angina estridulosa, tosses nervosas, espasmos e cólicas em geral. Possui, ainda, propriedades medicinais que combatem vermes e filariose.

AVENCA



Nomes populares: Cabelo-de-vênus, *adiantum*, *avenca-cabelo-de-vênus*

Nome científico: *Adiantum capillus veneris* L., Polypodiaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Originária da Europa, a avenca foi introduzida no Brasil, onde encontra-se aclimatada há muito tempo. Medra, principalmente, em lugares úmidos à beira de córregos e poços.

Atribuída a Oxum, a avenca é usada nas casas de candomblé brasileiras, em banhos purificatórios.

Em Cuba, classificada por Cabrera (1992:414) como *Adiantum tenerum* Sw., é usada em banhos purificatórios e para sacralizar os objetos rituais de Oxum, sendo conhecida pelos nomes lucumi *kotonlo*, *ewe ofi* e *necentén*.

A avenca contém tânico e ácido gálico, e seu emprego na medicina popular vai desde o combate à tosse, catarro e rouquidão crônica (pois é um excelente expectorante), até a utilização contra cólicas menstruais e regularização uterina. As duas últimas indicações a relacionam com o orixá Oxum, protetor do ventre e da fecundidade feminina.

BÁLSAMO



Nome científico: *Sedum dendroideum* Moc. & Sessé, Crassulaceae

Orixá: Oxalá

Elementos: Água/masculino

Planta nativa da Ásia, aclimatada no Brasil, cultivada em jardins como ornamental e medicinal.

Não muito freqüente, as casas de candomblé jêje-nagôs utilizam esta planta em banhos purificatórios; todavia, as folhas frescas são muito usadas na medicina doméstica, pois, amassadas e sob a forma de emplastro, produzem efeito cicatrizante e, do mesmo modo, são usadas nos casos de torções e contusões.

É muito popular o xarope feito com o bálsamo, inflorescências de mamoeiro, coração de bananeira e mel de abelha para combater a bronquite e problemas pulmonares, pois provoca a expectoração.

BOTÃO-DE-ORUMILÁ



Nomes populares: Flor-amarela, flor-de-ouro, estrelinha, botão-de-ouro

Nome científico: *Melampodium divaricatum* D.C., Asteraceae (Compositae)

Sinonímia: 1) *Melampodium paludosum* H.B.K.
2) *Melampodium rhomboideum* D.C.
3) *Dysodium divaricatum* Rich.

Orixá: Orumilá e Oxum

Elementos: Terra/feminino

Planta comum no Brasil, principalmente nas regiões nordeste e sudeste, onde é encontrada em estado espontâneo.

Segundo um informante, esta planta simboliza o pacto entre Orumilá e Oxum, quando o patrono do Oráculo de Ifá permitiu que esta iabá passasse a jogar com 16 búzios (*erindilogun*), para vaticinar através de Exu; porém, o *opelê*, rosário de Ifá, continuou sendo privativo dos homens. Suas folhas são utilizadas em banhos purificatórios, principalmente para as "filhas de Oxum que possuem cargo de jogo", e, juntamente com outras ervas, entra na preparação do amassi empregado na "lavagem das vistas" e dos cauris usados nos jogos divinatórios.

BRASILEIRINHO



Nomes populares: Cróton, folha-imperial, louro-variegado

Nome científico: *Codiaeum variegatum* Blume, Euphorbiaceae

Sinonímia:

- 1) *Codiaeum medium* Baill.
- 2) *Codiaeum pictum* Hook.
- 3) *Croton pictus* Lodd.
- 4) *Croton variegatus* L.

Orixá: Olá

Elementos: Ar/masculino

Abrangendo um grande número de semilenhosas, este gênero de plantas tem sua origem na Índia, Malásia e ilhas do Pacífico.

Pelo colorido de suas folhas, é utilizado com fins ornamentais nos terreiros e barracões; todavia, o seu emprego nas casas-de-santo está ligado, principalmente, ao culto dos caboclos, onde são usadas as variedades verde/amarela, provavelmente por tratar-se das cores nacionais.

CACAUEIRO



Nome científico: *Theobroma cacao* L., Esterculiaceae

Orixás: Oxalá e Ossaim

Elementos: Terra/feminino

Originária do México, suas sementes eram utilizadas pelos antigos astecas para fazer o chocolate. Ocorre, ainda, na América do Sul, Antilhas e África.

Nos cultos afro-brasileiros, a árvore do cacau (cacaueiro) é atribuída a Ossaim. A manteiga produzida de suas sementes substitui o *orí* (limo-da-costa ou manteiga-de-karité), gordura vegetal de origem africana extraída do *Butyrospermum paradoxum*, da família das sapotáceas (Verger1995:641), que é usada no preparo de alimentos que são oferecidos aos orixás.

Nas santerias cubanas, do mesmo modo que no Brasil, a manteiga de cacau substitui também o limo-da-costa quando é feito o *ose* (limpeza), para lustrar os objetos rituais de Oxalá.

A banha de cacau é utilizada medicinalmente para curar rachaduras nos lábios, nos bicos dos seios, para tratar as hemorróidas e para tirar manchas do rosto.

CAFEIEIRO



Nome científico: *Coffea arabica* L., Rubiaceae

Orixá: Ossaim

Elementos: Ar/masculino

Tendo sua origem no sul da Abissínia, o café foi trazido para o Brasil em 1723 e introduzido inicialmente no Estado do Pará.

Liturgicamente, as folhas do cafeeiro são usadas em banhos de iniciação para os "filhos de Ossaim". O café, bebida preparada com o fruto torrado e moído, é utilizado na umbanda em oferendas aos "pretos-velhos" e às "almas". Nos candomblés, essa bebida recebe o nome de *omi dudu*, que literalmente significa "água preta", e não tem utilidade litúrgica.

Em Cuba, o cafeeiro é conhecido nas santerias pelos nomes lucumis de *obimotigwá* e *igi kan*, e, nas oferendas feitas aos mortos, jamais falta uma xícara de café (Cabrera 1992:348).

Na Nigéria, os iorubás o chamam de *koñi*, nome adaptado do inglês *coffee*, e também de *owó idé* (Verger 1995:652).

Desde a antiguidade o café é considerado uma bebida tônica e estimulante das funções cerebrais.

CAJUEIRO



Nome científico: *Anacardium occidentale* L., Anacardiaceae

Orixás: Oxum, Xangô e Inlé

Elementos: Terra/feminino

Nativo do Brasil, o cajueiro, hoje, está disseminado por toda a América tropical e Antilhas. Encontrado também em condições subespontâneas em alguns países da África e da Ásia.

Nas casas de candomblé, as folhas do cajueiro são utilizadas em banhos purificatórios e sacudimentos. Os frutos são oferecidos aos orixás, principalmente a Oxum e Iemanjá, por ocasião das festas das Iabás.

Nos cultos de umbanda, omolocô e Angola as folhas do cajueiro são utilizadas em "banhos de descarregos" e entram no banho de iniciação dos filhos de Ogum.

Na África, este vegetal é conhecido pelos nomes nagôs *Èjojú*, *èkajú* e *kajú* (Verger 1995:632).

Como "simpatia para curar hemorróidas, usa-se um colar de castanhas de caju verdes em volta da cintura; na medida em que as castanhas secam, a doença regride".

Como medicamento, é tônico, diurético, sudorífico, purgativo e depurativo. Usa-se a casca e a raiz da árvore em decoção para combater a diabetes, ou em gargarejo contra aftas e inflamações da garganta. As flores são afrodisíacas e excitantes.

CAMBOATÁ



Nomes populares: *Camboatá-vermelha, camboatá-de-capoeira, arco-de-pipa, pau-de-cantil, cubantã, miguel-pintado (SC), gragoatã (SP)*

Nome científico: *Cupania vernalis* Camb., Sapindaceae

Sinonímia: 1) *Cupania uruguensis* W.Hook.
2) *Cupania clethroides* Mart.
3) *Stadmannia sorbifolia* Linden.

Orixás: *Oiá, Xangô, Dãda e Báayãni*

Elementos: *Arlfeminino*

Árvore nativa do Brasil encontrada nas formações florestais. Ocorre, também, em toda a América tropical.

Suas folhas são utilizadas nos rituais de iniciação de *Dãda Ajãká* (considerado um dos doze Xangôs). Nos candomblés tradicionais da Bahia e Rio de Janeiro, uma comemoração a Xangô traz à memória a questão histórica que é dramatizada nos cânticos e danças onde *Ajãká*, portando o adê (coroa) de *Báayãni* (mãe de Xangô), tem este símbolo real tomado por seu irmão mais novo, Xangô, que só o restitui no final da festa. Segundo Verger (1981:140), o ritual "parece ser a reconstituição do destronamento de *Dãda Ajãká* por Xangô e sua volta ao poder sete anos mais tarde". Na tradição jêje-nagô, esta folha é usada, também, na sacralização dos objetos rituais de *Báayãni*, em banhos purificatórios e sacudimentos dos adeptos de Oiá.

Na fitoterapia utiliza-se o chá da casca desta árvore para combater asma e tosses convulsivas.

CANELA-DE-VELHO



Nome científico: *Miconia albicans* (Sw.) Trin., Melastomaceae

Sinonímia: *Melastoma albicans* Sw.

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Arbusto que medra em campos e cerrados, encontrado das Guianas ao Estado de São Paulo.

Esta, talvez, seja a planta mais popular nas casas de candomblé atribuída a Obaluaiê. É utilizada nos cultos umbandistas, em rituais de "lavagem de cabeça, de guias e em banhos de descarregos". Nos candomblés jêje-nagôs, emprega-se a canela-de-velho no *agbo* e em banhos purificatórios dos filhos de Obaluaiê.

O decocto das folhas e casca deste vegetal é tido como eupéptico e indicado nos casos de perturbações digestivas.

CAROBINHA-DO-CAMPO



Nomes populares: Caroba, jacarandá-caroba

Nome científico: *Jacaranda brasiliana* Person., *Bignoniaceae*

Sinonímia: 1) *Jacaranda caroba* D.C.
2) *Jacaranda brasiliensis* D.C.
3) *Bignonia brasiliana* Lam.

Orixás: Ossaim e Omolu

Elementos: Terra/masculino

Planta de origem brasileira, que ocorre no Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste e Sul do território nacional.

Na liturgia dos vegetais, este é utilizado em banhos purificatórios para os filhos de Omolu ou Ossaim.

As afecções da pele em geral, reumatismo, artritismo, afecções das vias urinárias e doenças venéreas têm na carobinha-do-campo um grande adversário, devido, principalmente, às suas propriedades depurativas, diuréticas, sudoríficas e anti-sépticas.

CENOURA



Nome científico: *Daucus carota* L., *Umbaliferae*

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Originária do Chile, a cenoura, nos dias atuais, é um alimento conhecido e consumido mundialmente pelo seu valor nutricional.

Nos candomblés, apenas a raiz é usada nas casas-de-santo, tanto na alimentação cotidiana, quanto em ebós, juntamente com outros vegetais, para obtenção de saúde.

Na Nigéria, seus habitantes dão a este vegetal o nome *karoti*, derivado de *carrot*, termo inglês que designa este vegetal.

Como alimento, tem efeito benéfico sobre o organismo, pois possui propriedades medicinais que são vitaminizantes. Devido ao seu alto teor de betacaroteno (pró-vitamina A), a cenoura é indicada nos casos de cegueira noturna, "... é aconselhada para tornar a pele macia e aveludada; por isso, seu suco é usado na psoríase, eczema e outras enfermidades da pele. É estimulante do apetite, facilita a ação intestinal excitando a secreção da biliar, combate as cólicas nefríticas, o reumatismo e a gota, é laxante e aumenta as secreções glandulares, favorecendo a lactação" (Pimentel 1985:55).

CHAPÉU-DE-NAPOLEÃO



Nomes populares: Fava-elétrica, jorro-jorro, noz-de-cobra

Nome científico: *Thevetia nerifolia* Juss., Apocynaceae

Sinonímia: *Thevetia peruviana* Sch.

Orixás: Ossaim e Omolu

Elementos: Terra/masculino

Planta nativa do México, disseminada por diversos continentes, inclusive o africano. No Brasil, é muito utilizada como ornamental, devido à beleza de suas flores.

Esta planta é pouco difundida nos candomblés brasileiros; todavia, nos cultos umbandistas, os caroços dos frutos são utilizados na confecção de colares usados pelos "pretos-velhos".

Os batuqueiros do Rio Grande do Sul utilizam as sementes desta planta como favas consagradas a Xapanã, em seus assentamentos.

Na África, é empregada em rituais, e conhecida pelos nomes iorubás *olómi ojô* e *sopá sopá* (Verger 1995:729).

Na fitoterapia as cascas são indicadas nos casos de febre e como purgativa. O leite liberado pela planta é usado contra dores de dente e para neutralizar o veneno da cobra cascavel; todavia, em qualquer caso, a utilização deste vegetal deve ser cautelosa, pois possui, em seu látex, a tevetina, substância tóxica considerada veneno cardíaco.

CHUCHU



Nome científico: *Sechium edule* (Jacq.) Sw., Cucurbitaceae

Orixás: Iemanjá e Oxum

Elementos: Ar/feminino

Originário do México, o chuchu é cultivado no Brasil, sendo encontrado também em estado espontâneo em matas úmidas e nas proximidades de habitações rurais.

Nas casas de candombé, o chuchu, juntamente com outras verduras e hortaliças, é utilizado com frequência em "ebós de limpeza para pessoas com problemas de saúde".

Em Cuba, é conhecido pelos nomes lucumis de *wóbedo*, *mionlo*, *tuto* e *lalo-yago*, sendo atribuído a Oxum e Iemanjá (Cabrera 1992:416).

No campo terapêutico, o chuchu combate as avitaminoses A, B e C, a hipertensão arterial e as afecções renais.

CINCO-FOLHAS



Nome populares: *Barba-de-são-pedro, cinco-chagas, ipê-branco, caroba-branca*

Nome científico: *Sparattosperma leucanthum* (Vell.) Schum.,
Bignoniaceae

Sinonímia: 1) *Sparattosperma vernicosum* Bur. & Schum.
2) *Bignonia leucantha* Vell.
3) *Spathodea vernicosa* Cham.
4) *Tecoma leucantha* All.
5) *Tecoma subvernícosa* DC.

Orixás: *Omolu e Ojá*

Elementos: *Ar/masculino*

Planta brasileira que ocorre, principalmente, nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Empregada em sacudimentos nas casas de candomblé, é mais utilizada na umbanda, em "banhos de descarregos".

Como medicinal, este vegetal é um poderoso diurético e ajuda a combater a sífilis, a blenorragia, o reumatismo e doenças de pele.

CIPÓ-CABOCLO



Nome científico: *Davila rugosa* Poir., Dilleniaceae

Sinonímia: 1) *Davila americana* D.C.
2) *Davila brasiliana* D.C.
3) *Hieronía scabra* Vell.

Orixá: *Oxossi*

Elementos: *Terra/masculino*

Encontrado nos campos, cerrados e matas, o cipó-caboclo é planta de origem brasileira que medra do norte ao sul do território nacional.

Utilizado em banhos de purificação pelos filhos de Oxossi, tanto nos candomblés jêje-nagôs quanto nos rituais de umbanda, onde é dedicado, também, aos caboclos.

Cabrera (1991:340), em Cuba, atribui este vegetal ao Orixá Okó e a Ode Inlé, dando-lhe o nome lucumi de *kénza*.

Devido à aspereza da superfície, as folhas deste cipó eram utilizadas em marcenarias para lixar móveis; todavia, na fitoterapia, são indicadas em banhos para combater orquites, linfites crônicas, edemas nos membros inferiores e elefantíase.

CÍRIO-DE-NOSSA-SENHORA



Nomes populares: *luca-mansa, agulha-de-adão*

Nome científico: *Yucca gloriosa L., Liliaceae*

Orixá: *Oxalá*

Elementos: *Air/masculino*

Planta nativa do México e da Guatemala. No Brasil, é cultivada em jardins como ornamental.

O uso desta planta nos candomblés brasileiros é restrito, pois apenas suas flores são colocadas nos terreiros e altares com a finalidade de purificar o ambiente e ativar o axé.

Em Cuba, ela é uma das folhas mais importantes do "omiero", sendo a primeira de dezesseis ervas de cada orixá, que é colocada na cabeça do iyawó e conhecida pelos nomes de *pêrêgûa* e *denderé* (Cabrera 1992:336).

COENTRO-DE-CABOCLO



Nomes populares: *Coentro-cravo, coentro-da-colônia, coentro-do-maranhão, coentro-da-índia*

Nome científico: *Eryngium foetidum L., Umbelliferae*

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta brasileira encontrada no Norte, Nordeste e Sudeste, ocorrendo também em Cuba e vários países da América do Sul.

Utilizada como tempero na culinária doméstica desde a época do Brasil-colônia, o coentro-de-caboclo sempre foi tido como substituto do coentro comum (*Coriandrum Sativo L.*); porém, nos candomblés jêje-nagôs tem sua utilidade limitada, pois seu uso como comestível é proibido ao filhos-de-santo, constituindo-se num *ewó* (interdito). Todavia, quanto à produção de sortilégios chamados de "atração", para as mulheres não existem restrições, pois, torrado, pulverizado e misturado a um perfume da preferência, tem a finalidade, quando usado, de atrair o sexo oposto.

Em Cuba esta planta tem o nome popular de *culantro* ou *culantro del monte* e "con las hojas tiernas se condimenta la comida de los orishas" (Cabrera 1992:414). É atribuído a Iemanjá. Os santeiros a conhecem pelo nome de origem lucumi *ichóro* e utilizam sua raiz, juntamente com a raiz de resedá, malva e arruda, fervidas, nos casos de hemorragias femininas.

Na fitoterapia, utilizam-se as raízes deste vegetal como calmante, sedativo, diurético, sudorífico e antipirético. Combate, ainda, catarro da bexiga, febre tifóide e hidropisia. Regulariza a menstruação, porém o suco é abortivo. É também considerado afrodisíaco.

COPAÍBA



Nomes populares: *Copaibeira, copaiba-vermelha, copaiba-da-várzea, bálsamo, copai, óleo-vermelho, óleo-amarelo, óleo-de-copaiba, pau-de-óleo*

Nome científico: *Copaifera langsdorffii* Desf.,
Leguminosae-Caesalpinioideae

Sinonímia: 1) *Copaifera officinalis* L.
2) *Copaifera jacquini* Desf.
3) *Copaifera jasquiniana* Don.
4) *Copaiva officinalis* Jacq.

Orixás: *Oduduá e Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

Planta nativa brasileira, com ocorrência do Amazonas ao Paraná, que produz um óleo medicinal de grande importância econômica, sendo por este motivo cultivada em várias continentes.

As folhas da copaíba, nos terreiros afro-brasileiros, são utilizadas em banhos de prosperidade e sacudimentos pelas pessoas "do santo". Em alguns candomblés de origem jêje, o óleo-de-copaíba é usado para untar alguns objetos sagrados dos "voduns".

Nas "santerias" cubanas, essa folha é conhecida pelo nome de *kiororo*.

Os índios brasileiros, quando retornavam de suas guerras intertribais, costumavam repousar seus feridos em esteiras sustentadas por varas, sobre um brazeiro, com seus corpos untados com este óleo, pois acreditavam no seu poder cicatrizante sobre os ferimentos.

O óleo-de-copaíba é a parte mais importante da árvore, sendo extraído, conforme indicação, a partir de "um pequeno furo no tronco, por onde escorrem, às vezes, até cinco litros"; é um medicamento reconhecido no combate a diversos males, pois é balsâmico e anti-séptico, usado no combate a doenças do aparelho urinário, afecções de origem sifilítica, "catarro da bexiga", incontinência urinária, leucorréia, tosses, bronquites, diarreias, urticárias e moléstias da pele.

COSTELA-DE-ADÃO

Names populares: *Banana-do-mato, monstera, ceriman*

Nome científico: *Monstera deliciosa* Liemb., *Araceae*

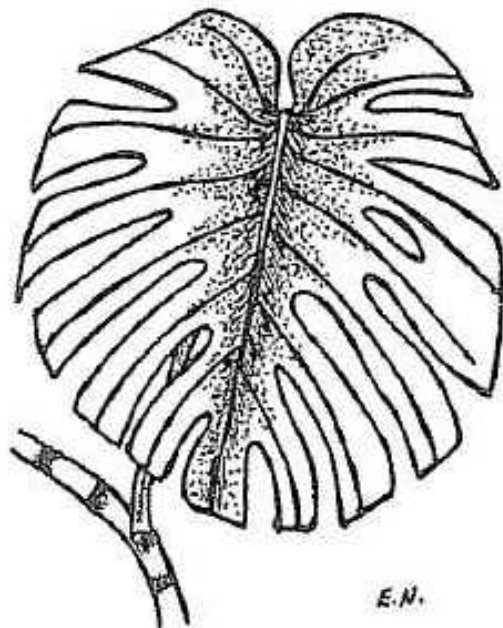
Sinonímia: 1) *Monstera lennea* Koch.
2) *Philodendron pertusum* Kunt et Bouché.
3) *Tornelia fragans* Gutierrez

Orixá: *Ogum*

Elementos: *Terra/feminino*

Originária do México, é encontrada em todos os estados brasileiros, cultivada ou espontânea, sendo uma planta típica de clima tropical.

Vegetal empregado nos rituais de iniciação dos filhos de Ogum, principalmente Ogunjá. Entra no *ágbo* e em banhos de purificação. As folhas entrecortadas e de rara beleza atingem, muitas vezes, até um metro de comprimento e são encontradas adornando os terreiros em dias de festas.



COTIEIRA

Names populares: *Anda-assu, boleira (ES), fruta-de-arara, fruta-de-cotia, coco-de-purga, purga-de-gentio*

Nome científico: *Johannesia princeps* Vell., *Euphorbiaceae*

Sinonímia: 1) *Anda brasiliensis* Raddi.
2) *Anda pisonis* Mart
3) *Anda gomesii* Juss.
4) *Andicus pentaphyllus* Vell.

Orixá: *Obaluaiê*

Elementos: *Terra/masculino*

A cotieira é uma árvore brasileira de grande porte, que ocorre em florestas pluviais da encosta atlântica nos Estados do Pará, Bahia, Espírito Santo, Minas Geras, Rio de Janeiro e São Paulo.

Suas folhas são de fundamental importância na iniciação dos filhos de Obaluaiê, pois, além de serem utilizadas no *ágbo* e em banhos purificatórios, são colocadas também sob a esteira onde o *iyawó* dorme. Suas amêndoas, também conhecidas como boladeiras, "são usadas em assentamentos de alguns orixás"; para outros, porém, constituem um interdito.

O óleo dos caroços é purgativo. O decocto das sementes é indicado nos casos de sífilis, escrofulose, inchações, febres e problemas menstruais.

CRAVO-DA-ÍNDIA



Nome científico: *Syzygium aromaticum* (L)
Mert et Perry, Myrtaceae

Sinonímia: 1) *Eugenia caryophyllata* Thunb.
2) *Caryophyllus aromaticus* L
3) *Myrtus caryophyllus* Spreng.

Orixá: Oxum

Elementos: Terra/masculino

Originário das ilhas Molucas, na Ásia, aclimatado na África e no Brasil, é cultivado para fins comerciais.

Nas casas de candomblés, o cravo-da-índia é utilizado com frequência em misturas para aromatizar defumadores, com a finalidade de "atrair pessoas e coisas positivas". Todavia, seu uso é extensivo, pois, em banhos ou pulverizado, em conjunto com a canela e outros ingredientes, tem a propriedade de "atrair os homens, quando usado pelas mulheres".

Utilizado como condimento e aromatizante na indústria de perfumaria, o cravo-da-índia é também empregado na fitoterapia como afrodisíaco e digestivo, combatendo gases estomacais, dores de dentes e promovendo o fluxo menstrual.

CRUZEIRINHO



Nome científico: *Eupatorium odoratum* L, Compositae

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

Planta nativa brasileira, disseminada por diversas regiões tropicais da América do Sul e Antilhas.

As folhas são utilizadas no *agbo* e em banhos purificatórios para os filhos de Xangô.

Em Cuba, onde é conhecida pelo nome popular *rompe zaragüey* e pelo lucumi *tabaté*, estas folhas, juntamente com outras, são empregadas em um banho de purificação usado durante os sete dias que antecedem a iniciação do iaô (Cabrera 1992:538).

As flores perfumadas são consideradas melíferas.

DINHEIRO-EM-PENCA



Nome científico: *Pilea nummularifolia* Wedd., Urticaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Planta nativa da América tropical, encontrada em todos os estados brasileiros, cultivada ou medrando espontaneamente em lugares úmidos.

Disfarçadas em vasos como planta ornamental, o dinheiro-em-penca é muito encontrado no interior das casas, sendo também utilizado em banhos pelos adeptos, sempre em conjunto com outras plantas aromáticas, e em pós com a finalidade de melhorar a situação financeira pessoal.

DÓLAR



Nome científico: *Plectranthus nummularius* Briq.,
Labiatae (Lamiaceae)

Sinonímia: *Plectranthus australis* L.

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Nativa da Austrália e ilhas do Pacífico, esta planta, muito comum no Brasil, é usada principalmente como ornamental em vasos no interior de residências ou em jardins.

As folhas são utilizadas, pelos filhos de Oxum, em banhos para melhorar a sorte e condições financeiras pessoais. Plantadas em vasos, são utilizadas no interior das casas-de-santo com o propósito de atrair prosperidade financeira.

ERVA-ANDORINHA



Nomes populares: Figatil, ervas-das- verrugas, celidônia, quelidônia

Nome científico: *Chelidonium majus* L., *Papaveraceae*

Orixás: Obaluaiê e Ossaim

Elementos: Terra/feminino

De origem européia, encontra-se disseminada por diversas áreas do território nacional.

Embora essa erva seja atribuída a Obaluaiê, seu uso se estende também a Oxumaré e Nanã, que são orixás de origem jêje e pertencem a uma mesma família. As folhas são utilizadas em banhos de purificação.

Como medicinal, o suco das folhas e raízes é indicado contra verrugas, feridas e manchas na pele. Internamente, combate inflamações da vesícula biliar, dores no estômago e crises de asma.

ERVA-CURRALEIRA



Nomes populares: Pé-de-perdiz, alcanforeira, perdiz, velame-verdadeiro, erva-mular, alcânfora, curraleira, mercúrio-do-campo

Nome científico: *Croton antisiphiliticus* Mart., *Euphorbiaceae*

Sinonímia: *Croton perdicepes* St. Hil.

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Folha utilizada nos cultos jêje-nagôs em rituais de iniciação de Oxossi e em banhos purificatórios para os considerados portadores de perturbações mentais.

O poder curativo dessa planta reside em sua propriedade depurativa, combatendo as afecções sífilíticas, cancro venéreo, ulcerações, erupções da pele e dermatoses em geral.

ERVA-DE-BICHO



Nome científico: *Polygonum persicaria* L.

Orixás: Exu e Obaluaiê

Elementos: Água/masculino

Planta de origem européia, introduzida em vários continentes, inclusive a América do Sul. No Brasil, ocorre em várias regiões, preferindo locais úmidos e margens de rios ou córregos.

Em algumas casas-de-santo, as folhas da erva-de-bicho são utilizadas na sacralização e no osé (limpeza) dos objetos rituais de Exu. Todavia, algumas pessoas atribuem esta erva também a Obaluaiê e utilizam-na em banhos, principalmente para pessoas com afecções cutâneas.

No sul do país, os batuqueiros atribuem esta planta a Xapanã e utilizam-na no abô e banhos para os filhos deste vodum.

A erva-de-bicho é uma planta muito empregada na farmacopéia popular para debelar hemorróidas, sendo empregada, ainda, no combate às hemorragias gástricas, vermes, disenterias com sangue e afecções das vias urinárias. Externamente, é utilizada em banhos para combater urticárias, coceiras e afecções cutâneas. Algumas pessoas acreditam que seja tóxica e possa comprometer a saúde.

ERVA-DE-SANTA-MARIA



Nomes populares: Mastruz, vomiqueira, erva-formigueira, chá-do-méxico, ambrosia

Nome científico: *Chenopodium ambrosoides* L, *Chenopodiaceae*

Sinonímia: 1) *Ambrina antihelmintica* Spach.
2) *Chenopodium antihelminticum* L.
3) *Ambrina ambrosoides* Spach.
4) *Atriplex ambrosoides* Crautz.

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/masculino

Ocorrendo em todo o território nacional, a erva-de-santa-maria é considerada, por alguns botânicos, como nativa do México, daí ser conhecida popularmente também como chá-do-méxico. Porém, citando Kissmann (1992:500-II): "Segundo A. von Humboldt, todavia, já em tempos pré-históricos a planta crescia nas ilhas Canárias, e povos primitivos usavam-na como auxiliar no embalsamamento de cadáveres", o que leva alguns autores a determinar a América tropical como local de origem da espécie.

Nos candomblés brasileiros, essa planta é usada em sacudimentos de pessoas com problemas de saúde. Todavia, nos cultos lucumis, em Cuba, é utilizada para despachar abikú, trabalhos de amarração, para condimentar a comida do orixá e também em sacudimentos de pessoas e casas.

Na África, onde ocorre espontaneamente, é conhecida pelos nomes iorubás *mánturusí*, *moníturusí* e *imi iyín* (Verger 1995: 647).

Na forma de chá, o mastruz é utilizado na fitoterapia popular para combater a aerofagia, e o sumo misturado ao leite serve para curar afecções pulmonares e eliminar vermes intestinais das crianças. Os galhos usados secos sob colchões e lençóis, ou em forma de vassoura, afugentam pulgas, percevejos e outras pragas domésticas.

ERVA-SANTA



Nomes populares: Aiapana, japana

Nome científico: Eupatorium ayapana Vent., Compositae

Sinonímia: Eupatorium triplinerve Vahl.

Orixá: Oiá

Elementos: Ar/masculino

Planta utilizada nos rituais de iniciação dos filhos de Oiá, sacudimentos e banhos purificatórios.

A erva-santa é utilizada medicinalmente em casos de aftas, gengivites, angina e escorbuto, possuindo também propriedades cicatrizantes.

ESPINHEIRA-SANTA



Nome científico: Maytenus ilicifolia Mart., Celastraceae

Orixás: Oxalá e Oxossi

Elementos: Ar/masculino

Planta nativa do Brasil e ocorrendo em locais sombreados, a espinheira-santa é encontrada com mais frequência nos Estados do Sudeste e do Sul.

Embora muito conhecida nas comunidades religiosas afro-brasileiras, esta folha é mais usada com fins fitoterápicos e, com menor frequência, em banhos purificatórios ou sacudimentos nas pessoas que almejam uma saúde melhor; todavia, algumas pessoas acreditam que esta é uma planta de muita importância para os orixás ligados à caça.

O poder restaurador da espinheira-santa atua tanto sobre o estômago, combatendo úlceras, dispepsias e gastralgias hiperclorídricas, quanto sobre o intestino, evitando a fermentação e formação de gases; todavia, é contra-indicada para mães que amamentam, pois reduz a lactação.

ESPONJEIRA



Nomes populares: Espinheiro, aromita, esponja, cássta-do-levante, aroma, coronácris, coronha, espinilho

Nome científico: *Acacia farnesiana* (L.) Willd.,
Leguminosae-Mimosoideae

Sinonímia: *Mimosa farnesiana* L.

Orixás: Exu e Xangô

Elementos: Terra/masculino

Planta de origem controversa, pois é encontrada na Ásia, na África, na América tropical e na Europa, onde é cultivada para utilização de suas flores em perfumaria. No Brasil, ocorre praticamente em todos os Estados.

A esponjeira é uma planta ambígua, pois, se pelo lado litúrgico é empregada em trabalhos maléficis, na fitoterapia ajuda na cura de várias doenças.

Com as folhas e sementes da esponjeira prepara-se um *atún* (pó) que fomenta brigas e discórdias nos ambientes onde é colocado. Acredita-se que mesmo um galho desta planta, jogado num barracão por ocasião de festas litúrgicas, pode gerar "pancadarias". Em algumas casas-de-santo é costume despachar o resto do omiero que lavou os assentamentos de Xangô, aos pés desta árvore.

Em Cuba, a esponjeira é conhecida pelos nomes *lucumis erité* e *eréen*, sendo atribuída a Exu e a Oxum (Cabrera 1992:328).

Segundo Verger (1995:625), na África a *acacia farnesiana* é conhecida pelos nomes iorubás *bonni* e *baní*.

As raízes maceradas em álcool, em fricção, são indicadas nos casos de artrismo e reumatismo. O mel contido em suas vagens é empregado em furúnculos e nas "espinhas" que costumam aparecer na parte interna do nariz ou no rosto. O chá das folhas, em bochecho, nos casos de dores de dente. A infusão das flores é indicada nos casos de palpitação e nervosismo. As sementes da esponjeira são consideradas venenosas.

ESTORAQUE



Nomes populares: Benjoim, estoraqueiro, benjoeiro, beijoeiro, árvore-de-bálsamo

Nome científico: *Styrax pahlia* A. D.C., *Styracaceae*

Sinonímia: *Styrax benjoin* Dry., *Styracaceae*

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Árvore brasileira, encontrada em diversos Estados. "Produce, por incisão do lenho, uma substância resinóide e aromática denominada 'incenso-da-américa', usada na medicina doméstica em substituição ao 'incenso-do-oriente'" (Lorenzi 1992:334).

Junto com o alecrim, manjeriço, alfavaca e mirra, a resina do estoraque, também conhecida como benjoim, compõe uma mistura para defumador muito popular e usada no candomblé e na umbanda para limpeza espiritual de pessoas e ambientes.

No Maranhão, o estoraque é cultuado como uma das árvores importantes do culto mina-jêje. O banho de purificação, conhecido como "banho de Natal", tem em sua composição o estoraque juntamente com outros vegetais, e, de acordo com Pereira (1979:167), "as propriedades desse banho podem beneficiar a quem, com um pouco dele, apenas lave a cabeça, as têmporas e a nuca, pois é um estranho complexo de plantas aromáticas e mágicas..."

O estoraque possui propriedades expectorantes e anti-sépticas. Externamente é utilizado em fumigações e inalações nos casos de laringite, coriza e bronquite.

EUCALIPTO



Nome científico: *Eucalyptus globulus* Labill., Myrtaceae

Orixá: Ogum

Elementos: Água/feminino

Árvore de grande porte, originária da Austrália e introduzida no Brasil no século XIX, o eucalipto possui cerca de 500 espécies diferentes.

Liturgicamente, algumas pessoas não fazem distinções entre várias espécies; todavia, a mais utilizada é o *Eucalyptus globulus* Labill., usado nos rituais de defumação, em banhos de purificação e em sacudimento de casas.

Medicinalmente emprega-se o eucalipto nos casos de resfriados e gripes persistentes devido às suas propriedades balsâmicas e sudoríficas. "É bom anti-séptico. O óleo extraído da planta é adstringente, tônico e febrífugo. Não faltam aqueles que o recomendam contra diabetes" (Morgan 1982:95).

FAVA-DE-EXU



Nomes populares: Olho-de-cabra, pau-ripa, pau-de-santo-inácio, angelim-ripa

Nome científico: *Ormosia arborea* (Vell.) Harms, Leguminosae-Papilionoideae

Orixá: Exu

Elementos: Terra/masculino

Árvore nativa brasileira, encontrada principalmente nos Estados da Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul até Santa Catarina.

Nas religiões de origem afro-ameríndia, as sementes desta leguminosa, conhecida como fava-de-exu ou olho-de-exu, são utilizadas tanto como adorno em colares e "guias" quanto nos assentamentos e trabalhos de Exus e Pombas-giras.

FAVA-DE-OBARÁ



Names populares: *Ivitinga, mutamba-preta, açoita-cavalo, ubatinga*

Nome científico: *Luehea grandiflora Mart. et Zucc., Tiliaceae*

Orixá: *Ifá*

Elementos: *Terra/feminino*

Medrando nos cerrados e em florestas semidecíduas, esta árvore, nativa do Brasil, é encontrada no Estado do Amazonas até São Paulo.

A parte deste vegetal comumente empregada em rituais são os frutos duros e peludos. São utilizados em trabalhos com Obará, um dos signos de Ifá, com a finalidade de atrair riquezas.

FAVA-DE-OMOLU



Nome popular: *Seringueira*

Nome científico: *Hevea brasiliensis M. Arg., Euphorbiaceae*

Orixá: *Omolu*

Elementos: *Terra/masculino*

Durante muito tempo a seringueira foi, entre as árvores nativas do Brasil, uma das mais importantes na economia do país, pois dela era extraído um látex natural utilizado como borracha em diversos segmentos da indústria mundial.

Entre as "pessoas-do-santo", suas sementes são conhecidas como favas-de-Omolu e utilizadas em trabalhos e nos "assentamentos" deste orixá.

FAVA-DE-OXUM



Nome popular: *Andiroba*

Nome científico: *Carapa procera D.C., Meliaceae*

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Água/masculino*

Nativa da América do Sul, a andiroba é utilizada em arborização de ruas, parques e jardins. Os frutos produzem várias sementes que servem de alimento a diversos animais, principalmente os esquilos.

Nos candomblés, as sementes são conhecidas como favas-de-Oxum, sendo utilizadas em trabalhos, "assentamentos" e junto ao jogo de búzios.

Na África, a andiroba é também considerada para fins litúrgicos, sendo denominada *abo ógànwó* ou *èfù iyá* (Verger 1995:644).

O óleo produzido a partir das sementes é considerado insetífugo e medicinal.

FAVA-DIVINA



Nome científico: *Schizolobium parahyba (Vell.) Blake,*
Leguminosae-Caesalpinoideae

Orixá: *Oxum*

Elementos: *Terra/masculino*

Árvore nativa brasileira que produz lindas flores amarelas. Utilizada em arborização de ruas e parques.

Embora atribuídas a Oxum, suas sementes são utilizadas popularmente como "simpatia" em crianças pequenas para aflorar a dentição.

FUMO-BRAVO



Nomes populares: Fumo-da-mata, pé-de-elefante, erva-de-veado, erva-grossa, língua-de-vaca, sossola, suçaiá, sussuaiá

Nome científico: *Elephantopus mollis* H.B.K.
Asteraceae (Compositae)

Sinonímias: 1) *Elephantopus tomentosus* L.
2) *Elephantopus martii* Grah.
3) *Elephantopus cernuus* Vell

Orixá: Exu e Omolu

Elementos: Terra/masculino

Nativa do continente americano, medra espontaneamente nas diversas regiões tropicais do país.

O fumo-bravo foi incorporado aos rituais dos cultos afro-brasileiros, sendo utilizado em sacudimentos, em forma de "pó para trabalhos com Exu", e na umbanda, "em banhos de descarregos cozidos, do pescoço para baixo".

Na medicina rural, usa-se a raiz do fumo-bravo para combater bronquites, gripes fortes e contra febre intermitente.

FUNCHO



Nomes populares: Erva-doce, folho, folho-doce, aniz, funcho-romano

Nome científico: *Foeniculum vulgare* Mill., Umbeliferae

Sinonímias: 1) *Foeniculum officinale* All.
2) *Anethum foeniculum* L

Orixás: Oxalá e Oxum

Elementos: Água/masculino

Introduzida no Brasil no início da colonização, o funcho, originário do Mediterrâneo, norte da África e Ásia ocidental, adaptou-se com tanta facilidade em nosso solo, que hoje medra espontaneamente em várias regiões.

O uso desta umbelífera nos candomblés é muito restrito: todavia, suas folhas servem para banhos purificatórios e as sementes são utilizadas em defumadores.

Cabrera (1992:453) afirma que esta erva é utilizada por Obatalá, para destruir a ação de bruxarias, sendo ainda usada em cerimônias funerárias, por ocasião do sepultamento "de los mayomberos judíos"; ela atribui-lhe o nome lucumí *koríco*.

Para as mulheres que amamentam e possuem pouco leite, o funcho é de grande utilidade, pois aumenta a lactação. O chá das sementes combate cólicas e gases intestinais, principalmente nas crianças.

GENGIBRE



Nome científico: *Zingiber officinale* Roscoe., Zingiberaceae

Orixá: Ogum

Elementos: Terra/masculino

Tendo sua origem na Ásia tropical, o gengibre é cultivado na África e no Brasil.

De toda a planta, o rizoma é a parte mais utilizada, entrando no preparo do ajuá, bebida feita com milho fermentado e rapadura, muito consumida nas festas dos candomblés mais tradicionais. O fruto, juntamente com a cana-do-brejo, colocados sobre o assentamento, serve para "esquentar" Ogum.

No continente africano o gengibre é um condimento muito popular, usado na culinária doméstica e dos orixás, onde é conhecido pelo nome iorubá *atalê* (Verger 1995:737).

Medicinalmente, o gengibre é carmitativo, estomáquico, diurético e excitante.

GOIABEIRA



Nome científico: *Psidium guajava* L., Myrtaceae

Sinonímia: 1) *Psidium guajava* Raddi.
2) *Psidium pyriferum* L.

Orixás: Oxalá e Ogum

Elementos: Ar/masculino

Planta tropical, nativa brasileira, encontrada cultivada ou espontânea em todo o território nacional.

As folhas da goiabeira podem ser oferecidas ao animal (quadrúpedes), antes do sacrifício, em substituição às da aroeira ou da cajazeira, e são atribuídas a Ogum. Das hastes são feitos os "atôri" (varas rituais) de Oxalá, utilizados na festa do pilão, e os "akidavi", varetas utilizadas na percussão dos atabaques.

Em Cuba, segundo Cabrera (1992:439), a goiabeira recebe o nome lucumi *kénku*, e tanto as folhas quanto os frutos são atribuídos a Exu e servem para trabalhos em encruzilhadas.

Verger (1995:40), referindo-se a plantas e nomes de origem estrangeira utilizados pelos iorubás na África, diz: "O nome Gúábà deriva do português goiaba (*PSIDIUM GUAJAVA*, Myrtaceae), fruta levada do Brasil. Suas folhas são usadas para tratar irritações da garganta e da boca...". Atribui-lhe, também, os nomes *gúáfá*, *gúróbà* e *gúrófá* (1995:711).

O fruto da goiabeira, comido ao natural, é rico em vitamina C e indicado nos casos de convalescença e tuberculose pulmonar. As folhas, principalmente os brotos mais tenros, em infusão, combatem a gastroenterite, a incontinência urinária e a diarreia. Nos casos de diarreia renitente, o caldo obtido com o cozimento da goiaba verde, em forma de clister, é de extrema eficácia.

JABORANDI



Nomes populares: Jaborandi-verdadeiro, jaborandi-de-três-folhas

Nome científico: Pilocarpus pinnatifolius L., Rutaceae

Sinonímia: Pilocarpus jaborandi Holmes

Orixá: Oiá

Elementos: Fogo/feminino

Planta de grande ocorrência no Brasil, principalmente no Estado de Pernambuco.

Nas casas-de-santo, este vegetal é utilizado em sacudimentos. Em banhos, "deve ser usada pouca quantidade, verde e quinada, não devendo ser colocada na cabeça, por ser folha quente". Nos terreiros de umbanda é empregado nos casos de pessoas obsedadas.

O jaborandi, na medicina popular, é usado em loções para fortalecer o couro cabeludo e evitar queda dos cabelos.

JASMIM-DA-ITÁLIA



Nome popular: Junquilha

Nome científico: Isotoma longiflora (Willd.) Presl., Campanulaceae

*Sinonímia: 1) Hippobroma longiflora Don.
2) Lobelia longiflora L.*

Orixás: Oxalá e Oxum

Elementos: Água/masculino

Originário da América tropical, o jasmim-da-italia é encontrado no Brasil, cultivado como planta ornamental ou em estado espontâneo em lugares úmidos e sombreados.

Suas folhas são utilizadas nos ritos de iniciação, *ágbo* dos filhos de Oxum e "em banhos de prosperidade para todos os filhos-de-santo".

Como planta medicinal, indicam-se suas raízes no tratamento de hérnias. As folhas, maceradas e aplicadas sobre a pele, combatem o vitiligo.

JUREMA-PRETA



Nomes populares: *Juremeira, jurema, jerema, espinheiro*

Nome científico: *Acacia jurema* Mart.,
Leguminosae-mimosoideae

Sinonímia: 1) *Acacia hostilis* Benth.
2) *Mimosa hostilis* Benth.

Orixás: *Ossaim, Oxassi e Caboclos*

Elementos: *Terra/masculino*

De origem brasileira, a *Acacia jurema* é encontrada, principalmente, no Nordeste e Sudeste brasileiros.

Com o lenho dessa planta, prepara-se a jurema, bebida de origem indígena, composta de vinho moscatel ou aguardente de cana, melado de cana e gengibre. A casca do tronco da jurema-preta é deixada nesta mistura, para curtir por uma semana, sendo às vezes enterrada durante este período. É consumida nos rituais de umbanda, na jurema de mestres no Nordeste e nos candomblés de caboclos na Bahia. Suas folhas servem para banhos lustrais.

Existem, ainda, outras leguminosas conhecidas como jurema, jurema-branca etc.; todavia, a jurema-preta, conhecida também como jurema-dos-feiticeiros, é considerada a verdadeira e se presta ao preparo da bebida utilizada nos rituais.

Os índios brasileiros utilizavam a jurema-preta, segundo suas crenças, para excitar os sentidos, provocando sonhos, estados de êxtase e de encantamento nas pessoas.

A casca dessa árvore é adstringente, febrífuga e narcótica, aconselhada contra úlceras, cancrios, flegmões e erisipela. Suas sementes, segundo alguns manuais de fitoterapia, são tóxicas.

LARANJA



Nome científico: *Citrus aurantium* L., Rutaceae

Orixás: *Xangô e Iabás*

Elementos: *Terra/feminino*

Acredita-se que a cultura da laranja seja bastante antiga, pois era cultivada pelos chineses há quatro mil anos. Atribui-se sua origem à Ásia e ao arquipélago malaio. Esta rutácea foi introduzida, simultaneamente, na Europa e Américas no século XV, sendo que para o Brasil foi trazida por volta de 1540, no início da colonização.

Como a maioria das frutas no candomblé, a laranja, principalmente suas variedades laranja-pêra (*Pyramiformis*), laranja-bahia (*Brasiliensis*) e laranja-seleta (*Depressus*), é oferecida às Iabás por ocasião de suas festas no dia 8 de dezembro ou 2 de fevereiro. É utilizada, também, nas oferendas do dia 28 de junho, véspera do dia de São Pedro, ocasião em que são depositadas juntamente com espigas de milho verde e batatas-doces, sobre a fogueira que é dedicada a Xangô.

Nos candomblés de Angola e na umbanda, a folha da laranjeira é atribuída a Oxalá e utilizada nos rituais de "lavagem de cabeça" e em banhos para "unir pessoas apaixonadas".

Fruta consumida em todo o continente africano, onde recebe diversos nomes, tais como *jãganyin, ɔsàn nlá, òrombó, òrombó igún, òsàn òyìnbó, òrombó-dídùn, ɔsàn múmu, òrombó múmu, òro òyìnbó* etc., é também utilizada para fins mágicos em "trabalho para ter relação sexual com uma mulher" e "proteção contra cupim" (Verger 1995:649,369,437).

Como fonte energética e medicinal, a laranja, sendo um fruto rico em vitamina C, ajuda a evitar a arteriosclerose, câncer de mama e estômago, crises de asma, gengivites e, especificamente, o escorbuto. Possui, ainda, propriedades calmantes, febrífugas, antiespasmódicas, estomáquicas e digestivas.

LIMÃO



Nome científico: *Citrus limonia* Osb., Rutaceae

Orixás: Orumilá e Ossaim

Elementos: Terra/feminino

Originário da Índia, o limão é conhecido e cultivado em todos os continentes, pois trata-se de um fruto de muitas utilidades.

Se por um lado o limão é um fruto benéfico à saúde, por outro é utilizado por feiticeiros para fazer diversos malefícios.

Nos candomblés nagôs, o limão, embora seja utilizado na cozinha cotidiana para temperar peixes, aves e na forma de refrescos, no que diz respeito aos orixás constitui-se um tabu, pois acredita-se que "funciona como o sal grosso, cortando tanto a parte negativa quanto a positiva que atuam sobre os filhos-de-santo, deixando-os desprotegidos". Na umbanda, gotas do sumo deste fruto "são pingadas no ouvido de pessoas que são possuídas por eguns, para que estas entidades se afastem".

Em Cuba, onde é conhecido, no culto lucumi, pelos nomes nagôs de *orombo wéwé* e *oróco*, entra em diversas fórmulas com finalidades malélicas (Cabrera 1992:465-466) e acredita-se que cortar o limão em quatro partes atrai má sorte.

No sudeste africano, o limão é conhecido pelos nomes *òrômbó kikan* e *qsân wewe*.

Terapeuticamente, o limão dispensa apresentação, pois é usado em todo o mundo para diversas finalidades. É indicado com mais frequência para combater gripes, resfriados e suprir a falta de vitamina C do organismo.

LOSNA-SELVAGEM



Nomes populares: *Ambrosia*, *artemisia*, *cravorana*

Nome científico: *Ambrosia elatior* L., Asteraceae (Compositae)

Sinonímia: 1) *Ambrosia artemisiifolia* L.
2) *Artemisia elatior* L.

Orixás: Exu e Ossaim

Elementos: Fogo/masculino

Nativa do continente americano, a losna-selvagem medra em quase todo o território nacional, principalmente nos Estados do Sul e Sudeste.

Segundo um informante, na liturgia afro-brasileira existem dois tipos de losna, "a de homem, que tem folhas lisas e não deve ser usada por pessoas do sexo masculino, e a de mulher, com folhas crespas e não é indicada para mulheres". A explicação dada sobre a distinção entre os tipos é que a utilização indevida desse vegetal pode provocar uma inversão sexual. As folhas são utilizadas em trabalhos de "atração", tanto pelas mulheres para atrair os homens como o contrário. Todavia, não foi possível distinguir a "losna de homem" da "losna de mulher": supomos que sejam espécies diferentes de uma mesma família de vegetais ou variação ambiental, pois sob a denominação de losna encontramos ainda a *Ambrosia polystachya* DC ou *Ambrosia maritima* Vell., a *Ambrosia tenuifolia* Spreng. ou *Franseria confertiflora* (DC) Rydb., a *Artemisia verlotorum* Lamotte, a *Artemisia absinthium* L e a *Artemisia vulgaris* L.

As losnas, de um modo geral, são estomáquicas; todavia, a *Artemisia verlotorum* é usada contra vermes, febre e para regularizar o fluxo menstrual; a *Artemisia absinthium* é digestiva, antiinflamatória e antifebril. Utilizada, ainda, como emenagoga e para regularizar as funções hepáticas e renais. Körbes (1995:137) sugere: "Não abusar, porque destrói os glóbulos vermelhos."

MAÇÃ



Nome científico: *Pyrus malus* L., Rosaceae

Orixás: Todos os orixás

Elementos: Água/feminino

A maçã é originária da Ásia central e já era consumida na antiguidade pelos gregos, hebreus e romanos. Em virtude de seu cultivo ocorrer em áreas temperadas, durante muito tempo foi desconhecida na África tropical; todavia, no Brasil, ela foi incorporada ao culto aos orixás pelos nagôs, sendo oferecida nas festas das Iabás e nas "obrigações à cabeça" (bori). Cortada em quatro partes, por ocasião das obrigações, funciona como fruto divinatório do mesmo modo que a cebola, o obi e o orobô.

Embora seja oferecida à maioria dos orixás, existe proibição de seu uso para alguns "filhos de Oxum, Logun Edé e Oxalá", estes últimos, provavelmente, em virtude do interdito que tem do uso da cor vermelha.

A maçã possui propriedades terapêuticas que desintoxicam e fortalecem o organismo; provavelmente, por isso, no Cáucaso, região da antiga União Soviética, onde este fruto faz parte da alimentação básica, a média de vida da população seja uma das mais elevadas do mundo. É indicada para convalescentes, e combate diversas doenças, destacando-se, entre elas, enfermidades do baço, icterícia, reumatismo, problemas intestinais, nervosismo, nefrites, pielites e febres em geral.

MALVAÍSCO



Nomes populares: Malva-do-reino (CE), hortelã-pimenta (RJ)

Nome científico: *Coleus ambrainicus* Benth., Labiatae

Orixá: Exu

Elementos: Fogo/feminino

Folha aromática, usada como tempero na culinária popular especialmente para realçar o sabor das carnes.

Seu uso é restrito a trabalhos com Exu, não sendo utilizado como tempero pelos iniciados, constituindo, portanto, um interdito para aqueles que se autodenominam "Ketu".

Como remédio, o malvaíско é utilizado no combate às inflamações pulmonares, catarros e gripes fortes, pois com suas folhas prepara-se um melado que atua como expectorante que é administrado às crianças.

MANACÁ



Nomes populares: Aguaceiro, jasmim-do-paraguai,
manacá-cheiroso, mercúrio-do-pobre

Nome científico: *Brunfelsia uniflora* (Pohl) D.Don., Solanaceae

Sinonímia: 1) *Brunfelsia australis* Benth.
2) *Brunfelsia hopeana* Benth.
3) *Brunfelsia latifolia* Pohl.

Orixá: Nanã

Elementos: Terra/feminino

Tendo sua origem no Brasil e no Peru, o manacá é encontrado com frequência em todo o território nacional, servindo como planta ornamental devido à beleza de suas flores, que vão do branco ao lilás em uma mesma planta.

As folhas do manacá são utilizadas em banhos purificatórios para os filhos de Nanã e servem para sacudimentos. Os galhos com flores que embelezam os terreiros nos dias de festas de Nanã servem para purificar o ambiente.

Possuindo propriedades terapêuticas, o manacá é utilizado como anti-reumático anti-sifilítico, abortivo, depurativo, purgativo, diurético e emenagogo.

MANDACARU



Nomes populares: Arumbeva, urumbeba

Nomes científicos: 1) *Cereus jamacaru* D.C., Cactaceae
2) *Cereus peruvianus* Mill.

Orixás: Exu e Ossaim

Elementos: Fogo/masculino

Das várias espécies do gênero *Cereus*, destacamos *jamacaru* e *peruvianus* por serem as mais populares. São plantas nativas da América do Sul, que medram principalmente em zonas áridas de caatingas ou no litoral do Norte ao Sul do Brasil.

Como todas as cactáceas, estas estão associadas a Exu nos candomblés brasileiros. Servem para trabalhos litúrgicos e para lavar os objetos rituais deste orixá.

Na fitoterapia, o xarope feito com o suco da planta combate as afecções pulmonares; as flores são empregadas como diuréticas e cardiotônicas, e o emplastro quente da massa do caule debela furúnculos e abscessos.

Em época de seca, o mandacaru é utilizado na alimentação bovina.

MANJERONA



Nome científico: *Origanum majorana* L., *Labiatae*

Orixá: Xangô

Elementos: Terra/feminino

Nativa do Nordeste africano, Oriente Médio e Índia, a manjerona tornou-se um condimento conhecido mundialmente e cultivado em diversas regiões da Europa e das Américas.

Planta aromática utilizada nos candomblés em banhos purificatórios para os filhos de Xangô e "em defumadores para atrair boa sorte aos filhos-de-santo".

Segundo Cabrera (1992:488), das folhas recolhidas e postas a secar, juntamente com um coração de andorinha, prepara-se um pó que serve para fins benéficos. Acredita-se, ainda, que quando a manjerona cresce em abundância é sinal de prosperidade, mas, se murchar ou morrer, é presságio de ruína, e que um ramo de manjerona levado no bolso traz boa sorte.

Conhecida como condimento usado em quase todo o mundo, a manjerona possui também propriedades terapêuticas que estimulam o apetite, ajudam na digestão, combatem cólicas e ainda são úteis nos casos de debilidade do estômago, dispepsia atônica e flatulência. "Toda a planta é excitante. Contendo um óleo essencial, das propriedades aromáticas resultam as virtudes afrodisíacas que lhe são atribuídas. Tempero da cozinha erótica. Infusão estimulante. Erva propiciatória das bodas" (Sangirardi Júnior 1981:206).

MIRRA



Nome científico: *Commiphora* sp., *Burseraceae*

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

A mirra é uma goma-resina produzida por espécies vegetais do gênero *Commiphora*, principalmente a *Commiphora molmol* Engler e a *Commiphora myrrha* (Ness.) Baillon.

Tanto nos rituais de umbanda quanto nos candomblés a mirra é empregada em defumações do mesmo modo como é feito também na Igreja católica.

Na medicina popular é utilizada internamente como anti-séptico e estomacal, e externamente no combate às afecções e parasitas da pele.

NEGA-MINA



Nome científico: *Siparuna guyanensis* Aubl., Monimiaceae

Sinonímia: 1) *Citrosma guianensis* Tull.
2) *Siparuna erythrocarpa* D.C.

Orixá: Xangô

Elementos: Fogo/masculino

A nega-mina tem por habitat as terras firmes do Amazonas ao Rio de Janeiro.

Considerada por alguns como folha indispensável no *ágbo* das casas-de-santo de origem jêje-nagô. É utilizada em banhos de purificação e sacudimentos. Os adeptos encontram nessa planta "uma grande defesa contra feitiço e mau-olhado". Nos rituais de umbanda, este vegetal também é utilizado em "banhos de descarrego"; todavia, é atribuído a Oxalá.

Planta aromática, usada na medicina popular como estimulante, servindo para combater reumatismo, cólicas, nevralgias, ingurgitamento do fígado e tosse. É reconhecida, também, como ótimo tônico para fortalecer a potência sexual.

NICURIZEIRO



Nomes populares: Nicuri, licuri, aricuri, alicuri,
coco-cabeçudo, urucuri-iba (PE)

Nome científico: *Syagrus coronata* (Mart.) Becc., Palmae

Sinonímia: *Cocos coronata* Mart.

Orixá: Oxossi

Elementos: Terra/masculino

Palmeira de origem brasileira que ocorre, principalmente, nas matas pluviais do Sul da Bahia e Pernambuco.

As folhas são utilizadas nos rituais de iniciação, banhos purificatórios e sacudimentos em pessoas de Oxossi.

Na fitoterapia, o suco do coco verde é utilizado no combate à oftalmia.

NOZ-MOSCADA



Nomes populares: Moscadeira, moscadeira-do-brasil, namoscada

Nome científico: *Myristica fragans* Hout., *Myristicaceae*

Sinonímia: 1) *Myristica moschata* Thunb.
2) *Myristica aromatica* Lam.
3) *Myristica officinalis* L.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Nativa das ilhas Molucas e Filipinas, a noz-moscada, devido ao seu valor comercial, foi introduzida em diversos continentes, inclusive na América do Sul. No Brasil é muito utilizada na culinária.

Nos candomblés, a noz-moscada é empregada, principalmente, em "atin (pó) e defumadores" com a finalidade de "atrair coisas positivas e prosperidade". Trazida junto ao corpo constitui-se em "simpatia contra os problemas do coração". Nos rituais fúnebres, o axexé, a noz-moscada ralada é misturada ao efun e esfregada na testa e pulso dos presentes, com a finalidade de ficarem protegidos contra as influências nefastas dos eguns.

Na umbanda, usa-se essa noz ralada e misturada ao vinho moscatel e outras ervas no preparo de garrafadas para diversas finalidades litúrgicas e curativas.

Considerada estimulante gástrico e afrodisíaco, a noz-moscada entra também no preparo de iguarias doces e salgadas.

OLHO-DE-BOI



Nomes populares: Coronha, fava-de-café, cabeça-de-frade, mucuna, mucana

Nome científico: *Dioscorea violacea*, Mart. ex Benth., *Leguminosae-faboideae*

Sinonímia: 1) *Dioscorea glabra* Benth.
2) *Dioscorea sclerocarpa* Ducke
3) *Dolichos altissimus* Vell.

Orixá: Ossaim

Elementos: Terra/masculino

Planta brasileira que produz uma semente conhecida popularmente pelo nome de olho-de-boi.

É utilizada principalmente nos candomblés de Angola "para combater o mau-olhado e afastar os inimigos". Colocada dentro de um copo com água, dura por muito tempo sem se estragar; todavia, se esta vier a apodrecer "é porque recebeu uma carga grande de irradiações negativas, e deve ser jogada num rio ou num mato e substituída por outra nova".

O olho-de-boi entra na confecção de colares e guias de pretos-velhos e caboclos nos terreiros de umbanda, com a mesma finalidade.

Considerado diurético, afrodisíaco e usado contra a hidropisia e feridas, o olho-de-boi, pulverizado, é útil também como preventivo de derrame e na remoção de seus efeitos. É tônico e calmante dos nervos nos casos de epilepsia.

PALMATÓRIA-DE-EXU



Names populares: *Palmatória, figo-da-India, palma-doce*

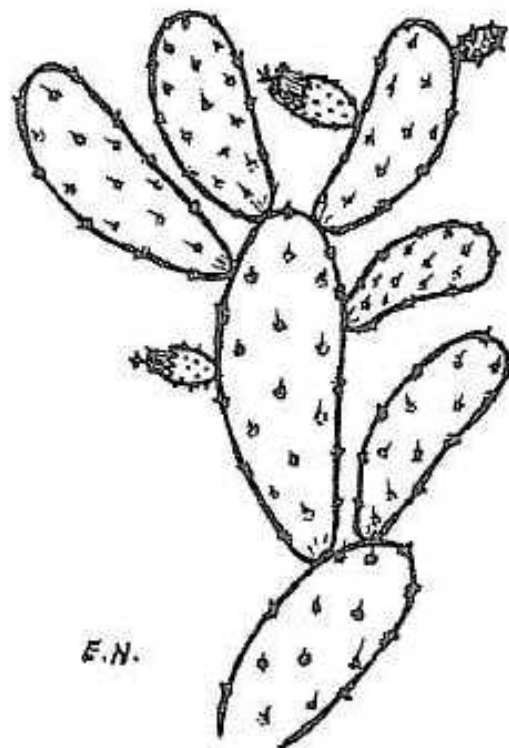
Nome científico: *Opuntia cochenillifera* (L.) Mill., *Cactaceae*

Sinonímia: 1) *Nopalea cochenillifera* (L.) Lyons.
2) *Cactus cochenillifer* L.

Orixás: *Exu e Ossaim*

Elementos: *Fogofeminino*

Planta de origem mexicana disseminada no Brasil e em diversos continentes de clima tropical. Ocorre em áreas áridas no interior e no litoral. O gênero *Opuntia* abrange várias espécies nativas das Américas, que possuem artícu-los achatados na forma de palmatória.



E.N.

Como a maioria das cactáceas, esta também é atribuída a Exu, sendo encontrada com frequência plantada junto ao compartimento dedicado a este orixá. É utilizada em trabalhos litúrgicos e macerada em água para lavar os objetos rituais. Seu fruto, no formato de figo, juntamente com outras oferendas, é deixado sobre uma árvore para Ossaim.

O xarope feito dos frutos é usado nas afecções do pulmão. O cataplasma feito do fruto e flores elimina as dores ciáticas e acelera o processo de maturação de furúnculos.

PATCHULI



Nome científico: *Pogostemon patchouly* Pelletier., Labiatae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

De origem asiática, provavelmente Índia ou Birmânia, o patchuli é cultivado no Norte, Nordeste e Sudeste do Brasil.

Nos terreiros de candomblé da Bahia o patchuli goza de grande prestígio como folha aromática, pois não só é utilizado na água que enxágua a roupa e como sachê para perfumar as vestimentas dos orixás, mas também em "água-de-cheiro", banhos e trabalhos amorosos que servem para atrair o sexo oposto, quando usado pelas mulheres.

PAU-D'ALHO



Nomes populares: Guararema, ibirarema

Nome científico: *Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms.,
Phytolaccaceae

Sinonímia: 1) *Gallesia gorazema* (Vell.) Miq.
2) *Crataeva gorarema* Vell.

Orixás: Exu e Obaluaiê

Elementos: Fogo/masculino

Planta que ocorre em áreas tropicais e subtropicais brasileiras, o pau-d'alho é encontrado, principalmente, nas regiões nordeste e sudeste.

Os galhos desta árvore são utilizados na umbanda e no candomblé de Angola em banhos purificatórios, sacudimentos e "limpeza de casas"; todavia, nos terreiros de candomblé de origem nagô seu uso é proibido por ser um interdito de ação semelhante ao do alho.

Na medicina popular, é empregado no combate ao reumatismo, úlceras, hemorróidas, abscessos, hidropisia, moléstias da próstata e gripes.

PICHURIN



Nomes populares: *Pichuri, pichulim, fava-pichurin, noz-mascada-do-pará, canela-branca, canela-louro, canela-sassafrás, espora-de-galo*

Nome científico: *Nectandra lanceolata* Nees et Mart ex Ness., Lauraceae

Sinonímia: 1) *Nectandra pichurin* (H.B.K.) Mez.
2) *Nectandra orenadum* Mart.
3) *Nectandra weddellii* Meissn.

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/masculino

Árvore de origem brasileira, encontrada em áreas de florestas tropicais, inclusive no México.

Nos candomblés, "a fava de pichurin serve para preparar um pó de prosperidade que afasta as coisas negativas". Emprega-se, também, em defumações de casas e terreiros.

Em cataplasma, pó e infuso, utiliza-se este vegetal contra dispepsias, problemas gástricos, cólicas, diarreias e picadas de insetos.

TAPETE-DE-OXUM



Nomes populares: *Planta-da-vida, jacaré (RJ), rosa-pedra (RS), sanguelavô cabeludo (BA)*

Nome científico: *Kalanchoe gastonis bonnieri* Hamet. & Ferr. Crassulaceae

Orixá: Oxum

Elementos: Água/feminino

Planta originária de Madagascar, introduzida no Brasil, onde é utilizada em bordaduras de jardins ou em vasos ornamentais.

Nos cultos afro-brasileiros, emprega-se uma espécie de limo branco que é produzido nas folhas e caules deste vegetal para lustrar os objetos de Oxum. As folhas entram nos rituais de iniciação, *agbo* e banhos purificatórios dos filhos deste orixá.

TAPETE-DE-OXOSSÍ



Nome popular: *Calançoê-fantasma*

Nome científico: *Kalanchõe waldheimi* Ham. & Per. *Crassulaceae*

Orixá: *Oxossi*

Elementos: *Terra/feminino*

Planta de clima tropical muito utilizada em vasos e jardins na ornamentação de ambientes. Originária da ilha de Madagascar, está disseminada por todo o território nacional.

São poucas as referências sobre esta planta nas casas de candomblé; todavia, alguns erveiros ligados às religiões afro-brasileiras afirmam que esta planta é utilizada nos terreiros em banhos para os filhos de Oxossi.

POEJO



Nome científico: *Mentha pulegium* L., *Labiatae*

Orixás: *Oxum e Ibeije*

Elementos: *Água/feminino*

Ocorre geograficamente na Ásia ocidental, África setentrional, Europa e América do Sul. No Brasil, este vegetal é comum em quase todo o território nacional.

Nas religiões afro-brasileiras, usa-se o poejo para sacudimentos e banhos de purificação em crianças ou em mulheres com "problema de barriga".

É popularmente conhecido como o "melado" feito com as folhas para debelar gripe e catarro infantil. É tônico e excitante. Em infusão combate gases, cólicas intestinais dos recém-nascidos, falta de menstruação e dores histéricas.

QUARESMEIRA



Nomes populares: Flor-de-quaresma, quaresmeira-roxa, quaresma

Nome científico: *Tibouchina granulosa* Cogn., Melastomaceae

Sinonímia:

- 1) *Melastoma granulosa* Desr.
- 2) *Pleroma granulosa* Don.
- 3) *Lasiandra fontanesiana* D.C.
- 4) *Melastoma fontanesii* Spreng.

Orixá: Nanã

Elementos: Terra/masculino

De origem brasileira, ocorre principalmente nas áreas da Mata Atlântica entre os Estados da Bahia e São Paulo. A quaresmeira é uma árvore que floresce com muita intensidade na época da quaresma, daí seu nome, produzindo lindas flores de tonalidades que vão do rosa-claro ao roxo.

Conhecida como uma planta própria de Nanã, é usada para proteger os ambientes durante as festividades dedicadas a esta orixá.

QUITOCO



Nomes populares: Lucero, erva-lucera, madrecravo, tabacarana

Nome científico: *Pluchea sagittalis* (Lam.)
Cabr. Asteraceae (Compositae)

Sinonímia:

- 1) *Pluchea suaveolens* (Vell.) O. Kuntze
- 2) *Pluchea quitoc* D.C.
- 3) *Conyza sagittalis* Lam.
- 4) *Gnaphalium suaveolens* Vell.

Orixá: Obaluaiê

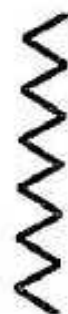
Elementos: Terra/masculino

Planta nativa da América do Sul, medrando do Nordeste ao Sul do Brasil, de preferência na área litorânea e locais úmidos.

Tanto nos candomblés quanto na umbanda este vegetal é utilizado em "banhos de descarregos do pescoço para baixo".

Planta aromática empregada como expectorante e excitante. Indicada no auxílio à digestão, flatulência, reumatismo, bronquite catarral, tosses, catarros crônicos dos brônquios, afecções do fígado e intestino. As raízes são carmitativas, resolutivas, digestivas e anti-histéricas; por isso, é muito utilizada na medicina popular.

ROSA-BRANCA



Nome científico: *Rosa centifolia* L., Rosaceae

Orixás: Oxalá e Iemanjá

Elementos: Arífeminino

De origem asiática, a rosa-branca é encontrada em diversos países. No Brasil é cultivada para fins comerciais.

Nas religiões afro-brasileiras, a rosa-branca é utilizada, principalmente, na ornamentação dos terreiros, quartos-de-santo e altares. Nas festas, os orixás costumam carregar ramalhetes de flores que lhes são oferecidos pelos adeptos. Na umbanda, ela é usada em banhos purificatórios.

A rosa-branca possui propriedades adstringentes, purgativas e aromáticas. Utiliza-se a água como colírio.

ROSA-VERMELHA



Names populares: *Rosa-rubra*, *rosa-francesa*

Nome científico: *Rosa galica* L., Rosaceae

Orixás: Oxum, Ojá, Obá

Elementos: Arífeminino

Originária da Ásia ocidental e sul da Europa, a rosa-vermelha está aclimatada no Brasil, onde é cultivada com fins comerciais.

Assim como a rosa-amarela, esta é atribuída às Iabás, que os mitos dão como esposas de Xangô. Na umbanda, a amarela é oferecida a Iansã, e a vermelha entra em oferendas para as pombas-giras (exus-femininos).

Na fitoterapia, a rosa-vermelha em infusão é empregada contra diarreia, prisão de ventre, leucorréia, blenorragia. Nas inflamações na mucosa da boca, dos olhos e em úlceras.

SALSAPARRILHA



Nome científico: *Smilax officinalis* Kunth., Smilacaceae

Orixás: Xangô e Orixá Okô

Elementos: Terra/masculino

Originária da zona equatorial das Américas, esta espécie do gênero *Smilax* medra principalmente no Brasil, Peru e México.

Planta considerada *gun* (excitante), é utilizada em trabalhos ritualísticos, nos candomblés brasileiros, com a finalidade de excitar o orixá para que ele proporcione respostas positivas aos pedidos feitos pelos adeptos.

Em Cuba, a espécie *havanensis* Jacq. é conhecida pelos nomes *lucumis até-wé edin* ou *atéké din* (Cabrera 1992:564). Na África, utilizam o *Smilax kraussiana* Meisn. em trabalhos litúrgicos e atribuem-lhe os nomes iorubás *ka(n) san*, *ika(n) san*, *èékánná mágbó*, *wórèwóré* e *iyokúwo* (Verger 1995:721).

A salsaparrilha é depurativa, diurética e sudorífica. Aplica-se o chá de suas raízes contra doenças venéreas, sífilis, reumatismo, gota e dermatoses. "... Tomada em excesso, além de não produzir efeito benéfico, provoca náuseas, vômitos, salivação, queda acentuada do pulso" (Caribé & Campos 1991:197).

TANGERINA



Names populares: Bergamota, mexerica

Nome científico: *Citrus nobilis* Lour., Rutaceae

Orixá: Obá

Elementos: Terra/feminino

Provavelmente originária das regiões tropicais e subtropicais da Ásia e do arquipélago malaio, a tangerina, hoje, é cultivada praticamente em todos os continentes.

Em alguns candomblés de origem jêje, a tangerina é considerada um tabu alimentar. Suas cascas, juntamente com outros ingredientes, entram na preparação de um "pó de efeito maléfico, que, quando jogado nos barracões em dias de festas, gera brigas e confusões".

Segundo Verger (1995:650), os iorubás dão a esta fruta o nome *ta-n-jarîni*.

Tendo sua composição química semelhante à do limão, é utilizada para os mesmos fins daquele. De suas cascas, extrai-se um óleo aromático que é empregado na indústria de perfumes, doces e bebidas, servindo ainda para eliminar manchas na pele.

TOMATE



Nome científico: *Lycopersicon esculentum* Mill., Solanaceae

Orixás: Oxumaré e Caboclos

Elementos: Água/feminino

De origem discutida, embora alguns autores afirmem ser nativa da América do Sul, pois espécies selvagens foram encontradas na cordilheira dos Andes e na região do Baixo Amazonas.

Em alguns candomblés jêjes este fruto é usado em pratos que são oferecidos a Oxumaré; todavia, nos centros de umbanda, candomblé-de-caboclo e de Angola, o tomate é utilizado em diversas oferendas, principalmente para os caboclos.

Nos batuques do Rio Grande do Sul, o tomate é utilizado na preparação de diversas iguarias para os orixás, principalmente para Oxum e Xangô.

Nas casas lucumis em Cuba, o tomate, conhecido pelos nomes *icán* e *ichomá*, é atribuído a Xangô e Ibeije (Cabrera 1992:549). Na África, é usado tanto como alimento quanto em rituais, sendo conhecido ainda pelos nomes *şekún-win*, *ekúş*, *tòmáti* e *tùmáti* (Verger 1995:692).

Além de ser um alimento rico em vitamina C e caroteno, o tomate contém propriedades que o tornam próprio para combater diversas doenças, dentre elas a avitaminose C, tuberculose pulmonar, amigdalite, faringite, nefrite, reumatismo, hemorróidas externas e até picadas de insetos. Todavia, é contra-indicado nos casos de artrite, reumatismo, enfermidades cardíacas e renais.

UVA



Nomes populares: Videira, uva-italia, uva-rosada, uva-moscatel, uva-rubi

Nome científico: *Vitis vinifera* L. Ampelideae.

Orixás: Oxalá, Oxum, Iemanjá e Ibeije

Elementos: Ar/feminino

Originária das encostas do Cáucaso e do litoral meridional do mar Cáspio, a uva é cultivada há séculos na Europa. No Brasil, foi introduzida em São Vicente (1532) e em Pernambuco (1535) no início da colonização.

Nos candomblés brasileiros, a uva foi incorporada aos rituais, onde é utilizada como oferenda aos orixás, por ocasião de suas festas, nas obrigações à cabeça (bori) e para os erês no ritual do panã.

As folhas da parreira são atribuídas a Oxum e usadas em banhos, "com a finalidade de melhorar a sorte no amor".

"As folhas e os frutos da videira contêm ácido tartárico, bitartarato de potassa, quercetino, tanino, amido, ácido málico, inosito, açúcar cristalizável e cremor de tártaro" (Cruz 1982:571).

VELAME



Nomes populares: Velame-do-campo, velame-amarelo, ervaço, caruru-açu

Nome científico: *Croton campestris* Mart., Euphorbiaceae

Orixá: Obaluaiê

Elementos: Terra/masculino

Nativa do Brasil, o velame ocorre em quase todos os Estados, principalmente nos do Norte ao Sudeste.

Nas casas de candomblé este vegetal é utilizado nos rituais de iniciação de Obaluaiê, "lavagem de seus assentamentos e em sacudimento para pessoas com problema de saúde".

Como fitofármaco, o velame-do-campo é usado, interna e externamente, para combater afecções venéreas, escrofulose, elefantíase, epilepsia, erisipela, gota, sífilis, úlceras e reumatismo.

VENCE-DEMANDA (BA)



Nome científico: *Justicia gendarussa* Burm., Acanthaceae

Sinonímia: *Justicia violacea* L.

Orixá: Ogum

Elementos: Terra/masculino

Planta disseminada pelas regiões do Nordeste e Sudeste, onde é cultivada em jardins como planta ornamental.

Na Bahia, esta planta é conhecida popularmente tanto como vence-demanda como comigo-ringüém-pode-africano, e suas folhas, nas casas jêje-nagôs, são indicadas em "banhos de descarregos e sacudimentos para melhorar a sorte e abrir os caminhos".

VERBENA



Nomes populares: Erva-do-figado, erva-do-sangue, verbena-sagrada

Nome científico: *Verbena officinalis* L., *Verbenaceae*

Orixá: Iemanjá

Elementos: Água/feminino

A verbena já era conhecida na "antiguidade clássica, quando a planta era consagrada a Vênus..." (Sangirardi Jr.1981:268). Introduzida nas Américas, no Brasil vegeta nos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Todavia, algumas espécies são nativas da América do Sul.

As folhas são usadas nas casas-de-santo "em banhos para atrair boa sorte". Com elas prepara-se também um pó com a mesma finalidade, cuja composição, que nos foi dada, é a seguinte: "Apanha-se a verbena na noite da véspera do dia de São João, para torrã-la junto com um coração de andorinha, até virar pó. Mistura-se com efún. Utiliza-se este pó para tudo que se queira melhorar". Parece-nos que este costume tenha sido absorvido pelos nagôs de algumas tradições européias, pois, segundo Sangirardi Jr., no século XVI, na Alemanha, "a verbena era erva que as fogueiras iluminavam, cada 23 de junho, véspera de São João" (1981:269).

Considerada na antiguidade como planta ligada à magia, a filtros amorosos e ritos de fertilidade, a verbena deve ser usada com precaução, pois é abortiva. Na fitoterapia usa-se para combater afecções hepáticas.

VINCA



Nomes populares: Boa-noite, maria-sem-vergonha, vinca-de-gato, vinca-de-madagascar

Nome científico: *Catharanthus roseus* (L.) G.Don., *Apocynaceae*

Sinonímia: 1) *Vinca rosea* L.
2) *Lochnera rosea*

Orixá: Oxalá

Elementos: Ar/feminino

Originária da Ilha de Madagascar, a vinca, atualmente, está disseminada por diversas regiões tropicais do planeta. No Brasil, é encontrada em estado espontâneo, embora seja muito utilizada em ornamentação de jardins.

Planta utilizada em banhos de purificação e sacudimentos. Usada também para "lavar e refrescar os olhos" daqueles encarregados de jogos divinatórios. Tanto a de flor rosa quanto a branca pertencem a Oxalá.

Em reportagem sobre plantas medicinais, publicada na revista *Globo Ciência*, ano 5, número 52, encontramos informações importantes sobre esta planta: "Trinta anos atrás, pesquisadores americanos souberam que em Madagascar, arquipélago situado no Sudoeste da África, o povo usava a infusão de uma planta para reduzir o açúcar do organismo. Curiosos, eles resolveram testar a planta contra tumores e foi assim que acabaram descobrindo as propriedades da vinca rósea (*Lochnera rosea*), produtora de um grupo de remédios contra o câncer" e ainda, "a vincristina, uma das frações do extrato da planta, funciona em tratamento de leucemias e linfomas, mesmo avançados. Outro derivado, a vimblastina, é usada em tumores de testículo, estômago, mama e rins com relativo sucesso. Uma terceira substância retirada da vinca, a vindesina, é ativa em cân-

cer de pulmão. E da vinca se faz hoje também a vinorelbina, ativa em câncer de pulmão e mama." Dos sessenta alcalóides que esta planta possui, pelo menos seis já foram estudados e testados cientificamente com sucesso no combate à leucemia e diversos tipos de tumores malignos. Popularmente, a raiz é febrífuga, e suas folhas, sob a forma de chá, são usadas contra a diabetes.

VIUVINHA



Names populares: *Trapoeraba-roxa, lambari, judeu-errante*

Nome científico: *Tradescantia zebrina* Hort. ex Bosse,
Commelinaceae

Sinonímia: 1) *Zebrina pendula* Sch.
2) *Tradescantia pendula* (Sch.) Hunt.
3) *Commelina zebrina* Hort.

Orixás: *Nanã e Obaluaïê*

Elementos: *Água/feminino*

Originária do México, a viuvinha é encontrada em quase todo o território nacional, subespontânea ou cultivada como ornamental em jardins.

Planta utilizada nos candomblés de origem jêje-nagô, no *ágbo* e em banhos de purificação.

No Rio Grande do Sul, os "zeladores-de-santo" utilizam esta planta no *ágbo* e em banhos purificatórios para os filhos de Iemanjá, e seu nome popular é *onda-do-mar*.

Em Cuba, esta folha é usada em "omiero" para lavar os objetos rituais do orixá. Tem o nome lucumí *añáí* e é atribuída a Iemanjá (Cabrera 1992:414).

Na fitoterapia, as folhas maceradas são aplicadas sobre as inchações provocadas por picadas de insetos.

Índice de Vegetais
com Denominações Jêje-Nagôs



ABÀFÈ, 51	<i>Bauhinia forficata</i> Link. <i>Bauhinia candicans</i> Benth. <i>Bauhinia purpurea</i> L.	Pata-de-vaca Unha-de-boi Unha-de-vaca Pata-de-boi Unha-de-anta Bauínia Bauínia-de-flor-branca Bauínia-de-flor-rosa Insulina vegetal
ABÀMODÁ, 52-53	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken. <i>Bryophyllum calcinum</i> Salisb. <i>Kalanchoe pinnata</i> Pers.	Folha-da-fortuna Fortuna Folha-grossa Milagre-de-são-joaquim
ABÀRÀ OKÉ, 54	<i>Vanilla palmarum</i> Lindl.	Baunilha-de-nicuri Baunilha-da-bahia Baunilha-de-fava-grande Baunilha-silvestre
ABÈBÈ KÓ, 55	<i>Polyscias guilfoylei</i> Bailey. <i>Nothopanax guilfoylei</i> Merr. <i>Aralia guilfoylei</i> Bull.	Tira-teima Árvore-da-felicidade- macho Aralia-cortina
ABÈBÈ OSÚN, 56	<i>Hydrocotyle bonariensis</i> Lam. <i>Hydrocotyle multiflora</i> Ruiz & Pav. <i>Hydrocotyle umbellata</i> L. var. <i>bonariensis</i> (Lam.) Spreng.	Erva-capitão Acaricoba Pára-sol Capitão Lodagem
ABÈRÈ, 57	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão Picão-preto Pico-pico Fura-capa Piolho-de-padre Cuambu

ABERÉ-OJÒ, 295	<i>Thelypteris</i> sp.	Samambaia-de-poço Lana-silvestre
ÁBITÓLÁ, 58	<i>Lantana camara</i> L. <i>Lantana undulata</i> Schr. <i>Eupatorium hecatanthus</i> Bak.	Cambará Cambará Camará-de-chumbo Camará-de-espinho
ÁFÒMÓN, 59	<i>Phthirusa abdita</i> S. Moore. <i>Phthirusa teobromae</i> Baill. <i>Phoradendron crassifolium</i> Pohl. et. Sichl. <i>Viscum crassifolium</i> Pohl. <i>Psittacanthus calyculatus</i> (DC) G. Don. <i>Sthuthantus marginatus</i> Blume <i>Sthuthantus flexicaulis</i> Martius <i>Sthuthantus brasiliensis</i> Lank. <i>Loranthus marginatus</i> Lam. <i>Loranthus brasiliensis</i> Lank. <i>Phthirusa pyrifolia</i> Eichl.	Erva-de-passarinho Erva-de-passarinho-da- grande
ÁFÓN, 60	<i>Clitoria guianensis</i> Benth. <i>Crotalaria guyanensis</i> Aubl. <i>Crotalaria longifolia</i> Lam. <i>Neurocarpum angustifolium</i> Kunth. <i>Neurocarpum longifolium</i> Mart.	Espelina-falsa
ÁGBÁ, 61	<i>Punica granatum</i> L.	Romanzeiro
ÁGBÁDÓ, 62-63	<i>Zea mays</i> L.	Milho
ÁGBAÓ, 64	<i>Cecropia palmata</i> Willd. <i>Cecropia peltata</i> Vell. <i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Imbaúba Árvore-da-preguiça Umbaúba Umbaíba Embaúba Baúna
AGBEYE, 65	<i>Citrullus citrull</i> (L.) Karst.	Melão-de-água

ÀGBÓLÁ, 66	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) Irwin & Barneby. <i>Cassia obtusifolia</i> L.	Mata-pasto Fedegoso Fedegoso-branco Mata-pasto-liso
ÀGBON, 67	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro Coqueiro-da-bahia Coco Coco-da-bahia
ÀGOGÓ, 68-69	<i>Datura stramonium</i> L. <i>Datura pseudostramonium</i> Sieb. <i>Datura tatula</i> L. <i>Stramonium spinosum</i> Lam. <i>Stramonium vulgare</i> Gaertn	Estramônio Figueira-do-inferno Trombeteira Erva-do-diabo Pomo-espinhoso
ÀJÀGBAÓ, 70	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarineiro
ÀJÓBI, 70	<i>Schinus terebenthifolius</i> Radd. <i>Schinus aroeira</i> Vell.	Aroeira-comum Aroeira-vermelha Pimenteira-do-peru
ÀJÓBI FUNFUN, 72	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl. <i>Lithraea aroeirinha</i> March. <i>Schinus molleoides</i> Vell. <i>Schinus leucocarpus</i> Mart.	Aroeira-branca Aroeirinha Aroeira-de-mangue Aroeira-de-fruto-branco
ÀJÓBI JINJIN, 72	<i>Lithraea molleoides</i> (Vell.) Engl. <i>Lithraea aroeirinha</i> March. <i>Schinus molleoides</i> Vell. <i>Schinus leucocarpus</i> Mart.	Aroeira-branca Aroeirinha Aroeira-de-mangue Aroeira-de-fruto-branco
ÀJÓBI OILÉ, 70	<i>Schinus terebenthifolius</i> Radd. <i>Schinus aroeira</i> Vell.	Aroeira-comum Aroeira-vermelha Pimenteira-do-peru
ÀJÓBI PUPÁ, 70	<i>Schinus terebenthifolius</i> Radd. <i>Schinus aroeira</i> Vell.	Aroeira-comum Aroeira-vermelha Pimenteira-do-peru
ÀJÓFÀ, 266	<i>Urtica baccifera</i> Gaud. <i>Urtica baccifera</i> L.	Urtiga-brava Cansação (AM) Urtigão

AKAN, 73	<i>Dioscorea bulbifera</i> L.	Cará-moela Cará-do-ar Cará-de-corda Cará-de-sapateiro
AKERI, 74	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) H.B.K. <i>Byrsonima lanceolata</i> D.C. <i>Byrsonima ferruginea</i> Bth. <i>Byrsonima cotinifolia</i> H.B.K.	Murici Murici-do-campo Murici-pitanga Marajoara
AKÓKO, 75	<i>Newbouldia laevis</i> Seem.	Acocô
AKONIJÉ, 76	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Jarrinha Cipó-mil-homens Caçau Angelicó Papo-de-peru
ALÉKESI, 77-78	<i>Casearia sylvestris</i> Sw. <i>Casearia punctata</i> Spreng. <i>Casearia caudata</i> Uitt. <i>Casearia ovoidea</i> Sleum. <i>Casearia parviflora</i> Willd. <i>Casearia samyda</i> (Gaert.) DC. <i>Casearia subsessiliflora</i> Lund.	São-gonçalinho Língua-de-teiú Chá-de-frade Vassatonga Língua-de-lagarto Erva-de-bugre Flauta-de-saíra Erva-de-lagarto Pau-de-lagarto Petumba
ALÚBÓSÀ, 79-80	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola
ALÚBÓSÀ ELÉWÉ, 81	<i>Allium aescalonium</i> L.	Cebolinha-branca
ALÚKERÉSÉ, 82	<i>Ipomoea alba</i> L. <i>Convolvulus aculeatus</i> L. <i>Convolvulus aculeatus</i> var. <i>bona-nox</i> L. <i>Ipomoea bona-nox</i> L. <i>Calonyction bona-nox</i> (L.) Boj. <i>Calonyction aculeatum</i> Choisy	Dama-da-noite Campainha Corriola-da-noite Boa-noite Abre-noite-fecha-dia

ÀLUMÓN, 83	<i>Vernonia condensata</i> Baker. <i>Vernonia amygdalina</i> Delile	Boldo paulista Alumã Boldo-japonês Boldo-brasileiro
ÀLÚPÁYIDÀ, 84	<i>Sida linifolia</i> Cav. <i>Sida angustissima</i> Juss. Ex Cav. <i>Sida campi</i> Vell. <i>Sida longifolia</i> Brandeg. <i>Sida linearifolia</i> Schum. & Thon.	Língua-de-galinha Guaxima Língua-de-tucano Guaxuma fina Malva-língua-de-tucano
ÀMÙ, 85	<i>Cuphea balsamona</i> Ch. & Sch. <i>Cuphea aperta</i> Koelm. <i>Cuphea divaricata</i> Pohl.	Sete-sangrias Erva-de-sangue Balsamona Baba-de-burro Escorrega Sete-chagas
AMÚNIMÚYÈ, 86	<i>Centratherum punctatum</i> Cass. <i>Centratherum intermedium</i> Less. <i>Amphirephis intermedia</i> Link.	Balainho-de-velho Perpétua Perpétua-roxa Perpétua-do-mato
ANDARÁ, 87	<i>Parkia multijuga</i> Benth <i>Dimorphandra megacarpa</i> Rolfe.	Visgueiro, faveiro
ANTIJIÚ, 88	<i>Brugmansia suaveolens</i> Bercht & Presl. <i>Datura suaveolens</i> H.B. ex Willd. <i>Datura arborea</i> sensu Sendth. In Mart. <i>Datura gardneri</i> Hook.	Trombeta-branca Cálice-de-vênus Trombetão-branco Trombeta-de-anjo Sata-branca Vestido-de-noiva Zabumba-branca Trombeta-cheirosa Babado Dama-da-noite
APÁLÁ, 89	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino
APAÒKÁ, 90	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. f.	Jaqueira

ÁPÉJĒ, 91	Mimosa pudica L. Mimosa sensitiva L. Mimosa dormens H.B.K.	Dormideira Sensitiva Malícia-de-mulher Maria-fecha-porta Juquiri-rasteiro Dorme-dorme Não-me-toques Erva-viva Malícia
ÁPÈJEBÍ, 92	Stemodia viscosa Roxb.	Rabujo Paracari Meladinha-verdadeira
ÀRABÀ, 93	Ceiba pentandra (L.) Gaertn. Bombax pentandrum L. Bombax orientale Spreng. Eriophorus javanica Rumph.	Sumaúma-da-várzea Árvore-da-sede Paina-lisa Sumaúma-verdadeira Sumaúma
ÀRĪDAN, 94-95	Tetrapleura tetraptera (Schum & Thour.) Taub.	Aridan
ÀRŪNSÁNSÁN, 96	Ageratum conyzoides L., Ageratum maritimum H.B.K. Ageratum mexicanum Sims. Ageratum obtusifolium Lam. Cacalia mentrasto Vell.	Erva-de-são-joão Mentrasto Catinga-de-bode Picão-roxo Macela-de-são-joão
ÀRŪSŌ, 97	Hyptis carpinifolia Benth.,	Alfazema-do-brasil Rosmarinho
ASÁ, 141	Nicotiana tabacum L. Tabacum nicotianum Bercht. et Opiz. Nicotiana macrophylla Spreng.	Tabaco Fumo
ÀSARÁGOGO, 98	Sida rhombifolia L. Sida alba Cav., non L. Sida retusa L.	Vassourinha-de-relógio Vassourinha Zanzo Relógio Mata-pasto

ÀSÍKŪTÁ, 99	Sida cordifolia L.	Guaxuma Guaxuma-preta Malva-preta
ATA, 100	Capsicum frutescens L. Capsicum brasilianum Cluss.	Malva-branca Guaxuma Malva-veludo Guaxima Malva
ATA DUDU, 101	Piper nigrum L.	Pimenta-malagueta
ATAARE, 102	Aframomum melegueta (Roscoe) K. Schum.	Pimenta-do-reino
ATOPÁ KUN, 103	Ruta graveolens L.	Pimenta-da-costa
ÀTŌRĪNÀ, 104	Sambucus nigra L. Sambucus australasica Fritsch.	Arruda
AWŌ PUPÁ, 105	Cuscuta racemosa Mart. Cuscuta citricola Schl. Cuscuta Suaveolens Lechler.	Sabugueiro
AWŪRÉPÉPÉ, 106	Spilanthes acmella (L.) Murr. Spilanthes arrayana Gardn. Spilanthes melampodioides Gardn. Spilanthes pseudo-acmella (L.) Murr. Acmella linnaei Cass. Verbesina acmella L.	Cipó-chumbo Cipó-dourado Fios-de-ovos Aletria Espaguete Tinge-ovos Cuscuta
ÀYŌ, 107	Caesalpinia bonduc (L.) Roxb.	Agrião-do-pará Jambu Treme-treme Agrião-do-brasil Pimenta-d'água Jambu-açu
		Olho-de-gato Ariós

		Carnaça Juqueriano Silva-da-praia
BÁLÁ, 108	<i>Arum esculentum</i> Vent.	Taioba
BALABA, 109	<i>Hedychium coronarium</i> Koenig. <i>Hedychium flavum</i> Roscoe <i>Hedychium flavescens</i> Carly <i>Hedychium sulphureum</i> Wall.	Lírio-do-brejo Lágrima-de-vênus Borboleta Cardamomo-do-mato
BANJÓKÓ, 110	<i>Wedelia paludosa</i> , DC. <i>Acmella brasiliensis</i> Spreng. <i>Wedelia brasiliensis</i> Blake. <i>Wedelia penducolosa</i> DC.	Bem-me-quer
BÁRÁ, 111	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf. <i>Citrullus vulgaris</i> Schrad. <i>Cucurbita citrullus</i> L.	Melancia
BEJEREKUN, 112	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	Pindaíba Biriba Pimenta-de-macaco Pimenta-de-negro Pimenta-da-gumê
BOTUJÊ FUNFUN, 113	<i>Jatropha curcas</i> L. <i>Curcas indica</i> A. Rich. <i>Curcas purgans</i> Manhem.	Pinhão-branco Pinhão Pinhão-de-purga Pinhão-de-barbados
BÔTÚJÊ PUPA, 114	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo Batata-de-tejú Jalapão
BUJÊ, 115-116	<i>Genipa americana</i> L. <i>Genipa americana</i> V. <i>Genipa brasiliensis</i> Mart. <i>Genipa caruto</i> H.B.K. <i>Genipa rumilis</i> Vell. <i>Gardenia genipa</i> Sw.	Jenipapeiro

DÁGUNRÓ, 117	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.,	Carrapicho-rasteiro Espinho-de-carneiro Carrapicho-de-carneiro Chifre-de-veado Espinho-de-cigano Benzinho Maroto Cabeça-de-boi Retirante Federação
DANDÁ, 118	<i>Cyperus esculentus</i> L. <i>Cyperus aureus</i> Ten. <i>Cyperus tuberosus</i> Pursh. <i>Cyperus nervosus</i> Bert. <i>Chlorocyperus aureus</i> Pall.	Junquinho Tiririca Tiririca-amarela Tiririca-mansa Junça Três-quinas
DANKÓ, 119	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad.	Bambu
EFIN, 99	<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva-branca Guanxuma Malva-veludo Guaxima Malva
EFINFÍN, 120	<i>Ocimum gratissima</i> L.	Alfavaca Alfavaca-do-campo Remédio-de-vaqueiro Alfavaca-cheirosa
EFINRÍN, 121	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição-de-folha-larga Manjerição-grande Manjerição-de-molho
EFINRÍN PUPA, 122	<i>Ocimum basilicum purpureum</i> Hort.	Manjerição-roxo
EFINRÍN KÉKÉRÉ, 123	<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjerição-de-folha-miúda Manjerição Manjerição-comum

EGÉ, 124	<i>Manihot esculenta</i> Crantz. <i>Manihot utilissima</i> Pohl.	Mandioca Maniçoba Aipim Macaxeira
EGÚSÍ, 125	<i>Cucumis melo</i> L.	Melão
EJÁ OMODÉ, 126	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Soms. <i>Pontederia crassipes</i> Mart. <i>Eichhornia speciosa</i> Kunth.	Aguapé Dama-do-lago Orelha-de-viado Rainha-do-lago
EJINRÍN, 127	<i>Momordica charantia</i> L. <i>Momordica muricata</i> Willd. <i>Momordica elegans</i> Salisb. <i>Momordica senegalensis</i> Lam. <i>Cucumis africanus</i> Luidl. <i>Melothria pendula</i> Sieb.	Melão-de-são-caetano Erva-de-são-caetano Erva-de-lavadeira Fruto-de-cobra Erva-de-são-vicente Melãozinho
ÈKÈLEGBARA, 128	<i>Gomphrena celosioides</i> Mart. <i>Gomphrena globosa</i> L.	Perpétua Suspiro-roxo Paratudo Perpétua-brava
ÈKELÉYÍ, 129	<i>Mirabilis jalapa</i> L. <i>Mirabilis odorata</i> L. <i>Admirabilis peruana</i> Nieuwl. <i>Mirabilis dichotoma</i> L. <i>Jalapa dichotoma</i> (L.) Crantz <i>Nyctago mirabilis</i> DC.	Maravilha Jalapa Bonina Batata-de-purga Batata-de-jalapa Pó-de-arroz
EKUN, 130	<i>Anantherum bicorné</i> Pol.et Beauv. <i>Imperata exaltata</i> L. <i>Anantherum caudatum</i> Schult. <i>Imperata brasiliensis</i> Trinus <i>Saccharum contractum</i> H.B.K.	Sapê
ELÉGÈDÉ, 131-132	<i>Cucurbita maxima</i> Duch. <i>Cucurbita potiro</i> Pers. <i>Cucurbita pepo</i> L. <i>Cucurbita moschata</i> (Duch. ex Lam.) Duch. ex Poir. <i>Cucurbita argyrosperma</i> Huber.	Abóbora Jerimum Abóbora d'água Abóbora-jerimum Abóbora-moranga Abóbora-cabocla Abóbora-de-pescoço

ÈMÓ, 133	<i>Cenchrus echinatus</i> L. <i>Cenchrus brevisetus</i> Fourn. <i>Cenchrus pungens</i> H.B.K.	Capim-carrapicho Capim-amoroso Timbete Espinho-de-roseta
ÈMÓN, 191	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. <i>Hedysarum adscendens</i> Sw. <i>Meibomia adscendens</i> (Sw.) Kuntze.	Carrapicho-beiço-de-boi Pega-pega Marmelada-de-cavalo
ÈPÀ, 134	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Amendoim
ERÉ TUNTÚN, 135	<i>Mentha citrata</i> L.	Levante-miúda
ERESÍ MOMIN PALA, 136	<i>Eichhornia azurea</i> (Swartz.) Kunth. <i>Pontederia azurea</i> Sw. <i>Pontederia aquatica</i> Vell.	Jacinto-d'água Baronesa Dama-do-lago Murere Orelha-de-veado
ERÓ IGBIN, 137	<i>Brillantaisia lamium</i> (Ness) Benth.	Erva-de-bicho (BA, RJ)
ÈŞÁ PUPA, 138	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. <i>Hibiscus sinensis</i> Hort.	Brio-de-estudante Mimo-de-vênus Graxa-de-estudante Hibisco-da-china
ÈŞİŞİ, 139	<i>Laportea aestuans</i> (L.) Chew.	Urtiga-de-folha-grande Cansação
ÈŞÓ FELEJE, 140	<i>Datura metel</i> L. <i>Datura fastuosa</i> L. <i>Datura alba</i> Ness. <i>Datura cornucopaea</i> Hort. Ex W.W.	Trombeta-roxa Datura Manto-de-cristo Metel Trombeteira Trombeta-cheirosa Cartucho-roxo Zabumba-roxa Saia-roxa Nogueira-de-metel Anágua-de-viúva

ETÁBA, 141	<i>Nicotiana tabacum</i> L. <i>Tabacum nicotianum</i> Bercht. et Opiz. <i>Nicotiana macrophylla</i> Spreng.	Tabaco Fumo
ETIPONLÁ, 142-143	<i>Boerhaavia diffusa</i> L. <i>Boerhaavia coccinea</i> Miller. <i>Boerhaavia caribea</i> Jacq. <i>Boerhaavia paniculata</i> Rich. <i>Boerhaavia hirsuta</i> Willd. <i>Boerhaavia viscosa</i> Lag. & Rod. <i>Boerhaavia decumbens</i> Vahl.	Erva-tostão Agarra-pinto Pega-pinto Tangaraca Amarra-pinto Bredo-de-porco
ETITARÉ, 144	<i>Monniera trifolia</i> L. <i>Abletia trifoliata</i> Pers. <i>Monniera trifolia</i> Aubl.	Maricotinha Alfavaca-de-cobra Omolu Jaborandi-de-três-folhas
EWÁ, 145-146	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp. <i>Vigna sinensis</i> (L.) Savi ex Hassk. Ssp <i>sinensis</i>	Feijão-fradinho
EWÁ DÚNDÚN, 147	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão-preto
EWÁ FUNFUN, 148	<i>Lablab vulgaris</i> var. <i>albiflorus</i>	Feijão branco
EWÁ IGBÓ, 149	<i>Cajanus indicus</i> Spreng. <i>Cajanus flavus</i> DC. <i>Cajanus cajan</i> (L.) Mill.	Guando Andu Ervilha-de-angola Ervilha-do-congo Feijão-de-árvore
EWÉ AJÉ, 150-151	<i>Alternanthera tenella</i> Colla. <i>Bucholzia polygonoides</i> var. <i>diffusa</i> Mart. <i>Telanthera polygonoides</i> var. <i>diffusa</i> Moq. <i>Telanthera polygonoides</i> var. <i>brachiata</i> Moq. <i>Alternanthera ficoidea</i> var. <i>diffusa</i> Kuntze <i>Alternanthera ficoidea</i> <i>brachiata</i> (Moq.) Uline & Bray	Folha da riqueza Corrente Periquito Carrapichinho Apaga-fogo Manjerico

EWÉ AJÉ, 152	<i>Synedrella nodiflora</i> (L.) Gaertn.	Folha-da-feiticeira Corredeira Botão-de-ouro Barbatana
EWÉ ALASE, 153	<i>Schizocentron elegans</i> Meissn. <i>Heeria elegans</i> Schlecht. <i>Heeria procubens</i> Naudin. <i>Heterocentron elegans</i> O. Kuntze.	Quaresminha-rasteira Quaresmeira-rasteira
EWÉ BĀBĀ, 154	<i>Coleus barbatus</i> Benth.	Boldo Falso-boldo Boldo-do-reino Boldo-nacional Boldo-de-jardim Malva-amarga Malva-santa Folha-de-oxalá Tapete-de-oxalá
EWÉ BĪYEMÍ, 155	<i>Chamaesyce prostata</i> (Ait.) Small. <i>Euphorbia prostata</i> Ait. <i>Euphorbia chamaesyce</i> L. sensu Smith & Downs	Quebra-pedra Erva-de-santa-luzia Leite-de-nossa-senhora Leiteirinho
EWÉ BŌBŌ, 268	<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq. <i>Solanum reflexum</i> Schrank. <i>Solanum khasianum</i> C.B. Clarke. <i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam. <i>Solanum balbisii</i> Dunal. <i>Solanum viarum</i> Dunal. <i>Solanum capsicoides</i> All. <i>Solanum ciliatum</i> Lam. <i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq. Var. <i>denudatum</i>	Arrebenta-cavalo Joá Juá Joá-bravo
EWÉ BOJUTŌNA, 156	<i>Phyllanthus niruri</i> L. <i>Phyllanthus urinaria</i> Wall., non L. <i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. <i>Phyllanthus corcovadensis</i> Muell. Arg.	Quebra-pedra Erva-andorinha Erva-pombinha Fura-parede Arranca-pedra

	<i>Phyllanthus amarus</i> Schum. & Thonn. <i>Phyllanthus niruri</i> Fawc. & Rendle.	
EWÉ BONOKÓ, 157	<i>Sebastiania brasiliensis</i> Muel. <i>Gymnanthes brasiliensis</i> Muel. Arg. <i>Stillingia brasiliensis</i> Baill.	Língua-de-galinha Laranjinha-branca Capixaba
EWÉ BOYÍ, 158-159	<i>Piper amalago</i> L. <i>Piper amalago</i> L., var. <i>medium</i> (Jacq.) Yunker <i>Piper angustifolium</i> R. et P. <i>Piper cabralanum</i> C.Dc. <i>Piper eucalyptifolium</i> Rudz. <i>Piper regnellii</i> Kunth.- <i>Piper tectoniifolium</i> Kunth. <i>Piper tuberculatum</i> Jacq.	Bétis-cheiroso Pimenta-de-macaco
EWÉ BOYÍ FUNFUN, 160	<i>Piper rivinoides</i> Kunth.	Bétis-branco
EWÉ DAN, 161	<i>Scindapsus aureus</i> Engl. <i>Pothos aureus</i> Lind. ex Andre	Jibóia
EWÉ DIDÛN, 162	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd. <i>Iboza riparia</i> N.E.Brawn <i>Moschosma riparium</i> Hochst.	Aloisia Erva-de-jurema Sândalo Límonete Pluma-de-névoa
EWÉ DÍGÍ, 163	<i>Solanum argenteum</i> Dun. & Poir.	Erva-prata
EWÉ ÈGÛNMÔ, 164	<i>Solanum americanum</i> Mill. <i>Solanum caribaeum</i> Dun. <i>Solanum nodiflorum</i> Jacq.	Erva-moura Maria-preta Pimenta-de-galinha Erva-mocó Caraxixu
EWÉ EKÓ, 290	<i>Musa sapientum</i> L.	Bananeira
EWÉ ÈPÈ, 165	<i>Urtica urens</i> Vell.	Urtiga-vermelha Urtiga-da-bahia Cansanção

		<i>Urtiga-queimadeira</i> <i>Urtiga-de-fogo</i> <i>Urtiga-do-reino</i> <i>Urtiguilha</i>
EWÉ GBÚRE, 166	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd. <i>Talinum triangulare</i> Jacq.	Bredo Língua-de-vaca (Ba) Caruru (Pa) Beldroega-grande Bredo-major-gomes
EWÉ GBÚRE ÔSUN, 167	<i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn. <i>Talinum patens</i> (L.) Willd.	Língua-de-vaca (Ba) Maria-gomes Major-gomes Caruru Bredo
EWÉ IDÀ ÒRÌŞÀ, 168	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Prain. <i>Sansevieria guineensis</i> Gér. et Labr. <i>Sansevieria zeylanica</i> Hort.	Espada-de-são-jorge Espada-de-ogum Língua-de-sogra Rabo-de-lagarto
EWÉ IDÀ QYÁ, 169	<i>Tradescantia spathacea</i> Sw. <i>Rhoeo discolor</i> (L'Hérit.) Hance. <i>Rhoeo spathacea</i> (Sw.) Stearn. <i>Tradescantia discolor</i> L'Hérit.	Espada-de-santa-bárbara Cordoban Moisés-no-berço Abacaxi-roxo
EWÉ IDO, 170	<i>Canna indica</i> L.	Ibiri Cana-ibiri Biri Cana-de-jardim Bananeirinha-de-jardim Cana-florífera Erva-conteira Beri Bananeirinha-da-india
EWÉ IGBÓ, 171	<i>Cannabis sativa</i> L.	Cânhamo-da-india Cânhamo-verdadeiro Fumo-de-angoia Diamba Liamba Maconha

EWÉ IGBOLÉ, 172	<i>Stachytarphetta cayennensis</i> (L.C.Rich.) Vahl. <i>Verbena cayennensis</i> L. C. Rich. <i>Stachytarphetta australis</i> Mold. <i>Stachytarphetta polyura</i> Schauer	Gervão Gervão-roxo Gervão-azul Chá-do-brasil Verônica
EWÉ INÓN, 173	<i>Clidemia hirta</i> Bail. <i>Clidemia crenata</i> D.C. <i>Clidemia elegans</i> Don. <i>Melastoma elegans</i> Aubl. <i>Melastoma hirtum</i> L.	Folha-de-fogo Branda-fogo Folha-de-iansã Pixirica Anhangá
EWÉ IŞÁ PA, 174	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira Azedinha Caruru-azedo Caruru-da-guiné Quiabo-roxo Roseia
EWÉ ISINIŞINI, 175	<i>Lepidium sativum</i> L.	Mastruz Mentruz Vassorinha Mentrusto Mastruço
EWÉ IYÁ, 176	<i>Pothomorphe umbellata</i> (L.) Miq. <i>Piper umbellatum</i> L.	Pariparoba Caapeba Caapeba-do-norte Catajé Malvaíscó Caapeba-verdadeira
EWÉ KANAN, 177	<i>Cnidioscolus urens</i> (L.) Arth. <i>Jatropha urens</i> Muell. Arg. <i>Hibiscus trisectus</i> Bertol.	Cansanção-de-leite Cansanção Urtiga Urtiga-cansanção Urtiga-mamão Queimadeira Pinha-queimadeira

EWÉ KAWÓKAWÓ, 178	<i>Ipomoea hederifolia</i> L. <i>Ipomoea coccinea</i> L. var. <i>hederifolia</i> <i>Quamoclit hederifolia</i> (L.) Choisy <i>Ipomoea sanguinea</i> Vahl.	Jitirana-vermelha Campanha Corda-de-viola Jitirana Corriola Primavera-de-caena
EWÉ KÓKÒ, 179	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott.	Tajá Taioba Mangareto Mangarito Mangarás
EWÉ KÚKÚNDÚNKÚ, 180	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir. & Lam.	Batata-doce
EWÉ LÁRÀ FUNFUN, 181-182	<i>Ricinus communis</i> L. <i>Ricinus digitatus</i> Nor. <i>Ricinus hybridus</i> Bess. <i>Ricinus leucocarpus</i> Bert.	Mamona Mamona-branca Carrapateiro Palma-de-cristo Mamoneira
EWÉ LÁRÀ PUPA, 183	<i>Ricinus sanguineus</i> Hoot.	Mamona-vermelha
EWÉ LÁTÍPÀ, 184	<i>Brassica rapa</i> L. <i>Brassica campestris</i> L. <i>Brassica campestris</i> L. var. <i>rapa</i> Hartm. <i>Brassica rapa</i> L. ssp. <i>sylvestris</i> (L.) Janchen	Mostarda
EWÉ LOROGÚN, 185	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	Abre-caminho
EWÉ MIMOLÉ, 186	<i>Pilea microphylla</i> Miq. <i>Pilea microphylla</i> Liebm. <i>Pilea muscosa</i> Lindl.	Brilhantina
EWÉ MONÁN, 187	<i>Parietaria officinalis</i> L.	Parietária
EWÉ OBAYA, 188	<i>Ottonia anisum</i> Sprengel. <i>Piper jaborandi</i> Gaud.	Desata nó Jaborandi Jaborandi-manso

		Jaborandi-do-ceará Falso-jaborandi Jaborandi-de-minas Jaborandi-da-mata- virgem
EWÉ OBÉ, 189	<i>Petroselinum sativum</i> L.	Salsa
EWÉ ODÁN, 190	<i>Polypodium vacciniifolium</i> Langsd & Fischer	Erva-silvina Cipó-cabeludo Soldinha
EWÉ QDÉ, 191	<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC. <i>Hedysarum adscendens</i> Sw. <i>Meibomia adscendens</i> (Sw.) Kuntze.	Carrapicho-beiço-de-boi Pega-pegá Marmelada-de-cavalo
EWÉ OFÉRÈ, 192	<i>Trema micrantha</i> (L) Engler. <i>Celtis canescens</i> H.B.K. <i>Celtis micrantha</i> Sw. <i>Celtis schiedeana</i> Schl. <i>Rhamnus micrantha</i> L.	Crídeúva Piriquiteira Cambriúva Taleira Motamba Seriúva Chico-magro
EWÉ OGBE ÀKÚKQ, 193	<i>Heliotropium indicum</i> L. <i>Heliotropium cordifolium</i> Moench <i>Heliotropium horminifolium</i> Mill. <i>Heliotropium foetidum</i> Salisb. <i>Heliotropium indicum</i> DC.	Crista-de-galo Heliotrópio Borragem Borragem-brava Jacuacanga Erva-de-são-fiacre Aguaraá Tiriri
EWÉ OGBÓ, 194-195	<i>Periploca nigrescens</i> Afzel. <i>Parquetina nigrescens</i> , (Afzel) Bullock.	Rama-de-leite Cipó-de-leite Folha-de-leite Orelha-de-macaco
EWÉ OJÚ OMÍ, 196	<i>Coix lacryma-jobi</i> L. <i>Coix lacryma</i> L. <i>Lithagrostis lacryma-jobi</i> (L.) Gaert.	Lágrimas-de-nossa- senhora Capim-de-nossa-senhora

	<i>Sphaerium lacryma</i> (L.) Kuntze.	Capim-de-conta Capim-rosário Lágrima-de-jó
EWÉ OJÚSÁJÚ, 197-198	<i>Petiveria alliacea</i> L. <i>Petivena tetrandra</i> Gomez	Guiné Guiné-pípiu Erva-tipi Erva-guiné Erva-de-alho Tipi-verdadeiro
EWÉ OMÍ, 199	<i>Portulaca oleracea</i> L. <i>Portulaca marginata</i> H.B.K. <i>Portulaca retusa</i> Engelmann <i>Portulaca neglecta</i> Mackenzie & Bush.	Beldroega Portulaca Beldroega-verdadeira Beldroega-pequena Ora-pro-nóbis
EWÉ OMÍ OJÚ, 200	<i>Nymphaea victoria</i> Sch. <i>Victoria amazonica</i> Sow. <i>Victoria amazonum</i> Kl. <i>Victoria regalis</i> Schomb. <i>Victoria regina</i> Gray <i>Victoria regia</i> Lindl.	Vitória-régia Rainha-dos-lagos Milho-d'água Forno-d'água Forno-de-jaçaná
EWÉ OMÍ-ERQ, 201	<i>Marsilea quadrifolia</i> L.	Trevo-de-quatro-folhas Trevo-aquático Trevo-da-fortuna
EWÉ OPÁ, 202	<i>Plantago major</i> L.	Transagem
EWÉ QRÉ, 203	<i>Neomarica caerulea</i> Sprague. <i>Marica coerulea</i> Ker-Gawl.	Falso-íris Duas-amigas Lírio-roxo-das-pedreiras
EWÉ ORÍ, 180	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir. & Lam.	Batata-doce
EWÉ OWÚ, 204-205	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodoeiro
EWÉ PÁPÓ, 206	<i>Physalis angulata</i> L.,	Camapu Juá-de-capote Bucho-de-rã Bate-testa

EWÉ PĒPĒ, 207	<i>Calendula officinalis</i> L.	Calêndula Malmequer Maravilha-do-jardim
EWÉ PUPAYO, 208	<i>Pelargonium odoratissimum</i> (L.) Ait.	Gerânio-cheiroso Jardineira Malva-maçã
EWÉ RÉRÉ, 209	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link. <i>Cassia occidentalis</i> L.	Fedegoso Fedegoso-verdadeiro Manjerioba Mata-pasto Mamangá Erva-fedorenta Folha-de-pajé Tararaçu
EWÉ SOLÉ, 210	<i>Eupatorium ballotaefolium</i> H.B.K.	Maria preta Maria-preta-verdadeira Balaio-de-velho
EWÉ TÚNI, 211	<i>Lippia geminata</i> Gardn.	Erva-cidreira-do-campo Salva-do-brasil Erva-cidreira
EWÉ TUTU, 212	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>capitata</i> L.	Repolho
EWÉ WEMÓ, 213	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>acephala</i> L.	Couve
EWÉRÉ, 214	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim Rosmarinho
EWÚRO, 83	<i>Vernonia condensata</i> , Baker. <i>Vernonia amygdalina</i> , Delile	Boldo paulista Alumã Boldo-japonês Boldo-brasileiro
EWÚRO BĀBĀ, 154	<i>Coleus barbatus</i> Benth.	Boldo Falso-boldo Boldo-do-reino Boldo-nacional Boldo-de-jardim

FALÁKALÁ, 215	<i>Chamaesyce hirta</i> (L.) Millsp. <i>Euphorbia hirta</i> L. <i>Euphorbia ophthalmica</i> Pers. <i>Euphorbia procumbens</i> DC. <i>Euphorbia gemella</i> Lag. <i>Euphorbia capitata</i> Lam.	Malva-amarga Malva-santa Folha-de-oxalá Tapete-de-oxalá Corredeira Erva-de-santa-luzia Erva-andorinha Erva-de-cobre Erva-de-sangue Burra-leiteira Alcanjoeira
FIRIRÍ, 216	<i>Merostachys donax</i> L.	Taquaril Taquari
FITÍBA, 217	<i>Cassia fistula</i> L. <i>Cassia ferruginea</i> Schrad. <i>Cassia amazonica</i> Ducke. <i>Cassia multifuga</i> Rich. <i>Bacetyllobium ferrugineum</i> Schrad. <i>Bacetyllobium fistula</i> Willd.	Canafistula Tapira-coiana Chuva-de-ouro Fedegoso Fístula-amarela
GBÁGI, 218	<i>Eleusine indica</i> (L.) Gaertn. <i>Eleusine gracilis</i> Salisb. <i>Cynosurus indicus</i> L. <i>Cynodon indicus</i> Rasp. <i>Chloris repens</i> Steud.	Pata-de-galinha Capim-pé-de-galinha Grama-sapo Capim-da-cidade Capim-criador
GBEGI, 219	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers. <i>Cynodon linearis</i> Willd. <i>Digitaria dactylon</i> Scop.	Capim-de-burro Grama-seda Capim-da-bermuda Grama-da-bermuda Capim-fino
GBÉRĒFUTÚ, 220	<i>Artocarpus incisa</i> L. <i>Artocarpus communis</i> J.R.Forst & G.Forst.	Fruta-pão

GBÒRÒ AYABA, 221-222	<i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R. Br. <i>Convolvulus pes-caprae</i> L. <i>Convolvulus brasiliensis</i> L. <i>Ipomoea brasiliensis</i> (L.) G.F.W. Mey <i>Ipomoea biloba</i> (Roseb.) Forsk.	Salsa-da-praia Salsa-brava Salsa-pé-de-cabra
GODÒGBODÒ, 223	<i>Commelina diffusa</i> Burm. F. <i>Commelina communis</i> Benth. <i>Commelina aquatica</i> J.K.Morton <i>Commelina agraria</i> Kunth <i>Commelina longicaulis</i> Jacq.	Trapoeraba Olhos-de-santa-Luzia Marianinha (BA) Capim-gomoso Maria-mole
IBÉPE, 224-225	<i>Carica papaya</i> L. <i>Carica hermaphrodita</i> Blanco. <i>Carica mamaia</i> Vell. <i>Papaya communis</i> Noronha <i>Papaya edulis</i> Boj. <i>Papaya papaya</i> Karst.	Mamão Mamoeiro Papaia Mamoeiro-das-antilhas Árvore-do-mamão
IDÉ, 226	<i>Dicksonia sellowiana</i> H.B.K.	Feto Samambaiaçu Xaxim
IGBÁ, 227	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cabaceira Cuieira Árvore-de-cuia
IGBÁ AJÁ, 272	<i>Solanum paniculatum</i> L. <i>Solanum jubeba</i> Vell. <i>Solanum manoelii</i> Moricandi	Jurubeba
IGBA IGÚN, 272	<i>Solanum paniculatum</i> L. <i>Solanum jubeba</i> Vell. <i>Solanum manoelii</i> Moricandi	Jurubeba
IGI ÈSO PUPA, 228	<i>Syzygium jambolanum</i> D.C. <i>Eugenia jambos</i> L. <i>Myrtus jambos</i> H.B.K. <i>Caryophyllus jambos</i> Stokes <i>Jambosa jambos</i> Mill.	Jambeiro-rosa

IGI IGBALÉ, 241	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	Casuarina
IGI IKÚ, 229	<i>Cupressus pyramidalis</i> Targ. <i>Cupressus sempervirens</i> L. <i>Cupressus funebris</i> Endl.	Cipreste-piramidal Cipreste-vuigar Cipreste-fúnebre
IGI ITOBÍ, 230	<i>Persea gratissima</i> G. <i>Persea americana</i> Mill. <i>Persea persea</i> Cocherell <i>Laurus persea</i> Linn.	Abacateiro
IGI IYÈYÈ, 231-232	<i>Spondias lutea</i> L. <i>Spondias mombin</i> L. <i>Spondias aurantica</i> Schum. et Tronn. <i>Spondias brasiliensi</i> M. <i>Spondias axillaris</i> Roxb. <i>Spondias graveolens</i> Macf. <i>Spondias lucida</i> Salisb. <i>Spondias myrobalanus</i> L. <i>Spondias dubia</i> Rich.	Cajazeira Cajá-mirim Cajá-miúda Cajá-mimoso Cajá-amarelo Taperebá Cajazeiro Cajá-do-sertão
IGI MÉSÀN, 233	<i>Melia azedarach</i> L.	Pára-raio Santa-bárbara Árvore-do-paráiso Cinamomo Amargoseira Jasmim-de-caiena
IGI ÒGUN BÈRÈKÈ, 234-235	<i>Delonix regia</i> (Boj. ex Hook.) Raf.	Flamboyant Flor-do-paráiso
IGI QMO FUNFUN, 236	<i>Annona muricata</i> L.,	Graviola Araticum-do-grande Araticum Graviola-do-norte Jaca-de-pobre
IGI ÒPÈ, 237-239	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq. <i>Elaeis guineensis</i> L. <i>Palma spinosa</i> Miller	Dendezeiro

IGI ORÚRU, 240	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beauv.	Tulipeira Espatódea Tulipeira-africana
IGI OYÁ, 241	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	Casuarina
IKERÉGBÈ, 242	<i>Cestrum laevigatum</i> Sch. <i>Cestrum axillare</i> Vell. <i>Cestrum bracteatum</i> Link. <i>Cestrum multiflorum</i> Schott.	Coerana
IKIKIGUN, 243	<i>Euphorbia tirucalli</i> L. <i>Euphorbia heterodoxa</i> Muell. <i>Euphorbia gymnoclada</i> Boss. <i>Euphorbia rhipsaloides</i> Lem. <i>Euphorbia viminalis</i> Mill.	Aveloz Árvore-de-são-sebastião Coroa-de-cristo
IKIRIWÍ, 244	<i>Salvia officinalis</i> L.	Sálvia Salva Salva-das-boticas Salva-dos-jardins
IKÓ, 245	<i>Raphia vinifera</i> P. Beauv.	Palha-da-costa
ILÁ, 246	<i>Hibiscus esculentus</i> L. <i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	Quiabo
ILASA OMODÉ, 247	<i>Urena lobata</i> L. <i>Urena heterophylla</i> Presl.	Guaxima Guaxima-roxa Malva-roxa Guaxima-rosa Guaxima-cor-de-rosa Aramina Malva-rosa
ILERIN, 248	<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. <i>Drymaria diandra</i> Blume.	Erva-vintém Vintém Esperguta-rasteira Folha-de-vintém Cordão-de-sapo Mastrução-do-brejo Jaboticaá

IMU, 249	<i>Begonia fischeri</i> Schrank. <i>Begonia acida</i> Vell. <i>Begonia bahiensis</i> D.C.	Azedinha do brejo Erva-saracura Erva-do-sapo Erva-azedo Azeda-de-ourives
IPÊSÁN, 250-251	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer. <i>Guarea trichillioides</i> L. <i>Guarea aubletii</i> Juss. <i>Guarea surinamensis</i> Miq. <i>Guarea guara</i> Wilson <i>Trichilia guara</i> L.	Carrapeta Bilreiro Jitó Carrapeta-verdadeira Carrapeteira
IPÔLERIN, 252	<i>Aloe vera</i> L. <i>Aloe barbadensis</i> Mill. <i>Aloe elongata</i> Murr. <i>Aloe vulgaris</i> Lam.	Babosa
IRÊKÉ, 253	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar
IRÊSÌ, 254	<i>Oryza sativa</i> L.	Arroz
IRÓKÒ, 255-256	<i>Ficus doliaria</i> M.	Gameleira Figueira Tatajuba Iroco Figueira-branca Figueira-brava Figueira-grande
IRUNGBON, 257	<i>Tillandsia usneoides</i> L. <i>Tillandsia trichoides</i> H.B.K. <i>Tillandsia filiformis</i> Lodd., Cat. <i>Tillandsia pendula</i> Louvain Hortus <i>Tillandsia crinita</i> Willd.	Barba-de-velho Barba-de-pau Samambaia
ISAN, 258	<i>Morus nigra</i> L.	Amoreira Amora-preta Amoreira-preta
ISÉ, 259	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce

ISÍN, 318	<i>Crotolaria retusa</i> L.	Xique-xique Cascaveleira Guizo de cascavel Crotojária Chocalho Maraca
ISU, 260	<i>Dioscorea rotundata</i> Poir.	Inhame-da-costa Inhame-cará Inhame-da-guiné-branco Cará-do-pará
ÍTÀ, 261	<i>Eugenia pitanga</i> Berg. <i>Eugenia indica</i> Mich. <i>Eugenia micheli</i> Lam. <i>Eugenia uniflora</i> L. <i>Myrtus brasiliiana</i> L. <i>Stenocalyx michelii</i> Berg.	Pitangueira
ÍTÈTÈ, 262	<i>Plumeria drastica</i> M.	Jasmim-manga
IYA KOLOMI, 274	<i>Inga marginata</i> Willd. <i>Inga uruguensis</i> Hooker et Arnott	Ingá Ingazeiro Ingá-do-brejo Ingá-de-quatro-quinas Ingá-banana
IYÁBEYÍN, 263	<i>Ruellia gemminiflora</i> H.B.K.	Mãe-boá
IYÈYÉ, 264	<i>Piper aduncum</i> Vell. <i>Piper mollicomum</i> Kunth. <i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth. <i>Piper truncatum</i> Vell. <i>Piper chimonanthifolium</i> Kunth.	Aperta-ruão
JIMI, 296	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polack. <i>Leria nutans</i> DC. <i>Gerbera nutans</i> Schultz-Bip. <i>Tussilago nutans</i> L.	Costa branca Língua-de-vaca Língua-de-vaca-miúda Tapira Paraqueda Paraquedinha

JOBÓ, 265	<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit. <i>Nepeta pectinata</i> L. <i>Clinopodium imbricatum</i> Vell.	Fumo-do-mato Erva-de-sangue Sanguineira Neves Alfazema-brava Macaé Mercúrio-do-campo Poejo-do-brejo
JOJÒFÀ, 266	<i>Urera baccifera</i> Gaud. <i>Urtica baccifera</i> L.	Urtiga-brava Cansação (Am) Urtigão
JOKOJÉ, 76	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Jarrinha Cipó-mil-homens Caçau Angelicó Papo-de-peru
JOKONJÉ, 76	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Jarrinha Cipó-mil-homens Caçau Angelicó Papo-de-peru
KAN-KAN, 267	<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga Urtiga-miúda Urtiga-queimadeira
KANAN-KANAN, 268	<i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq. <i>Solanum reflexum</i> Schrank. <i>Solanum khasianum</i> C.B. Clarke. <i>Solanum sisymbriifolium</i> Lam. <i>Solanum balbisii</i> Dunal. <i>Solanum viarum</i> Dunal. <i>Solanum capsicoïdes</i> All. <i>Solanum ciliatum</i> Lam. <i>Solanum aculeatissimum</i> Jacq. Var. <i>denudatum</i>	Arrebenta-cavalo Joá Juá Joá-bravo

KÀNÉRÌ, 269	Spermacoce verticillata L. Borreria verticillata (L.) G.F.W.Meyer. Borreria stricta Mey. Borreria commutata Spreng. Borreria thymocephala Gris. Spermacoce reclinata Ness.	Vassourinha-de-botão Carqueja Poaia-botão Poaia-rosário Poaia-preta
KANKANESIN, 270	Centrosema brasilianum (L.) Bth.	Jequitirana Patinho-roxo
KANKINSE, 271	Passiflora edulis Sims.	Maracujá Maracujá-comum Maracujá-de-garapa Flor-da-paixão
KISIKISI, 272	Solanum paniculatum L. Solanum jubeba Vell. Solanum manoli Moricand.	Jurubeba
KOLÉORÓGBÀ, 273	Monstera adansonii Schott. Monstera pertusa Schott.	Cinco-chagas
KOLOMI, 274-275	Inga marginata Willd. Inga uruguensis Hooker et Arnott	Ingá Ingazeiro Ingá-do-brejo Ingá-de-quatro-quinas Ingá-banana
KORÍKO OBA, 275	Cymbopogon citratus (DC) Stapf. Cymbopogon schoenanthus Spreng. Cymbopogon citriodorus Link.	Capim limão Capim-santo Capim-cidreira Capim-cidrão Erva-cidreira
KURUKURU, 276	Ipomoea salzmanii Choisy.	Batatinha
LABÈ-LABÈ, 277	Cyperus rotundus L., Cyperaceae Cyperus hexastachyos Rottb. Cyperus tetrastachyos Desf.	Tiririca Capim-dandá Junça-aromática Alho Tiririca-vermelha

LÀTÓRIJÉ, 265	Hyptis pectinata (L.) Poit., Labiatae Nepeta pectinata Linn. Clinopodium imbricatum Vell.	Neves Alfazema-brava Macaé Mercúrio-do-campo Poejo-do-brejo
MAKASA, 278	Hyptis mollissima Bth.	Catinga-de-mulata
MÁRIWO, 237-239	Elaeis guineensis Jacq. Elaeis guineensis L. Palma spinosa Miller	Dendezeiro
MÁRIWÒ IYÀ, 279	Attalea princeps M. Scheelea princeps Karst.	Guacuri Palmeira-de-guacuri Guacuri
MOBORÒ, 280	Leonotis nepetifolia (L) W.T.Aiton. Leonotis nepetaefolia Schimp.. ex Benth Leonurus nepetaefolius Mill. Phlomis nepetaefolia L.	Cordão-de-são-francisco Cordão-de-frade Pau-de-praga Rubim Tolonga Corindiba
NEKIGBÉ, 281	Achras sapota L. Achras sapota Mill. Achras sapota Jacq. Sapota achras Mill. Sapota zapotilla Coville	Sapotizeiro Sapodilho Sapota Sapotilha Sapotilheiro
OBÈ SEMI OYA, 169	Tradescantia spathacea Sw. Rhoeo discolor (L'Hérit.) Hance. Rhoeo spathacea (Sw.) Stearn. Tradescantia discolor L'Hérit.	Espada-de-santa-bárbara Cordoban Moisés-no-berço Abacaxi-roxo
OBI, 282-283	Cola acuminata (P.Beauv.) Sch. & Endl. Cola nitida Vent. Sterculia cuminata Palis	Noz-de-cola Cola Cola-africana Cacau-do-sudão Café-do-sudão Coleira

ODÉ AKÒSÙN, 284	<i>Solanum erianthum</i> D. Don. <i>Solanum auriculatum</i> Ait. <i>Solanum granuloso-leprosum</i> Dun. <i>Solanum verbascifolium</i> var <i>Auriculatum</i> sensu Ktze. <i>Solanum mauritianum</i> Scop. <i>Solanum tabacifolium</i> Vell. <i>Solanum auriculatum</i> Ait.	Caiçara Couvetinga Capoeira-branca Fumeira Fumo-bravo
ODIDI, 285	<i>Erythrina speciosa</i> Andrews.	Bico-de-papagaio Mulungu Mulungu-do-litoral Eritrina-candelabro
ÒDÒDÓ IYÉYÉ, 286	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol
ÒDÚNDÚN, 287-288	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb. <i>Kalanchoe crenata</i> (Andr.) Haw.	Folha-da-costa Saião Folha-grossa Paratudo Erva-grossa
ÒDUNDÚN ODÒ, 289	<i>Emilia sagittata</i> (Vahl) DC.	Pincel Pincel-de-estudante Falsa-serralha Serralha-mirim Emília
ÒGÈDÈ, 290-291	<i>Musa sapientum</i> L.	Bananeira
ÒJÈ DÚDÚ, 292	<i>Mikania glomerata</i> Spreng. <i>Mikania guaco</i> Humboldt.	Guaco Cipó-caatinga Erva-dutra Erva-de-cobra Erva-das-serpentes Uaco
ÒJÙORÓ, 293	<i>Pistia stratiotes</i> L. <i>Pistia occidentalis</i> Blume	Alface-d'água Flor-d'água Mururé Pajé Lentilha-d'água Erva-de-santa-luzia

OKINKÁN, 231-232	<i>Spondias lutea</i> L. <i>Spondias mombin</i> L. <i>Spondias aurantica</i> Schum. et Tronn. <i>Spondias brasiliensi</i> M. <i>Spondias axillaris</i> Roxb. <i>Spondias graveolens</i> Macf. <i>Spondias lucida</i> Salisb. <i>Spondias myrobalanus</i> L. <i>Spondias dubia</i> Rich.	Cajazeira Cajá-mirim Cajá-miúda Cajá-mimoso Cajá-amarelo Taperebá Cajazeiro Cajá-do-sertão
OKÓWÓ, 248	<i>Drymaria cordata</i> (L.) Willd. <i>Drymaria diandra</i> Blume.	Erva-vintém Vintém Esperguta-rasteira Folha-de-vintém Cordão-de-sapo Mastruço-do-brejo Jaboticáá
OLIBÉ, 294	<i>Entada</i> sp.	Fava-de-Xangô
ÒMUN, 295	<i>Thelypteris</i> sp.	Samambaia-de-poço Lana-silvestre
ÒPÁSÓRÓ, 296	<i>Chaptalia nutans</i> (L.) Polack. <i>Leria nutans</i> DC. <i>Gerbera nutans</i> Schultz-Bip. <i>Tussilago nutans</i> L.	Costa branca Língua-de-vaca Língua-de-vaca-miúda Tapira Paraqueda Paraquedinha Fumo-do-mato Erva-de-sangue Sanguineira
OPINÉ, 297	<i>Pandanus veitchii</i> Hort.	Pandano
ÓRÓ ÒYÍNBO, 298-299	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira
ORÓGBÓ, 300-301	<i>Garcinia kola</i> Heckel. <i>Garcinia livingstoni</i> T. Anders.	Orobô

OSÈ, 302	Bertholletia excelsa H.B.K. Bertholletia nobilis Miers. Adansonia digitata L.	Castanheira-do-pará Castanha-do-pará Castanha-do-brasil Baobá Árvore dos mil anos Imbondeiro Adansônia Calabaceira Bondo
OSÈ OBÁ, 303	Piper amplum Kunth. Piper arboreum Aubl. Piper arboreum Aubl., var. Arboreum	Vence-demanda
OSÈ PÒTU, 304	Sida carpinifolia L. Sida acuta var. Carpinifolia (L.f.) K. Schum.	Guanxuma-lisa Vassoura Vassourinha-de-botão Sida Tupitixá
OSÍBATÁ, 305-306	Nymphaea alba L. Nuphar luteum Sibth. et Smith. Nymphaea rubra Roxb. ex Salisb. Nymphaea caerulea Andr. Nymphaea capensis Thunb.	Golfo-de-flor-branca Ninféia-branca Lírio-d'água Golfo-de-flor-amarelo Ninféia-amarela Golfo-de-flor-vermelha Ninféia-vermelha Golfo-de-flor-lilás Ninféia-azul
OSÙN ELÈDÈ, 307	Bixa orellana L. Bixa americana Poir. Bixa urucurana Wild.	Urucum Urucu Açafoa Açafoeira-da-terra
ÓYÓ, 308	Corchorus olitorius L.	Caruru-da-Bahia Iuta-azul
PÁPASAN, 199	Portulaca oleracea L. Portulaca marginata H.B.K. Portulaca retusa Engelmann Portulaca neglecta Mackenzie & Bush.	Beldroega Portulaca Beldroega-verdadeira Beldroega-pequena Ora-pro-nóbis

PATIÓBA, 309-310	Xanthosoma Atrovirens, Koch. et Bouche., var. Appendi- culatum,	Tamba-tajá
PÈRÈGÚN, 311-312	Dracaena fragans (L.) Ker Gawl.	Nativo Pau-d'água Dracena Coqueiro-de-vênus
PÈRÈGÚN FUNFUN, 313	Dracaena fragans var. Massangeana L.	Coqueiro-de-vênus-nativo Dracena-listrada Dracena-verde-e-amarela Nativo
PÈRÈGÚN KÒ, 313	Dracaena fragans var. Massangeana L.	Coqueiro-de-vênus-nativo Dracena-listrada Dracena-verde-e-amarela Nativo
RINRIN, 314	Peperomia pellucida (L.) Kunth.	Alfavaquinha-de-cobra
SEMIN-SEMIN, 315	Scoparia dulcis L. Scoparia procumbens Jacq. Scoparia ternata Forsk.	Vassourinha-de-oxum Vassourinha-doce Vassourinha Vassourinha-benta Tapixaba
SÈNÍ, 316	Polygala paniculata L.	Barba-de-são-pedro Vassourinha-de- santo-antônio Alecrim-de-santa-atarina Arrozinho
SÈNÍKAWA, 317	Zornia diphylla, Pers. Zornia latifolia, Sm.	Arrozinho Carrapicho Orelha-de-caxinguelê Alfafa-do-campo Urinária
SÈRÈ OBA, 318	Crotolaria retusa L.	Xique-xique Cascaveleira Guizo de cascavel

		Crotolária Chocalho Maraca
ŞEŞÉRE, 319	Echinodorus grandiflorus (Cham. & Schlech.) Mich. Alisma grandiflorum Cham. & Schlech. Echinodorus floribundus (Seub.) Seub. Alisma floribundum Seub. Echinodorus pubescens (Mart.) Seub. Echinodorus muricatus Gris.	Chapéu-de-couro Chá-mineiro Erva-do-brejo Congonha-do-brejo Aguapé
SUKUÍ, 320	Ilex aquifolium L.	Azevinho
TAMANDÉ, 321	Solidago microglossa DC. Solidago chilensis Meyen.	Arnica-do-campo Erva-lanceta Lanceta Espiga-de-ouro Sapé-macho Arnica-do-brasil
TARAPÉ, 322	Polyscias fruticosa L. Polyscias multifidum Hort.	Árvore-da-felicidade Árvore-da-felicidade fêmea
TÉEMI, 323	Cinnamomum zeilanicum Breyne. Cinnamomum aromaticum Arah. Cinnamomum cassia Ness. Laurus cinnamomum L.	Canela Canela-da-índia Canela-do-ceilão Canela-de-cheiro
TEÑÚBE, 324	Eclipta alba (L.) Hassk. Eclipta erecta L. Eclipta prostrata L. Verbesina alba L. Verbesina prostrata L.	Botão-de-santo-antônio Lanceta Erva-de-botão Agrião-do-brejo Pimenta-d'água Surucuína Suricuina Tangaracá Ervanço Cravo-bravo

TÊTÊ, 325-326	Amaranthus viridis L. Amaranthus gracilis Desf.	Caruru Bredo Caruru-de-mancha Caruru-de-porco Caruru-de-soldado
TÊTÊ GÚN, 327-328	Amaranthus spinosus L. Amaranthus diacanthus Raf. Amaranthus caracasanus H.B.K.	Bredo-de-espinho Bredo-bravo Caruru-de-espinho Caruru-bravo
TÊTÊRÊGÚN, 329-330	Costus spicatus Swartz. Costus arabicus Jacq. Costus spicatus Rosc. Alpinia spicata Jacq.	Cana-do-brejo Cana-de-macaco Cana-do-mato Sanguelavô Sangolovô Ubacia
TÓ, 331	Pavonia cancellata Cav. Hibiscus cancellatus L. Malache cancellata (L.) Kuntz Pavonia modesta Mart. Pavonia deltoidea Mart. Pavonia procumbens Cas. Pavonia hirta Klotzch.	Malva rasteira Barba-de-boi (Ba)
TÓTÓ, 332	Alpinia zerumbet (Pers) Burt & Smith. Alpinia Nutans Roscoe. Costus zerumbet Pers. Alpinia aromatica Aubl. Alpinia speciosa K. Schum	Colônia
WÉRÉNJÉ, 333-334	Abrus precatorius L. Abrus abrus Weight. Abrus maculatus Noronha Abrus minor Dess. Abrus paniciflorus Dess. Abrus squamulosus E. Ney	Jequiriti Arvoeiro Olho-de-pombo Tento-miúdo Cipó-de-alcaçuz Tentinho Assacu-mirim Carolina-miúda Tento-da-américa Piriquiti

WOBOMÚ, 335

Dieffenbachia aglaonematifolia
Engl.

Comigo-ninguém-pode-
verde

WOBOMÚ FUNFUN, 336 *Dieffenbachia picta* (Lodd.)
Schott.

Dieffenbachia maculata (Lodd.)
G. Don.

Comigo-ninguém-pode

Índice de Nomes Populares



Abacateiro, 230
Abacaxi, 339
Abecedária, 340
Abóbora, 131
Abóbora d'água, 131
Abóbora-cabocla, 131
Abóbora-de-pescoço, 131
Abóbora-jerimum, 131
Abóbora-moranga, 131
Abre-caminho, 185
Abre-noite-fecha-dia, 82
Açafrão, 307
Açafrão-da-terra, 307
Acariçoba, 56
Acocô, 75
Açoita-cavalo, 388
Adansônia, 302
Adiantum, 353
Agarra-pinto, 142
Agave, 340
Agnocasto, 341
Agnus-castus, 341
Agrião-d'água, 342
Agrião-do-brasil, 342
Agrião-do-brejo, 324
Agrião-do-pará, 106
Aguaceiro, 404
Aguapé, 126, 319
Aguaraá, 193
Aguilha-de-adão, 368
Aiapana, 382
Aipim, 124
Alamanda, 343
Alcânfora, 379
Alcanfoeira, 379
Alcanjoeira, 215
Alecrim, 214
Alecrim-de-angola, 341
Alecrim-de-santa-catarina, 316
Alecrim-do-mato, 344

Aletria, 105
Alface, 293, 345
Alface-d'água, 293
Alfafa-do-campo, 317
Alfavaca, 120
Alfavaca-cheirosa, 120
Alfavaca-de-cobra, 144
Alfavaca-do-campo, 120
Alfavaquinha-de-cobra, 314
Alfazema-brava, 265
Alfazema-de-caboclo, 265
Alfazema-do-brasil, 97
Algodoeiro, 204
Alho, 277, 346
Alicuri, 409
Aloisia, 162
Ajumã, 83
Amaranto, 347
Amargoseira, 233
Amarra-pinto, 142
Ambrosia, 381, 401
Amendoeira (R), 348
Amendoeira-da-Índia, 348
Amerdoim, 134
Amora-preta, 258
Amoreira, 258
Amoreira-preta, 258
Anágua-de-viúva, 140
Anda-assu, 373
Andiroba, 390
Andu, 149
Angelicó, 76
Angelim-ripa, 387
Anhangam, 173
Aniz, 393
Apaga-fogo, 150
Aperta-ruão, 264
Arália-cortina, 55
Aramina, 247
Araruta, 350

Araticum, 236
Araticum-do-grande, 236
Arco-de-pipa, 360
Aricuri, 409
Aridan, 94
Ariós, 107
Arnica-do-brasil, 321
Arnica-do-campo, 321
Aroeira-branca, 72
Aroeira-comum, 71
Aroeira-de-fruto-branco, 72
Aroeira-de-mangue, 72
Aroeira-vermelha, 71
Aroeirinha, 72
Aroma, 384
Aromita, 384
Arranca-pedra, 156
Arrebenta-cavalo, 268
Arroz, 254
Arrozinho, 317
Arruda, 103
Artemísia, 401
Arumbeva, 405
Arvoeiro, 333
Árvore-da-castidade, 341
Árvore-da-felicidade, 322
Árvore-da-felicidade-fêmea, 322
Árvore-da-preguiça, 64
Árvore-da-sede, 93
Árvore-de-bálsamo, 385
Árvore-de-cuia, 227
Árvore-de-são-sebastião, 243
Árvore-do-mamão, 224
Árvore-do-paraiso, 233
Árvore-dos-mil-anos, 302
Assafétida, 352
Assa-peixe, 351
Assacu-mirim, 333
Aveloz, 243
Avenca, 353
Avenca-cabelo-de-vênus, 353
Azeda-de-ourives, 249
Azedinha, 174

Azedinha-do-brejo, 249
Azevinho, 320

Babá, 268
Baba-de-burro, 85
Babado, 88
Babosa, 252
Babosa-brava, 340
Balainho-de-velho, 86
Balaio-de-velho, 210
Bálsamo, 354, 370
Balsamona, 85
Bambu, 119
Banana-do-mato, 372
Bananeira, 290
Bananeirinha-da-índia, 170
Bananinha-de-jardim, 170
Baobá, 302
Barba-de-boi (Ba), 331
Barba-de-pau, 257
Barba-de-são-pedro, 316, 366
Barba-de-velho, 257
Barbatana, 152
Baronesa, 136
Batata-de-jalapa, 129
Batata-de-purga, 129
Batata-de-tejú, 114
Batata-doce, 180
Batatinha, 276
Bate-testa, 206
Bauínia-de-flor-branca, 51
Bauínia-de-flor-rosa, 51
Baúna, 64
Baunilha-da-bahia, 54
Baunilha-de-fava-grande, 54
Baunilha-de-nicuri, 54
Baunilha-silvestre, 54
Beijoeiro, 385
Beldroega, 199
Beldroega-pequena, 199
Beldroega-verdadeira, 199
Bem-me-quer, 110
Benjoeiro, 385
Benjoim, 385

Benzinho, 117
Bergamota, 425
Beri, 170
Bétis-branco, 160
Bétis-cheiroso, 158
Bico-de-papagaio, 285
Bilreiro, 250
Biri, 170
Biriba, 112
Boa-noite, 82, 431
Bobó, 268
Boldo, 154
Boldo paulista, 83
Boldo-brasileiro, 83
Boldo-de-jardim, 154
Boldo-do-reino, 154
Boldo-japonês, 83
Boldo-nacional, 154
Boleira, 373
Bondo, 302
Bonina, 129
Borboleta, 109
Borragem, 193
Borragem-brava, 193
Botão-de-orumilá, 355
Botão-de-ouro, 152, 355
Botão-de-santo-antônio, 324
Branda-fogo, 173
Brasileirinho, 356
Bredo, 167, 325
Bredo-bravo, 327
Bredo-de-espinho, 327
Bredo-de-porco, 142
Bredo-major-gomes, 166
Brilhantina, 186
Brio-de-estudante, 148
Bromil, 316
Bucho-de-rã, 206
Burra-leiteira, 215

Caapeba, 176
Cabaceira, 227
Cabeça-de-boi, 117
Cabeça-de-frade, 411

Cabelo-de-vênus, 353
Caçau, 76
Cacau-do-sudão, 282
Cacauero, 357
Café-do-sudão, 282
Cafeeiro, 358
Caçara, 284
Cajá-amarelo, 231
Cajá-do-sertão, 231
Cajá-mimoso, 231
Cajá-mirim, 231
Cajá-miúda, 231
Cajazeira, 231
Cajazeiro, 231
Cajueiro, 359
Calabaceira, 302
Calancoê-fantasma, 418
Calêndula, 207
Cálice-de-vênus, 88
Camapu, 206
Camará, 58
Camará-de-chumbo, 58
Camará-de-espinho, 58
Cambará, 58
Camboatá, 360
Camboatá-de-capoeira, 360
Camboatá-vermelho, 360
Cambriúva, 192
Campainha, 82, 178
Cana-de-açúcar, 253
Cana-de-jardim, 170
Cana-de-macaco, 329
Cana-do-brejo, 329
Cana-do-mato, 329
Cana-florífera, 170
Cana-ibiri, 170
Canafístula, 217
Canela, 323
Canela-branca, 416
Canela-da-índia, 323
Canela-de-cheiro, 323
Canela-de-velho, 361
Canela-do-ceilão, 323
Canela-louro, 416

Canela-sassafrás, 416
Cânhamo-da-índia, 171
Cânhamo-verdadeiro, 171
Cansanção, 139, 165, 177
Cansanção (AM), 265
Cansanção-de-leite, 177
Capeba-do-norte, 176
Capeba-verdadeira, 176
Capim limão, 275
Capim-amoroso, 133
Capim-carrapicho, 133
Capim-cidrão, 275
Capim-cidreira, 275
Capim-criador, 218
Capim-da-bermuda, 219
Capim-da-cidade, 218
Capim-dandá, 277
Capim-de-burro, 219
Capim-de-conta, 196
Capim-de-nossa-senhora, 196
Capim-fino, 219
Capim-gomoso, 223
Capim-pé-de-galinha, 218
Capim-rosário, 196
Capim-santo, 275
Capitão, 56
Capixaba, 157
Capoeira-branca, 284
Cará-de-corda, 73
Cará-de-sapateiro, 73
Cará-do-ar, 73
Cará-do-pará, 260
Cará-moela, 73
Caraxixu, 164
Cardamomo-do-mato, 109
Carniça, 107
Caroba, 362
Caroba-branca, 366
Carobinha-do-campo, 362
Carolina-miúda, 333
Carqueja, 269
Carrapateiro, 181
Carrapeta, 250
Carrapeta-verdadeira, 250

Carrapeteira, 250
Carrapichinho, 150
Carrapicho, 317
Carrapicho-beiço-de-boi, 191
Carrapicho-de-carneiro, 117
Carrapicho-rasteiro, 117
Cartucho-roxo, 140
Caruru, 167, 325
Caruru (PA), 166
Caruru-açu, 428
Caruru-azedo, 174
Caruru-bravo, 327
Caruru-da-bahia, 308
Caruru-da-guiné, 174
Caruru-de-espinho, 327
Caruru-de-mancha, 325
Caruru-de-porco, 325
Caruru-de-soldado, 325
Cascaveleira, 318
Cássia-do-levante, 384
Castanha-do-brasil, 302
Castanha-do-pará, 302
Castanheira-do-pará, 302
Castanhola (CE), 348
Casuarina, 241
Catajé, 176
Catinga-de-bode, 96
Catinga-de-mulata, 278
Cebola, 79
Cebolinha-branca, 81
Celidônia, 378
Cenoura, 363
Ceriman, 372
Chá-de-frade, 77
Chá-do-brasil, 172
Chá-do-méxico, 381
Chá-mineiro, 319
Chapéu-de-couro, 319
Chapéu-de-napoleão, 364
Chapéu-de-sol, 348
Chico-magro, 192
Chifre-de-veado, 117
Chocalho, 318
Chuchu, 365

Cinamomo, 233
Cinco-chagas, 273, 366
Cinco-folhas, 366
Cinza-fétida, 352
Cipó-caatinga, 292
Cipó-cabeludo, 190
Cipó-caboclo, 367
Cipó-chumbo, 105
Cipó-de-alcaçuz, 333
Cipó-de-leite, 194
Cipó-dourado, 105
Cipó-mil-homens, 76
Cipreste-fúnebre, 229
Cipreste-piramidal, 229
Cipreste-vulgar, 229
Círio-de-nossa-senhora, 368
Coco, 67
Coco-cabeçudo, 409
Coco-da-bahia, 67
Coco-de-purga, 373
Coentro-cravo, 369
Coentro-da-colônia, 369
Coentro-da-índia, 369
Coentro-de-caboclo, 369
Coentro-do-maranhão, 369
Coerana, 242
Cola, 282
Cola-africana, 282
Coleira, 282
Colônia, 332
Comigo-ninguém-pode, 336
Comigo-ninguém-pode-verde, 335
Congonha-do-brejo, 319
Copai, 370
Copaíba, 370
Copaíba-da-varzea, 370
Copaíba-vermelha, 370
Copaibeira, 370
Coqueiro, 67
Coqueiro-da-bahia, 67
Coqueiro-de-vênus, 311
Coqueiro-de-vênus-nativo, 313
Corda-de-viola, 178
Cordão-de-frade, 280

Cordão-de-são-francisco, 280
Cordão-de-sapo, 248
Cordoban, 169
Corindiba, 280
Cooa-de-cristo, 243
Coronácris, 384
Coronha, 384, 411
Corredeira, 152, 215
Corrente, 150
Corriola, 178
Corriola-da-noite, 82
Costa-branca, 296
Costela-de-adão, 372
Cotieira, 373
Couve, 213
Couvetinga, 284
Cravo-bravo, 324
Cravo-da-índia, 374
Cravorana, 401
Crideúva, 192
Crista-de-galo, 193, 347
Crotolária, 318
Cróton, 356
Cruzeirinho, 375
Cuambu, 57
Cubantã, 360
Cuteira, 227
Curraleira, 379
Cuscuta, 105

Dama-da-noite, 82, 88
Dama-do-lago, 126
Datura, 140
Dedal-de-dama, 343
Dendezeiro, 237
Desata-nó, 188
Diamba, 171
Dinheiro-em-penca, 376
Dólar, 377
Dorme-dorme, 91
Dormideira, 91
Dracena, 311
Dracena-listrada, 313

Dracena-verde-e-amarela, 313
Duas-amigas, 203

Embaúba, 64
Emília, 289
Eritrina-candelabro, 285
Erva-andorinha, 156, 215, 378
Erva-azedo, 249
Erva-capitão, 56
Erva-cidreira, 211, 275
Erva-cidreira-do-campo, 211
Erva-conteira, 170
Erva-curraleira, 379
Erva-das-serpentes, 292
Erva-de-alho, 197
Erva-de-bicho, 380
Erva-de-bicho (BA), 136
Erva-de-botão, 324
Erva-de-bugre, 77
Erva-de-cobra, 292
Erva-de-cobre, 215
Erva-de-jurema, 162
Erva-de-lagarto, 77
Erva-de-lavadeira, 127
Erva-de-passarinho, 59
Erva-de-sangue, 215
Erva-de-santa-luzia, 155, 215, 293
Erva-de-santa-maria, 381
Erva-de-são-caetano, 127
Erva-de-são-fiacre, 193
Erva-de-são-joão, 96
Erva-de-são-vicente, 127
Erva-de-veado, 392
Erva-do-brejo, 319
Erva-do-diabo, 68
Erva-do-fígado, 430
Erva-de-sangue, 86, 296, 430
Erva-do-sapo, 249
Erva-doce, 259, 393
Erva-dutra, 292
Erva-fedorenta, 209
Erva-formigueira, 381
Erva-grossa, 287
Erva-gumê, 197

Erva-lanceta, 321
Erva-lucera, 421
Erva-grossa, 392
Erva-mocó, 164
Erva-moura, 164
Erva-mular, 379
Erva-pombinha, 156
Erva-prata, 163
Erva-santa, 382
Erva-saracura, 249
Erva-silvina, 190
Erva-tipi, 197
Erva-tostão, 142
Erva-vintém, 248
Erva-viva, 91
Ervanço, 324, 428
Ervas-das-verrugas, 378
Ervilha-de-angola, 149
Ervilha-do-congo, 149
Escorrega, 86
Espada-de-ogum, 168
Espada-de-santa-bárbara, 169
Espada-de-são-jorge, 168
Espaguete, 105
Espátódea, 240
Espelina-falsa, 60
Esperguta-rasteira, 248
Espiga-de-ouro, 321
Espinheira-santa, 383
Espinheiro, 384, 398
Espinho-de-carneiro, 117
Espinho-de-cigano, 117
Espinho-de-roseta, 133
Espinho, 384
Esponja, 384
Esponjeira, 384
Espora-de-galo, 416
Estiercol-do-diabo, 352
Estoraque, 385
Estoraqueiro, 385
Estramônio, 68
Estrelinha, 355
Eucalipto, 386

Falsa-serralha, 289
Falso-boldo, 154
Falso-iris, 203
Falso-jaborandi, 188
Fava-de-café, 411
Fava-de-exu, 387
Fava-de-obará, 388
Fava-de-omolu, 389
Fava-de-oxum, 390
Fava-de-Xangô, 294
Fava-divina, 391
Fava-elétrica, 364
Fava-pichurim, 416
Faveiro, 87
Fedegoso, 66, 209
Fedegoso-branco, 66
Fedegoso-verdadeiro, 209
Federação, 117
Feijão branco, 148
Feijão-de-árvore, 149
Feijão-fradinho, 145
Feijão-preto, 147
Feto, 226
Figatil, 378
Figo-da-índia, 412
Figueira, 255
Figueira-branca, 255
Figueira-brava, 255
Figueira-do-inferno, 68
Figueira-grande, 255
Folho, 393
Folho-doce, 393
Fios-de-ovos, 105
Fístula-amarela, 217
Flamboyant, 234
Flauta-de-saira, 77
Flor-amarela, 355
Flor-d'água, 293
Flor-da-paixão, 271
Flor-de-ouro, 355
Flor-de-quaresma, 420
Flor-do-paraiso, 234
Folha-da-costa, 287
Folha-da-feiticeira, 152

Folha-da-fortuna, 52
Folha-da-riqueza, 150
Folha-de-fogo, 173
Folha-de-iansã, 173
Folha-de-leite, 194
Folha-de-oxalá, 154
Folha-de-pajé, 209
Folha-de-vintém, 248
Folha-grossa, 52, 287
Folha-imperial, 356
Forno-d'água, 200
Forno-de-jaçanã, 200
Fortuna, 52
Fruta-de-arara, 373
Fruta-de-cotia, 373
Fruta-pão, 220
Fruto-de-cobra, 127
Funeira, 284
Fumo, 141
Fumo-bravo, 284, 392
Fumo-da-mata, 392
Fumo-de-angola, 171
Fumo-do-mato, 295
Funcho, 393
Funcho-romano, 393
Fura-capa, 57
Fura-parede, 156

Gameleira, 255
Gengibre, 394
Gerânio-cheiroso, 208
Gervão, 172
Gervão-azul, 172
Gervão-roxo, 172
Girassol, 286
Goiabeira, 395
Golfo-de-flor-amarela, 305
Golfo-de-flor-branca, 305
Golfo-de-flor-lilás, 305
Golfo-de-flor-vermelha, 305
Goma-resina-assafétida, 352
Gragoatã (SP), 360
Grama-da-bermuda, 219

Gramma-sapo, 218
Gramma-seda, 219
Gravatá-açu, 340
Graviola, 236
Graviola-do-norte, 236
Graxa-de-estudante, 138
Guaco, 292
Guacuri, 279
Guaicuri, 279
Guando, 149
Guanxuma, 99, 304
Guanxuma-fina, 84
Guanxuma-lisa, 304
Guanxuma-preta, 98
Guararema, 415
Guaxima, 84, 99, 247
Guaxima-cor-de-rosa, 247
Guaxima-rosa, 247
Guaxima-roxa, 247
Guiné, 197
Guiné-piú, 197
Guizo de cascavel, 318

Heliotrópio, 193
Hibisco-da-china, 138
Hortelã-pimenta (Rj), 403

Iburarema, 415
Ibir, 170
Imbaúba, 64
Imbondeiro, 302
Ingã, 274
Ingã-banana, 274
Ingã-de-quatro-quinas, 274
Ingã-do-brejo, 274
Ingazeiro, 274
Inhame-cará, 260
Inhame-da-costa, 260
Inhame-da-guiné-branco, 260
Insulina vegetal, 51
Ipê-branco, 366
Iroco, 255
Ivitinga, 388
Iuca-mansa, 368

Jaborandi, 188, 396
Jaborandi-da-mata-virgem, 188
Jaborandi-de-minas, 188
Jaborandi-de-três-folhas, 396
Jaborandi-do-ceará, 188
Jaborandi-manso, 188
Jaborandi-verdadeiro, 396
Jaboticaá, 248
Jaca-de-pobre, 236
Jacarandá-caroba, 362
Jacaré, 417
Jacinto-d'água, 136
Jacuacanga, 193
Jalapa, 129
Jalapão, 114
Jambeiro-rosa, 228
Jambu-açu, 406
Japana, 382
Jaqueira, 90
Jardineira, 208
Jarrinha, 76
Jasmim-de-caiena, 233
Jasmim-da-italia, 397
Jasmim-do-paraguai, 404
Jasmim-manga, 262
Jenipapeiro, 115
Jequiriti, 333
Jequitirana, 270
Jerema, 398
Jerimum, 131
Jibóia, 161
Jitirana, 178
Jitirana-vermelha, 178
Jitô, 250
Joá, 268
Joá-bravo, 268
Jorro-jorro, 364
Juá, 268
Juá-de-capote, 206
Judeu-errante, 433
Junça, 118
Junça-aromática, 277
Junquilha, 397
Junquinho, 118

Juquerionano, 107
Juquiri-rasteiro, 91
Jurema, 398
Jurema-preta, 398
Juremeira, 398
Jureminha, 341
Jurubeba, 272
Juta-azul, 308

Lágrima-de-jó, 196
Lágrima-de-vênus, 109
Lágrimas-de-nossa-senhora, 196
Lambari, 433
Lana-silvestre, 295
Lanceta, 321, 324
Laranja, 399
Laranjinha-branca, 157
Leite-de-nossa-senhora, 155
Leiteirinho, 155
Lentilha-d'água, 293
Levante miúda, 135
Liamba, 171
Licuri, 409
Limão, 400
Limonete, 162
Língua-de-galinha, 84, 157
Língua-de-lagarto, 77
Língua-de-sogra, 168
Língua-de-teiú, 77
Língua-de-tucano, 84
Língua-de-vaca, 167, 392
Língua-de-vaca (BA), 295
Língua-de-vaca-miúda, 295
Lírio-d'água
Lírio-do-brejo, 109
Lírio-roxo-das-pedreiras, 203
Lodagem, 56
Losna-seivagem, 401
Louro-variegado, 356
Lucero, 421

Maçã, 402
Macaé, 265

Macaxeira, 124
Macela-de-são-joão, 96
Maconha, 171
Madrecravo, 421
Mãe-boá, 263
Major-gomes, 167
Malícia, 91
Malícia-de-mulher, 91
Malmequer, 207
Malva, 99
Malva-amarga, 154
Malva-branca, 99
Malva-do-reino (CE), 403
Malva-língua-de-tucano, 84
Malva-maçã, 208
Malva-preta, 98
Malva-rasteira, 331
Malva-rosa, 247
Malva-roxa, 154
Malva-santa, 154
Malva-veludo, 99
Malvaísco, 176, 403
Mamangá, 209
Mamão, 224
Mamoeiro, 224
Mamoeiro-das-antilhas, 224
Mamona, 181
Mamona-branca, 181
Mamona-vermelha, 183
Mamoneira, 181
Manacá, 404
Manacá-cheiroso, 404
Mandacaru, 405
Mandioca, 124
Mangará, 179
Mangareto, 179
Mangarito, 179
Mangueira, 298
Manicoba, 124
Manjerição, 123
Manjerição-comum, 123
Manjerição-de-folha-larga, 121

Manjerição-de-folha-miúda, 123
Manjerição-de-molho, 121
Manjerição-grande, 121
Manjerição-roxo, 122
Manjerico, 150
Manjerioba, 209
Manjerona, 406
Manto-de-cristo, 140
Maraca, 318
Maracujá, 271
Maracujá-comum, 271
Maracujá-de-garapa, 271
Marajoara, 74
Maravilha, 129
Maravilha-do-jardim, 207
Maria-fecha-porta, 91
Maria-gomes, 167
Maria-mole, 223
Maria-preta, 164, 210
Maria-preta-verdadeira, 210
Maria-sem-vergonha, 431
Marianinha (BA), 223
Maricotinha, 144
Marmelada-de-cavalo, 191
Maroto, 117
Mastruço, 175
Mastruço-do-brejo, 248
Mastruz, 175, 381
Mata-cavalo, 268
Mata-pasto, 66, 209
Mata-pasto-liso, 66
Meladinha-verdadeira, 92
Melancia, 111
Melão, 125
Melão-de-água, 65
Melão-de-são-caetano, 127
Melãozinho, 127
Mentrasto, 96
Mentruço, 175
Mentruzo, 175
Mercúrio-do-campo, 265, 379
Mercúrio-do-pobre, 404

Metel, 140
Mexerica, 425
Miguel-pintado (SC), 360
Milagre-de-são-joaquim, 52
Milho, 62
Milho-d'água, 200
Mimo-de-vênus, 138
Mirra, 407
Monstera, 372
Moscadeira, 410
Moscadeira-do-brasil, 410
Mostarda, 184
Motamba, 192
Mucana, 411
Mucuna, 411
Mulungu, 285
Mulungu-do-litoral, 285
Mureré, 293
Murici, 74
Murici-do-campo, 74
Murici-pitanga, 74
Mururé
Mutamba-preta, 388

Namoscada, 410
Não-me-toques, 91
Nativo, 311, 313
Nega-mina, 408
Neves, 265
Nicuri, 409
Nicurizeiro, 409
Nogueira-de-metel, 140
Noz-de-cobra, 364
Noz-de-cola, 282
Noz-moscada, 410
Noz-moscada-do-pará, 416

Óleo-amarelo, 370
Óleo-de-copaíba, 370
Óleo-vermelho, 370
Olho-de-boi, 411
Olho-de-cabra, 387
Olho-de-gato, 107

Olho-de-pombo, 333
Olhos-de-santa-luzia, 223
Omofu, 144
Ora-pro-nóbis, 199
Orelha-de-caxunguelê, 317
Orelha-de-macaco, 194
Orelha-de-veado, 126
Orélia, 343
Orobó, 301

Pajé, 293
Paina-lisa, 93
Palha-de-costa, 245
Palma, 237
Palma-de-cristo, 181
Palma-doce, 412
Palmatória, 412
Palmatória-de-exu, 412
Palmeira-de-guacuru, 279
Pandano, 297
Papaia, 224
Papo-de-peru, 76
Pára-raio, 233
Pára-sol, 56
Paracari, 92
Paraqueda, 295
Paraquedinha, 295
Paratudo, 128, 287
Parietária, 187
Pariparoba, 176
Pata-de-boi, 51
Pata-de-galinha, 218
Pata-de-vaca, 51
Patchuli, 414
Patinho-roxo, 270
Pau-d'água, 311
Pau-d'alho, 415
Pau-de-angola, 341
Pau-de-cantil, 360
Pau-de-lagarto, 77
Pau-de-óleo, 370
Pau-de-praga, 280
Pau-de-santo-inácio, 387
Pau-ripa, 387

Pé-de-elefante, 392
Pé-de-perdiz, 379
Pega-pegá, 191
Pega-pinto, 142
Pepino, 89
Perdiz, 379
Periquito, 154
Perpétua, 86, 128
Perpétua-brava, 128
Perpétua-do-mato, 86
Perpétua-roxa, 86
Petumba, 77
Picão, 57
Picão-preto, 57
Picão-roxo, 96
Pichulim, 416
Pichuri, 416
Pichurim, 416
Pico-pico, 57
Pimenta-d'água, 324
Pimenta-da-costa, 102
Pimenta-da-guiné, 112
Pimenta-de-galinha, 164
Pimenta-de-macaco, 112, 158
Pimenta-de-negro, 112
Pimenta-do-reino, 101
Pimenta-dos-monges, 341
Pimenta-malagueta, 100
Pimenteira-do-peru, 71
Pincel, 289
Pincel-de-estudante, 289
Pindaíba, 112
Pinha-queimadeira, 177
Pinhão, 113
Pinhão-roxo, 114
Pinhão-branco, 113
Pinhão-de-barbados, 113
Pinhão-de-purga, 113
Piolho-de-padre, 57
Piriquiteira, 192
Piriquiti, 333
Pita, 340
Pitangueira, 261

Piteira, 340
Pixirica, 173
Planta-da-vida, 417
Pluma-de-névoa, 162
Pó-de-arroz, 129
Poaia-botão, 269
Poaia-preta, 269
Poaia-rosário, 269
Poejo, 419
Poejo-do-brejo, 265
Pomo-espinhoso, 68
Portulaca, 199
Primavera-de-caiena, 178
Purga-de-gentio, 373

Quaresma, 420
Quaresmeira, 420
Quaresmeira-rasteira, 153
Quaresmeira-roxa, 420
Quaresmunha-rasteira, 153
Quatro-patacas, 343
Quebra-pedra, 155, 156
Queimadeira, 177
Quelidônia, 378
Quiabo, 246
Quiabo-roxo, 174
Quitoco, 421

Rabo-de-lagarto, 168
Rabujo, 92
Rainha-do-lago, 126
Rainha-dos-lagos, 200
Rama-de-leite, 194
Remédio-de-vaqueiro, 120
Repolho, 211
Retirante, 117
Romanzeiro, 61
Rosa-branca, 422
Rosa-francesa, 423
Rosa-pedra, 417
Rosa-rubra, 423
Rosa-vermelha, 423

Rosela, 174
Rosmarinho, 97, 214
Rubim, 280

Sabugueiro, 104
Saia-branca, 88
Saia-roxa, 140
Saião, 287
Salsa, 189
Salsa-brava, 221
Salsa-da-praia, 221
Salsa-pé-de-cabra, 221
Salsaparrilha, 424
Salva, 244
Salva-das-boticas, 244
Salva-do-brasil, 211
Salva-dos-jardins, 244
Sálvia, 244
Samambaia, 257
Samambaia-de-poço, 295
Samambaiaçu, 226
Sândalo, 162
Sangolovô, 329
Sanguelavô, 329
Sanguelavô cabeludo, 417
Sanguineira, 295
Santa-bárbara, 233
Santa-maria, 343
São-gonçalinho, 77
Sapê, 130
Sapé-macho, 321
Sapodilho, 281
Sapota, 281
Sapotilha, 281
Sapotilheiro, 281
Sapotizeiro, 281
Sensitiva, 91
Seringueira, 389
Seriúva, 192
Serralha-mirim, 289
Sete-chagas, 86
Sete-copas, 348

Sete-sangrias, 86
Silva-da-praia, 107
Soldinha, 190
Sossoia, 392
Suçuaia, 392
Sumaúma, 93
Sumaúma-da-várzea, 93
Sumaúma-verdadeira, 93
Suricuína, 324
Surucuína, 324
Suspiro-roxo, 128
Sussuaiá, 392

Tabacarana, 421
Tabaco, 141
Taioba, 108, 179
Tajá, 179
Taleira, 192
Tamarineiro, 70
Tamba-tajá, 309
Tangaraca, 142, 324
Tangerina, 425
Taperebá, 231
Tapete-de-oxaiá, 154
Tapete-de-oxossi, 418
Tapete-de-oxum, 417
Tapira, 295
Tapira-coiana, 217
Tapixaba, 315
Taquari, 216
Taquaril, 216
Tararaçu, 209
Tatajuba, 255
Tentinho, 333
Tento-da-américa, 333
Tento-miúdo, 333
Timbete, 133
Tinge-ovos, 105
Tipi-verdadeiro, 197
Tira-teima, 55
Tinri, 193
Tiririca, 118, 277

Tiririca-amarela, 118
Tiririca-mansa, 118
Tiririca-vermelha, 277
Tolonga, 280
Tomate, 426
Transagem, 202
Trapoeraba, 223
Trapoeraba-roxa, 433
Treme-treme, 106
Três-quinas, 118
Trevo-aquático, 201
Trevo-da-fortuna, 201
Trevo-de-quatro-folhas, 201
Trombeta-branca, 88
Trombeta-cheirosa, 88, 140
Trombeta-de-anjo, 88
Trombeta-roxa, 140
Trombetão-branco, 88
Trombeteira, 68, 140
Tulipeira, 240
Tulipeira-africana, 240
Tupitixá, 304
Tupixá, 304

Uaco, 292
Ubacaia, 329
Ubatanga, 388
Umbaíba, 64
Umbaúba, 64
Unha-de-anta, 51
Unha-de-boi, 51
Unha-de-vaca, 51
Urinária, 317
Urtiga, 177, 267
Urtiga-brava, 265
Urtiga-cansação, 177
Urtiga-da-bahia, 165
Urtiga-de-fogo, 165
Urtiga-de-folha-grande, 139
Urtiga-do-reino, 165
Urtiga-mamão, 177
Urtiga-miúda, 267
Urtiga-queimadeira, 165, 267

Urtiga-vermelha, 165
Urtigão, 265
Urtiguilha, 165
Urucu, 307
Urucum, 307
Urucuri-iba (PE), 409
Urumbeba, 405
Uva, 427
Uva-italia, 427
Uva-moscatel, 427
Uva-rosada, 427
Uva-rubi, 427

Vassatonga, 77
Vassourinha, 175, 304, 315, 316
Vassourinha-benta, 315
Vassourinha-de-botão, 269
Vassourinha-de-oxum, 315
Vassourinha-de-relógio, 98
Vassourinha-de-santo-antônio, 316
Vassourinha-doce, 315
Velame, 428
Velame-amarelo, 428
Velame-do-campo, 428
Velame-verdadeiro, 379

Veludo, 347
Vence-demanda, 303
Vence-demanda (BA), 429
Verbena, 430
Verbena-sagrada, 430
Verônica, 172
Vestido-de-noiva, 88
Videira, 427
Vinagreira, 174
Vinca, 431
Vinca-de-gato, 431
Vinca-de-madagascar, 431
Vintém, 248
Visgueiro, 87
Vitória-régia, 200
Viuvinha, 433
Vorniqueira, 381

Xaxim, 226
Xique-xique, 318

Zabumba-branca, 88
Zabumba-roxa, 140
Zanzo, 98

Índice de Nomes Científicos

- Abelmoschus esculentus* (L.) Moench., 246
Abrus abrus Weight., 333
Abrus maculatus Noronha, 333
Abrus minor Dess., 333
Abrus paniciflorus Dess., 333
Abrus precatorius L., 333
Abrus squamulosus E. Ney, 333
Acacia farnesiana (L.) Willd., 384
Acacia hostilis Benth., 398
Acacia jurema Mart., 398
Acanthospermum hispidum DC., 117
Achras sapota Jacq., 281
Achras sapota L., 281
Achras sapota Mill., 281
Acmella brasiliensis Spreng., 110
Acmella linnaei Cass., 106
Adansonia digitata L., 302
Adiantum capillus veneris L., 353
Admirabilis peruana Nieuwl., 129
Aframomum melegueta (Roscoe)
 K. Schum., 102
Agave Americana L., 340
Ageratum conyzoides L., 96
Ageratum maritimum H.B.K., 96
Ageratum mexicanum Sims., 96
Ageratum obtusifolium Lam., 96
Albletta trifoliata Pers., 144
Alisma floribundum Seub., 319
Alisma grandiflorum Cham. & Schlecht., 319
Allamanda aubletii Pohl., 343
Allamanda cathartica L., 343
Allamanda grandiflora Lam., 343
Allamanda latifolia Presl., 343
Allium aescalonicum L., 81
Allium cepa L., 79
Allium sativum L., 346
Aloe barbadensis Mill., 252
Aloe elongata Murr., 252
Aloe vera L., 252
Aloe vulgaris Lam., 252
Alpinia aromatica Aubl., 332
Alpinia Nutans Roscoe., 332
Alpinia speciosa K. Schum., 332
Alpinia spicata Jacq., 329
Alpinia zerumbet (Pers) Burt & Smith., 332
Alternanthera ficoidea brachiata (Moq.)
 Uline & Bray., 150
Alternanthera ficoidea var. *diffusa*
 Kuntze., 150
Alternanthera tenella Colla., 150
Amaranthus caracasanus H.B.K., 327
Amaranthus diacanthus Raf., 327
Amaranthus gracilis Desf., 325
Amaranthus spinosus L., 327
Amaranthus viridis L., 325
Ambrina ambrosoides Spach., 381
Ambrina antihelminthica Spach., 381
Ambrosia artemisiifolia L., 401
Ambrosia elatior L., 401
Amphirephis intermedia Link., 86
Anacardium occidentale Lin., 358
Ananas comosus (L.) Merr., 339
Ananas sativus Schult. var. *microstachys*,
 339
Ananas sativus Schult. var. *pyramidalis*
 Bert., 339
Anantherum bicornis Pöhl. et Beauv., 130
Anantherum caudatum Schult.
Anda brasiliensis Raddi, 373
Anda gomesii Juss., 373
Anda pisonis Mart., 373
Andicus pentaphyllus Vell., 373
Anethum foeniculum L., 393
Annona muricata L., 236
Arachis hypogaea L., 134
Aralia guilfoylei Bull., 55

Aristolochia cymbifera Mart., 76
Artemisia elatior L., 401
Artocarpus communis J.R.Forst & G.Forst., 220
Artocarpus incisa L., 220
Artocarpus integrifolia L. f., 90
Arum esculentum Vent., 108
Atriplex ambrosoides Crautz., 381
Attalea princeps M., 279

Baccharis bracteata Hooker et Arnott., 344
Baccharis dracunculifolia DC., 344
Baccharis paucidentata Schultz Bipontinus., 344
Bacetyllobium fistula Willd., 217
Bacetyllobium ferrugineum Schrad., 217
Bambusa vulgaris Schrad., 119
Bauhinia candicans Benth., 51
Bauhinia forficata Link., 51
Bauhinia purpurea L., 51
Begonia acida Vell., 249
Begonia bahiensis D.C., 249
Begonia fischeri Schrank., 249
Bertholletia excelsa H.B.K., 302
Bertholletia nobilis Miers., 302
Bidens pilosa L., 57
Bignonia brasiliana Lam., 362
Bignonia leucantha Vell., 366
Bixa orellana L., 307
Bixa americana Poir., 307
Bixa urucurana Wild., 307
Boerhaavia caribea Jacq., 142
Boerhaavia coccinea Miller., 142
Boerhaavia decumbens Vahl., 142
Boerhaavia diffusa L., 142
Boerhaavia hirsuta Willd., 142
Boerhaavia paniculata Rich., 142
Boerhaavia viscosa Lag. & Rod., 142
Bombax orientale Spreng., 93
Bombax pentandrum L., 93
Borreria commutata Spreng., 269
Borreria stricta Mey., 269
Borreria thymocephala Gris., 269

Borreria verticillata (L.) G.F.W.Meyer., 269
Brassica campestris L., 184
Brassica campestris L. var. *rapa* Hartm., 184
Brassica oleracea var. *acephala* L., 213
Brassica oleracea var. *capitata* L., 211
Brassica rapa L., 184
Brassica rapa L. ssp. *sylvestris* (L.) Janchen., 184
Brillantaisia lamium (Ness) Benth., 137
Bromelia ananas L., var. *pyramidalis* Arr. Cam., 339
Brugmansia suaveolens Bercht & Presl., 88
Brunfelsia australis Benth., 404
Brunfelsia hopeana Benth., 404
Brunfelsia latifolia Pohl., 404
Brunfelsia uniflora (Pohl) D.Don., 404
Bryophyllum calcinum Salisb., 52
Bryophyllum pinnatum (Lam.) Oken., 52
Bucholzia polygonoides var. *diffusa* Mart., 150
Byrsonima cotinifolia H.B.K., 74
Byrsonima crassifolia (L.) H.B.K., 74
Byrsonima ferruginea Bth., 74
Byrsonima lanceolata D.C., 74

Cacalia mentrasto Vell., 96
Cactus cochenillifer L., 412
Caesalpinia bonduc (L.) Roxb., 107
Cajanus cajan (L.) Mill., 149
Cajanus flavus DC., 149
Cajanus indicus Spreng., 149
Calendula officinalis L., 207
Calonyction aculeatum Choisy, 82
Calonyction bona-nox (L.) Boj., 82
Canna indica L., 170
Cannabis sativa L., 171
Capsicum brasilianum Cluss., 100
Capsicum frutescens L., 100
Carapa procera, 390
Carica hermaphrodita Blanco., 224
Carica mamaia Vell., 224
Carica papaya L., 224

Caryophyllus jambos Stokes., 228
Caryophyllus aromaticus L., 374
Casearia caudata Uitt., 77
Casearia ovoidea Sleum., 77
Casearia parviflora Willd., 77
Casearia punctata Spreng., 77
Casearia samyda (Gaert.) DC., 77
Casearia subsessiliflora Lund., 77
Casearia sylvestris Sw., 77
Cassia amazonica Ducke., 217
Cassia ferruginea Schrad., 217
Cassia fistula L., 217
Cassia multifuga Rich., 217
Cassia obtusifolia L., 66
Cassia occidentalis L., 209
Casuarina equisetifolia L., 241
Catharanthus roseus (L.) G.Don., 431
Cecropia hololeuca Miq., 64
Cecropia palmata Willd., 64
Cecropia peltata Vell., 64
Ceiba pentandra (L.) Gaert., 93
Celosia cristata L., 347
Celtis canescens H.B.K., 192
Celtis micrantha Sw., 192
Celtis schiedeana Schl., 192
Cenchrus brevisetus Fourn., 133
Cenchrus echinatus L., 133
Cenchrus pungens H.B.K., 133
Centratherum intermedium Less., 86
Centratherum punctatum Cass., 86
Centrosema brasilianum (L.) Bth., 270
Cereus jamacaru D.C., 405
Cereus peruvianus Mill., 405
Cestrum axillare Vell., 242
Cestrum bracteatum Link., 242
Cestrum laevigatum Sch., 242
Cestrum multiflorum Schott., 242
Chamaesyce hirta (L.) Millsp., 155
Chamaesyce prostata (Ait.) Small., 155
Chaptalia nutans (L.) Polack., 296
Chelidonium majus L., 378
Chenopodium ambrosoides L., 381

Chenopodium antihelminthicum L., 381
Chloris repens Steud., 218
Chlorocyperus aureus Pall., 118
Cinnamomum aromaticum Arah., 323
Cinnamomum cassia Ness., 323
Cinnamomum zeilanicum Breyne., 323
Citrosma guianensis Tull., 408
Citrullus citrull (L.) Karst., 65
Citrullus lanatus (Thunb.) Mansf., 111
Citrullus vulgaris Schrad., 111
Citrus aurantium L., 399
Citrus limonia Osb., 400
Citrus nobilis Lour., 425
Clidemia crenata D.C., 173
Clidemia elegans Don., 173
Clidemia hirta Bail., 173
Clinopodium imbricatum Vell., 265
Clitoria guianensis Benth., 60
Cnidocolus urens (L.) Arth., 177
Cocos coronata Mart., 409
Cocos nucifera L., 67
Codiaeum medium Bail., 356
Codiaeum pictum Hook., 356
Codiaeum variegatum Blume, 356
Coffea arabica L., 358
Coix lacryma L., 196
Coix lacryma-jobi L., 196
Cola acuminata (P.Beauv.) Sch. & Endl., 282
Cola nitida Vent., 282
Coleus ambroinicus Benth., 403
Coleus barbatus Benth., 154
Commelina agraria Kunth., 223
Commelina aquatica J.K.Morton., 223
Commelina communis Benth., 223
Commelina diffusa Burm. F., 223
Commelina longicaulis Jacq., 223
Commelina zebrina Hort., 433
Commiphora molmol Engler., 407
Commiphora myrrha (Ness.) Baillon., 407
Commiphora sp., 407
Convolvulus aculeatus var. *bona-nox* L., 82

Convolvulus aculeatus L., 82
Convolvulus brasiliensis L., 221
Convolvulus pes-caprae L., 221
Conyza linearifolia Sprengel., 344
Conyza sagittalis Lam., 421
Copaifera jacquini Desf., 370
Copaifera jasquiniana Don., 370
Copaifera langsdorffii Desf., 370
Copaifera officinalis L., 370
Copaiva officinalis Jacq., 370
Corchorus olitorius L., 308
Costus arabicus Jacq., 329
Costus spicatus Rose., 329
Costus spicatus Swartz., 329
Costus zerumbet Pers., 332
Crataeva gorarema Vell., 415
Crescentia cujete L., 227
Crotolaria guyanensis Aubl., 60
Crotolaria longifolia Lam., 60
Crotolaria retusa L., 318
Croton antisiphyliticus Mart., 379
Croton campestris Mart., 428
Croton perdiceps St. Hil., 379
Croton pictus Lodd., 356
Croton variegatus L., 356
Cucumis africanus Luidl., 127
Cucumis melo L., 125
Cucumis sativus L., 89
Cucurbita argyrosperma Huber., 131
Cucurbita citrullus L., 111
Cucurbita maxima Duch., 131
Cucurbita moschata (Duch. ex Lam.)
 Duch. ex Poir., 131
Cucurbita pepo L., 131
Cucurbita potiro Pers., 131
Cupania clethroides Mart., 360
Cupania uruguensis W. Hook., 360
Cupania vernalis Camb., 360
Cuphea aperta Koelm., 85
Cuphea balsamona Ch. & Sch., 85
Cuphea divaricata Pohl., 85

Cupressus funebris Endl., 229
Cupressus pyramidalis Targ., 229
Cupressus sempervirens L., 229
Curcas indica A. Rich., 113
Curcas purgans Manhem., 113
Cuscuta citricola Schl., 105
Cuscuta racemosa Mart., 105
Cuscuta suaveolens Lechler., 105
Cymbopogon citratus (DC) Stapf., 275
Cymbopogon citriodorus Link., 275
Cymbopogon schoenanthus Spreng., 275
Cynodon dactylon (L.) Pers., 219
Cynodon indicus Rasp., 218
Cynodon linearis Willd., 219
Cynosurus indicus L., 218
Cyperus aureus Ten., 118
Cyperus esculentus L., 118
Cyperus hexastachyos Rottb., 277
Cyperus nervosus Bert., 118
Cyperus rotundus L., 277
Cyperus tetrastachyos Desf., 277
Cyperus tuberosus Pursh., 118

Datura alba Ness., 140
Datura cornucopaea Hort. ex W.W., 140
Datura fastuosa L., 140
Datura gardneri Hook., 88
Datura metel L., 140
Datura pseudostramonium Sieb., 68
Datura stramonium L., 68
Datura tatula L., 68
Daucos carota L., 363
Davali americana D.C., 367
Davila brasiliensis D.C., 367
Davila rugosa Poir., 367
Delonix regia (Boj. ex Hook.) Raf., 234
Desmodium adscendens (Sw.) DC., 191
Dicksonia sellowiana H.B.K., 226
Dieffenbachia aglaonematifolia Engl., 335
Dieffenbachia picta (Lodd.) Schott., 336
Dieffenbachia maculata (Lodd.) G. Don.,
 336

Digitaria dactylon Scop., 219
Dimorphandra megacarpa Rolfe., 87
Dioclea glabra Benth., 411
Dioclea sclerocarpa Ducke., 411
Dioclea violacea, Mart. ex Benth., 411
Dioscorea bulbifera L., 73
Dioscorea rotundata Poir., 260
Dolichos altissimus Vell., 411
Dracaena fragans (L.) Ker Gawl., 311
Dracaena fragans var. *Massangeana* L., 313
Drymaria cordata (L.) Willd., 248
Drymaria diandra Blume., 248
Dysodium divaricatum Rich., 355

Echinodorus floribundus (Seub.) Seub.,
 319
Echinodorus grandiflorus (Cham. &
 Schlech.) Mich., 319
Echinodorus muricatus Gris., 319
Echinodorus pubescens (Mart.) Seub., 319
Eclipta alba (L.) Hassk., 324
Eclipta erecta L., 324
Eclipta prostrata L., 324
Eichhornia azurea (Swartz.) Kunth., 136
Eichhornia crassipes (Mart.) Soms., 126
Eichhornia speciosa Kunth., 126
Elaeis guineensis Jacq., 237
Elaeis guineensis L., 237
Elephantopus cernuus Vell., 392
Elephantopus martii Grah., 392
Elephantopus mollis H.B.K., 392
Elephantopus tomentosus L., 392
Eleusine gracilis Salisb., 218
Eleusine indica (L.) Gaertn., 218
Emilia sagittata (Vahl) DC., 289
Entada sp., 294
Eriophorus javanica Rumph., 93
Eryngium foetidum L., 369
Erythrina speciosa Andrews., 285
Eucalyptus globosus Labil., 386
Eugenia caryophyllata Thunb., 374

Eugenia indica Mich., 261
Eugenia jambos L., 228
Eugenia micheli Lam., 261
Eugenia pitanga Berg., 261
Eugenia uniflora L., 261
Eupatorium ayapana Vent., 382
Eupatorium ballotaefolium H.B.K., 210
Eupatorium hecatanthus Bak., 58
Eupatorium odoratum L., 375
Eupatorium triplinerve Vahl., 382
Euphorbia capitala Lam., 215
Euphorbia chamaesyce L. sensu Smith &
 Downs., 155
Euphorbia gemella Lag., 215
Euphorbia gymnoclada Boss., 243
Euphorbia heterodoxa Muell., 243
Euphorbia hirta L., 215
Euphorbia ophthalmica Pers., 215
Euphorbia procumbens DC., 215
Euphorbia prostata Ait., 155
Euphorbia rhipsaloides Lem., 243
Euphorbia tirucalli L., 243
Euphorbia viminalis Mill., 243

Ferula asafoetida L., 352
Ferula foetida (Bunge) Regel., 352
Ferula marthex Boissier., 352
Ferula sp., 352
Ficus doliana M., 255
Foeniculum officinale All., 393
Foeniculum vulgare Mill., 393

Gallesia gorazema (Vell.) Miq., 415
Gallesia integrifolia (Spreng.) Harms., 415
Garcinia kola Heckel., 300
Garcinia livingstoni T. Anders., 300
Gardenia genipa Sw., 115
Genipa americana L., 115
Genipa americana Vell., 115
Genipa brasiliensis Mart., 115
Genipa caruto H.B.K., 115

Genipa rumilis Vell., 115
Gnaphalium suaveolens Vell., 421
Gomphrena celosioides Mart., 128
Gomphrena globosa L., 128
Gossypium barbadense L., 204
Guarea aubletii Juss., 250
Guarea guara Wilson., 250
Guarea guidonia (L.) Sleumer., 250
Guarea surinamensis Miq., 250
Guarea trichillioides L., 250
Gymnanthes brasiliensis Muel. Arg., 157

Hedychium coronarium Koenig., 109
Hedychium flavescens Carly., 109
Hedychium flavum Roscoe., 109
Hedychium sulphureum Wall., 109
Hedysarum adscendens Sw., 191
Heeria elegans Schlecht., 153
Heeria procubens Naudin., 153
Helianthus annuus L., 286
Heliotropium cordifolium Moench., 193
Heliotropium foetidum Salisb., 193
Heliotropium horminifolium Mill., 193
Heliotropium indicum DC., 193
Heliotropium indicum L., 193
Heterocentron elegans O. Kuntze., 153
Hibiscus cancellatus L., 331
Hibiscus esculentus L., 246
Hibiscus rosa-sinensis L., 138
Hibiscus sabdariffa L., 174
Hibiscus sinensis Hort., 138
Hibiscus trisectus Bertol., 177
Hieronias scabra Vell., 367
Hippobroma longiflora Don., 397
Hydrocotyle bonariensis Lam., 56
Hydrocotyle multiflora Ruiz & Pav., 56
Hydrocotyle umbellata L. var. *bonariensis* (Lam.) Spreng., 56
Hyptis carpinifolia Benth., 97
Hyptis mollissima Bth., 278
Hyptis pectinata (L.) Poit., 265

Iboza riparia N.E.Brawn., 162
Ilex aquifolium L., 320
Imperata brasiliensis Trinius, 130
Imperata exaltata L., 130
Inga marginata Willd., 274
Inga uruguensis Hooker et Arnott., 274
Ipomoea alba L., 82
Ipomoea batatas (L.) Poir. & Lam., 180
Ipomoea biloba (Roseb.) Forsk., 221
Ipomoea bona-nox L., 82
Ipomoea brasiliensis (L.) G.F.W. Mey., 221
Ipomoea coccinea L. var. *hederifolia*, 178
Ipomoea hederifolia L., 178
Ipomoea pes-caprae (L.) R. Br., 221
Ipomoea salzmanii Choisy., 276
Ipomoea sanguinea Vahl., 178
Isotoma longiflora (Willd.) Presl., 397

Jacaranda brasiliensis Person., 362
Jacaranda brasiliensis D.C., 362
Jacaranda caroba D.C., 362
Jalapa dichotoma (L.) Crantz., 129
Jambosa jambos Mill., 228
Jatropha curcas L., 113
Jatropha gossypifolia L., 114
Jatropha urens Muell. Arg., 177
Johannesia princeps Vell., 373
Justicia gendarussa Burm., 429
Justicia violacea L., 429

Kalanchoe brasiliensis Camb., 287
Kalanchoe crenata (Andr.) Haw., 287
Kalanchoe gastonis bonnierii Hamet. & Ferr., 417
Kalanchoe pinnata Pers., 52
Kalauchoe waldheimi, 418

Labiabe vulgaris var. *Albiflorus*, 148
Lactuca sativa L., 345
Lantana camara L., 58
Lantana undulata Schr., 58

Laportea aestuans (L.) Chew., 139
Lasiandra fontanesiana DC., 420
Laurus cinnamomum L., 323
Laurus persea Linn., 230
Leonotis nepetaefolia Schimp. ex Benth., 280
Leonotis nepetifolia (L.) W.T.Aiton., 280
Leonurus nepetaefolius Mill., 280
Lepidium sativum L., 175
Lerna nutans DC., 296
Lippia geminata Gardn., 211
Lithagrostis lacryma-jobi (L.) Gaert., 196
Lithraea aroeirinha March., 72
Lithraea molleoides (Vell.) Engl., 72
Lobelia longiflora L., 397
Lochnera rosea, 431
Loranthus brasiliensis Lank., 59
Loranthus marginatus Lam., 59
Lucea grandiflora, 388
Lycopersicum esculentum Mill., 426
Lygodium volubile Sw., 185

Malache cancellata (L.) Kuntz., 331
Mangifera indica L., 298
Manihot esculenta Crantz., 124
Manihot utilisissima Pohl., 124
Maranta arundinacea L., 350
Marsilea quadrifolia L., 201
Maytenus ilicifolia Mart., 383
Meibomia adscendens (Sw.) Kuntze, 191
Melampodium divaricatum DC., 355
Melampodium paludosum H.B.K., 355
Melampodium rhomboideum DC., 355
Melastoma albicans Sw., 361
Melastoma elegans Aubl., 173
Melastoma fontanesii Spreng., 420
Melastoma granulosa Desr., 420
Melastoma hirtum L., 173
Melia azedarach L., 233
Melothria pendula Sieb., 127
Mentha citrata L., 135

Mentha pulegium L., 419
Merostachys donax L., 216
Miconia albicans (Sw.) Trin., 361
Mikania glomerata Spreng., 292
Mikania guaco Humboldt., 292
Mimosa dormens H.B.K., 91
Mimosa farnesiana L., 384
Mimosa hostilis Benth., 398
Mimosa pudica L., 91
Mimosa sensitiva L., 91
Mirabilis dichotoma L., 129
Mirabilis jalapa L., 129
Mirabilis odorata L., 129
Momordica charantia L., 127
Momordica elegans Salisb., 127
Momordica muricata Willd., 127
Momordica senegalensis Lam., 127
Monnieta trifolia Aubl., 144
Monstera adansonii Schott., 273
Monstera deliciosa Liemb., 372
Monstera lennea Kock., 372
Monstera pertusa Schott., 273
Morus nigra L., 258
Moschosma riparium Hochst., 162
Musa sapientum L., 290
Myristica aromatica Lam., 410
Myristica fragans Hoult., 410
Myristica moschata Thunb., 410
Myristica officinalis L., 410
Myrtus brasiliensis L., 261
Myrtus caryophyllus Spreng., 374
Myrtus jambos H.B.K., 228

Nasturtium officinale R.Br., 342
Nectandra lanceolata Nees et Mart ex Ness., 416
Nectandra orenadum Mart., 416
Nectandra pichurim (H.B.K.) Mez., 416
Nectandra weddellii Meissn., 416
Neomartia caerulea Sprague., 203
Nepeta pectinata Linn., 265

Neurocarpum angustifolium Kunth., 60
Neurocarpum logifolium Mart., 60
Newbouldia laevis Seem., 75
Nicotiana macrophylla Spreng., 141
Nicotiana tabacum L., 141
Nopalea cochenillifera (L.) Lyons., 412
Nothopanax guilfoylei Merr., 55
Nuphar luteum Sibth. et Smith., 305
Nyctago mirabilis DC., 129
Nymphaea alba L., 305
Nymphaea caerulea Andr., 305
Nymphaea capensis Thunb., 305
Nymphaea rubra Roxb. ex Salisb., 305
Nymphaea victoria Sch., 200

Ocimum basilicum L., 121
Ocimum basilicum purpureum Hort., 122
Ocimum gratissimum L., 120
Ocimum minimum L., 123
Opuntia cochenillifera (L.) Mill., 412
Origanum majorana L., 406
Ormosia arborea, 387
Oryza sativa L., 254
Ottonia anisum Sprengel., 188

Palma spinosa Miller., 237
Pandanus veitchii Hort., 297
Papaya communis Noronha, 224
Papaya edulis Boj., 224
Papaya papaya Karst., 224
Parietaria officinalis L., 187
Parkia multijuga Benth., 87
Parquetina nigrescens, (Afzel) Bullock., 194
Passiflora edulis Sims., 271
Pavonia cancellata Cav., 331
Pavonia deltoidea Mart., 331
Pavonia hirta Klotzch., 331
Pavonia modesta Mart., 331
Pavonia procumbens Cas., 331
Pelargonium odoratissimum (L.) Ait., 208

Peperomia pellucida (L.) Kunth., 314
Periploca nigrescens Afzel., 194
Persea americana Mill., 230
Persea gratissima G., 230
Persea persea Cocherell., 230
Petiveria alliacea L., 197
Petiveria tetrandra Gomez, 197
Petroselinum sativum L., 189
Phaseolus vulgaris L., 147
Philodendron pertusum Kunt. et Bouché., 372
Phlomis nepetaefolia L., 280
Phoradendron crassifolium Pohl. et Sichel., 59
Phthirusa abdita S. Moore., 59
Phthirusa pyrifolia Eichl., 59
Phthirusa teobromae Baill., 59
Phyllanthus amarus Schum. & Thonn., 156
Phyllanthus corcovadensis Muell. Arg., 156
Phyllanthus niruri Fawc. & Rendle, 156
Phyllanthus niruri L., 156
Phyllanthus tenellus Roxb., 156
Phyllanthus urinaria Wall., non L., 156
Physalis angulata L., 206
Pilea microphylla Liebm., 186
Pilea microphylla Miq., 186
Pilea muscosa Lindl., 186
Pilea nummularifolia Wedd., 376
Pilocarpus jaborandi Holmes., 396
Pilocarpus pinnatifolius L., 396
Pimpinella anisum L., 259
Piper aduncum Vell., 264
Piper amalago L., 158
Piper amalago L., var. *medium* (Jacq.) Yunker, 158
Piper amplum Kunth., 303
Piper angustifolium R. et P., 158
Piper arboreum Aubl., 303
Piper arboreum Aubl., var. *Arboreum*, 303
Piper cabralanum C.Dc., 158

Piper chimonanthifolium Kunth., 264
Piper eucalyptifolium Rudz., 158
Piper gaudichaudianum Kunth., 264
Piper jaborandi Gaud., 188
Piper mollicomum Kunth., 264
Piper nigrum L., 101
Piper regnellii Kunth., 158
Piper rivinoides Kunth., 160
Piper tectoniifolium Kunth., 158
Piper truncatum Vell., 264
Piper tuberculatum Jacq., 158
Piper umbellatum L., 176
Pistia occidentalis Blume., 293
Pistia stratiotes L., 293
Plantago major L., 202
Plectranthus australis Linn., 377
Plectranthus nummularius Briq., 377
Pleroma granulosa Don., 420
Pluchea quitoc DC., 421
Pluchea sagittalis (Lam.) Cabr., 421
Pluchea suaveolens (Vell.) O. Kuntze., 421
Plumeria drastica M., 262
Pogostemon patchouly Pelletier., 414
Polygala paniculata L., 316
Polygonum persicaria L., 380
Polypodium vacciniifolium Langsd & Fischer, 190
Polyscias fruticosa L., 322
Polyscias guilfoylei Bailey., 55
Polyscias multifidum Hort., 322
Pondetaria crassipes Mart., 126
Pontederia aquatica Vell., 136
Pontederia azurea Sw., 136
Portulaca marginata H.B.K., 199
Portulaca neglecta Mackenzie & Bush., 199
Portulaca oleracea L., 199
Portulaca retusa Engelmann., 199
Pothomorphe umbellata (L.) Miq., 176
Pothos aureus Lind. ex Andre., 161
Psidium cattleianum, 349
Psidium guajava L., 395

Psidium guayava Rad., 395
Psidium pyriferum L., 395
Psittacanthus calyculatus (DC) G. Don., 59
Punica granatum L., 61
Pyrus malus L., 402

Quamoclit hederifolia (L.) Choisy., 178

Rhamnus micrantha L., 192
Raphia vinipra P. Beaw., 245
Rhoeo discolor (L'Hérit.) Hance., 169
Rhoeo spathacea (Sw.) Stearn., 169
Ricinus communis L., 181
Ricinus digitatus Nor., 181
Ricinus hybridus Bess., 181
Ricinus leucocarpus Bert., 181
Ricinus sanguineus Hoot., 183
Rosa centifolia L., 422
Rosa galica L., 423
Rosmarinus officinalis L., 214
Ruellia gemminiflora H.B.K., 263
Ruta graveolens L., 103

Saccharum contractum H.B.K., 130
Saccharum officinarum L., 253
Salvia officinalis L., 244
Sambucus australasica Fritsch., 104
Sambucus nigra L., 104
Sansevieria guineensis Gér. et Labr., 168
Sansevieria trifasciata Hort. ex Prain., 168
Sansevieria zeylanica Hort., 168
Sapota achras Mill., 281
Sapota zapotilla Coville, 281
Scheelea princeps Karst., 279
Schinus aroeira Vell., 71
Schinus leucocarpus Mart., 72
Schinus molleoides Vell., 72
Schinus therebenthifolius Radd., 71
Schizocentron elegans Meissn., 153
Schizolobium parahyba, 391
Scindapsus aureus Engl., 161

Scoparia dulcis L., 315
Scoparia procumbens Jacq., 315
Scoparia ternata Forsk., 315
Sebastiania brasiliensis Muel., 157
Sechium edule Sw., 365
Sedum dendroideum Moc. & Sessé., 354
Senna obtusifolia (L.) Irwin & Barneby., 66
Senna occidentalis (L.) Link., 209
Sida acuta var. *Carpinifolia* (L.f.) K. Schum., 304
Sida alba Cav., non L., 98
Sida angustissima Juss. Ex Cav., 84
Sida campi Vell., 84
Sida carpinifolia L., 304
Sida cordifolia L., 99
Sida linearifolia Schum. & Thon., 84
Sida linifolia Cav., 84
Sida longifolia Brandeg., 84
Sida retusa L., 98
Sida rhombifolia L., 98
Siparuna erythrocarpa DC., 408
Siparuna guyanensis Aubl., 408
Sisymbrium nasturtium L., 342
Smilax officinalis Kunth., 424
Solanum aculeatissimum Jacq., 268
Solanum aculeatissimum Jacq. Var. *denudatum*, 268
Solanum americanum Mill., 164
Solanum argenteum Dun. & Poir., 163
Solanum auriculatum Ait., 284
Solanum balbisii Dunal., 268
Solanum capsicoides All., 268
Solanum caribaeum Dun., 164
Solanum ciliatum Lam., 268
Solanum erianthum D. Don., 284
Solanum granuloso-leprosum Dun., 284
Solanum jubeba Vell., 272
Solanum khasianum C.B. Clarke., 268
Solanum manoelii Moricand., 272
Solanum manoelii Moricandi., 272
Solanum mauritianum Scop., 284
Solanum nodiflorum Jacq., 164
Solanum paniculatum L., 272
Solanum reflexum Schrank., 268
Solanum sisymbriifolium Lam., 268
Solanum tabacifolium Vell., 284
Solanum verbascifolium var. *Auriculatum* sensu Ktze., 284
Solanum viarum Dunal., 260
Solidago chilensis Meyen., 321
Solidago microglossa DC., 321
Sparattosperma leucanthum (Vell.) Schum., 366
Sparattosperma vernicosum Bur. & Schum., 366
Spathodea campanulata P. Beauv., 240
Spathodea vernicosa Cham., 366
Spermacoe reclinata Ness., 269
Spermacoe verticillata L., 269
Sphaerium lacryma (L.) Kuntze., 196
Spilanthes acmella (L.) Murr., 106
Spilanthes arrayana Gardn., 106
Spilanthes melampodioides Gardn., 106
Spilanthes pseudo-acmella (L.) Murr., 106
Spondias aurantica Schum. et Tronn., 231
Spondias axillaris Roxb., 231
Spondias brasiliensi M., 231
Spondias dubia Rich., 231
Spondias graveolens Macf., 231
Spondias lucida Salisb., 231
Spondias lutea L., 231
Spondias mombin L., 231
Spondias myrobalanus L., 231
Stachytarpheta australis Mold., 172
Stachytarpheta cayennensis (L.C. Rich.) Vahl., 172
Stachytarpheta polyura Schauer., 172
Stadmannia sorbifolia Linden., 360
Stemodia viscosa Roxb., 92
Stenocalyx michelii Berg., 261
Sterculia cuminata Palis., 282
Sthuthantus brasiliensis Lank., 59

Sthuthantus flexicaulis Martius., 59
Sthuthantus marginatus Blume., 59
Stillingia brasiliensis Baill., 157
Stramonium spinosum Lam., 68
Stramonium vulgare Gaertn., 68
Styrax benjoin Dry., 385
Styrax pohlii D.C., 385
Syagrus coronata (Mart.) Becc., 409
Synedrella nodiflora (L.) Gaertn., 152
Syzygium aromaticum (L.) Mert et Perry., 374
Syzygium jambolanum D.C., 228
Tabacum nicotianum Bercht. et Opiz., 141
Talinum paniculatum (Jacq.) Gaertn., 167
Talinum patens (L.) Willd., 167
Talinum triangulare (Jacq.) Willd., 166
Talinum triangulare Jacq., 166
Tamarindus indica L., 70
Tecoma leucantha All., 366
Tecoma subvernica D.C., 366
Telanthera polygonoides var. *brachiata* Moq., 150
Telanthera polygonoides var. *diffusa* Moq., 150
Terminalia catappa L., 348
Terminalia intermedia Bert., 348
Tetradenia riparia (Hochst.) Codd., 162
Tetrapleura tetraptera (Schum & Thour.) Taub., 94
Thelypteris sp., 295
Theobroma cacao L., 357
Thevetia neriifolia Juss., 364
Thevetia peruviana Sch., 364
Tibouchina granulosa Cogn., 420
Tillandsia crinita Willd., 257
Tillandsia filiformis Lodd., Cat., 257
Tillandsia pendula Louvain Hortus., 257
Tillandsia trichoides H.B.K., 257
Tillandsia usneoides L., 257
Tornelia fragans Gutierrez., 372

Tradescantia discolor L'Hérit., 169
Tradescantia pendula (Sch.) Hunt., 433
Tradescantia spathacea Sw., 169
Tradescantia zebrina Hort. ex Bosse., 433
Trema micrantha (L.) Engler., 192
Trichilia guara L., 250
Tussilago nutans L., 296
Urena heterophylla Presl., 247
Urena lobata L., 247
Urera baccifera Gaud., 265
Urtica baccifera L., 265
Urtica dioica L., 267
Urtica urens Vell., 165
Vanilla palmarum Lind., 54
Verbena cayennensis L. C. Rich., 172
Verbena officinalis L., 430
Verbesina acmella L., 106
Verbesina alba L., 324
Verbesina prostrata L., 324
Vernonia amygdalina Delile, 83
Vernonia condensata, Baker., 83
Vernonia polyanthes Less., 351
Victoria amazonica Sow., 200
Victoria amazonum Kl., 200
Victoria regalis Schomb., 200
Victoria regia Lindl., 200
Victoria regina Gray, 200
Vigna sinensis (L.) Savi ex Hassk. *Ssp sinensis*, 145
Vigna unguiculata (L.) Walp., 145
Vinca rosea L., 431
Viscum crassifolium Pohl., 59
Vitex lupinifolia Salis., 341
Vitex robusta Lebas., 341
Vitex agnus-castus L., 341
Vitis vinifera L., 427
Wedelia brasiliensis Blake., 110
Wedelia paludosa, DC., 110
Wedelia penduculosa DC., 110

Xanthosoma Atrovirens, Koch. et
Bouche., var. Appendiculatum., 309
Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott., 179
Xylopia aromatica (Lam.) Mart., 112
Yucca gloriosa L., 368

Zea mays L., 62
Zebrina pendula. Sch., 433
Zingiber officinale Rosc., 394
Zornia diphylla, Pers., 317
Zornia latifolia. Sm., 317

Glossário



ADÓŞŪ = Iniciado. Aquele que recebeu o ÓŞŪ.

ÀGBO (abô) = Mistura de folhas usada na iniciação do Iáô.

ÀŞE (axê) = Termo de múltiplo significado. Representa a força sobrenatural, que assegura a existência e permite que as coisas aconteçam. Designa, ainda, o local da fundação do terreiro, partes do corpo do animal sacrificado e o compartimento de reclusão do iniciado. Refere-se, ainda, à linhagem ascendente de uma pessoa ou casa de candomblé.

ASO = Roupas, veste.

AWO = Segredo, mistério, fundamento.

ÀIYÉ = Mundo.

BĀBĀ = Pai. Termo também utilizado para Oxalá.

BĀBĀ KĒKERĒ = Pai pequeno.

BĀBĀLĀWO = Sacerdote do oráculo de Ifá, o que vaticina.

BĀBĀLORISĀ = Sacerdote do culto dos orixás. Pai-de-santo. Zelador-de-santo.

BĀBĀLOSĀNYĪN = Sacerdote do culto de Ossaim.

BORI = Ritual de fortalecimento da cabeça, "dar comida à cabeça".

DŌBĀLĒ = Ato de prostrar-se no chão para reverenciar o orixá.

EBO (ebó) = Oferendas, sacrifícios.

ĒPŌ (efô) = Verduras, vegetais.

ĒFŪN = Giz, pemba, pó branco de origem mineral.

ĒGBĒ = Sociedade. Comunidade.

ĒGBO (ebô) = Milho branco cozido que é oferecido a Oxalá.

ĒGBŌGI = Remédios a base de ervas.

ĒGBŌMI (ebomi) = Meu irmão mais velho. Meu parente mais velho.

ĒGBŌN MI = O mesmo que Ebomi.

EJE = Sangue.

ENÍ = Esteira de palha de coqueiro, "esteira cigana".

ĒRŌ = Calmante, de calma.

ĒSŪ = O mesmo que Exu. O mensageiro.

EWĒ = Folha, erva, planta rasteira.

ĒWŌ (euó) = O que é proibido. Algo proibido ao iniciado e ao Orixá, interdito, tabu.

EIYE = Pássaro, ave.

ĒIYEILĒ = Pombo.

FUNFUN = Branco.

GŪN = Excitante, excitação.

ĪBĀ = Reverência, respeito, bênção.

IGBĀ = Cabaça, terrina onde são colocados os objetos rituais dos Orixás.

IGBĀ ORI = Conjunto de tigela, pratos e quartinha de louça utilizados no BORI.

IGBÓ (ibô) = Floresta sagrada, mata dos Orixás, floresta.
 IGI (igui) = Árvore.
 ÌKQ = Palha da costa utilizada para fazer as vestes de Omolu.
 ILÈ = Terra, casa, lar.
 INÁ = Fogo.
 INQON = Forma arcaica de Iná.
 ÌTAN = Lendas, mitos, estórias.
 ÌYÁ = Mulher, mãe.
 ÌYÁ KÉKERÉ = Mãe pequena.
 ÌYÁ MI = Minha mãe, mãe ancestral, feiticeiras.
 ÌYÁ ORÍ = Qualidade de Iemanjá, dona das cabeças.
 ÌYÁBÁ = Mãe, rainha.
 ÌYÁLORISÁ = Sacerdotisa do culto dos orixás. Mãe-de-santo. Zeladora-de-santo.
 ÌYÁWÓ (iaô) = Pessoa que foi iniciada recentemente. Recém-iniciado.
 IYEWÁ (Ieuá) = Orixá de origem jêje, cultuada no rio Ewá, na África.
 KQ ORIN = Cantiga, cântico.
 KORIN EWÉ = Cantiga de folhas, cânticos sagrados de Ossaim.
 NANÁ = Nanã, dona da chuva e da lama. Mãe de Obaluaiê e Oxumaré.
 OBÁ = O mesmo que Iobá, uma das mulheres de Xangô.
 OBALUAIYÈ = O mesmo que Obaluaiê ou Omolu. Orixá da varíola e doenças endêmicas.
 ÒBE-ÌFÁRÍ = Navalha usada para raspar a cabeça. Ato ritual de raspar a cabeça.
 ODÛ = Signos do Oráculo de Ifá.
 OFÒ = Palavra pronunciada com sentido mágico para fazer as coisas acontecerem. Encantamento.
 ÒGÚN = O mesmo que Ogum. Orixá da guerra, do ferro e da lavoura.
 OJÚ = Olhos.
 OKÚTA = Seixo de rio que compõe os assentamentos dos orixás, também chamado otá.
 OLÓDÛMARÈ = O mesmo que Olórún.
 OLÓRUN = Divindade suprema dos iorubás, criador de tudo que existe. Está fora do alcance dos seres humanos, que não lhe podem render culto.
 OLÓSÁNYÍN = (Olossaim) Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas. O mesmo que BABALOSÁNYÍN.
 OMI = Água.
 OMIÈRÒ = Água calmante, banho feito com folhas frias (de calma).
 QMO = Também pronunciado oman. Filho.
 ÒPE = Palmeira.
 ÒRÈ = Amigo, amizade.
 ORI = Cabeça, destino.
 ÒRÍ = Limo da costa, manteiga de karité.
 ÒRISÁ (orixá) = Nome genérico dado às divindades de origem nagô.
 ORÒ (oró) = Ritual. Cerimônia ritual. Fundamentos do culto.
 ÒRUN = Além, o mundo espiritual

ORÚKO = Nome.
 ORÚKO ÒRISÁ = Nome do Orixá.
 ÒRÚNMILÀ = Orixá patrono do orá.
 ÒSÁNYÍN = Ossaim, o patrono dos vegetais.
 ÒSÌ = Lado esquerdo.
 ÒSÓOSI = O mesmo que Oxossi. Orixá da caça, filho de Iemanjá e irmão de Ogum e Exu.
 ÒSÛ = Massa cônica que o Iáô recebe na cabeça por ocasião de sua iniciação.
 OSÚMARÈ = O mesmo que Oxumaré. O arco-íris, a serpente.
 ÒSUN = Oxum, a dona das águas doces, patrona da maternidade. Uma das esposas de Xangô.
 OSÛN = Pó vermelho de origem vegetal, utilizado nas iniciações.
 ÒTÚN = Lado direito.
 OWÓ = Dinheiro.
 OYA = Ojá, Iansã. Orixá que comanda os ventos e as tempestades. Uma das três mulheres de Xangô. Patrona do culto dos Egunguns.
 PÁDÈ = Rito que é desempenhado no início das cerimônias do candomblé em homenagem a Exu, para que este mantenha ordem e tranquilidade no decorrer da festa.
 PUPA = Vermelho, amarelo.
 RERE = Bom, boa, bem.
 ŞÀNGÓ = Xangô. Orixá dos raios, trovões e dono do fogo.
 SASÁNYÍN = Ritual em louvor a Ossaim, com a finalidade de despertar o poder mágico dos vegetais.
 ŞÈRÈ = Tipo de chocalho que imita o barulho da chuva usado para invocar Xangô.
 ŞIRÈ = Conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos característicos do desempenho de cada orixá.
 TUNTUN = Novo, nova, tenro.
 WÁJÌ = Pó azul de origem vegetal, utilizado nas iniciações.
 YEMOJA = Ye omọ ejá = A mãe dos filhos peixes. Iemanjá, a rainha do mar no Brasil.
 YÈYÈ = Mãe.

IGBÓ (ibô) = Floresta sagrada, mata dos Orixás, floresta.
 IGI (igui) = Árvore.
 IKQ = Palha da costa utilizada para fazer as vestes de Omolu.
 ILĚ = Terra, casa, lar.
 INÁ = Fogo.
 INON = Forma arcaica de Iná.
 ITAN = Lendas, mitos, histórias.
 IYÁ = Mulher, mãe.
 IYÁ KĚKERĚ = Mãe pequena.
 IYÁ MI = Minha mãe, mãe ancestral, feiticeiras.
 IYÁ ORÍ = Qualidade de Iemanjá, dona das cabeças.
 IYÁBÁ = Mãe, rainha.
 IYÁLORISÁ = Sacerdotisa do culto dos orixás. Mãe-de-santo. Zeladora-de-santo.
 IYAWÓ (iaô) = Pessoa que foi iniciada recentemente. Recém-iniciado.
 IYEWÁ (Ieuá) = Orixá de origem jêje, cultuada no rio Ewá, na África.
 KO ORIN = Cantiga, cântico.
 KORIN EWĚ = Cantiga de folhas, cânticos sagrados de Ossaim.
 NĀNĀ = Nanã, dona da chuva e da lama. Mãe de Obaluaie e Oxumarê.
 QBÁ = O mesmo que Iobá, uma das mulheres de Xangô.
 OBALUAIYĚ = O mesmo que Obaluaie ou Omolu. Orixá da varfola e doenças endêmicas.
 ÔBE-IFÁRÍ = Navalha usada para raspar a cabeça. Ato ritual de raspar a cabeça.
 ODŪ = Signos do Oráculo de Ifá.
 OFO = Palavra pronunciada com sentido mágico para fazer as coisas acontecerem.
 Encantamento.
 ÔGŪN = O mesmo que Ogum. Orixá da guerra, do ferro e da lavoura.
 OJŪ = Olhos.
 OKŪTA = Seixo de rio que compõe os assentamentos dos orixás, também chamado otá.
 OLÓDŪMARĚ = O mesmo que Olórun.
 OLÓRUN = Divindade suprema dos iorubás, criador de tudo que existe. Está fora do alcance dos seres humanos, que não lhe podem render culto.
 OLÓSĀNYĪN = (Olossaim) Sacerdote encarregado da coleta e da preparação ritual das ervas sagradas. O mesmo que BABALÓSĀNYĪN.
 OMI = Água.
 OMIERÓ = Água calmante, banho feito com folhas frias (de calma).
 OMQ = Também pronunciado oman. Filho.
 ÔPE = Palmeira.
 ÔRĚ = Amigo, amizade.
 ORI = Cabeça, destino.
 ÔRÍ = Limo da costa, manteiga de karité.
 ÔRISÁ (orixá) = Nome genérico dado às divindades de origem nagô.
 ORÓ (orô) = Ritual. Cerimônia ritual. Fundamentos do culto.
 ÔRUN = Além, o mundo espiritual

ORŪKO = Nome.
 ORŪKO ÔRISÁ = Nome do Orixá.
 ÔRŪNMILĀ = Orixá patrono do orá.
 ÔSĀNYĪN = Ossaim, o patrono dos vegetais.
 ÔSĪ = Lado esquerdo.
 ÔSÔÔSĪ = O mesmo que Oxossi. Orixá da caça, filho de Iemanjá e irmão de Ogum e Exu.
 ÔSŪ = Massa cônica que o Iaô recebe na cabeça por ocasião de sua iniciação.
 OSŪMARĚ = O mesmo que Oxumarê. O arco-íris, a serpente.
 ÔSUN = Oxum, a dona das águas doces, patrona da maternidade. Uma das esposas de Xangô.
 OSŪN = Pó vermelho de origem vegetal, utilizado nas iniciações.
 ÔTŪN = Lado direito.
 OWÓ = Dinheiro.
 OYA = Oiá, Iansã. Orixá que comanda os ventos e as tempestades. Uma das três mulheres de Xangô. Patrona do culto dos Egunguns.
 PĀDĚ = Rito que é desempenhado no início das cerimônias do candomblé em homenagem a Exu, para que este mantenha ordem e tranquilidade no decorrer da festa.
 PUPA = Vermelho, amarelo.
 RERĚ = Bom, boa, bem.
 SĀNGŌ = Xangô. Orixá dos raios, trovões e dono do fogo.
 SASĀNYĪN = Ritual em louvor a Ossaim, com a finalidade de despertar o poder mágico dos vegetais.
 SĚRĚ = Tipo de chocalho que imita o barulho da chuva usado para invocar Xangô.
 SĪRĚ = Conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos característicos do desempenho de cada orixá.
 TUNTUN = Novo, nova, tenro.
 WĀJĪ = Pó azul de origem vegetal, utilizado nas iniciações.
 YEMOJA = Ye omọ ejá = A mãe dos filhos peixes. Iemanjá, a rainha do mar no Brasil.
 YĚYĚ = Mãe.

Bibliografia



- ALMEIDA, Edvaldo Rodrigues de. PLANTAS MEDICINAIS BRASILEIRAS. Conhecimentos Populares e Científicos. São Paulo, Hemus Editora Ltda., 1993.
- ARANHA, Condorcet. SISTEMA DE PLANTAS INVASORAS. Campinas, Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, 1988.
- BALBACH, Alfons. A FLORA NACIONAL NA MEDICINA DOMÉSTICA. (2 vol.) São Paulo, Edições "A Edificação do Lar".
- BARROS, José Flavio Pessoa de & LA MENZA, Horacio Trujillo. PATIOBA: An Anthropological Study of a Brazilian Edible Aroid. In CURARE — Zeitschrift für Ethnomedizin und transkulturelle Psychiatrie. Vol. 10. Federal Republic of Germany, 1987.
- BARROS, José Flavio Pessoa de & TEIXEIRA, Maria Lina Leão. SASSANHE: O "CANTAR DAS FOLHAS" E A CONSTRUÇÃO DO SER. Trabalho apresentado no módulo Cultura Religiosa Afro-Americana, do Congresso Internacional ESCRAVIDÃO, realizado na Universidade de São Paulo, junho de 1988.
- BARROS, José Flavio Pessoa de & TEIXEIRA, Maria Lina Leão. O CÓDIGO DO CORPO: Inscrições e Marcas dos Orixás. In CATIVEIRO E LIBERDADE. Seminário do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1989.
- BARROS, José Flavio Pessoa de. O SEGREDO DAS FOLHAS: Sistema de Classificação de Vegetais no Candomblé Jeje-Nagô do Brasil. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 1993.
- BARROS, José Flavio Pessoa de. ASPECTOS SIMBÓLICOS NA POSSESSÃO AFRO-AMERICANA. In REFLEXÕES SOBRE JOSÉ MARTI. Rio de Janeiro, PROEALC — UERJ, 1994.
- BARROS, José Flavio Pessoa de & TEIXEIRA, Maria Lina Leão. DEMOCRACIA E DIVERSIDADE HUMANA: Conservando a Vida e a Crença. In AMÉRICA LATINA EM DISCUSSÃO. Rio de Janeiro, UERJ, 1994.
- BARROS, José Flavio Pessoa de & MOTA, Clarice Novaes. ESPAÇO E TEMPO: O Sagrado e o Profano nos Candomblés Keto e entre os Índios Kariri-Shoko. In AMÉRICA LATINA E CARIBE — Desafio do Século XXI. Rio de Janeiro, PROEALC — UERJ, 1995.
- BARROS, José Flavio Pessoa de & SILVA MELO, Marco Antonio & VOGEL, Arno. A GALINHA-D'ANGOLA: Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 1993.
- BASTIDE, Roger. "O SEGREDO DAS ERVAS". *Anhembi*, 18:333-334, SP, 1955.
- BISSE, Johannes. ÁRBOLES DE CUBA. Havana, Cuba, Ministerio de Cultura — Editorial Científico-Técnico, 1988.
- CABRERA, Lidia. EL MONTE — Igbo-Finda; Ewe Orisha; Vititi Nfinda. Miami, Flórida, Ediciones Universal, 1992.
- . "EL DUEÑO DE EWE (Oluwa-Ewe)" In *Memoires de l'Institut Français d'Afrique Noire*, 27:169-180, 1952.

- CACCIATORE, Olga Gudolle. DICIONÁRIO DE CULTOS AFRO-BRASILEIROS. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária — SEEC/RJ, 1977.
- CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. PLANTAS MEDICINAIS E DE RITUAIS AFRO-BRASILEIROS I. São Paulo, ALMED, 1988.
- . MEDICINA POPULAR: Aspectos metodológicos para pesquisa, garrafada, objeto de pesquisa, componentes medicinais de origem vegetal, animal e mineral. São Paulo, ALMED, 1985.
- CARIBÉ, Dr. José & CAMPOS, Dr. José Maria. PLANTAS QUE AJUDAM O HOMEM: Guia Prático para a Época Atual. São Paulo, Editora Pensamento Ltda., 1991.
- CARVALHO, José Jorge de. CANTOS SAGRADOS DO XANGÔ DO RECIFE. Brasília, Fundação Cultural Palmares, 1993.
- CONCEIÇÃO, Moacir. AS PLANTAS MEDICINAIS NO ANO 2000. São Paulo, Tao Editora Ltda., 1982.
- CORRÊA, Norton F. O BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1990.
- CORREA Jr., Cirino & MING, Lin Chau & SCHEFFER, Marianne Cristina. CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS, CONDIMENTARES E AROMÁTICAS. Curitiba, EMATER-Paraná, 1991.
- CORRÊA, M. Pio. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL E DAS EXÓTICAS CULTIVADAS. Rio de Janeiro. (6 vol.), 1926.
- COSTA, A. Mendes da & AIYEMI, K. Ajibola. NOÇÕES DE YORUBA. São Paulo, TEMA — Centro de Divulgação Cultural — Núcleo de Cultura Africana, 1978.
- CROW W.B. PROPRIEDADES OCULTAS DAS ERVAS & PLANTAS: Seu uso mágico e simbolismo astrológico — O ritual das plantas e suas poções mágicas. São Paulo, Hemus Editora Ltda., 1982.
- CRUZ, G. L. DICIONÁRIO DAS PLANTAS ÚTEIS DO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1982.
- DALZIEL, J.M. THE USEFUL PLANTS OF WEST TROPICAL AFRICA. Londres, Ed. The Crown Agents for the Colonies, 1948.
- EMPERAIRE, Laure. LA CAATINGA DU SUD-EST DU PIAUI — Brésil — Étude Ethnobotanique, Paris, Éditions Recherche sur les civilisations, 1983.
- FICALHO (Conde) Francisco de Melo. PLANTAS ÚTEIS DA ÁFRICA PORTUGUESA. Lisboa, Ed. Divisão de Publicações e Biblioteca — Agência Geral das Colônias, 1947.
- FORSBERG, F.R. PLANT COLLECTING AS AN ANTHROPOLOGICAL FIELD METHOD. *Separata*, México, Ed. El Palacio, 1960.
- FURLO, C. & BRANDÃO, M. AS ERVAS COMESTÍVEIS — Descrição, Ilustração e Receitas. Rio de Janeiro, Coleção do Agricultor-Ecologia, Editora Globo, 1989.
- GUEDES, R.R. & PROFICE, S.R. & COSTA, E. de LIMA & BAUMGRATZ, J.F.A. & LIMA, H.C. PLANTAS UTILIZADAS EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO — Um Ensaio Etnobotânico. In *Rodriguesia*, 37 (63): 3-9, 1985.

- GUIMARÃES, Elsie F. CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO OTTONIA SPRENGEL NO BRASIL. In *Boletim do Museu Botânico Kuhlmann* n.º 3 — IBDF — Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1984.
- GUIMARÃES, Elsie F. & MAUTONE, Luciana & RIZINNI, Carlos Toledo & MATTOS FILHO, Armando de. ÁRVORES DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, Jardim Botânico, 1993.
- HOEHNE, F. C. ALBUM DA SECÇÃO DE BOTÂNICA DO MUSEU PAULISTA. São Paulo, Imprensa Methodista, 1925.
- HUIBERS, Jaap. O LIVRO DE OURO DA SAÚDE: Plantas Medicinais. São Paulo, Hemus Editora Ltda.
- HUIBERS, Jaap. CURAR O FÍGADO COM AS PLANTAS MEDICINAIS. São Paulo, Hemus Editora Ltda., 1983.
- IDÔWÚ, Gideon Babalolá. UMA ABORDAGEM MODERNA AO YORÚBÁ (NAGÔ). Porto Alegre, Palmarinca, 1990.
- JACKSON, Mildred & TEAGUE, Terri. MANUAL DE REMEDIOS NATURAIS — Alternativa a la medicina química. Madrid, Editorial EDAF, 1993.
- JACCOUD, R.J.S. CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS PLANTAS MEDICINAIS NO NORTE DE MINAS GERAIS, PEDRA AZUL — I. In SELLOWIA, Anais Botânicos do Herbário "Barbosa Rodrigues" n.º 6 — Itajaí-SC, 1954.
- KAYODE, Michael & OLUYEMI, Michael. CÂNTICOS DOS ORIXÁS EM YORÚBÁ. Volta Redonda, FEVRE, 1991.
- KISSMANN, Kurt Gottfried. PLANTAS INFESTANTES E NOCIVAS. (3 vol.) São Paulo, BASF Brasileira (Tomo I), 1991, (Tomo II), 1992, (Tomo III), 1995.
- KÖRBES, Vunibaldo Cirilo, Irmão. PLANTAS MEDICINAIS. Francisco Beltrão (PR), Associação de Estudos, Orientação e Assistência Rural, 1995.
- LAINETTI, Ricardo & BRITO, Nei R. Seabra de. A CURA PELAS ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1979.
- LODY, Raul. TEM DENDÊ TEM AXÉ. Rio de Janeiro, Editora Pallas, 1992.
- LONGHI, Rubens Alberto. LIVRO DAS ÁRVORES: Árvores e Arvoretas do Sul. Porto Alegre, L & PM Editores, 1995.
- LORENZI, Harri. ÁRVORES BRASILEIRAS: Manual de Identificação e Cultivo de Plantas, Árvores Nativas do Brasil. São Paulo, Editora Plantarum Ltda., 1992.
- . MANUAL DE IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DE PLANTAS DANINHAS. São Paulo, Editora Plantarum Ltda., 1994.
- . PLANTAS ORNAMENTAIS NO BRASIL: Arbustivas, herbáceas e trepadeiras. São Paulo, Editora Plantarum Ltda., 1995.
- MORGAN, Rene. ENCICLOPÉDIA DAS ERVAS E PLANTAS MEDICINAIS. São Paulo, Hemus Editora Ltda., 1982.
- NEIVA, Lauro. A CURA DO CÂNCER PELO AVELOZ. Rio de Janeiro, Editora Artenova S.A., 1974.
- NOTARE, Marcelo. PLANTAS HIDRÓFILAS e seu Cultivo em Aquário. Rio de Janeiro, Edições Sulamérica, 1992.

- PALAZZO JR., José Truda. FLORA ORNAMENTAL BRASILEIRA: Um guia para o paisagismo ecológico. Porto Alegre, Sagra:DC Luzzatto, 1993.
- PEREIRA, Nunes. A CASA DAS MINAS. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- PIMENTEL, Álvaro A. M. Pantoja. OLERICULTURA NO TRÓPICO ÚMIDO: Hortaliças na Amazônia. São Paulo, Editora Agronômica Ceres, 1985.
- POTT, Arnildo & POTT, Vali J. PLANTAS DO PANTANAL. Corumbá, EMBRAPA — Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, 1994.
- RICCIERE, Tania M. Nora. BIBLIOGRAFIA DE PLANTAS MEDICINAIS I. Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura, 1989.
- RIO, João. AS RELIGIÕES DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1951.
- ROCHA, Agenor Miranda. OS CANDOMBLÉS ANTIGOS DO RIO DE JANEIRO: A Nação de Ketu: Origens, Ritos e Crenças. Rio de Janeiro, TOPBOOKS Editora, 1994.
- RODRIGUES, Roberto Martins. A FLORA DA AMAZÔNIA. Belém, CEJUP, 1989.
- SANGIRARDI JÚNIOR. PLANTAS ERÓTICAS. Rio de Janeiro, Editora Codecri Ltda., 1981.
- . DEUSES DA ÁFRICA E DO BRASIL. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1988.
- SANTOS, Eurico. NOSSAS MADEIRAS. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 1987.
- SANTOS, Juana Elbein dos. OS NAGÓ E A MORTE. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- SCHNELL, R. FLORE ET VÉGÉTACION DE L'AFRIQUE TROPICALE. (2 vol.) Bordas, Paris, Gauthier-Villars, (Tomo I), 1976, (Tomo II), 1977.
- SILVA, M.B.N. In "CULTURA NO BRASIL COLONIAL", Coleção História Brasileira, nº 6, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1981.
- SIMPSON, G.E. YORUBA RELIGION AND MEDICINE. Nigéria, Ed. Ibadan University Press, 1980.
- VERGER, Pierre Fatumbi. EWÉ — USO DAS PLANTAS NA SOCIEDADE IORUBÁ. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- . ARTIGOS — Tomo I. São Paulo, Editora Corrupio, 1992.
- . ORIXÁS. Salvador, Editora Corrupio, 1981.
- . POISONS (ORÓ) AND ANTIDOTES (ÈRÓ): from evil works (abílù) and protection from them Idáàbòbò. Stimulants and tranquilizers. Anais, Seminar, University of Ifé, 1976.
- . COLLOQUE SUR LES CULTES DE POSSESSION, CNRS, Paris, 1968.
- . AWON EWÉ OSANYIN: Yoruba Medicinal Leaves. Nigéria, University of Ifé, Ed. Institute of African Studies, 1967.
- . O FUMO DA BAHIA E O TRÁFICO DE ESCRAVOS DO GOLFO DE BENIN. Salvador, Ed. CEAO, 1966.
- VIEIRA, Lúcio Salgado. FITOTERAPIA DA AMAZÔNIA — Manual das plantas medicinais. São Paulo, Editora Agronômica Ceres, 1992.
- VON HERTWIG, Francisco Igor. PLANTAS AROMÁTICAS E MEDICINAIS. São Paulo, Ícone Editora, 1991.